

O AMOR TEM DIVERSAS FORMAS DE CURAR
NOSSO CORAÇÃO

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

A ÚLTIMA MÚSICA





A ÚLTIMA MÚSICA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NICHOLAS SPARKS

A ÚLTIMA MÚSICA



Título original: *The Last Song*

Copyright © 2009 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Lemberg Reisner

preparo de originais: Pedro Staite

revisão: Luíza Côrtes e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

foto do autor: © James Quantz Jr.

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726u

Sparks, Nicholas

A última música [recurso eletrônico]/ Nicholas Sparks; tradução de Simone Reisner. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Tradução de: The last song

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0063-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Reisner, Simone. II. Título.

19-59716

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Theresa Park e Greg Irikura, meus amigos

Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

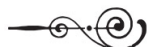
Epílogo

Agradecimentos

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro

Prólogo



Ronnie

Olhando pela janela do quarto, Ronnie perguntou a si mesma se o pastor Harris já estaria na igreja. Achava que sim e, enquanto observava as ondas quebrando na beira da praia, imaginou se ele ainda prestava atenção no jogo de luzes que se irradiava pelo vitral acima dele. Talvez não – afinal, o vitral fora instalado havia mais de um mês e as muitas preocupações provavelmente lhe roubavam a atenção. Ainda assim, esperava que alguém novo na cidade tivesse entrado na igreja naquela manhã e sentido o mesmo encantamento que ela quando vira pela primeira vez a luz inundar a igreja, naquele dia frio de novembro. E esperava que o visitante tivesse reservado algum tempo para refletir sobre a origem daquele vitral e admirar sua beleza.

Estava acordada havia uma hora, mas ainda não se sentia preparada para encarar o dia. Os feriados daquele fim de ano pareciam diferentes. No dia anterior, ela levara o irmão mais novo, Jonah, para uma caminhada pela praia. Aqui e ali havia árvores de Natal nas varandas das casas. Naquela época do ano, a praia era

praticamente só deles, mas Jonah não demonstrava interesse nem pelas ondas nem pelas gaivotas que o haviam fascinado apenas alguns meses antes. Em vez disso, quis ir à oficina. Ela o levou até lá, mas ele permaneceu por apenas alguns minutos e logo foi embora sem dizer uma única palavra.

Na mesinha de cabeceira ao lado dela havia uma pilha de fotos emolduradas, que costumavam ficar no recanto da sala da casinha de praia, junto a outros itens que ela coletara naquela manhã. No silêncio, ela os examinou até ser interrompida por uma batida na porta. Sua mãe enfiou a cabeça por uma fresta.

– Quer tomar café da manhã? Achei um pouco de cereal no armário.

– Estou sem fome, mamãe.

– Você precisa comer, querida.

Ronnie continuou a olhar para a pilha de fotos, mas sem ver nada.

– Eu estava errada, mamãe. E não sei o que fazer agora.

– Está se referindo ao seu pai?

– A tudo.

– Quer conversar sobre isso?

Sem obter resposta, a mãe atravessou o quarto e se sentou ao lado da filha.

– Às vezes ajuda se você falar. Você tem estado tão calada nos últimos dois dias...

Por um instante, Ronnie se sentiu sufocada por uma torrente de lembranças: primeiro, o fogo, e depois a reconstrução da igreja, o vitral, a música que ela finalmente terminara. Pensou em Blaze, Scott e Marcus. Pensou em Will. Tinha 18 anos e se lembrava do verão em que fora traída, do verão em que tinha sido presa, do verão em que se apaixonara. Não fazia tanto tempo, mas às vezes ela tinha a impressão de que, naquela época, era uma pessoa completamente diferente.

Ronnie suspirou.

– E quanto a Jonah?

– Ele não está aqui. Brian o levou à loja de sapatos. Ele é como um cachorrinho. Seus pés estão crescendo mais rápido do que o resto do corpo.

Ronnie abriu um sorriso, que desapareceu tão depressa quanto surgiu. No silêncio que se formou, ela sentiu a mãe juntar seu cabelo comprido e torcê-lo em um rabo de cavalo. Fazia isso desde que Ronnie era pequena. Interessante como ela ainda encontrava conforto naquele gesto. Não que fosse admitir isso, é claro.

– Sabe de uma coisa? – prosseguiu a mãe. Ela foi até o armário e colocou a mala em cima da cama. – Por que você não conversa comigo enquanto faz a mala?

– Eu nem saberia por onde começar.

– Que tal pelo começo? Jonah mencionou alguma coisa sobre tartarugas?

Ronnie cruzou os braços, sabendo que a história não havia começado ali.

– Na verdade, não – disse ela. – Embora eu não estivesse lá quando aconteceu, acho que o verão realmente começou com o incêndio.

– Que incêndio?

Ronnie se voltou para a pilha de fotos na mesa de cabeceira e retirou com delicadeza uma matéria de um jornal envelhecido, impressada entre duas fotos emolduradas. Ela entregou o papel amarelado à mãe.

– Esse incêndio – afirmou. – O que aconteceu na igreja.

Suspeita é de que incêndio na igreja tenha sido provocado por fogos de artifício ilegais

Pastor ficou ferido

Wrightsville Beach, Carolina do Norte – Um incêndio destruiu a histórica Primeira Igreja Batista na véspera de Ano-Novo, e investigadores suspeitam que o acidente tenha sido causado por fogos de artifício ilegais.

Após receberem uma ligação anônima, bombeiros se dirigiram para a igreja à beira-mar logo depois da meia-noite, quando encontraram chamas e fumaça se alastrando pela parte de trás da estrutura, relatou Tim Ryan, chefe do Corpo de Bombeiros de Wrightsville Beach. Vestígios de um rojão, fogo de artifício aéreo, foram encontrados no foco do incêndio.

O pastor Charlie Harris estava no interior da igreja quando o fogo começou e sofreu queimaduras de segundo grau nos braços e nas mãos. Ele foi levado para o Centro Médico Regional de New Hanover e no momento se encontra na unidade de terapia intensiva.

Esse foi o segundo incêndio em igrejas em um período de poucos meses no condado de New Hanover. Em novembro, a Igreja do Pacto da Boa Esperança, em Wilmington, foi completamente destruída. “Os investigadores ainda estão tratando o caso como suspeito, um potencial caso de incêndio criminoso”, observou Ryan.

Testemunhas alegam que, menos de vinte minutos antes do incêndio, viram rojões serem lançados na praia atrás da igreja, provavelmente em comemoração à virada do ano. “Rojões são ilegais na Carolina do Norte e considerados especialmente perigosos levando-se em conta as condições recentes de seca”, advertiu Ryan. “Esse incêndio mostra o porquê. Um homem está no hospital e a igreja foi completamente destruída.”

Ao terminar de ler, a mãe ergueu os olhos. Ronnie a observava. A garota hesitou. Então, com um suspiro, começou a contar uma história que ainda lhe parecia meio irreal, mesmo agora, pensando em retrospecto.

1



Ronnie **Seis meses antes**

Ronnie se sentou preguiçosamente no banco da frente do carro, querendo saber por que é que os pais a odiavam tanto.

O ódio era a única explicação para o fato de ela estar ali, naquele fim de mundo no sul do país, visitando o pai, em vez de passar o tempo se divertindo com as amigas em Nova York, onde morava.

Não, não era bem assim. Ela não estava apenas *visitando* o pai. *Visitar* significava um fim de semana, talvez uma semana inteira. Ela imaginava que era capaz de sobreviver a uma *visita*. Mas ficar até o fim de agosto? Quase todo o verão? Isso era o mesmo que ser deportada, e, durante a maior parte das nove horas de viagem, ela se sentia como uma prisioneira sendo transferida para uma penitenciária rural. Não conseguia acreditar que a própria mãe a obrigava a passar por aquilo.

Ronnie estava tão imersa nesse tormento que demorou um segundo para reconhecer a “Sonata nº 16 em dó maior”, de Mozart.

Era uma das peças que ela havia executado no Carnegie Hall há quatro anos, e logo concluiu que a mãe a havia colocado para tocar enquanto ela dormia. Que droga. Ronnie desligou a música.

– Por que você fez isso? – perguntou a mãe. – Eu gosto de ouvir você tocar.

– Mas eu não.

– Que tal se eu diminuir o volume?

– Pode parar, mãe? Não estou no clima.

Ronnie olhou pela janela, sabendo muito bem que a mãe acabara de apertar os lábios com força. Ultimamente, fazia isso com frequência. Era como se seus lábios estivessem magnetizados.

– Acho que vi um pelicano quando cruzamos a ponte para Wrightsville Beach – comentou a mãe, com uma descontração forçada.

– Uau, que impressionante. Talvez você devesse chamar o Steve Irwin, o Caçador de Crocodilos.

– Ele morreu – disse Jonah, do banco de trás, a voz misturando-se com os sons do seu Game Boy. O irmão mais novo, um garoto insuportável de 10 anos, era viciado naquilo. – Você não lembra? Foi muito triste.

– É claro que eu lembro.

– Não parece.

– Mas eu lembro, sim.

– Então você não deveria ter dito o que acabou de dizer. Falou para chamar um cara morto.

Ela não se deu ao trabalho de responder uma terceira vez. O irmão sempre tinha que dar a palavra final. Isso era *enlouquecedor*.

– Conseguiu dormir um pouco? – perguntou a mãe.

– Até você passar por cima daquele buraco. Aliás, muito obrigada. Minha cabeça quase quebrou o vidro.

O olhar da mãe permaneceu fixo na estrada.

– Fico feliz de saber que a soneca melhorou o seu humor.

Ronnie fez uma bola com seu chiclete. Sabendo que a mãe odiava isso, repetiu sem parar enquanto seguiam pela estrada I-95. Aquela interestadual, em sua humilde opinião, era o trecho mais chato de estrada já concebido na história. A menos que alguém fosse louco por comida gordurosa, banheiros nojentos e zilhões de pinheiros, a estrada podia fazer uma pessoa adormecer diante de sua monotonia hipnótica e horrorosa.

Ela dissera aquelas mesmas palavras em Delaware, Maryland, e também na Virgínia, mas a mãe ignorara todos os comentários. Apenas tentava fazer com que a viagem fosse agradável, pois passariam um bom tempo sem se ver. A mãe não era muito de conversar no carro; não se sentia tão à vontade dirigindo, o que não era nenhuma surpresa, pois elas usavam o metrô ou pegavam táxi quando precisavam ir a algum lugar. Mas em casa... aí era *outra* história. A mãe não tinha o menor receio de discutir nenhum assunto em casa, e o síndico do prédio já aparecera duas vezes nos últimos meses para pedir que falassem mais baixo. Ela provavelmente achava que quanto mais alto berrasse por causa das notas de Ronnie, ou dos amigos de Ronnie, ou do fato de Ronnie se recusar a aceitar a hora de voltar da rua, ou do *Incidente* – especialmente por causa do *Incidente* –, maior seria a chance de a filha prestar atenção.

Na verdade, ela não era a pior mãe do mundo. Nem de longe. Quando estava se sentindo generosa, Ronnie conseguia até admitir que ela era muito boa se comparada às outras mães. O problema era que ela parecia estar presa em algum momento esquisito do passado, no qual as crianças nunca cresciam, e Ronnie desejou, pela centésima vez, ter nascido em maio, em vez de agosto, quando completaria 18 anos. A partir daí, sua mãe não poderia mais forçá-la a fazer nada. Legalmente, ela teria idade suficiente para tomar as próprias decisões, e digamos que atravessar o país para visitar o pai não estava em sua lista de prioridades.

Mas, naquele momento, Ronnie não tinha escolha. Porque ainda tinha 17 anos. Por causa de uma *trapaça do calendário*. Porque a mãe a concebera três meses depois do que *deveria* ter concebido. Que história era aquela? Por mais que Ronnie implorasse com todas as suas forças, reclamasse, gritasse ou se lamentasse sobre os planos de verão, não tinha feito a menor diferença: Ronnie e Jonah passariam o verão com o pai, e isso estava decidido. Sem e se nem *mas*, conforme a mãe dissera. Ronnie aprendera a *odiar* essa expressão.

Do outro lado da ponte, estava tudo engarrafado. Olhando para os lados, por entre as casas, Ronnie teve vislumbres do oceano. Viva! Como se ela fosse se importar com isso.

– Por que mesmo você está nos obrigando a ficar lá? – perguntou Ronnie, num gemido.

– Já discutimos esse assunto – respondeu a mãe. – Vocês precisam passar algum tempo com seu pai. Ele sente falta de vocês.

– Mas por que o verão inteiro? Não poderia ser só por umas duas semanas?

– Duas semanas é muito pouco tempo. Vocês não se veem há três anos.

– A culpa não é minha. Ele é que foi embora.

– Sim, mas você não atendeu às ligações dele. E todas as vezes que ele foi a Nova York para ver você e o Jonah, você o ignorou e saiu com suas amigas.

Ronnie fez mais uma bola com o chiclete. Pelo canto do olho, viu a mãe estremecer.

– Eu não quero falar com ele – disse Ronnie.

– Apenas tente ver o lado positivo da situação, está bem? Seu pai é um homem bom e ama vocês.

– Foi por isso que ele abandonou a gente?

Em vez de responder, a mãe olhou pelo retrovisor.

– Você estava ansioso para vir, não estava, Jonah?

– Vai ser muito legal!

– Fico feliz de ver você cultivando uma atitude positiva. Talvez possa ensinar à sua irmã.

Ele bufou.

– Ah, claro.

– Só não entendo por que não posso passar o verão com as minhas amigas – queixou-se Ronnie, interrompendo a conversa.

Ela ainda não havia terminado. Embora soubesse que as chances eram praticamente nulas, ainda se agarrava à fantasia de que conseguiria convencer a mãe a dar meia-volta.

– Você quer dizer passar a noite toda em boates, não é? Não sou ingênua, Ronnie. Sei muito bem o que acontece em lugares como esses.

– Eu não faço nada de errado, mãe.

– E as suas notas? E o seu horário de voltar para casa? E...

– Podemos falar de outra coisa? – rebateu Ronnie. – Por exemplo, por que é tão necessário eu passar um tempo com meu pai?

A mãe a ignorou. Mas Ronnie sabia que havia muitas razões para isso. A pergunta já fora respondida um milhão de vezes, ainda que ela não quisesse aceitar a resposta.

De repente, o trânsito voltou a fluir, e o carro avançou por metade de um quarteirão até ser obrigado a parar de novo. A mãe abriu a janela e tentou ver os veículos que estavam à frente.

– O que será que aconteceu? – murmurou. – Está muito engarrafado.

– É a praia – sugeriu Jonah. – É sempre lotado na praia.

– São três horas da tarde. Não deveria estar tão cheio.

Ronnie dobrou as pernas e colocou os pés no banco, odiando a própria vida. Odiando tudo naquela situação.

– Ei, mãe – chamou Jonah. – O papai sabe que a Ronnie foi presa?

– Sabe – respondeu ela.

– E o que ele vai fazer?

Dessa vez, Ronnie respondeu:

– Não vai fazer nada. Ele só se importa de verdade com o piano.



Ronnie *odiava* o piano. Jurou que nunca mais tocaria, uma decisão que até alguns dos seus melhores amigos acharam estranha, uma vez que o instrumento era a parte mais importante de sua vida. Seu pai, que fora professor na escola Juilliard, também lhe dera aulas, e durante um bom tempo ela se sentira consumida pelo desejo não apenas de tocar, mas de compor músicas com o pai.

Além disso, ela era boa. Na verdade, muito boa, e por causa da ligação do pai com a Juilliard, a administração e os professores tinham plena consciência de suas habilidades. A notícia começou a se espalhar aos poucos pelo mundo obscuro frequentado por seu pai, onde todos consideravam a música clássica algo de extrema relevância. Em seguida, foram publicadas duas matérias em revistas de música clássica, além de uma reportagem um tanto longa no *New York Times*, que se concentrou na conexão entre pai e filha, e tudo isso acabou levando a uma cobiçada participação na temporada de jovens artistas no Carnegie Hall quatro anos antes. Aquele fora o ápice de sua carreira, pensou Ronnie. E fora de fato um momento importante; ela não era ingênua em relação ao que havia conquistado. Sabia como uma oportunidade daquela era rara, embora, mais tarde, tenha se questionado se todos os sacrifícios que fizera tinham valido a pena. No fim das contas, provavelmente ninguém além de seus pais se lembrava da apresentação. Ou se importava. Ronnie aprendera que, a menos que você publicasse um vídeo popular no YouTube ou pudesse se apresentar diante de milhares de pessoas, sua habilidade musical não significava nada.

Às vezes ela desejava que o pai a tivesse iniciado na guitarra. Ou pelo menos em lições de canto. O que ela deveria fazer com a habilidade que tinha no piano? Dar aulas de música em uma escola? Tocar em algum lobby de hotel, enquanto as pessoas faziam check-in? Ir em busca da vida difícil que o pai levava? Até onde o piano o havia levado? Ele desistiu da Juilliard e pegou a estrada como pianista de concerto, mas acabou tocando em locais sem nenhum prestígio, para um público que mal chegava a ocupar as duas primeiras fileiras. Viajava quarenta semanas por ano, tempo mais do que suficiente para abalar um casamento. Antes que Ronnie percebesse, a mãe estava gritando e o pai se refugiando em sua casca, como normalmente fazia, até que um dia simplesmente não retornou de uma turnê pelo sul do país. Pelo que Ronnie sabia, ele não estava trabalhando nos últimos tempos. Nem dando aulas particulares.

Aonde isso o levou, pai?

Ela balançou a cabeça. Não queria *mesmo* estar ali. Deus sabia que ela não queria ter nada a ver com aquilo.

– Ei, mãe! – chamou Jonah, e se inclinou para a frente. – O que é aquilo ali? Uma roda-gigante?

A mãe esticou o pescoço, tentando observar o que havia depois da minivan, que estava na pista ao lado.

– Acho que é, querido – respondeu. – Deve estar acontecendo algum festival na cidade.

– A gente pode ir? Depois de todo mundo jantar junto?

– Você vai ter que pedir ao seu pai.

– Isso mesmo, e talvez, mais tarde, possamos nos sentar ao redor da fogueira e assar marshmallows – interrompeu Ronnie. – Como se fôssemos uma família feliz.

Dessa vez, ambos a ignoraram.

– Você acha que tem outros brinquedos? – indagou Jonah.

– É bem provável. E, se seu pai não quiser ir, tenho certeza de

que sua irmã vai com você.

– Oba!

Ronnie afundou no assento. Já imaginava que a mãe sugeriria algo do tipo. Aquilo tudo era deprimente demais para ser verdade.

2



Steve

Steve Miller tocava piano com agitação e intensidade, prevendo a chegada dos filhos a qualquer minuto.

O piano ficava em um pequeno recanto da acanhada sala do bangalô à beira-mar que ele agora considerava sua casa. Atrás dele havia itens que simbolizavam sua história pessoal. Não era muita coisa. Com exceção do piano, Kim conseguira guardar todos os seus pertences em apenas uma caixa, e ele levou menos de meia hora para colocar tudo no lugar. Havia uma foto dele mais novo, com o pai e a mãe, outra em que aparecia tocando piano, ainda adolescente. Estavam posicionadas entre os dois diplomas que ele recebera – um de Chapel Hill, outro da Universidade de Boston –, e abaixo havia um Certificado de Reconhecimento da Juilliard, depois de ter lecionado na instituição por quinze anos. Perto da janela havia três quadros emoldurados com as datas de suas turnês. O mais importante, porém, era a meia dúzia de fotos de Jonah e Ronnie, algumas nas paredes ou em porta-retratos sobre o piano.

Sempre que olhava para elas, ele se lembrava de que, apesar de suas melhores intenções, nada acontecera do jeito que esperava.

O sol do fim da tarde se infiltrava pelas janelas, deixando o interior da casa abafado, e Steve sentia gotas de suor começando a se formar. Felizmente, a dor no estômago tinha diminuído desde a manhã, mas ele estava nervoso havia dias e sabia que ela voltaria. Seu ventre sempre lhe trouxera problemas; aos 20 e poucos anos, tivera uma úlcera e fora hospitalizado devido a uma diverticulite; na casa dos 30, teve o apêndice removido depois que ele praticamente estourou, quando Kim estava grávida de Jonah. Ele ingeria pastilhas antiácidas como se fossem balas, tomava remédios para combater a má digestão havia anos e, embora soubesse que deveria comer melhor e se exercitar mais, duvidava que isso tivesse ajudado. Problemas de estômago eram comuns em sua família.

A morte do pai, seis anos antes, o havia transformado, e desde o funeral ele se sentia como se estivesse em uma contagem regressiva. De alguma forma, supunha que estava mesmo. Havia cinco anos, desistira de seu trabalho na Juilliard e, um ano depois, resolvera tentar a sorte como pianista de concerto. Três anos antes, ele e Kim decidiram se divorciar; menos de doze meses depois, as datas das turnês começaram a diminuir, até cessarem por completo. No ano anterior, ele se mudara de volta para a cidade onde tinha crescido, um lugar que jamais imaginou ver de novo. Agora, estava prestes a passar o verão com os filhos e, embora tentasse imaginar o que o outono traria quando Ronnie e Jonah voltassem para Nova York, ele sabia apenas que as folhas ficariam amareladas antes de ganharem tons de vermelho e que, de manhã, sua respiração formaria pequenas nuvens. Havia muito tempo desistira de tentar prever o futuro.

Isso não o incomodava. Steve sabia que previsões eram inúteis e, além disso, mal conseguia entender o passado. Nos últimos dias, a única certeza que tinha era a de que ele não passava de um

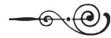
sujeito comum vivendo em um mundo que amava o extraordinário, uma percepção que lhe trazia certa decepção diante da vida que levava. Mas o que poderia fazer? Ao contrário de Kim, que era extrovertida e gostava da companhia de outras pessoas, ele sempre fora mais reticente e não se sobressaía na multidão. Embora tivesse talento como músico e compositor, faltava-lhe o carisma, a presença de palco ou o que quer que fosse necessário para um artista se destacar. Às vezes, chegava a admitir que tinha sido mais um observador do que um participante do mundo e, em momentos de dolorosa honestidade, às vezes acreditava que era um fracasso em tudo o que importava. Tinha 48 anos. Seu casamento havia terminado, a filha o evitava e o filho estava crescendo sem sua presença. Olhando para trás, ele sabia que não tinha ninguém a quem culpar além de si mesmo. E, mais do que qualquer outra coisa, era isto o que queria saber: ainda seria possível que alguém como ele experimentasse a presença de Deus?

Dez anos antes, ele jamais se imaginaria perguntando-se uma coisa dessas. Nem mesmo havia dois anos. Ele às vezes pensava, porém, que a meia-idade o tornara tão reflexivo quanto um espelho. Embora um dia acreditasse que, de alguma forma, a resposta estava na música que criava, ele agora suspeitava de que havia se enganado. Quanto mais pensava a respeito, mais percebia que, para ele, a música sempre fora um escape da realidade e não um meio de viver nela mais profundamente. Ele podia ter experimentado a paixão e a catarse nas obras de Tchaikovsky, ou o sentimento de realização ao escrever as próprias sonatas, mas agora sabia que imergia na música mais por um desejo egoísta de se distanciar de tudo do que por querer encontrar Deus.

Ele agora acreditava que a verdadeira resposta estava em algum lugar na essência do amor que sentia pelos filhos, na dor que o abalava quando acordava naquela casa silenciosa e percebia que

eles não estavam por perto. Mesmo assim, sabia que havia algo mais.

E, de alguma forma, tinha esperança de que os filhos o ajudassem a encontrar o que quer que fosse.



Alguns minutos depois, Steve notou que o sol refletia no para-brisa de uma caminhonete empoeirada do lado de fora. Ele e Kim a haviam adquirido anos atrás para fazer compras de fim de semana no mercado e pequenas viagens em família. Ele se perguntou se ela se lembrara de trocar o óleo antes de pegar a estrada, ou pelo menos desde que ele tinha ido embora. Provavelmente não. Kim nunca fora boa com essas coisas; ele que sempre cuidara desses detalhes.

Mas essa parte de sua vida havia terminado.

Steve se levantou e, quando pôs os pés na varanda, Jonah já estava fora do carro, correndo em sua direção. Seu cabelo não estava penteado, os óculos estavam tortos, e seus braços e pernas eram finos como um lápis. Steve sentiu um nó na garganta, lembrando-se mais uma vez do quanto havia perdido nos últimos três anos.

– Papai!

– Jonah! – gritou Steve de volta, enquanto atravessava a areia rochosa que cobria seu quintal.

Quando Jonah saltou em seus braços, ele mal conseguiu permanecer de pé.

– Como você cresceu – comentou ele.

– E você diminuiu! – disse Jonah. – Está magro.

Steve abraçou o filho com força antes de colocá-lo no chão.

– Estou feliz que você esteja aqui.

– Também estou. Mamãe e Ronnie brigaram o tempo todo na

viagem.

– Não deve ter sido muito divertido.

– Tudo bem. Nem liguei para as brigas. Às vezes até provocava as duas.

– Ah! – exclamou Steve.

Jonah ajeitou os óculos.

– Por que a mamãe não deixou a gente vir de avião?

– Você perguntou a ela?

– Não.

– Talvez fosse o caso de perguntar.

– Não é nada de mais. Eu estava só pensando.

Steve sorriu. Tinha esquecido como o filho era tagarela.

– Ei, é a sua casa?

– Isso mesmo.

– Que lugar incrível!

Steve se perguntou se Jonah estava falando sério. A casa era tudo menos incrível. O bangalô era, disparado, a propriedade mais velha de Wrightsville Beach, imprensado entre duas casas enormes construídas na última década, fazendo com que parecesse ainda menor. A pintura exibia vários pontos descascados, inúmeras telhas estavam faltando e a varanda parecia apodrecer; não seria nenhuma surpresa para ele se a próxima tempestade pusesse tudo abaixo, o que, sem dúvida, agradaria aos vizinhos. Desde que se mudara, nenhuma das duas famílias ao seu lado havia falado com ele.

– Você acha mesmo? – perguntou Steve.

– Claro! Fica bem na praia. Quer mais o quê? – Ele acenou para o mar. – Posso ir dar uma olhada?

– Claro. Mas tome cuidado. E fique atrás da casa. Não saia por aí.

– Combinado.

Steve observou o filho sair correndo e então se virou para ver

Kim se aproximando. Ronnie também havia saído do carro, mas estava se demorando para ir até ele.

– Oi, Kim – disse ele.

– Steve. – Ela se inclinou para lhe dar um rápido abraço. – Você está bem? Parece mais magro.

– Estou bem.

Atrás dela, Steve observou Ronnie se aproximando bem devagar na direção deles. Ficou impressionado com o quanto ela havia mudado desde a última foto que Kim enviara por e-mail. Fora-se a menina com jeito tipicamente americano de quem ele se lembrava e surgira no lugar dela uma moça com uma faixa roxa no longo cabelo castanho, esmalte preto nas unhas e roupas escuras. Apesar dos sinais óbvios de rebeldia adolescente, ele pensou de novo em como ela se parecia com a mãe. Aquilo também era uma coisa boa. Ela estava bonita como sempre, pensou.

Steve pigarreou.

– Olá, querida. É bom ver você.

Como Ronnie não respondeu, Kim fez cara feia para ela.

– Não seja rude. Seu pai está falando com você. Diga alguma coisa.

Ronnie cruzou os braços.

– Muito bem. Que tal isso? Não vou tocar piano para você.

– Ronnie! – Steve podia ouvir a exasperação na voz de Kim.

– Que foi? – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Achei melhor deixar bem claro desde o início.

Antes de Kim responder, Steve balançou a cabeça. A última coisa que ele queria era uma discussão.

– Sem problema, Kim.

– Viu só, mãe? Sem *problema* – disse Ronnie, pronta para atacar. – Preciso esticar as pernas. Vou dar uma caminhada.

Enquanto a filha se afastava pisando forte, Steve observou Kim

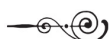
lutar contra o impulso de chamá-la de volta. A mãe, no fim das contas, preferiu não dizer nada.

– A viagem foi longa? – perguntou ele, tentando amenizar o clima.

– Você nem imagina.

Ele sorriu, pensando que, por apenas um instante, era fácil imaginar que ainda estivessem casados, ambos ainda apaixonados.

Mas estavam longe disso.



Depois de tirar as malas do carro, Steve foi até a cozinha, onde tirou cubos de gelo de uma fôrma antiquada e os deixou cair nos copos descombinados que já estavam na casa quando ele se mudara para lá.

Ouviu os passos de Kim entrando na cozinha. Ele pegou uma jarra de chá adocicado, serviu dois copos e entregou um para ela. Do lado de fora, Jonah perseguia as ondas e era perseguido por elas, sob o voo das gaivotas.

– Parece que Jonah está se divertindo – comentou ele.

Kim deu um passo em direção à janela.

– Ele está animado com a viagem para cá há semanas. – Ela hesitou. – Ele sente a sua falta.

– E eu, dele.

– Eu sei – concordou ela, pegando um copo de chá antes de dar uma olhada na cozinha. – Então, esta é a sua casa, hein? Tem... personalidade.

– Falando em personalidade, imagino que você tenha notado o telhado com vazamento e a falta de ar-condicionado.

Kim deu um breve sorriso.

– Eu sei que não é muito – comentou Steve. – Mas é silencioso e dá para ver o sol nascer.

– E a igreja está deixando você ficar aqui de graça?

Steve assentiu.

– Pertencia a Carson Johnson, um artista daqui que faleceu e deixou a casa para a igreja. O pastor Harris permitiu que eu ficasse até arrumarem tudo para vendê-la.

– Então, como é viver de novo em sua cidade natal? Quer dizer, seus pais moravam a... uns três quarteirões daqui?

Sete, na verdade. Passou perto.

– É bom. – Ele deu de ombros.

– Está lotado agora. O lugar realmente mudou desde a última vez que estive aqui.

– Tudo muda – observou ele, inclinando-se no balcão, cruzando a perna. – Então, quando será o grande dia? – perguntou ele, mudando de assunto. – Para você e Brian?

– Steve... em relação a isso...

– Tudo bem – respondeu ele, levantando a mão. – Fico feliz de você ter encontrado alguém.

Kim o encarou, claramente se perguntando se era melhor aceitar aquelas palavras e colocar um ponto final no assunto, ou se deveria mergulhar em um território mais delicado.

– Em janeiro – respondeu ela, finalmente. – E quero que você saiba que, com as crianças... Brian não finge ser quem não é. Você iria gostar dele.

– Tenho certeza que sim – concordou, tomando um gole do chá. Em seguida, colocou o copo em cima da mesa. – O que as crianças acham dele?

– Jonah parece gostar, mas ele gosta de todo mundo.

– E Ronnie?

– Ela se dá tão bem com ele quanto com você.

Ele riu, mas então percebeu a expressão preocupada no rosto dela.

– Como ela está? De verdade?

– Não sei. – Kim suspirou. – E acho que nem ela sabe. Está numa fase sombria e temperamental. Ignora o horário de voltar para casa e, na maior parte do tempo, não consigo mais do que um *aham* quando tento falar com ela. Tento deixar pra lá, aceitar que é uma fase típica da adolescência, porque eu me lembro de como era... mas... – Ela balançou a cabeça. – Você viu como a Ronnie estava vestida, não viu? E o cabelo, e aquele rímel horroroso?

– Hum.

– E...?

– Poderia ser pior.

Kim abriu a boca, mas não falou nada, e Steve viu que estava certo. Fosse qual fosse a fase que ela estivesse atravessando, fossem quais fossem os temores de Kim, Ronnie ainda era Ronnie.

– Talvez – admitiu ela, balançando a cabeça. – Não, eu sei que você está certo. É que ultimamente tem sido difícil demais. Tem horas em que ela ainda é a menina doce de sempre. Com o Jonah, por exemplo. Mesmo que briguem como cão e gato, ela o leva para passear no parque todos os fins de semana. E quando ele estava tendo dificuldade com matemática, ela lhe deu aulas todas as noites. O que é estranho, porque ela passa raspando nas próprias matérias. Não cheguei a mencionar, mas eu a obriguei a prestar as provas para a universidade em fevereiro. Ela errou todas as perguntas. Você tem noção de como é preciso ser inteligente para errar todas as questões?

Kim franziu a testa diante da risada de Steve.

– Não é engraçado.

– É um pouco, sim.

– Você não teve que lidar com ela nos últimos três anos.

Ele fez uma pausa, sentindo-se repreendido.

– Você tem razão. Me desculpe. – Ele pegou seu copo outra vez.

– O que o juiz disse sobre o furto na loja?

– Exatamente o que eu disse ao telefone – respondeu Kim, com

uma expressão resignada. – Se ela não se meter mais em confusão, vão tirar essa passagem da ficha dela. Mas, se fizer isso de novo...

– Você está preocupada.

Kim se afastou.

– Não foi a primeira vez, e é aí que está o problema – confessou ela. – Ronnie admitiu ter roubado a pulseira no ano passado, mas dessa vez ela *afirmou* que estava comprando um monte de coisas na farmácia e não conseguia segurar tudo, e que foi por isso que enfiou o batom no bolso. Ela pagou por todos os outros produtos, e quando você vê o vídeo, parece ser só um lapso, mas...

– Mas você não tem certeza. – Kim não respondeu, então Steve balançou a cabeça e continuou: – Não estão prestes a exibirem um perfil dela no programa *Os mais procurados dos Estados Unidos*. Ela só cometeu um erro. E sempre teve um bom coração.

– Isso não significa que ela esteja dizendo a verdade.

– Mas também não significa que tenha mentido.

– Então você acredita nela?

A expressão de Kim era uma mistura de esperança e ceticismo.

Ele reavaliou os próprios sentimentos em relação ao incidente, como fizera dezenas de vezes desde que Kim lhe contara o ocorrido.

– Sim – respondeu ele. – Eu acredito nela.

– Por quê?

– Porque ela é uma boa menina.

– Como você sabe? – Pela primeira vez, ela parecia irritada. – A última vez que vocês passaram algum tempo juntos foi quando ela estava no ensino médio. – Kim se afastou dele e cruzou os braços, observando pela janela a paisagem lá fora. – Você poderia ter voltado, sabe? – prosseguiu, com a voz amarga. – Poderia ter dado aulas em Nova York outra vez. Não precisava viajar pelo país, não tinha que se mudar para cá... Você poderia ter participado da vida deles.

Aquelas palavras o machucaram, e ele sabia que ela estava certa. Mas não tinha sido tão simples, por razões que ambos compreendiam, embora nenhum dos dois as reconhecesse.

O clima pesado melhorou depois de algum tempo, quando Steve pigarreou.

– Eu só estava tentando dizer que Ronnie sabe distinguir o certo do errado. Por mais que ela queira reafirmar sua independência, ainda acredito que ela é a mesma pessoa de sempre. No que realmente importa, ela não mudou.

Antes que Kim pudesse descobrir como responder ao comentário, ou até se deveria fazê-lo, Jonah entrou correndo pela porta da frente, as bochechas coradas.

– Pai! Encontrei uma oficina muito legal! Vamos! Eu quero mostrar para você!

Kim levantou uma sobrancelha.

– Fica lá atrás da casa – disse Steve. – Quer ver?

– É incrível, mãe!

Kim olhou para Steve e depois para Jonah. Em seguida, voltou a olhar para Steve.

– Não, tudo bem – decidiu. – Isso está parecendo algo entre pai e filho. Além disso, preciso mesmo ir embora.

– Já? – perguntou Jonah.

Steve sabia como isso seria difícil para Kim e respondeu por ela.

– Sua mãe tem uma longa viagem de volta para casa. Além disso, eu queria levar você ao festival hoje à noite. Podemos fazer isso e deixar a oficina para depois?

Steve viu os ombros de Jonah se encurvarem um pouco.

– Acho que tudo bem – respondeu o menino.



Depois de se despedir da mãe – sem sinal de Ronnie, que, de

acordo com Kim, talvez não voltasse tão cedo –, Jonah foi com Steve até a oficina, uma construção inclinada, com telhado de estanho, que fazia parte da propriedade.

Nos últimos três meses, Steve passara a maior parte das tardes ali, cercado por quinquilharias e pequenos pedaços de vidro colorido, que Jonah logo resolveu explorar. Bem no meio do lugar, havia uma grande mesa de trabalho com um vitral ainda no início, mas o garoto parecia mais interessado nas estranhas peças de taxidermia empoleiradas nas prateleiras, a especialidade do antigo proprietário. Era difícil não ficar hipnotizado pela criatura metade esquilo, metade robalo, ou pela cabeça de gambá enxertada no corpo de uma galinha.

– O que é isso? – perguntou Jonah.

– Tem gente que acha que é arte.

– Pensei que arte fosse tipo pintura em quadros, sei lá.

– E são. Mas às vezes outras coisas também podem ser arte.

Jonah franziu o nariz, olhando para a figura que era metade coelho, metade cobra.

– Isso não tem cara de arte.

Steve abriu um sorriso, e Jonah foi até o vitral em cima da mesa de trabalho.

– Isso também era dele? – perguntou o menino.

– Na verdade, isso é meu. Estou fazendo essa peça para a igreja que fica no fim da rua. O lugar pegou fogo no ano passado e o vitral original foi destruído no incêndio.

– Eu não sabia que você fazia isso.

– Acredite ou não, o artista que morava aqui me ensinou.

– O cara que fez os animais?

– Ele mesmo.

– E você o conhecia?

Steve se juntou ao filho em frente à mesa.

– Quando eu era garoto, matava as aulas de estudos bíblicos e

vinha escondido para cá. Ele fez os vitrais da maioria das igrejas da região. Está vendo a foto na parede? – Steve apontou para uma pequena fotografia de uma imagem de Cristo Ressuscitado, pregada em uma das prateleiras, praticamente perdida em meio ao caos. – Espero que fique assim quando eu terminar.

– Incrível! – exclamou Jonah, e Steve sorriu.

Aquela era, obviamente, a nova palavra favorita de Jonah, e ele se perguntou quantas vezes a ouviria naquele verão.

– Quer me ajudar?

– Posso?

– Eu estava contando com isso. – Steve lhe deu uma ligeira cotovelada. – Preciso de um bom assistente.

– É difícil?

– Eu tinha a sua idade quando comecei, então tenho certeza de que você vai conseguir.

Com cuidado, Jonah pegou um pedaço do vidro e o examinou, segurando-o contra a luz, a expressão séria.

– Também tenho certeza de que consigo.

Steve sorriu.

– Você ainda vai à igreja? – perguntou ele.

– Vou. Mas não é a mesma de antes. É a que Brian frequenta. E Ronnie nem sempre vem junto. Ela se tranca no quarto e se recusa a sair, mas, assim que a gente vira as costas, ela vai para a Starbucks ficar com as amigas. A mamãe fica uma fera.

– Isso acontece quando as crianças se tornam adolescentes. Elas vivem testando os pais.

Jonah colocou o vidro de volta na mesa.

– Não vou ser assim – declarou ele. – Vou ser sempre uma boa pessoa. Mas não gosto muito da nova igreja. É muito chata. Então, pode ser que eu mude para outra.

– Faz sentido. – Ele fez uma pausa. – Ouvi dizer que você não vai jogar futebol neste outono.

- Não sei jogar direito.
- E daí? É divertido, não é?
- Não quando os outros garotos ficam rindo da sua cara.
- Eles riem de você?
- Sim, mas eu não me importo.
- Ah.

Jonah remexeu os pés, demonstrando que algo viera à sua mente.

– Ronnie não leu nenhuma das cartas que você mandou para ela, pai. E também não vai mais tocar piano.

- Eu sei – respondeu Steve.
- Mamãe disse que é porque ela tem TPM.

Steve quase engasgou, mas se recompôs rapidamente.

- Você sabe o que isso significa?

Jonah empurrou os óculos para cima.

– Eu não sou mais uma criancinha. Significa Teimosia, Pirraça e Manha.

Steve riu, mexendo nos cabelos de Jonah.

– Que tal a gente ir atrás da sua irmã? Acho que eu a vi indo em direção ao festival.

- Podemos ir na roda-gigante?
- O que você quiser.
- Incrível.

3



Ronnie

A feira estava lotada. Ou melhor, corrigiu-se Ronnie, o *Festival de Frutos do Mar de Wrightsville Beach* estava lotado. Depois de comprar um refrigerante em uma das barracas, ela viu carros estacionados, quase amontoados, ao longo das duas ruas que davam no cais e observou alguns adolescentes empreendedores alugando suas entradas de garagem perto do local da festividade.

Até o momento, tudo parecia bem entediante. Ela preferia que a roda-gigante fosse permanente e que o cais tivesse lojas de vários tipos, como na orla de Atlantic City. Em outras palavras, queria que fosse o tipo de lugar onde pudesse passar um verão animado. Mas não teve tanta sorte. O festival estava localizado temporariamente no estacionamento perto do cais e mais parecia uma pequena feira de alguma cidade do interior. As atrações faziam parte de um projeto itinerante, e o estacionamento estava repleto de barracas de jogos com preços superfaturados ou alimentos gordurosos. Tudo era meio... nojento.

Não que alguém mais parecesse concordar com ela. O lugar

estava *muito* cheio. Velhos e jovens, famílias, estudantes paquerando uns aos outros. Para qualquer lado que fosse, ela sempre parecia travar uma batalha contra uma maré de corpos. Corpos suados. Corpos grandes e suados, dois deles a estavam esmagando, enquanto a multidão fazia uma parada inexplicável. Sem dúvida, eles tinham comido tanto o cachorro-quente quanto os bolinhos fritos com chocolate que ela vira em uma das barracas. Ronnie franziu o nariz. Muito nojento.

Espiando por uma abertura, ela fugiu das atrações e das barracas de jogos e se dirigiu ao cais. Felizmente, a multidão ia diminuindo à medida que ela atravessava o cais, passando por barracas que vendiam artesanato. Nada que ela pudesse se imaginar comprando – quem iria querer um gnomo todo feito de conchas? Mas, obviamente, alguém estava comprando aqueles monstrenhos, ou as barracas não existiriam.

Distraída, ela esbarrou em uma mesa cuja dona era uma mulher idosa sentada em uma cadeira dobrável. Usava uma camisa estampada com o logotipo da Sociedade Americana para Prevenção da Crueldade contra os Animais, tinha cabelo branco e um rosto amigável e alegre – o tipo de avó que provavelmente passava o dia inteiro assando biscoitos antes do Natal, imaginou. Na mesa à frente dela, havia panfletos e um pote para doações, junto a uma grande caixa de papelão. Dentro dela, quatro filhotes de cachorro cinzentos, e um deles pulou para descobrir o que havia do lado de fora.

– Olá, garoto – disse Ronnie.

A mulher idosa sorriu.

– Você quer segurá-lo? Esse é o engraçadinho do grupo. Eu o chamo de Seinfeld.

O filhote soltou um ganido bem agudo.

– Não, obrigada.

Mas ele era uma graça. Realmente engraçadinho, embora Ronnie achasse que o nome não combinava com o filhote. E ela

bem que gostaria de segurá-lo, mas sabia que não ia querer devolvê-lo se o fizesse. Ela tinha um fraco por animais em geral, especialmente pelos abandonados. Como aquelas fofuras na caixa.

– Eles vão ficar bem, certo? Você não está pensando em se livrar deles, está? – quis saber a garota.

– Eles vão ficar bem – respondeu a mulher. – É por isso que armamos esta mesa. Para que as pessoas os adotem. No ano passado, encontramos lares para mais de trinta animais, e esses quatro já têm dono. Só estou esperando que venham buscá-los antes de irem embora. Mas há mais no abrigo, se você estiver interessada.

– Só estou de visita – respondeu Ronnie, assim que uma comemoração ecoou vindo da praia. Ela virou o pescoço, tentando ver o que era. – O que está acontecendo? Um show?

A mulher balançou a cabeça.

– Vôlei de praia. Eles estão jogando há horas. É algum tipo de torneio. Por que você não vai lá ver? Ouvi a torcida o dia inteiro, então os jogos devem estar bem emocionantes.

Ronnie pensou na ideia, se perguntando: por que não? Não poderia ser pior do que o que estava acontecendo ali. Ela jogou dois dólares no pote de doações antes de ir até lá.

O sol estava mais baixo, dando ao mar um brilho que parecia ouro líquido. Na praia, as poucas famílias restantes estavam reunidas em toalhas perto da água, junto a alguns castelos de areia prestes a serem varridos pela maré cada vez mais alta. Andorinhas-do-mar investiam em direção à areia e depois alçavam voo, caçando caranguejos.

Não demorou muito para ela chegar ao burburinho. Quando se aproximou da quadra, percebeu que as outras meninas que assistiam pareciam fixadas nos dois jogadores do lado direito. Nenhuma surpresa. Os dois caras – teriam a idade dela? Seriam mais velhos? – eram do tipo que sua amiga Kayla descreveria como

“um colírio para os olhos”. Embora nenhum deles fosse exatamente o tipo de Ronnie, era impossível não admirar os corpos esbeltos e musculosos, além da maneira fluida como se movimentavam na areia.

Principalmente o mais alto, com cabelo castanho-escuro e uma pulseira de macramê no pulso. Kayla definitivamente dirigiria sua atenção a ele – ela sempre preferia os caras altos –, da mesma forma que a loura de biquíni do outro lado da quadra não tirava os olhos do rapaz. Ronnie tinha notado a loura e sua amiga assim que chegou. Eram magras e bonitas, com dentes tão brancos que o brilho poderia cegar alguém, e obviamente estavam acostumadas a serem o centro das atenções e a deixarem os caras babando por elas. As duas se mantinham à parte da multidão e torciam com delicadeza, provavelmente para não estragarem o penteado. Poderiam muito bem ser modelos, dizendo que não havia problema em admirá-las, desde que ninguém se aproximasse. Ronnie não as conhecia, mas já não gostava delas.

Ela voltou a prestar atenção no jogo, bem no instante em que os caras bonitos marcaram outro ponto. E depois outro. E mais outro. Ela não sabia quanto estava o jogo, mas eles, sem dúvida, eram melhores. No entanto, enquanto assistia em silêncio, ela começou a torcer para os adversários. Isso não tinha a ver com seu hábito de torcer para os mais fracos – o que era um fato –, mas com a constatação de que a dupla que estava na frente a fazia se lembrar daqueles garotos típicos das escolas particulares, geralmente mimados, que ela costumava encontrar nas boates, caras do Upper East Side, alunos de Dalton e Buckley que se achavam melhores do que os outros simplesmente porque seus pais eram ricos. Ela já sabia o suficiente do grupinho de privilegiados para reconhecer um deles logo de cara, e podia apostar a própria vida que aqueles dois faziam parte do grupo mais popular por ali. Suas suspeitas se confirmaram no ponto seguinte, quando o parceiro do cara de

cabelo castanho piscou para a amiga com cara de Barbie da loura bronzeada, enquanto se preparava para sacar. Naquela cidade, estava claro que todas as pessoas bonitas se conheciam.

Por que isso não a surpreendia?

De repente, o jogo lhe pareceu menos interessante e ela se virou para ir embora assim que outro saque viajou pela quadra. Ela ouviu vagamente alguém gritando enquanto a dupla adversária fazia a recepção do saque, mas, antes que pudesse se afastar, sentiu os espectadores ao redor empurrarem uns aos outros, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio por um instante.

Um instante longo demais.

Ela se virou bem a tempo de ver um dos jogadores correndo em sua direção a toda velocidade, esticando o pescoço para enxergar a bola descontrolada. Ela não teve tempo de reagir antes que o rapaz colidisse com ela. Sentiu-o agarrar seus ombros em uma tentativa de parar o próprio impulso e impedi-la de cair. Sentiu seu braço ser puxado durante o impacto e assistiu, quase fascinada, quando a tampa do copo de isopor voou, o refrigerante fez um arco no ar e caiu, encharcando sua cara e sua camiseta.

E então, de repente, tudo acabou. De perto, ela viu o jogador de cabelo castanho olhando para ela, com os olhos arregalados.

– Você está bem? – perguntou ele, ofegante.

Ela sentia a bebida escorrendo pelo rosto e encharcando a camiseta. Ao longe, ouviu alguém na multidão começar a rir. E por que não? Aquele realmente estava sendo um dia *fantástico*.

– Estou bem – respondeu, com certa rispidez.

– Tem certeza? – O sujeito arfou. Ele parecia genuinamente arrependido. – Esbarrei em você meio forte demais.

– Apenas... me deixe – disse ela, com os dentes cerrados.

O rapaz pelo visto não percebera que ainda estava agarrando os ombros dela e suas mãos imediatamente a soltaram. Ele deu um

passo rápido para trás e, por instinto, colocou a mão na pulseira. Ele a girou quase sem se dar conta.

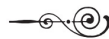
– Me desculpe. Fui atrás da bola e...

– Eu sei o que você estava fazendo. Eu sobrevivi, está bem?

Com isso, ela se afastou, querendo, mais do que tudo, se ver longe dali o mais depressa possível. Atrás dela, ouviu alguém gritar:

– Vem, Will! Vamos recomeçar o jogo!

Mas, enquanto abria caminho em meio à multidão, por algum motivo Ronnie teve a impressão de que ele não havia parado de olhá-la, até ela desaparecer de sua vista.



Sua camiseta não estava totalmente arruinada, mas isso não servia de consolo. Ela gostava daquela blusa. Era uma lembrança do show da banda Fall Out Boy do ano anterior, e ela fugira com Rick só para assistir. A mãe dela quase infartou quando soube, não apenas porque Rick tinha uma tatuagem de teia de aranha no pescoço e mais piercings nas orelhas do que Kayla, mas também porque ela havia mentido sobre o lugar aonde iam e só chegou em casa na tarde do dia seguinte, já que todos acabaram dormindo na casa do irmão de Rick, na Filadélfia. A mãe a proibiu de ver ou falar com Rick pelo resto da vida, uma regra que Ronnie quebrou logo no dia seguinte.

Não porque amasse Rick; na verdade, ela nem gostava muito dele. Mas estava com raiva da mãe, e isso lhe pareceu a coisa certa a se fazer na época. Entretanto, quando chegou à casa de Rick, ele já estava chapado e bêbado de novo, assim como estivera durante o show, e ela percebeu que, se continuasse a vê-lo, ele continuaria a pressioná-la para experimentar o que quer que estivesse usando, assim como fizera na noite anterior. Ela ficou apenas alguns minutos

na casa dele e depois foi para a Union Square, onde passou o resto da tarde, sabendo que não havia mais nada entre os dois.

Ronnie não era ingênua em relação às drogas. Algumas amigas fumavam maconha, algumas até usavam cocaína ou ecstasy, e uma delas tinha um vício horroroso em metanfetamina. Todas, menos ela, bebiam nos fins de semana. As boates e festas que frequentavam ofereciam fácil acesso a tudo aquilo. Ainda assim, parecia que, sempre que as amigas fumavam, bebiam ou engoliam as pílulas que, segundo elas, fariam a noite valer a pena, todas passavam o resto da noite falando arrastado, cambaleando, vomitando ou perdendo o controle e fazendo algo *muito idiota*. Algo que geralmente envolvia um garoto.

Ronnie não queria nada disso. Não depois do que acontecera a Kayla no ano anterior. Alguém (Kayla nunca soube quem) colocou ecstasy líquido em sua bebida e, embora ela tivesse apenas uma vaga lembrança do que se passou em seguida, sabia que tinha estado em um quarto com três caras que acabara de conhecer naquela noite. Quando acordou de manhã, suas roupas estavam espalhadas pelo chão. Kayla não disse mais nada – preferiu fingir que nada acontecera e se arrependeu de ter contado a Ronnie –, mas não foi difícil ligar os pontos.

Quando chegou ao cais, Ronnie colocou no chão o copo pela metade e, furiosa, passou um guardanapo molhado na camiseta. Parecia estar funcionando, mas o guardanapo estava se desintegrando em minúsculos flocos brancos parecidos com caspa.

Que ótimo.

Ronnie desejou que o cara tivesse esbarrado em outra pessoa. Afinal, ela só ficou lá por uns dez minutos. Quais eram as chances de ela virar de costas no mesmo instante em que a bola voava em sua direção? E de estar segurando um copo de refrigerante no meio de uma multidão, durante um jogo de vôlei que ela nem queria ver, em um lugar onde não queria estar? Provavelmente isso não

voltaria a acontecer nem em um milhão de anos. Com uma sorte dessas, ela deveria ter jogado na loteria.

E ainda tinha o cara que fez aquilo. Cabelo e olhos castanhos, um garoto bonito. De perto, ela percebeu que ele era mais do que apenas bonito, especialmente quando fez aquela cara de... preocupação. Ele podia fazer parte do grupo dos populares, mas no nanossegundo em que seus olhos se encontraram, ela teve a estranha sensação de que ele tinha sido realmente sincero.

Ronnie balançou a cabeça para afastar esses pensamentos tão loucos. Era óbvio que o sol estava afetando seu cérebro. Satisfeita por ter feito o melhor que podia com o guardanapo, ela pegou o copo de refrigerante. Pensou em jogar o resto fora, mas, quando se virou, sentiu o copo ficar preso entre ela e outra pessoa. Dessa vez, nada aconteceu em câmera lenta; o refrigerante imediatamente cobriu a parte da frente de sua camiseta.

Ela congelou, olhando para a roupa sem acreditar. *Isso só pode ser brincadeira.*

Parada à sua frente estava uma garota da sua idade segurando uma daquelas bebidas com raspadinha de gelo e parecendo tão surpresa quanto ela. Usava roupas pretas e seu cabelo escuro e oleoso estava preso, com cachos indisciplinados emoldurando o rosto. Como Kayla, a garota tinha pelo menos uns seis piercings em cada orelha, um par de crânios em miniatura pendendo dos lóbulos, além de sombra e delineador escuros, que lhe davam uma aparência quase selvagem. Enquanto o resto do refrigerante empapava a camiseta de Ronnie, a garota com cara de gótica apontou com sua bebida para a mancha que se espalhava.

- Que droga ser você – disse ela.
- Você acha?
- Pelo menos agora está combinando com o outro lado.
- Ah, entendi. Você está tentando ser engraçada.
- Espirituosa, na verdade.

– Então você poderia ter dito algo como “talvez você devesse usar um copo de criança, com tampa”.

A garota gótica riu, um tom surpreendentemente meigo.

– Você não é daqui, é?

– Não, sou de Nova York. Vim visitar meu pai.

– Durante o fim de semana?

– Não. Durante o verão inteiro.

– Que droga mesmo ser você.

Dessa vez, foi Ronnie quem riu.

– Eu sou Ronnie. É o apelido de Veronica.

– Pode me chamar de Blaze.

– Blaze? Chama?

– Meu nome verdadeiro é Galadriel. É do *Senhor dos Anéis*.

Minha mãe é esquisita assim.

– Pelo menos não é Gollum.

– Nem Ronnie. – Inclinando a cabeça, ela gesticulou por cima do ombro. – Se quiser alguma coisa seca, tem umas camisetas do Nemo na barraca ali da frente.

– Nemo?

– É, Nemo. O do filme, sabe? Peixe laranja e branco, uma nadadeira defeituosa? Fica preso em um aquário e o pai vai atrás dele?

– Eu não quero uma camiseta do Nemo, ok?

– O Nemo é maneiro.

– Talvez se você tiver 6 anos – replicou Ronnie.

– Você que sabe.

Antes que chegasse a responder, Ronnie espiou três caras abrindo caminho através de uma aglomeração. Eles se destacavam da multidão que estava na praia, com seus shorts rasgados e tatuagens, peitos nus à mostra sob pesadas jaquetas de couro. Um tinha piercing na sobrancelha e carregava um aparelho de som antigo; outro usava um moicano descolorido e seus braços estavam

completamente cobertos por tatuagens. O terceiro, como Blaze, tinha cabelo preto e longo, ressaltado por uma pele muito clara. Ronnie se virou instintivamente para a garota, mas percebeu que ela não estava mais ali. Em seu lugar, estava Jonah.

– Derramou o que na sua camisa? – perguntou ele. – Você está toda molhada e pegajosa.

Ronnie procurou Blaze, imaginando aonde ela teria ido. E por quê.

– Vá embora, ok?

– Não posso. Papai está te procurando. Acho que ele quer que você volte para casa.

– Onde ele está?

– Ele foi ao banheiro, mas deve chegar a qualquer minuto.

– Diga a ele que não me viu.

Jonah pensou um pouco.

– Cinco dólares.

– O quê?

– Se me der cinco dólares, vou esquecer que você estava aqui.

– Está falando sério?

– O tempo está passando – disse ele. – Agora são dez.

Por cima da cabeça de Jonah, ela avistou o pai procurando-a em meio à multidão. Por puro instinto, ela se abaixou, sabendo que não haveria como passar por ele. Olhou para o irmão chantagista, que, é claro, percebeu a mesma coisa. Ele era uma graça, ela o amava e respeitava suas habilidades de fazer chantagem, mas ele era seu irmão mais novo. Em um mundo perfeito, ele estaria do seu lado. Mas estava? É claro que não.

– Eu te odeio, você sabe – disse ela.

– Sei. Eu também te odeio. Mas ainda vai custar dez dólares.

– Que tal cinco?

– Agora já era. Mas seu segredo estará seguro comigo.

O pai ainda não tinha visto os dois, mas estava se aproximando.

– Está bem – rosnou ela, catando o dinheiro nos bolsos.

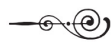
Passou para ele uma nota amassada, que Jonah guardou. Olhando por cima do ombro, ela viu o pai indo em sua direção, a cabeça ainda de um lado para outro; ela se abaixou e deu a volta na barraca. Para sua surpresa, Blaze estava encostada na lateral, fumando um cigarro.

Ela deu um sorrisinho malicioso.

– Problemas com seu pai?

– Como é que eu posso dar o fora daqui?

– Isso é com você. – Blaze deu de ombros. – Mas ele sabe qual camiseta você está usando.



Uma hora depois, Ronnie estava sentada ao lado de Blaze em um dos bancos nos limites do cais, ainda entediada, mas não tanto quanto antes. Blaze acabou se mostrando uma boa ouvinte, com um senso de humor excêntrico – e o melhor de tudo era que ela parecia amar Nova York tanto quanto Ronnie, embora nunca tivesse ido lá. Ela fez perguntas sobre o básico: a Times Square, o Empire State, a Estátua da Liberdade – armadilhas turísticas que Ronnie tentava evitar a todo custo. Mas fez a vontade de Blaze antes de descrever a Nova York de verdade: as boates em Chelsea, a cena musical no Brooklyn, os vendedores ambulantes em Chinatown, onde era possível comprar gravações piratas, bolsas Prada falsificadas ou praticamente qualquer outra coisa quase de graça.

Falar sobre esses lugares a deixou com muita vontade de estar em casa, e não ali. Em qualquer lugar, menos ali.

– Eu também não ia querer vir para cá – concordou Blaze. – Pode acreditar, aqui é muito chato.

– Há quanto tempo você mora aqui?

– Só a minha vida inteira. Mas pelo menos estou bem-vestida.

Ronnie havia comprado a camiseta idiota do Nemo, sabendo que estava ridícula. O único tamanho que havia era GG e a roupa praticamente chegava até os joelhos. A única vantagem foi que, ao trocar de blusa, ela conseguiu despistar o pai. Blaze estava certa quanto a isso.

– Alguém me disse que o Nemo era maneiro.

– Ela estava mentindo.

– O que ainda estamos fazendo aqui? Meu pai provavelmente já foi embora.

Blaze se virou.

– Por quê? Quer voltar para o festival? Talvez ver a Casa Mal-Assombrada?

– Não. Mas tem que ter alguma coisa realmente legal acontecendo.

– Ainda não. Mais tarde vai ter. Por enquanto, vamos só esperar.

– Pelo quê?

Blaze não respondeu. Em vez disso, levantou-se e ficou de frente para a água escura. Seu cabelo se mexia ao sabor da brisa, e ela parecia olhar para a lua.

– Vi você mais cedo, sabia?

– Quando?

– Quando você estava vendo o jogo de vôlei. – Ela acenou para um ponto mais adiante, no cais. – Eu estava parada ali.

– E...?

– Você parecia deslocada.

– Você também.

– Foi por isso que fiquei no cais. – Ela pulou e se sentou no corrimão, de frente para Ronnie. – Eu sei que você não quer estar aqui, mas o que o seu pai fez para deixá-la tão irritada?

Ronnie limpou a palma das mãos na calça.

– É uma longa história.

– Ele mora com alguma namorada?

– Acho que ele nem tem namorada. Por quê?

– Considere-se sortuda.

– Do que você está falando?

– Meu pai mora com a namorada. Aliás, é a terceira desde que ele se separou. E ela é, de longe, a pior. É só alguns anos mais velha do que eu e se veste como uma stripper. Pelo que sei, ela era mesmo uma stripper. Fico com raiva sempre que tenho que ir lá. Ela parece não saber como agir quando estou por perto. Uma hora tenta me dar conselhos, como se fosse minha mãe, mas no minuto seguinte fica tentando ser a minha melhor amiga. Odeio ela.

– E você mora com sua mãe?

– Moro. Mas agora ela está namorando um cara, e ele fica lá em casa o tempo todo. E ele também é um idiota. Usa uma peruca ridícula porque ficou careca quando tinha 20 anos ou algo assim e está sempre me dizendo que preciso pensar em fazer faculdade. Como se eu me importasse com o que ele acha. Minha vida é uma droga, entendeu?

Antes que Ronnie pudesse responder, Blaze pulou de volta no chão.

– Vamos. Acho que eles estão quase prontos para começar. Você tem que ver isso.

Ronnie seguiu Blaze de volta pelo cais, em direção a uma multidão que se formou ao redor do que parecia ser um show de rua. Perplexa, ela percebeu que os artistas eram os três caras agressivos que vira mais cedo. Dois deles estavam apresentando passos de *break dance* ao som de uma música estridente, enquanto o cara de cabelo preto e comprido ficava no meio, fazendo malabarismo com bolas de golfe flamejantes. De vez em quando, ele parava o malabarismo e simplesmente segurava a bola, girando-a por entre os dedos ou rolando-a pelo dorso da mão, fazendo com que subisse por um braço e descesse pelo outro. Em duas ocasiões, ele fechou o punho sobre a bola de fogo, quase a

apagando, e depois moveu a mão para permitir que as chamas escapassem pela pequena abertura perto do polegar.

– Você conhece esse cara? – indagou Ronnie.

Blaze assentiu.

– É o Marcus.

– Ele está usando algum tipo de revestimento para proteger as mãos?

– Não.

– E não dói?

– Se segurar direito a bola de fogo, não. É incrível, não é?

Ronnie teve que concordar. Marcus apagou duas das bolas e depois as acendeu de novo, encostando-as na terceira. No chão, havia uma cartola de mágico virada para cima, e Ronnie viu as pessoas colocarem dinheiro lá dentro.

– Onde ele consegue essas bolas de fogo?

– Ele faz as bolas. Eu posso te mostrar. Não é difícil. Você só precisa de uma camiseta de algodão, agulha e linha, além de um pouco de fluido de isqueiro.

Enquanto a música retumbava, Marcus jogou as três bolas de fogo para o cara com o moicano e acendeu mais duas. Eles fizeram um malabarismo em dupla, um jogando a bola para o outro, como os palhaços de circo fazem com pinos de boliche, cada vez mais rápido, até que um arremesso saiu torto.

Só que, na verdade, não. O cara com piercings na sobrancelha a pegou com o pé e começou a fazer embaixadinha, como se fosse uma bola de futebol comum. Depois de apagarem três das bolas de fogo, os outros dois entraram em ação, o grupo todo chutando as duas bolas de fogo uns para os outros. A multidão começou a aplaudir e choveu dinheiro sobre o chapéu, enquanto a música ganhava força. Em seguida, todos pegaram as bolas de fogo restantes e as apagaram ao mesmo tempo, enquanto a música chegava ao fim.

Ronnie precisava admitir que nunca tinha visto nada parecido. Marcus foi até Blaze e lhe deu um longo beijo, que pareceu totalmente inadequado em público. Ele abriu os olhos aos poucos, fitando Ronnie, antes de empurrar Blaze para o lado.

– Quem é essa? – perguntou ele.

– É a Ronnie – respondeu Blaze. – Ela é de Nova York. A gente acabou de se conhecer.

O Moicano e o Sobrancelha Furada se juntaram a Marcus e Blaze naquele interrogatório, deixando Ronnie desconfortável.

– Nova York, hein? – perguntou Marcus, pegando um isqueiro do bolso e acendendo uma das bolas de fogo.

Ele segurou a esfera flamejante e a manteve parada entre o polegar e o indicador, fazendo Ronnie se perguntar mais uma vez como ele conseguia não se queimar.

– Você gosta de fogo? – perguntou ele, em voz alta.

Sem esperar pela resposta, ele jogou a bola na direção de Ronnie. Ela tomou um susto e desviou, perplexa demais para responder. A bola caiu em algum lugar atrás dela, no momento em que um policial correu para apagar a chama.

– Vocês três aí – chamou ele, apontando. – Fora. Agora. Eu já disse que vocês não podem fazer esse showzinho no cais. Na próxima vez, juro que vou levá-los para a delegacia.

Marcus ergueu as mãos e deu um passo para trás.

– Nós já estávamos de saída.

Os rapazes pegaram seus casacos e se puseram a atravessar o cais em direção às atrações do festival. Blaze os seguiu, deixando Ronnie sozinha. Ela sentiu o olhar do policial, mas o ignorou. Em vez disso, hesitou apenas por um segundo antes de ir atrás deles.

4



Marcus

Ele tinha certeza de que ela os seguiria. Elas sempre faziam isso. Principalmente as garotas novas na cidade. Eram todas iguais: quanto pior ele as tratava, mais elas o queriam. Eram idiotas a esse ponto. Previsíveis e idiotas.

Ele se recostou no vaso de plantas em frente ao hotel e Blaze o abraçou. Ronnie se sentou em um dos bancos; do outro lado, Teddy e Lance balbuciavam alguma coisa, tentando chamar a atenção das jovens que passavam. Eles já estavam bêbados – na verdade, já estavam meio bêbados antes mesmo da apresentação – e, como de costume, todas as garotas bonitas os ignoravam. Em boa parte do tempo, até Marcus os ignorou.

Blaze, por sua vez, mordiscava o pescoço dele, mas ele também não deu importância. Estava cansado daquilo, ela sempre pendurada nele na frente das pessoas. Estava de saco cheio dela. Se não fosse tão boa de cama, se não soubesse as coisas que realmente o excitavam, ele já a teria largado um mês antes e trocado por uma das três, quatro ou cinco garotas com quem dormia

regularmente. Entretanto, naquele momento, tampouco estava interessado nelas. Em vez disso, olhava para Ronnie, apreciando a faixa roxa em seu cabelo, seu corpo pequeno e rígido, o efeito brilhante da sombra que usava nos olhos. Ela fazia o estilo vagabunda de luxo, apesar da camiseta idiota. Ele gostou do que viu. Gostou muito.

Ele se afastou de Blaze, desejando que ela não estivesse ali.

– Vá buscar umas batatas fritas para mim – ordenou ele. – Estou com fome.

– Só me sobraram dois dólares – respondeu ela.

Dava para ouvir o lamento na voz da garota.

– E daí? Deve dar. E não coma nenhuma, entendeu?

Ele estava falando sério. Blaze já começava a exibir uma barriga um pouco flácida, o rosto ligeiramente inchado. Nenhuma surpresa, considerando que, nos últimos tempos, ela bebia quase tanto quanto Teddy e Lance.

Blaze fez caras e bocas, mas Marcus lhe deu um empurrãozinho e ela se dirigiu a uma das barracas de comida, postando-se no fim da enorme fila. Marcus se aproximou de Ronnie e se sentou ao lado dela. Perto, mas não demais. Blaze era ciumenta, e ele não queria vê-la afugentando Ronnie antes que tivesse a chance de conhecê-la melhor.

– O que você achou? – perguntou ele.

– Do quê?

– Do show. Já viu algo parecido em Nova York?

– Não – admitiu ela. – Não vi.

– Onde você está hospedada?

– Bem perto da praia.

Pela resposta, ele percebeu que ela se sentia desconfortável, provavelmente porque Blaze não estava lá.

– Blaze disse que você se livrou do seu pai.

Ela simplesmente deu de ombros.

– O que foi? Não quer falar sobre isso?

– Não tem nada para dizer.

Ele se inclinou para trás.

– Talvez você simplesmente não confie em mim.

– Como assim?

– Você fala com a Blaze, mas não comigo.

– Eu nem conheço você.

– Mas também não conhece a Blaze. Vocês se viram pela primeira vez hoje.

Ronnie não pareceu gostar daquelas repostas rápidas e irritantes.

– Eu só não queria falar com ele, ok? E também não quero ser obrigada a passar o meu verão aqui.

Ele tirou o cabelo da frente dos olhos.

– Então por que não vai embora?

– Ah, claro. E vou embora para onde?

– Vamos para a Flórida.

Ela pestanejou.

– O quê?

– Conheço um cara que tem uma casa pertinho de Tampa. Se quiser, eu levo você. Podemos ficar lá o tempo que quiser. O meu carro está aqui do lado.

Ela o encarou como se estivesse em choque.

– Não posso ir para a Flórida com você. Eu... eu acabei de te conhecer. E a Blaze?

– O que tem ela?

– Vocês estão juntos.

– E daí? – respondeu ele, indiferente.

– Isso está muito esquisito. – Ela se levantou. – Acho que vou ver como a Blaze está.

Marcus enfiou a mão no bolso para pegar uma bola de fogo.

– Você sabe que eu estava brincando, certo?

Na verdade, ele não estava brincando. Mas disse isso pela mesma razão que o fizera jogar a bola de fogo na direção dela: para ver até onde poderia ir, entender quais eram os limites.

– Ah, sim, tudo bem. Mesmo assim, vou lá falar com ela.

Marcus a viu sair resoluta, pisando forte. Por mais que admirasse aquele corpo pequeno e lindo, não tinha certeza do que fazer com ela. Seu jeito de se vestir dava sinais de uma coisa, mas, ao contrário de Blaze, ela não fumava nem parecia querer se divertir, e ele teve a sensação de que ela era mais complexa do que aparentava. Será que era de família rica? Fazia sentido, não? Apartamento em Nova York, casa na praia... Entretanto, ela não tinha nada a ver com as pessoas ricas dali, pelo menos não com as que ele conhecia. Então, qual era a dela? E por que isso fazia diferença?

Porque ele não gostava de gente endinheirada, não gostava da forma como ostentavam nem de se acharem melhores do que os outros. Uma vez, antes de abandonar a escola, ele ouvira um garoto rico falando do novo barco que ganhara de aniversário. Não era um barquinho qualquer; era um Boston Whaler de mais de 21 pés, com GPS e sonar, e o garoto ficava se vangloriando de como pretendia usá-lo durante todo o verão e ancorá-lo no clube.

Três dias depois, Marcus incendiou o barco e o viu ser consumido pelas chamas. Ficou escondido atrás da árvore de magnólias, perto do décimo sexto buraco do campo de golfe.

Ele não revelou a ninguém o que tinha feito, é claro. Contar para quem quer que fosse seria o mesmo que confessar à polícia. Teddy e Lance, por exemplo: bastaria colocá-los em uma cela e eles ficariam desesperados assim que a porta fosse trancada. Por isso, atualmente, ele insistia para que eles fizessem todo o trabalho sujo. A melhor maneira de evitar que abrissem a boca era ter certeza de que eles estariam ainda mais ferrados do que ele. Ultimamente, eram eles que roubavam a bebida, batiam no careca até deixá-lo

inconsciente no aeroporto para pegarem a carteira dele, pintavam as suásticas na sinagoga. Não é que confiasse neles; nem sequer gostava dos dois, mas eles sempre concordavam com seus planos. Serviam a um propósito.

Atrás dele, Teddy e Lance continuavam a agir como os idiotas que eram e, com Ronnie longe deles, Marcus ficou nervoso. Não pretendia ficar sentado ali a noite inteira sem fazer nada. Depois que Blaze voltasse, e depois que ele comesse suas batatas fritas, iriam bater perna pelo local. Para ver o que ia aparecer. Qualquer coisa poderia surgir num lugar como aquele, numa noite como aquela, numa multidão como aquela. Uma coisa era certa: depois de um show, ele sempre precisava de algo... *mais*. Fosse o que fosse.

Observando a barraca de comida, viu que Blaze estava pagando pelas batatas fritas, com Ronnie logo atrás dela. Olhou para Ronnie, novamente desejando que ela retribuísse o olhar, o que acabou acontecendo. Nada de mais, apenas um vislumbre, mas o suficiente para fazê-lo imaginar mais uma vez como ela seria na cama.

Provavelmente selvagem, pensou. A maioria delas era, com o tipo certo de incentivo.

5



Will

Independente­mente do que estivesse fazendo, Will sempre sentia o peso daquele segredo sobre suas costas. À primeira vista, tudo parecia normal: nos últimos seis meses, fora às aulas, jogara basquete, participara do baile de formatura e havia concluído o ensino médio, e estava pronto para começar a faculdade. Nem tudo tinha sido perfeito, é claro. Havia seis semanas, ele terminara com Ashley, mas isso não tinha nada a ver com o que acontecera naquela noite, a noite que ele jamais esqueceria. Na maior parte do tempo, ele mantinha a lembrança trancada em algum lugar, mas, de vez em quando, tudo voltava com uma força visceral. As imagens nunca mudavam, se desvaneciam ou ficavam turvas. Era como se, vendo-as através dos olhos de outra pessoa, ele se enxergasse correndo pela praia e agarrando Scott, enquanto ele contemplava a selvageria do fogo.

O que foi que você fez?, lembrou-se de ter gritado.

A culpa não foi minha!, gritara Scott.

Entretanto, foi naquele momento em que Will se deu conta de

que não estavam sozinhos. Ao longe, percebeu a presença de Marcus, Blaze, Teddy e Lance observando-os e, na mesma hora, soube que eles tinham visto tudo o que acontecera.

Eles sabiam...

Assim que Will pegou seu celular, Scott o impediu.

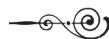
Não chame a polícia! Já disse que foi um acidente! Sua expressão era de súplica. Por favor, cara! Você me deve uma!

A cobertura da imprensa foi extensa nos dois primeiros dias, e Will assistiu às reportagens e leu as matérias no jornal sentindo o estômago se revirar. Uma coisa era encobrir um incêndio acidental. Talvez ele pudesse ter feito isso. Mas o resultado daquela noite era uma pessoa ferida, e ele sentia uma onda de culpa e de repugnância sempre que dirigia pelo local. Não fazia diferença que a igreja estivesse sendo reconstruída, ou que o pastor tivesse recebido alta havia tempo; o que importava era que ele sabia o que tinha acontecido e não fizera nada a respeito.

Você me deve uma...

Aquelas palavras eram as que mais o assombravam.

Não apenas porque ele e Scott eram melhores amigos desde o jardim de infância, mas por uma razão mais importante. E algumas vezes, no meio da madrugada, ele ficava acordado, odiando a verdade que aquelas palavras continham e desejando encontrar uma maneira de consertar as coisas.



Curiosamente, o que despertou as lembranças dessa vez foi o incidente no jogo de vôlei de praia, mais cedo naquele dia. Ou melhor, foi a garota em quem ele esbarrou. Ela nem ligou para o seu pedido de desculpas e, ao contrário da maioria das jovens por ali, não tentou esconder a irritação. Não que tenha fervilhado de raiva

ou gritado; na verdade, ela demonstrou confiança de uma forma que o atingiu instantaneamente, parecia algo diferente.

Depois que ela saiu com cara de poucos amigos, eles fecharam o set e Will foi forçado a admitir que tinha errado duas cortadas que normalmente acertaria. Scott lançou-lhe um olhar de censura e – talvez por causa da iluminação – ficou com a mesma expressão da noite do incêndio, quando Will pegou o celular para chamar a polícia. E isso foi o suficiente para reavivar as lembranças.

Ele tinha conseguido se controlar até ganharem o jogo, mas, depois que terminou, precisou de um tempo sozinho. Então, foi andando pela área onde estava acontecendo o festival e parou em uma daquelas barracas de jogos caros em que era impossível ganhar. Preparava-se para arremessar uma bola de basquete hiperinflada no aro um pouco alto demais quando ouviu uma voz atrás dele.

– Aí está você – disse Ashley. – Estava evitando a gente?

Sim, pensou. Na verdade, estava.

– Não – respondeu ele. – Não tento a sorte aqui desde o fim da temporada e queria ver se estou muito enferrujado.

Ashley sorriu. Sua blusinha branca, as sandálias e os brincos grandes ressaltavam seus olhos azuis e os cabelos louros. Ela havia trocado de roupa após a partida de vôlei do torneio. Típico. Era a única garota que ele conhecia que sempre carregava mudas completas de roupa, mesmo quando ia à praia. Em maio, no baile de formatura, ela se trocou três vezes: uma roupa para o jantar, outra para a dança e uma terceira para a festa. Levou uma mala de verdade e, depois de prender seu buquê de flores no braço, como uma pulseira, e posar para fotos, ele teve que arrastar a tal mala até o carro. A mãe dela não achava estranho a filha ir a um baile como se fosse viajar. Mas talvez isso fosse parte do problema. Uma vez, Ashley o levou para dar uma olhada no closet da mãe; a mulher

devia ter uns duzentos pares de sapatos e mais de mil peças de roupa. Daria para colocar uma caminhonete lá dentro.

– Não pare por minha causa. Eu odiaria ver você perdendo um dólar.

Will se virou e, depois de mirar no aro, lançou a bola, que fez um arco em direção à cesta. Ela bateu na borda e na madeira antes de cair lá dentro. A primeira estava feita. Mais duas e ele ganharia um prêmio.

Quando a bola rolou de volta para ele, o funcionário da barraca lançou um olhar furtivo para Ashley. A moça, entretanto, mal pareceu notar a presença do homem.

Will pegou a bola mais uma vez e olhou para o funcionário.

– Alguém ganhou hoje?

– É claro. Temos muitos vencedores todos os dias.

Ele continuou a olhar para Ashley enquanto respondia. Não era nenhuma surpresa. Todos sempre notavam a presença de Ashley. Ela era como uma placa de néon piscando para qualquer um que tivesse um grama de testosterona.

Ashley deu mais um passo à frente, então uma viradinha e se encostou na barraca. Ela sorriu para Will mais uma vez. Não era dada a sutilezas. Depois de ter sido coroada rainha do baile, usou a tiara a noite inteira.

– Você jogou bem hoje – afirmou ela. – E o seu saque melhorou muito.

– Obrigado – respondeu Will.

– Acho que está jogando quase tão bem quanto Scott.

– De jeito nenhum – disse ele. O amigo jogava vôlei desde os 6 anos; Will começara só depois do primeiro ano do ensino médio. – Eu sou rápido e pulo alto, mas não sou completo que nem o Scott.

– Só estou comentando o que vi.

Concentrando-se na cesta, Will soltou o ar, tentando relaxar antes do arremesso. Era a mesma coisa que seu técnico dizia na

hora do lance livre – não que ele tivesse melhorado sua taxa de acertos. Dessa vez, no entanto, a bola desceu direto pelo aro. Dois arremessos, dois acertos.

– O que você vai fazer com o bichinho de pelúcia, se ganhar? – perguntou ela.

– Não sei. Você quer?

– Só se você quiser me dar.

Ele sabia que Ashley queria o bichinho, mas queria sem que precisasse pedir. Não teria o mesmo valor. Depois de dois anos juntos, havia pouca coisa que ele não sabia a respeito dela. Will agarrou a bola, soltou o ar novamente e fez o último arremesso. Esse, no entanto, bateu com muita força e a bola saltou para longe do aro.

– Quase – disse o funcionário. – Você deveria tentar de novo.

– Eu sei quando é hora de parar.

– Quer saber? Vou dar um dólar de desconto. Dois dólares por três lances.

– Não, não tem problema.

– Dois dólares e eu deixo vocês dois darem três arremessos. –

Ele agarrou a bola, oferecendo-a a Ashley. – Eu adoraria ver você tentar.

Ashley olhou para a bola, e ficou óbvio que ela jamais chegara a contemplar tal ideia.

– Acho que não quero – disse Will. – Mas obrigado pela oferta. – Ele se virou para Ashley. – Você sabe se o Scott ainda está por aí?

– Ele está na mesa com a Cassie. Bom, pelo menos estavam lá quando vim encontrar você. Acho que ele está gostando dela.

Will seguiu na direção que ela havia apontado, com Ashley ao lado.

– Estávamos conversando – disse Ashley, soando quase casual –, e Scott e Cassie acharam que seria divertido ir lá para casa.

Meus pais estão em Raleigh para algum evento com o governador, então podemos aproveitar.

Will sabia que isso estava por vir.

– Acho que não – disse ele.

– Por que não? Não tem nada de interessante acontecendo por aqui.

– Só não sei se é uma boa ideia.

– É porque nós terminamos? Não estou querendo que a gente volte.

Foi por isso que você veio ao torneio, pensou ele. E se arrumou toda hoje à noite. E veio me encontrar. E sugeriu que fôssemos à sua casa, já que seus pais não estão lá.

Mas ele não disse nada disso. Não estava com ânimo para discutir nem queria dificultar ainda mais as coisas. Ela não era má pessoa; só não era para ele.

– Tenho que trabalhar amanhã cedo e passei o dia todo jogando vôlei no sol. Só quero dormir.

Ela o agarrou pelo braço, fazendo-o parar.

– Por que você não atende mais as minhas ligações?

Ele não disse nada. Na verdade, não tinha o que responder.

– Quero saber o que eu fiz de errado – insistiu ela.

– Você não fez nada errado.

– Então, o que houve?

Na falta de uma resposta, ela deu um sorriso suplicante.

– Vamos lá para casa conversar sobre isso, tudo bem?

Ele sabia que ela merecia uma resposta menos evasiva. O único problema era que não seria a que ela queria ouvir.

– Como eu disse, só estou cansado.



– Você está *cansado* – bradou Scott. – Você disse a ela que estava

cansado e queria dormir?

– Mais ou menos isso.

– Ficou maluco?

Scott olhou para ele do outro lado da mesa. Cassie e Ashley já tinham ido até o cais havia tempos, para conversar. Ashley com certeza repassara nos mínimos detalhes o que Will dissera, acrescentando um drama desnecessário a uma situação que provavelmente deveria ter ficado entre os dois. Com ela, no entanto, sempre havia drama. Ele de repente teve a sensação de que seria um longo verão.

– Eu *estou* cansado – declarou Will. – Você não?

– Talvez você não tenha entendido o que ela estava sugerindo.

Eu e a Cassie, você e a Ashley... A casa dos pais dela na praia...

– Eu entendi.

– E ainda estamos aqui porque...?

– Eu já disse.

Scott balançou a cabeça.

– Não... Presta atenção: você usa a desculpa do “estou cansado” para os seus pais quando eles querem que você lave o carro, ou quando o mandam levantar para ir à igreja. Não em uma situação como essa.

Will não disse nada. Embora fosse apenas um ano mais novo – no outono seguinte, estaria no último ano da Laney High School –, muitas vezes Scott agia como se fosse o irmão mais velho e mais experiente de Will.

Exceto naquela noite na igreja...

– Está vendo aquele cara ali, na barraca do basquete? Ele eu entendo. Fica lá o dia inteiro tentando convencer as pessoas a jogar para que ele possa descolar uma graninha para comprar umas cervejas e um maço de cigarro no fim do expediente. Simples. Sem complicação. Não é o meu tipo de vida, mas dá para entender. Mas

você, eu não entendo. Quero dizer... você viu a Ashley hoje? Ela está maravilhosa. Está parecendo aquela garota da capa da revista.

– E...?

– Meu argumento é que ela é gostosa.

– Eu sei. Ficamos juntos uns anos, lembra?

– E não estou dizendo que você tem que voltar com ela. Minha sugestão é só que a gente vá até a casa dela para se divertir e ver o que acontece.

Scott se inclinou para trás na cadeira.

– Por falar nesse assunto, ainda não entendi por que você terminou com ela, para começo de conversa. É óbvio que ela ainda está na sua, e vocês dois sempre pareceram perfeitos juntos.

Will balançou a cabeça.

– Não éramos perfeitos juntos.

– Você já disse isso, mas como assim? Ela é... psicopata ou algo do tipo quando vocês dois estão sozinhos? O que aconteceu? Ela ficou olhando para você com uma faca de açougueiro enquanto você dormia, ou ela uivou para a lua quando vocês foram à praia?

– Não, nada a ver. Não deu certo, só isso.

– Não deu certo – repetiu Scott. – Você pelo menos percebe o que está falando?

Percebendo que Will não iria ceder, Scott se debruçou sobre a mesa.

– Vamos, cara. Faça isso por mim, então. Viva um pouco. São férias de verão. Faça um sacrifício por mim.

– Agora você está parecendo desesperado.

– Eu estou desesperado mesmo. Se você não concordar em ficar com a Ashley hoje à noite, a Cassie não vai ficar comigo. E estamos falando de uma garota que está pronta para começar os *Jogos Vorazes*. Que quer me levar para uma *Jornada nas Estrelas*.

– Desculpe, mas não vou poder ajudar.

– Ótimo. Acabe com a minha vida. Quem se importa, certo?

– Você vai sobreviver. – Ele fez uma pausa. – Está com fome?

– Um pouco – resmungou Scott.

– Vamos comprar um sanduíche.

Will se levantou da mesa, mas Scott continuou emburrado.

– Você precisa melhorar sua recepção – disse ele, referindo-se às partidas de vôlei que haviam jogado. – Você estava mandando a bola em todas as direções. Fiz o que pude para manter a gente no campeonato.

– Ashley me disse que eu sou tão bom quanto você.

Scott bufou e se levantou, empurrando a mesa.

– Ela não sabe do que está falando.



Após ficarem na fila para comprar seus sanduíches, Will e Scott foram para a área de condimentos, onde Scott encharcou seu hambúrguer com ketchup. O molho vazou pelas laterais quando ele colocou de volta a parte de cima do pão.

– Que nojento – comentou Will.

– Então, escuta essa. Tinha um cara chamado Ray Kroc que começou uma empresa chamada McDonald's. Já ouviu falar? Mas enfim, em seu hambúrguer original, eu estou me referindo ao hambúrguer americano original, ele insistiu que o ketchup tinha que ser acrescentado. O que mostra como ele é importante para o sabor.

– Continue, você é fascinante. Vou pegar alguma coisa para beber.

– Me traga uma água, está bem?

Assim que Will se afastou, algo branco passou por ele, indo na direção de Scott. O garoto também viu aquilo e, instintivamente, se desviou, deixando o sanduíche cair no chão.

– O que você pensa que está fazendo? – bradou Scott, girando o

corpo. No chão, uma caixa de batatas fritas. Atrás dele, Teddy e Lance mantinham as mãos nos bolsos. Marcus estava entre os dois, tentando, sem sucesso, parecer inocente.

– Não sei do que você está falando – respondeu Marcus.

– Disso aqui! – rosnou Scott, chutando a caixa de volta para eles.

Mais tarde, Will concluiria que fora o tom de voz que deixou todo mundo tenso. Will sentiu um arrepio no pescoço com o deslocamento palpável, quase físico, do ar e do espaço, um tremor que prometia violência.

Violência que Marcus obviamente desejava...

Como se estivesse lançando a isca.

Will viu um pai ir até o filho e se afastar, enquanto Ashley e Cassie, de volta do cais, congelaram. Na lateral, se aproximando, Will reconheceu Galadriel, que vinha chamando a si mesma de Blaze.

Scott olhou para eles, trincando os dentes.

– Quer saber? Já estou cansado das suas merdas.

– E o que você vai fazer? – perguntou Marcus, com um sorriso irônico. – Lançar um rojão em mim?

Não foi preciso mais nada. Quando Scott deu um passo súbito adiante, Will abriu caminho freneticamente por entre a multidão, tentando alcançar o amigo a tempo.

Marcus não se mexeu. Isso não era nada bom. Will sabia que ele e os amigos eram capazes de qualquer coisa... e, pior, eles sabiam o que Scott tinha feito...

Mas Scott, em um acesso de fúria, não parecia se importar. Quando Will avançou, Teddy e Lance se espalharam, atraindo Scott para o meio. Ele tentou fechar a brecha, mas Scott estava indo rápido demais e de repente tudo pareceu acontecer de uma vez só. Marcus deu um passo para trás, enquanto Teddy chutou um banquinho, forçando Scott a pular para desviar. Ele bateu em uma

mesa, derrubando-a. Scott recuperou o equilíbrio e cerrou os punhos. Lance se aproximou pelo lado. Ao forçar passagem, ganhando impulso, Will ouviu o vago som de um choro de criança. Livrando-se da multidão, ele se desviou na direção de Lance quando, de repente, uma garota se meteu no meio da briga.

– Parem com isso! – gritou ela, levantando os braços. – Parem com isso! Todos vocês!

A voz dela era surpreendentemente alta e cheia de autoridade, o suficiente para fazer Will parar no meio do caminho. Todos os outros congelaram e, naquele silêncio súbito, os gritos da criança soaram estridentes. A garota se virou, olhando de cara feia para cada um dos adversários, e, assim que viu a faixa roxa em seu cabelo, Will se lembrou exatamente de onde a conhecia. Só que agora ela usava uma camiseta exageradamente grande com um peixe na frente.

– A briga acabou! Chega! Não estão vendo que essa criança se machucou?

Desafiando-os a contradizê-la, ela abriu caminho entre Scott e Marcus e se inclinou para a criança, que chorava por ter sido derrubada durante a confusão. Era um menino de 3 ou 4 anos, com uma camiseta laranja. Ela foi até a criança falando com uma voz delicada e um tom tranquilizador.

– Você está bem, meu amor? Onde está a sua mãe? Vamos encontrá-la, está bem?

A criança por um instante pareceu se concentrar na camiseta da jovem.

– Esse é o Nemo – disse ela. – Ele também se perdeu. Você gosta do Nemo?

Fora do tumulto, uma mulher em pânico com um bebê nos braços abriu caminho pela multidão, alheia à tensão no ar.

– Jason? Cadê você? Você viu um garotinho? Louro, camiseta laranja?

O alívio tomou suas feições assim que ela o avistou. Ajeitando o bebê apoiado no quadril, ela correu até o menino.

– Você não pode fugir assim, Jason! – gritou a mãe. – Você me deixou assustada. Você está bem?

– Nemo – respondeu ele, apontando para a garota.

A mãe se virou, observando a jovem pela primeira vez.

– Obrigada. Ele se afastou de mim quando eu estava trocando a fralda do bebê e...

– Não tem problema – respondeu a garota, balançando a cabeça. – Ele está bem.

Will observou a mãe levar os filhos embora e então se virou para a jovem, percebendo como ela sorria para o menino que se afastava. No entanto, quando a mãe e os filhos já haviam se distanciado, a garota se deu conta de que todos estavam olhando para ela. Constrangida, cruzou os braços, e as pessoas abriram espaço para um policial que se aproximava correndo.

Marcus murmurou algo rapidamente para Scott antes de se misturar à multidão. Teddy e Lance fizeram o mesmo. Blaze se virou para ir atrás deles, e, para a surpresa de Will, a garota de faixa roxa no cabelo estendeu a mão para puxar o braço dela.

– Espere! Aonde você vai? – gritou ela.

Blaze sacudiu o braço livre e continuou andando de costas.

– Bower's Point.

– Onde é isso?

– Mais adiante, na praia. Você vai encontrar. – Blaze se virou e correu atrás de Marcus.

A garota parecia não saber bem o que fazer. Naquele momento, a tensão, tão pesada há apenas alguns momentos, se dissipava tão depressa quanto surgira. Scott levantou a mesa e se aproximou de Will, enquanto a garota era abordada por um homem que ele imaginou ser seu pai.

– Aí está você! – exclamou ele, com uma mistura de alívio e

desespero na voz. – Estávamos te procurando. Vamos embora?

A garota, que ainda observava Blaze, ficou claramente chateada ao vê-lo.

– Não – respondeu ela.

Ela se misturou à aglomeração e seguiu em direção à praia. Um menino se aproximou do homem.

– Acho que ela não está com fome, pai – comentou ele.

O homem colocou a mão no ombro do filho, observando a jovem seguir seu caminho sem sequer olhar para trás.

– Acho que não – concordou.

– Dá para acreditar nisso? – perguntou Scott, enfurecido, puxando Will para longe da cena que ele estivera observando tão de perto. Scott ainda estava agitado, a adrenalina a mil. – Eu estava prestes a dar um soco naquele maluco.

– Hum... sim – respondeu Will, balançando a cabeça. – Não tenho certeza se Teddy e Lance teriam deixado.

– Eles não teriam feito nada. Esses caras não têm peito para isso.

Will não tinha tanta certeza, mas preferiu não dizer nada.

Scott respirou fundo.

– Espere aí. Lá vem a polícia.

O policial se aproximou deles lentamente, tentando avaliar a situação.

– O que está acontecendo por aqui? – perguntou ele.

– Nada, senhor – respondeu Scott, com voz recatada.

– Soube que teve uma briga.

– Não, senhor.

O policial esperou por mais informações, com uma expressão cética. Nem Scott nem Will disseram nada. Naquele momento, aquela área já estava ficando cheia, as pessoas voltaram a tomar conta da própria vida. O policial examinou a cena, certificando-se de

que não estava deixando passar nada, e então, de repente, seu rosto se iluminou ao reconhecer alguém de pé, atrás de Will.

– É você, Steve? – chamou.

Will o viu se dirigir para o pai da garota.

Ashley e Cassie abriram caminho até Will e Steve. O rosto de Cassie estava vermelho.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

– Está – respondeu Scott.

– Aquele cara é maluco. O que aconteceu? Não vi como começou.

– Ele jogou alguma coisa em mim, e eu não ia tolerar isso. Já estou cheio das atitudes desse cara. Ele acha que todo mundo tem medo dele e que pode fazer o que quiser, mas, na próxima vez, as coisas vão ficar complicadas para ele...

Will o fez mudar de assunto. Scott sempre foi falastrão; fazia a mesma coisa durante as partidas de vôlei e Will há muito aprendera a ignorá-lo.

Ele se afastou, deu uma olhada no policial conversando com o pai da garota e se perguntou por que ela estava tão empenhada em fugir dele. E por que estava saindo com Marcus. Ela não era como eles, e, de alguma forma, duvidou que a menina soubesse com quem estava se metendo. Enquanto Scott continuava falando e se gabando que seria capaz de lidar com os três sem dificuldades, Will se esticou para ouvir a conversa do policial com o pai da menina.

– Ah, oi, Pete – disse o pai. – O que está havendo?

– O mesmo de sempre – respondeu o policial. – Fazendo o meu melhor para manter as coisas sob controle por aqui. Como é que está indo o vitral?

– Devagar.

– Foi o que você disse na última vez que perguntei.

– Pois é, mas agora eu tenho uma arma secreta. Este é o meu filho, Jonah. Ele vai ser meu assistente neste verão.

– É mesmo? Bom para você, rapazinho... Não era para a sua filha ter vindo também?

– Ela veio – disse o pai.

– Sim, mas saiu de novo – acrescentou o menino. – Ela está muito brava com o papai.

– Lamento muito.

Will observou o pai apontar para a praia.

– Para onde será que eles foram? Você tem alguma ideia?

O policial fez uma varredura com os olhos pela praia.

– Pode ser qualquer lugar. Mas aqueles garotos ali não são uma boa companhia. Principalmente o Marcus. Acredite, você não vai gostar se ela fizer amizade com ele.

Scott ainda se vangloriava para Cassie e Ashley, que estavam extasiadas. Ignorando-o, Will sentiu uma vontade repentina de chamar o policial. Ele sabia que não cabia a ele dizer nada. Para começo de conversa, ele não conhecia a garota nem sabia por que ela se afastara de repente. Talvez tivesse um bom motivo para isso. Mas, ao notar a preocupação no rosto do pai, ele se lembrou da paciência e da bondade da garota quando resgatou a criança. As palavras saíram antes que ele pudesse impedi-las.

– Ela foi para o Bower's Point – revelou.

Scott parou de falar no meio de uma frase e Ashley se virou para ele fazendo cara feia. Os outros três o analisaram, sem saber muito bem o que pensar.

– Sua filha, certo? – Quando o pai assentiu, ele continuou: – Ela está indo para o Bower's Point.

O oficial continuou olhando para ele e em seguida se virou para o pai.

– Quando terminar aqui, vou lá falar com ela e ver se a convenço a ir para casa, tudo bem?

– Não precisa, Pete.

O policial continuou a examinar o grupo de longe.

– Acho que, nesse caso, é melhor eu ir.

Inexplicavelmente, Will sentiu uma estranha onda de alívio. Isso deve ter ficado evidente, pois, quando se voltou para os amigos, eles o estavam encarando.

– O que foi isso, meu Deus? – indagou Scott, sem entender nada.

Will não respondeu. Não podia, porque ele mesmo não estava entendendo o que tinha feito.

6



Ronnie

Em circunstâncias normais, Ronnie provavelmente teria apreciado uma noite como aquela. Em Nova York, as luzes da cidade tornavam impossível ver tantas estrelas, mas ali acontecia exatamente o contrário. Mesmo com uma camada de neblina marinha, ela podia claramente distinguir a Via Láctea e, logo ao sul, Vênus brilhando com todo o esplendor. As ondas quebravam na praia em um ritmo constante e, no horizonte, ela identificou as luzes tênues de alguns barcos de pesca de camarão.

Porém, as circunstâncias não eram normais. Parada na varanda, ela olhou para o policial com uma irritação fora do comum.

Não, era mais que isso. Seu rosto não demonstrava apenas irritação. Ela estava quase *explodindo*. O que aconteceu foi tão... superprotetor, *tão exagerado*, que ela mal conseguia digerir. Seu primeiro pensamento foi pedir uma carona até o terminal de ônibus e comprar uma passagem de volta para Nova York. Não diria ao pai nem à mãe; ligaria para Kayla. Quando chegasse lá, pensaria no que fazer. Qualquer coisa seria melhor do que aquilo.

Mas não era possível. Não com o agente Pete bem ali. Ele ficou atrás dela, certificando-se de que a garota entraria em casa.

Ela ainda não conseguia acreditar. Como é que o seu pai – seu próprio pai, sangue do seu sangue – fizera uma coisa dessas? Ela era quase adulta, não estava fazendo nada de errado e ainda faltava um tempo para dar meia-noite. Qual era o problema? Por que ele tinha que transformar aquilo em algo muito maior do que deveria? Ah, claro, primeiro o agente Pete agira como se fosse uma ordem normal para desocupar o Bower's Point – algo que não tinha surpreendido os outros –, mas então ele se virou para ela. Especificamente para ela.

– Vou levar você para casa – disse ele, tratando-a como se fosse uma criança de 8 anos.

– Não, obrigada – respondeu Ronnie.

– Então vou ter que prendê-la por vadiagem e chamar seu pai para ir buscá-la.

Ela então percebeu que o pai havia pedido à polícia que a levasse para casa, o que a deixou atônita.

De fato, ela tivera problemas com a mãe e, sim, de vez em quando voltava para casa depois do horário combinado, mas nunca, jamais, nem uma única vez, a mãe mandara a polícia atrás dela.

Na varanda, o policial invadiu seus pensamentos.

– Entre – ordenou o homem, deixando bem claro que, se ela não abrisse a porta, ele mesmo o faria.

Lá de dentro, ela ouviu os sons suaves do piano e reconheceu a “Sonata para piano em mi menor”, de Edvard Grieg. Respirou fundo antes de abrir a porta, em seguida a bateu com força para fechá-la.

O pai parou de tocar e olhou para cima. Ela o encarava.

– Você mandou a polícia atrás de mim?

O pai não disse nada, mas seu silêncio foi suficiente.

– Por que você fez uma coisa dessas? Como você foi capaz disso?

Ele não disse nada.

– O que foi? Você não queria que eu me divertisse? Não confia em mim? Ainda não entendeu que eu não quero estar aqui?

O pai dela entrelaçou os dedos e pousou as mãos no colo.

– Eu sei que você não quer estar aqui...

Ela deu um passo à frente, ainda de cara feia.

– Então você decidiu que quer arruinar minha vida também?

– Quem é Marcus?

– E quem se importa? – gritou ela. – Não é essa a questão! Você não vai conseguir monitorar todas as pessoas com quem eu converso, então nem adianta tentar!

– Não estou tentando...

– Eu odeio ficar aqui! Você não entende? E eu também odeio você!

Ela o encarou, seu rosto o desafiando a dar uma resposta. Torcendo para que ele tentasse, para que ela pudesse repetir o que tinha dito.

Ele não disse nada, como sempre. Ela odiava aquela fraqueza. Furiosa, atravessou a sala em direção ao recanto, agarrou uma foto sua tocando piano – aquela com o pai no banco, ao seu lado – e a arremessou para longe. Embora se sobressaltasse com o som do vidro estilhaçado, ele permaneceu quieto.

– O quê? Você não vai dizer nada?

Ele pigarreou.

– Seu quarto é a primeira porta à direita.

Ela nem se dignou a responder; marchou pelo corredor, determinada a não ter mais nada a ver com ele.

– Boa noite, querida – disse o pai, em voz alta. – Eu te amo.

Houve um momento, apenas um momento, no qual ela se arrependeu do que tinha dito; mas o arrependimento desapareceu tão depressa quanto surgiu. Era como se ele não tivesse sequer

percebido que ela estava com raiva: ela o ouviu tocar piano outra vez, recomeçando exatamente de onde havia parado.



No quarto – fácil de achar, considerando-se que havia apenas três portas no corredor, uma do banheiro e outra do quarto do pai –, Ronnie acendeu a luz. Com um suspiro de frustração, tirou a ridícula camiseta do Nemo, que quase se esquecera de que estava usando.

Tinha sido o pior dia de sua vida.

Ah, ela sabia que estava sendo dramática. Não era idiota. Ainda assim, não tinha sido uma noite muito agradável. A única coisa boa daquele dia inteiro fora conhecer Blaze, o que lhe deu esperança de que teria pelo menos uma companhia para passar o tempo no verão.

Supondo, é claro, que Blaze ainda quisesse passar algum tempo com ela. Depois da pequena artimanha do pai, ela duvidava até disso. Blaze e o restante do pessoal ainda deviam estar falando sobre o assunto. Provavelmente rindo dela. Era o tipo de acontecimento sobre o qual Kayla comentaria durante anos.

Aquilo tudo a deixou com dor de estômago. Ela jogou a camisa do Nemo em um canto – nunca mais queria vê-la – e se pôs a tirar a camiseta que usara no show.

– Antes que eu comece a vomitar, é bom você saber que estou aqui.

Ronnie levou um susto e se virou para dar de cara com Jonah, que a encarava.

– Sai daqui! – gritou ela. – O que você está fazendo aqui? Este é o meu quarto!

– Não. É o nosso quarto – observou Jonah, apontando para a mobília. – Está vendo? Duas camas.

– Não vou dividir o quarto com você!

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Você vai dormir no quarto do papai?

Ela abriu a boca para responder, pensando em se mudar para a sala antes de se dar conta de que decidira não ir lá novamente. Em seguida, fechou a boca sem dizer nada. Foi até sua mala pisando forte, abriu o zíper e puxou a tampa com força. *Anna Kariênina* estava bem no topo e ela jogou o livro para o lado, procurando o pijama.

– Andei na roda-gigante – comentou Jonah. – Foi muito legal ir tão alto. Foi assim que o papai encontrou você.

– Que ótimo.

– Foi incrível. Você foi também?

– Não.

– Deveria ter ido. Dava para ver todo o caminho até Nova York.

– Duvido.

– Dava, sim. Deu para ver muito longe. Quer dizer, com os meus óculos. Papai disse que eu tenho olhos de águia.

– Ah, sei.

Jonah não disse nada. Em vez disso, pegou o ursinho de pelúcia que havia trazido de casa. Era o que ele agarrava sempre que ficava nervoso, e Ronnie se contraiu, arrependendo-se de suas palavras. Algumas vezes, a maneira como ele falava a fazia pensar nele como um adulto, mas, quando ele abraçou o urso, ela percebeu que não deveria ter sido tão rude. Embora o irmão fosse precoce e falasse demais até deixar as pessoas irritadas, era pequeno para seus 10 anos e tinha o tamanho de um menino três ou quatro anos mais novo. Nunca foi fácil para ele. Havia nascido três meses antes da hora e sofria de asma, enxergava mal e lhe faltava coordenação motora fina. Ela sabia que crianças da idade dele podiam ser cruéis.

– É verdade. Com seus óculos, você tem olhos de águia, sem dúvida.

– Sim, eles estão muito bons agora – murmurou Jonah, mas,

quando ele se virou de frente para a parede, Ronnie se contraiu novamente.

Ele era um garoto doce. Um belo de um chato às vezes, mas ela sabia que não havia uma gota de maldade em seu coração.

Ela foi até a cama do irmão e se sentou ao lado dele.

– Ei. Me desculpe. Não estava duvidando de você. É que hoje foi uma noite ruim, só isso.

– Eu sei – respondeu ele.

– Você foi em algum outro brinquedo?

– Papai me levou na maioria deles. Ele quase ficou enjoado, mas eu não. E eu não tive medo de nada na casa mal-assombrada. Vi logo de cara que os fantasmas eram de mentira.

Ela fez carinho no irmão.

– Você sempre foi muito corajoso.

– Sim – concordou ele. – Que nem naquela vez quando lá em casa ficou sem luz, lembra? Você ficou com medo naquela noite. Eu não.

– Eu me lembro.

Ele se mostrou satisfeito com aquela resposta, mas em seguida ficou quieto e, quando voltou a falar, sua voz não passava de um sussurro.

– Você está com saudades da mamãe?

Ronnie pegou as cobertas.

– Estou.

– Eu meio que estou com saudades dela, também. E não gostei de ficar aqui sozinho.

– Papai estava na sala – disse ela.

– Eu sei. Mas fiquei feliz que você chegou em casa.

– Eu também.

Ele sorriu, mas então pareceu preocupado de novo.

– Você acha que a mamãe está bem?

– Ela está bem – garantiu Ronnie, puxando as cobertas. – Mas

sei que ela também está sentindo a sua falta.



De manhã, com a luz do sol se espreitando por entre as cortinas, Ronnie levou alguns segundos para perceber onde estava. Olhando para o relógio, ela pensou: *Só pode ser uma piada.*

Oito horas? De manhã? No *verão*?

Caiu de volta na cama, mas ficou olhando para o teto, sabendo que adormecer de novo estava fora de questão. Não com o sol a fuzilando pelas janelas. Não com seu pai já martelando no piano, na sala. Quando ela se lembrou, de repente, do que tinha acontecido na noite anterior, a raiva que sentiu pela atitude do pai ressurgiu.

Bem-vindos a mais um dia no paraíso.

Do lado de fora da casa, dava para ouvir o barulho distante de motores. Ronnie se levantou da cama e abriu a cortina, mas logo tomou um susto ao ver um guaxinim sentado em cima de um saco de lixo rasgado. Embora o lixo espalhado fosse nojento, o guaxinim era bonitinho, e ela bateu no vidro, tentando chamar sua atenção.

Foi então que percebeu as grades na janela.

Grades. Na. Janela.

Preso.

Trincando os dentes, ela saiu do quarto como um furacão e foi para a sala. Jonah estava vendo desenho animado e comendo uma tigela de cereal; seu pai olhou para cima, mas continuou a tocar.

Ela pôs as mãos na cintura, esperando que ele parasse, mas ele não parou. Ela notou que a foto que jogara no chão estava de volta no lugar, no topo do piano, só que sem o vidro.

– Você não pode me manter trancada durante o verão inteiro – disse ela. – Isso não vai acontecer.

O pai olhou para ela, embora continuasse a tocar.

– Do que você está falando?

– Você colocou grades na janela! Como se eu fosse sua prisioneira – acusou Ronnie.

– Eu disse que ela ia ficar brava – comentou o menino, ainda vendo desenho animado.

Steve balançou a cabeça, as mãos ainda se movendo pelas teclas.

– Não fui eu quem a colocou. A casa já era assim.

– Não acredito em você.

– É verdade – disse Jonah. – Para proteger as obras de arte.

– Não estou falando com você, Jonah! – Ela se virou para o pai.

– Vamos esclarecer uma coisa. Você não vai passar o verão me tratando como se eu ainda fosse criança! Já tenho 18 anos!

– Você só vai ter 18 anos no dia 20 de agosto – rebateu Jonah, atrás dela.

– Não se meta! – Ela se virou para o irmão. – Isso é entre mim e ele.

Jonah franziu a testa.

– Mas você ainda não tem 18 anos.

– A questão não é essa!

– Achei que você tivesse esquecido.

– Eu não esqueci! Não sou idiota.

– Mas você disse...

– Dá para você calar a boca por um segundo? – bradou ela, incapaz de esconder o desespero. Ela voltou a olhar para o pai, que continuava a tocar, sem deixar passar uma só nota. – O que você fez ontem à noite foi... – Ela parou, sem conseguir colocar tudo o que estava acontecendo, tudo o que tinha acontecido, em palavras. – Tenho idade suficiente para tomar minhas próprias decisões. Você não entende isso? Abriu mão do direito de me dizer o que fazer quando deixou nossa casa. E, *por favor*, preste atenção enquanto eu falo.

Abruptamente, o pai parou de tocar.

– Não gosto deste joguinho que você está fazendo – disse ela.
– Que joguinho?
– Esse! Tocar piano a cada minuto em que estou aqui! Não estou nem aí para quanto você quer que eu toque! Nunca mais vou tocar piano! Muito menos para você!

– Tudo bem.

Ela esperou por mais, só que aquilo era tudo.

– É só isso? – perguntou ela. – É tudo o que você vai me dizer?

O pai parecia refletir sobre qual seria a melhor resposta.

– Quer tomar café da manhã? Fiz um pouco de bacon.

– Bacon? Você fez *bacon*?

– Xi... – murmurou Jonah.

O pai olhou para Jonah.

– Ela é vegetariana, pai – explicou ele.

– É mesmo? – soltou ele.

Jonah respondeu por ela:

– Há três anos. Mas ela é meio esquisita, então faz sentido.

Ronnie olhou para eles, espantada, perguntando-se como o assunto tinha mudado daquele jeito. Não tinha nada a ver com bacon, mas com o que acontecera na noite anterior.

– Vamos deixar uma coisa bem clara – disse ela. – Se você mandar a polícia me levar em casa de novo, eu não vou só me recusar a tocar piano: eu não vou *voltar para casa*. Nunca, nunca mais vou falar com você. Se não acredita, experimente. Já passei três anos sem falar com você, e foi a coisa mais fácil que eu já fiz.

Dito isso, ela marchou de volta para o quarto. Em vinte minutos, depois de tomar banho e trocar de roupa, já estava fora de casa.



Seu primeiro pensamento, enquanto andava com dificuldade pela areia, era que deveria ter colocado um short.

Já estava quente, o ar espesso com a umidade. Por todos os lados da praia havia pessoas deitadas em toalhas ou brincando na arrebentação. Perto do cais, ela avistou alguns surfistas flutuando em suas pranchas, esperando pela onda perfeita.

Além dos surfistas, na ponta do cais, o festival já tinha acabado. As atrações foram desmontadas, e as barracas, levadas embora, deixando lixo e restos de comida por toda parte. Seguindo em frente, ela vagou pela pequena área comercial da cidade. Nenhum estabelecimento estava aberto, mas a maioria era do tipo que ela jamais frequentaria – artigos de praia para turistas, duas lojas de roupas que pareciam especializadas em saias e blusas que a mãe dela usaria, um Burger King e um McDonald's, dois lugares nos quais ela se recusava a entrar por princípio. Adicionando o hotel e meia dúzia de restaurantes de luxo e bares, não havia mais nada. No fim das contas, os únicos locais interessantes eram uma loja de surf e uma de música, além de um restaurante à moda antiga, que ela poderia se imaginar frequentando com amigos... se chegasse a fazer alguma amizade.

Ela voltou para a praia e desceu pela duna, observando que a multidão havia se multiplicado. Era um dia lindo, com uma brisa agradável; o céu era de um azul intenso e sem nuvens. Se Kayla estivesse ali, ela até consideraria passar o dia pegando sol, mas Ronnie não tinha a menor vontade de colocar um biquíni e ficar sentada sozinha. Mas o que lhe restava fazer?

Talvez devesse arranjar um emprego. Isso lhe daria uma desculpa para ficar fora de casa durante a maior parte do dia. Não tinha visto nenhum cartaz oferecendo emprego nas vitrines do centro, mas alguém devia estar contratando, certo?

– Conseguiu chegar bem em casa? Ou o policial acabou dando em cima de você?

Ronnie virou para trás e viu Blaze na duna, semicerrando os

olhos e indo em sua direção. Perdida em seus pensamentos, ela não tinha percebido a presença da garota.

– Não, ele não tentou nada comigo.

– Ah, então foi você quem deu em cima dele?

Ronnie cruzou os braços.

– Já acabou?

Blaze deu de ombros e fez uma expressão travessa. Ronnie sorriu.

– Então, o que aconteceu depois que fui embora? Alguma coisa animada?

– Não. Os caras saíram, mas não sei para onde foram. Acabei ficando no Bower's Point.

– Você não foi para casa?

– Não. – Ela se levantou e tirou a areia da calça jeans. – Você tem dinheiro aí?

– Por quê?

Blaze ficou em pé.

– Não comi nada desde ontem de manhã. Estou com um pouco de fome.

7



Will

Will, de uniforme, estava no vão sob o Ford Explorer, observando o óleo drenar, ao mesmo tempo que fazia o seu melhor para ignorar Scott, algo que era mais fácil de falar do que de fazer. Scott não parara de falar sobre a noite anterior desde que chegaram ao trabalho, naquela manhã.

– Viu, você estava considerando o assunto de maneira errada – prosseguiu ele, tentando uma nova abordagem. Ele pegou três latas de óleo e as colocou na prateleira ao seu lado. – Tem uma diferença entre *ficar* e *reatar o namoro*.

– Ainda não acabamos com esse assunto?

– Teríamos acabado se você tivesse algum juízo. Mas, na minha opinião, é óbvio que você estava fazendo confusão. Ashley não quer voltar com você.

– Eu não estava fazendo confusão – disse Will. Ele limpou as mãos em uma toalha. – Isso é *exatamente* o que ela estava querendo.

– Não foi o que a Cassie me disse.

Will deixou de lado a toalha e pegou uma garrafa de água. O estabelecimento de seu pai era especializado em reparos de freios, troca de óleo, ajuste de motores e alinhamentos frontais, e o patriarca sempre queria que o local parecesse ter sido inaugurado naquele dia, com o chão sempre limpo e encerado. Infelizmente, o ar-condicionado não era tão importante para ele e, no verão, a temperatura ficava em algum ponto entre a dos desertos do Mojave e o do Saara. Ele tomou um longo gole de água, terminando a garrafa, antes de se dirigir a Scott novamente. O amigo era de longe a pessoa mais teimosa que ele conhecia. O cara conseguia enlouquecê-lo.

– Você não conhece a Ashley como eu conheço. – Ele suspirou.
– Além disso, está tudo terminado. Não sei por que você continua tocando no assunto.

– Além do fato de que vocês não saíram juntos ontem à noite? Porque sou seu amigo e me importo com você. Quero que você aproveite este verão. Quero aproveitar este verão. Quero me divertir com a Cassie.

– Então saia com ela.

– Ah, se fosse tão fácil... Ontem à noite sugeri a mesma coisa, mas a Ashley estava tão chateada que a Cassie não quis deixá-la sozinha.

– Sinto muito que não tenha dado certo.

Scott não acreditou.

– É, dá para ver que você se importa muito.

Nesse momento, o óleo já havia drenado. Will pegou as latas e desceu as escadas, enquanto Scott permanecia embaixo para substituir a vela de ignição e despejar o óleo usado no barril de reciclagem. Ao abrir a lata e colocar o funil, Will olhou para Scott.

– Ah, falando nisso, você viu a menina que interrompeu a briga?
– perguntou ele. – Aquela que ajudou o garotinho a encontrar a mãe?

Demorou um pouco para aquelas palavras serem registradas.

– Está falando da esquisitona que parecia uma vampira com camiseta de desenho animado?

– Ela não parece uma vampira.

– Sim, eu vi. Meio baixinha, uma faixa roxa horrível no cabelo, unhas pintadas de preto? Você deixou cair seu refrigerante nela, lembra? Ela achou que você estava fedendo.

– O quê?

– Só estou falando – disse Scott, pegando o recipiente. – Você não viu a cara dela depois do esbarrão, mas eu vi. Ela não conseguiu se afastar de você rápido o bastante. Você provavelmente estava fedendo, e ela percebeu.

– Ela teve que comprar uma camiseta nova.

– E daí?

Will acrescentou a segunda lata.

– Sei lá. Ela só me surpreendeu. E eu nunca a tinha visto por aqui.

– Repito: e daí?

O problema era que Will não sabia muito bem por que estava pensando na garota. Especialmente levando-se em consideração o pouco que sabia sobre ela. Sim, era bonita – ele percebeu isso de imediato, apesar do cabelo roxo e do rímel escuro –, mas a praia estava cheia de garotas bonitas. Também não foi pela maneira como ela impedira a briga no meio da confusão. Na verdade, ele não parava de pensar na maneira como ela tratara o garotinho que tinha caído. Vislumbrara uma ternura surpreendente sob aquela aparência rebelde, e isso despertara a sua curiosidade.

Ela não era nem um pouco parecida com Ashley. Não que Ashley fosse uma má pessoa, mas havia algo superficial nela, mesmo que Scott não quisesse acreditar. No mundo de Ashley, tudo e todos eram colocados em caixinhas organizadas: popular ou impopular, caro ou barato, rico ou pobre, bonito ou feio. E ele

acabou se cansando de seus julgamentos superficiais e de sua incapacidade de aceitar ou apreciar qualquer coisa que estivesse no meio-termo.

Mas a garota com a faixa roxa no cabelo...

Como que por instinto, ele sabia que ela não era assim. Não tinha certeza absoluta, claro, mas apostaria nisso. Ela não colocava os outros em caixinhas predefinidas porque não colocava a si mesma em nenhuma, e isso lhe pareceu diferente, um sopro de ar fresco, sobretudo se comparado às garotas que ele conhecia em Laney. Principalmente Ashley.

Embora o trabalho estivesse intenso na oficina, seus pensamentos voltavam para a recém-conhecida com mais frequência do que ele esperava.

Não o tempo todo. Mas o suficiente para fazê-lo perceber que, por alguma razão, queria conhecê-la um pouco melhor, e se perguntou se a veria outra vez.

8



Ronnie

Acompanhada por Blaze enquanto seguia para o restaurante que vira em sua caminhada pela área comercial, Ronnie teve que admitir que o local exalava algum charme, especialmente para quem gostava da década de 1950. Havia um balcão antiquado com vários tamboretos, o piso era de ladrilhos pretos e brancos e as mesas reservadas, forradas de vinil vermelho rachado, ficavam alinhadas ao longo das paredes. Atrás do balcão, o menu estava escrito em um quadro-negro e, pelo que Ronnie percebeu, a única mudança nele nos últimos trinta anos foram os preços.

Blaze pediu um cheeseburger, um milk-shake de chocolate e batata frita; Ronnie não conseguia se decidir e acabou pedindo apenas uma Coca sem açúcar. Ela estava com fome, mas não tinha muita certeza do tipo de óleo que eles usavam na fritadeira e parecia que ninguém ali tampouco sabia. Ser vegetariana nem sempre era fácil, e havia momentos em que ela queria desistir.

Como nas ocasiões em que seu estômago roncava. Como naquele instante.

Mas ela não comeria ali. Não podia comer ali, não só por ser vegetariana, mas por ser uma vegetariana que não queria passar mal. Ela não se importava com o que as outras pessoas comiam; o problema era que, sempre que pensava sobre a verdadeira origem da carne, imaginava uma vaca em um belo prado, ou Babe, o porquinho atrapalhado, e começava a se sentir enjoada.

Blaze, no entanto, parecia feliz. Depois de fazer o pedido, ela relaxou e encostou o corpo no acolchoado do reservado.

– O que você achou deste lugar? – perguntou ela.

– É bem cuidado. Um pouco diferente.

– Eu venho aqui desde criança. Meu pai me trazia todos os domingos depois da igreja para um milk-shake de chocolate. São os melhores. Eles compram o sorvete de um lugarzinho na Geórgia e é incrível. Você devia experimentar.

– Não estou com fome.

– É mentira – afirmou Blaze. – Ouvi seu estômago roncar, mas a decisão é sua. Você sabe bem o que está perdendo. Mas obrigada pela comida.

– Sem problema.

Blaze sorriu.

– O que aconteceu ontem à noite? Você é... famosa ou algo assim?

– Como assim?

– Por causa do policial se dirigindo diretamente a você. Deve ter alguma razão para isso.

Ronnie fez uma careta.

– Acho que o meu pai pediu a ele para ir me encontrar. Ele até sabia onde eu morava.

– Que droga ser você. Boa sorte.

Ronnie começou a rir. Blaze pegou o saleiro e jogou sal em cima da mesa, usando um dedo para moldar os grãos em uma pilha.

– O que você achou do Marcus? – perguntou ela.

– Não conversei direito com ele. Por quê?

Blaze parecia escolher suas palavras com cuidado.

– O Marcus nunca gostou de mim – disse ela. – Quero dizer, quando eu era pequena. Também não posso dizer que ia muito com a cara dele. Ele sempre foi meio... cruel, entende? Mas então, não sei, de uns dois anos para cá as coisas mudaram. E quando eu realmente precisei de alguém, ele estava disposto a me ajudar.

Ronnie viu a pilha de sal crescer.

– E...?

– Eu só queria que você soubesse.

– Tudo bem – disse ela. – Tanto faz.

– Vai você.

– Do que você está falando?

Blaze arrancou um pouco do esmalte preto das unhas.

– Eu participava de competições de ginástica, e por uns quatro ou cinco anos isso era a coisa mais importante da minha vida. Acabei desistindo por causa do meu treinador. Ele era muito rigoroso, sempre apontando o que eu tinha feito de errado, nunca elogiando o que eu fazia direito. Enfim, um dia, eu estava executando uma nova aterrissagem da trave e ele veio correndo na minha direção, berrando sobre a maneira correta de plantar os pés e como eu tinha que parar e mais um monte de coisa que eu já tinha ouvido um milhão de vezes. Eu estava cansada de ouvir aquilo tudo. Então eu disse “tanto faz” e ele agarrou o meu braço com tanta força que deixou hematomas. Enfim, ele me disse: “Você sabe o que está dizendo quando simplesmente diz ‘tanto faz’? É apenas outra expressão para ‘vai se fo...’”. E, na sua idade, você nunca, jamais, pode falar isso para alguém.” – Blaze se inclinou para trás. – Então, agora, quando alguém diz isso para mim, eu só respondo: “Vai você.”

Naquele momento, a garçonete chegou com a comida e a

colocou diante delas com bastante eficiência. Quando a mulher se foi, Ronnie pegou seu refrigerante.

– Obrigada pela história comovente.

– Tanto faz.

Ronnie riu mais uma vez, apreciando o senso de humor da nova amiga.

Blaze se inclinou sobre a mesa.

– Então, qual foi a pior coisa que você já fez?

– O quê?

– É sério. Sempre faço essa pergunta às pessoas. Acho interessante.

– Está bem – respondeu Ronnie. – Qual foi a pior coisa que você já fez?

– Essa é fácil. Quando eu era pequena, tinha uma vizinha, a Sra. Banderson. Ela não era a mulher mais simpática do mundo, mas também não era nenhuma bruxa. Quero dizer, não é como se ela não abrisse a porta para as crianças no Dia das Bruxas nem nada disso. Mas a maior paixão da vida dela era o jardim, sabe? E o gramado. Se alguma vez a gente atravessasse o gramado para pegar o ônibus escolar, ela saía gritando, dizendo que estávamos destruindo a grama. Enfim, em uma primavera, ela plantou um monte de flores no jardim. Centenas. Ficou maravilhoso. Bem, havia um garoto do outro lado da rua chamado Billy, que não gostava muito da Sra. Banderson, porque uma vez ele rebateu uma bola de beisebol que caiu no quintal dela e ela não quis devolver. Então, um dia, estávamos bisbilhotando o galpão do jardim da casa dele e nos deparamos com um grande pulverizador cheio de Roundup. Aquele que mata as ervas daninhas, sabe? Bem, ele e eu saímos escondidos depois que escureceu e jogamos veneno em todas aquelas flores novas, não me pergunte por quê. Acho que na época pensamos que seria engraçado. Que não era grande coisa. Era só comprar outras, certo? Não dava para saber na hora, é claro.

Demorava algum tempo até começar a fazer efeito. E a Sra. Banderson ficou lá fora todos os dias, regando, limpando as ervas daninhas até perceber que todas as suas flores novas começaram a murchar. No início, Billy e eu rimos muito, mas depois comecei a notar que ela ficava lá antes da escola tentando descobrir o que havia de errado, e continuava lá quando voltávamos. E no fim da semana, todas estavam mortas.

– Que coisa horrível! – exclamou Ronnie, rindo um pouco, apesar de não querer.

– Eu sei. E ainda me sinto mal por isso. É uma daquelas coisas que eu gostaria de desfazer, se pudesse.

– Você contou para ela? Ou se ofereceu para substituir as flores?

– Meus pais teriam me matado. Mas eu nunca, nunca mais andei naquele gramado.

– Uau.

– Como eu disse, foi a pior coisa que já fiz. Agora é a sua vez.

Ronnie pensou.

– Fiquei três anos sem falar com meu pai.

– Disso eu já sei. E não é tão ruim assim. Como eu disse, também tento não falar com meu pai. E minha mãe não faz ideia de onde estou a maior parte do tempo.

Ronnie olhou para longe. Acima do jukebox, havia uma foto de Bill Haley & His Comets.

– Eu furtava coisas nas lojas – disse ela, quase num sussurro. – Nada grande. Era mais pela emoção.

– Furtava?

– Não mais. Fui pega. Na verdade, fui pega duas vezes, mas, na segunda, foi um acidente. O caso foi parar num tribunal, só que as acusações continuaram valendo por um ano. Basicamente, isso significa que, se eu não me encenar de novo, as acusações serão desconsideradas.

Blaze baixou o hambúrguer.

– É isso? Foi a pior coisa que você já fez?

– Nunca matei as flores de alguém, se é isso que você quer dizer. Nem vandalizei nada.

– Você nunca enfiou a cabeça do seu irmão na privada? Ou bateu o carro? Ou raspou o pelo do gato ou algo assim?

Ronnie deu um sorrisinho.

– Não.

– Você é provavelmente a adolescente mais chata do mundo.

Ronnie riu mais uma vez, antes de tomar um gole do refrigerante.

– Posso fazer uma pergunta?

– Vá em frente.

– Por que você não foi para casa ontem à noite?

Blaze pegou uma pitada do sal que havia empilhado e jogou nas batatas fritas.

– Porque eu não quis.

– E sua mãe? Ela não ficou irritada?

– Provavelmente – respondeu Blaze.

A porta do restaurante se abriu de repente, Ronnie se virou e viu Marcus, Teddy e Lance indo em direção à mesa delas. Marcus usava uma camiseta com uma caveira e tinha uma corrente presa no lugar do cinto da calça jeans.

Blaze abriu espaço, mas, curiosamente, Teddy se sentou ao lado dela, enquanto Marcus se enfiou ao lado de Ronnie. Quando Lance puxou uma cadeira da mesa ao lado e a virou para se sentar, Marcus puxou o prato de Blaze. Teddy e Lance automaticamente pegaram as batatas fritas.

– Ei, isso é para a Blaze! – gritou Ronnie, tentando impedi-los. – Comprem a comida de vocês.

Marcus se virou de uma garota para a outra.

– É mesmo?

– Está tudo bem – disse Blaze, empurrando o prato para mais perto dele. – De verdade. Não vou conseguir comer tudo mesmo.

Marcus pegou o ketchup, agindo como se tivesse provado o seu ponto de vista.

– Então, sobre o que vocês duas estavam falando? Da janela, parecia interessante.

– Sobre nada – respondeu Blaze.

– Vou adivinhar. Ela estava falando sobre o namorado sexy da mãe dela e dos números noturnos dos dois no trapézio, certo?

Blaze se remexeu na cadeira.

– Não seja nojento.

Marcus lançou um olhar incisivo para Ronnie.

– Ela já contou sobre a noite em que um dos namorados da mãe entrou escondido no quarto da Blaze? Ela disse: “Você tem quinze minutos para sair daqui.”

– Cale a boca. Isso não tem graça. E não estávamos falando dele.

– Tanto faz – disse ele, com um sorriso malicioso.

Blaze pegou seu milk-shake enquanto Marcus começou a comer o sanduíche. Teddy e Lance pegaram mais batatas fritas e, nos cinco minutos seguintes, os três devoraram a maior parte do que estava no prato. Blaze não disse nada, para tristeza de Ronnie, que ficou se perguntando por quê.

Na verdade, ela não se perguntou. Parecia óbvio que Blaze não queria que Marcus se zangasse com ela, por isso deixou que ele fizesse o que bem entendesse. Ela já tinha visto aquilo: Kayla, com toda a sua postura durona, era do mesmo jeito quando se tratava dos homens. E, em geral, eles a tratavam como lixo.

Mas ela não diria nada ali. Sabia que só pioraria as coisas.

Blaze tomou sua bebida e a colocou de volta na mesa.

– Então, o que vocês querem fazer depois daqui?

– Estamos fora – grunhiu Teddy. – Nosso velho precisa de mim e

do Lance para trabalhar hoje.

– Eles são irmãos – explicou Blaze.

Ronnie analisou os dois, sem identificar qualquer semelhança.

– São?

Marcus terminou o hambúrguer e empurrou o prato para o centro da mesa.

– Eu sei. É difícil acreditar que alguém possa ter dois filhos tão feios, né? Enfim, a família deles é dona de um motel de quinta categoria logo depois da ponte. Os canos devem ter uns cem anos e o trabalho do Teddy é desentupir as privadas quando estão cheias.

Ronnie franziu o nariz, tentando imaginar a cena.

– É sério?

Marcus assentiu.

– Nojento, né? Mas não se preocupe com o Teddy. Ele é ótimo nisso. Um verdadeiro prodígio. Na verdade, ele até gosta. E o trabalho do Lance é limpar os lençóis depois que o pessoal do meio-dia vai embora.

– Eca – disse Ronnie.

– Eu sei. É bem nojento – acrescentou Blaze. – E você devia ver algumas das pessoas que vão e pagam para ficar por hora. Dá para pegar uma doença só de entrar no quarto.

Ronnie não sabia ao certo como responder, então se virou para Marcus.

– E o que você faz? – perguntou ela.

– O que eu quiser – respondeu ele.

– E isso significa...? – desafiou Ronnie.

– Por que você se importa?

– Não me importo – disse ela, mantendo a voz calma. – Só estava perguntando.

Teddy pegou a última batata frita do prato de Blaze.

– Significa que ele fica no motel com a gente. No quarto dele.

– Você tem um quarto no motel?

– Eu moro lá – respondeu ele.

O óbvio seria perguntar por quê, e ela esperou que ele dissesse, mas Marcus permaneceu quieto. Ele devia querer que ela tentasse extrair a informação. Talvez estivesse errada, mas teve a súbita sensação de que o garoto queria que ela ficasse mais interessada. Queria que ela *gostasse* dele. Mesmo que Blaze estivesse bem ali.

Suas suspeitas foram confirmadas quando Marcus pegou um cigarro. Depois de acendê-lo, soprou a fumaça na cara de Blaze, virando-se em seguida para Ronnie.

– O que você vai fazer hoje à noite? – perguntou.

Ronnie se empertigou na cadeira, sentindo-se, de repente, desconfortável. Parecia que todos, inclusive Blaze, estavam esperando por sua resposta.

– Por quê?

– Vamos fazer uma reuniãozinha no Bower's Point. Não só nós. Um monte de gente. Quero que você vá. Sem os policiais dessa vez.

Blaze observou a mesa, brincando com o monte de sal. Diante do silêncio de Ronnie, Marcus se levantou e foi embora sem olhar para trás.

9



Steve

— Ei, pai – chamou Jonah. Ele estava de pé atrás do piano quando Steve trouxe os pratos de espaguete para a mesa. – Isso é uma foto sua com a vovó e o vovô?

– Sim, minha mãe e meu pai.

– Não me lembro dessa foto. Quero dizer, lá em casa.

– Durante muito tempo, ela ficou na minha sala, na escola.

– Ah! – exclamou Jonah. Ele se inclinou para ver a foto mais de perto. – Você se parece um pouco com o vovô.

Steve não tinha certeza do que achar disso.

– Talvez um pouco.

– Você sente falta dele?

– Ele era meu pai. O que você acha?

– Eu sentiria a sua falta.

Quando Jonah foi até a mesa, Steve pensou que aquele dia tinha sido satisfatório, até tranquilo. Eles passaram a manhã na oficina, onde ele ensinou Jonah a cortar vidro; os dois comeram sanduíche na varanda e cataram conchas no fim do dia. E Steve

tinha prometido que, assim que escurecesse, levaria Jonah para uma caminhada pela praia, e usariam lanternas para ver as centenas de caranguejos-aranha entrarem e saírem de suas tocas na areia.

Jonah puxou a cadeira e se esparramou. Tomou um copo de leite, que lhe deixou um bigode branco.

– Você acha que a Ronnie vai chegar logo?

– Espero que sim.

Jonah limpou a boca com a parte de trás da mão.

– Às vezes ela fica fora até muito tarde.

– Pois é.

– O policial vai trazer a Ronnie de volta para casa outra vez?

Steve olhou pela janela; o crepúsculo se aproximava e a água estava ficando opaca. Ele se perguntou onde ela poderia estar e o que estaria fazendo.

– Não – disse ele. – Hoje não.



Depois da caminhada na praia, Jonah tomou um banho e se arrastou para a cama. Steve puxou as cobertas e lhe deu um beijo no rosto.

– Obrigado pelo ótimo dia – sussurrou Steve.

– De nada.

– Boa noite, Jonah. Eu te amo.

– Eu também, pai.

Steve se levantou e fez menção de sair do quarto.

– Ei, pai!

Steve se virou.

– Sim?

– Seu pai alguma vez levou você para procurar caranguejos?

– Não – respondeu Steve.

- Por que não? Foi incrível.
 - Ele não era esse tipo de pai.
 - Ele era de que tipo?
- Steve refletiu sobre a pergunta.
- Ele era complicado – respondeu, finalmente.



Ao piano, Steve se lembrou da tarde, seis anos antes, em que tomou a mão do pai pela primeira vez na vida. Disse para o pai que sabia que ele tinha feito o melhor que pudera para criá-lo, que não o culpava de nada e que, acima de tudo, o amava.

O pai se virou para ele. Seus olhos estavam focados e, apesar das altas doses de morfina, sua mente estava desperta. Ele olhou Steve por um longo tempo antes de puxar sua mão.

- Você parece uma mulherzinha falando assim – disse ele.

Eles estavam em uma enfermaria no quarto andar do hospital. Seu pai já estava lá havia três dias. Tubos intravenosos saíam de seus braços, e fazia mais de um mês que ele não comia nada sólido. Seu rosto parecia cada vez mais encovado, sua pele era translúcida. De perto, Steve sentiu no hálito do pai o cheiro de deterioração, outro sinal de que o câncer anunciava sua vitória.

Steve virou para a janela. Lá fora, não via nada além do céu azul, uma bolha luminosa e inabalável em torno do quarto. Nenhum pássaro, nenhuma nuvem, nenhuma árvore por perto. Atrás dele, ouvia-se o bipe constante do monitor cardíaco. Parecia forte e estável, com ritmo regular, dando a impressão de que seu pai viveria mais vinte anos. Mas não era o coração que o estava matando.

- Como ele está? – indagou Kim mais tarde, naquela noite, enquanto conversavam ao telefone.

- Nada bem – respondeu ele. – Não sei quanto tempo ainda lhe resta, mas...

Ele parou no meio da frase. Podia imaginar Kim do outro lado, de pé, perto do fogão, sovando alguma massa ou cortando tomate, o telefone se equilibrando, posicionado entre a orelha e o ombro. Ela nunca conseguia parar quieta quando falava ao telefone.

– Alguém mais apareceu?

– Não – respondeu ele.

O que ele não contou foi que, de acordo com as enfermeiras, ninguém o visitara desde a internação.

– Conseguiu falar com ele? – perguntou Kim.

– Consegui, mas não por muito tempo. Ele passou a maior parte do dia dormindo e acordando.

– Você falou com ele o que eu pedi?

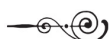
– Falei.

– O que ele respondeu? Disse que o amava também?

Steve sabia qual era a resposta que ela desejava ouvir. Ele estava na casa do pai, examinando as fotos sobre a lareira: a família depois que Steve foi batizado, uma foto do seu casamento com Kim, Ronnie e Jonah ainda pequenos. As molduras estavam empoeiradas, intocadas havia anos. Ele sabia que fora sua mãe quem as colocara ali e, enquanto as observava, imaginou em que o pai pensava quando as olhava, ou mesmo se ele as olhava, ou se ao menos percebia que estavam lá.

– Sim – respondeu ele, depois de alguma hesitação. – Ele disse que me amava.

– Fico feliz – afirmou ela. Seu tom de voz estava mais aliviado e satisfeito, como se a resposta tivesse lhe dado certezas sobre o mundo. – Eu sei quanto isso era importante para você.



Steve cresceu em uma casa branca em estilo rancho que ficava em um bairro de casas iguais, no interior da ilha. Era um imóvel

pequeno, com dois quartos, um único banheiro e uma garagem separada, que abrigava as ferramentas de seu pai e tinha cheiro de serragem. O quintal, sombreado por um carvalho retorcido que exibia folhas verdes durante todo o ano, não recebia sol suficiente, então sua mãe plantou a horta na parte da frente. Cultivou tomates, cebolas, nabos, feijão, repolho e milho e, nos verões, era impossível ver, da sala de estar, a estrada que passava diante da casa. Às vezes, Steve ouvia os vizinhos resmungando aos sussurros, reclamando sobre como isso diminuía o valor das outras propriedades, mas a horta era replantada a cada primavera e ninguém jamais disse uma única palavra pessoalmente a seu pai. Sabiam, tão bem quanto ele, que reclamar não daria em nada. Além disso, gostavam de sua esposa, e todos sabiam que precisariam dos serviços dele um dia.

Seu pai era um bom carpinteiro, mas, na verdade, tinha um dom para consertar qualquer coisa. No decorrer dos anos, Steve o tinha visto reparar rádios, televisores, motores de carros e cortadores de grama, canos rachados, calhas, janelas quebradas e, uma vez, até mesmo as prensas hidráulicas de uma pequena fábrica de ferramentas que ficava quase na fronteira do estado. O homem nunca frequentara o ensino médio, mas tinha uma compreensão inata de mecânica e conceitos de construção. À noite, quando o telefone tocava, seu pai sempre atendia, já que em geral era para ele. Na maioria das vezes, falava muito pouco, apenas ouvindo enquanto uma emergência ou outra era descrita; em seguida, Steve o via anotar o endereço com cuidado em algum pedaço de papel que rasgava de jornais velhos. Depois de desligar, seu pai se aventurava na garagem, enchia a caixa de ferramentas e saía, geralmente sem mencionar aonde ia ou quando voltaria. De manhã, o cheque estava dobrado caprichosamente sob a estátua de Robert E. Lee que seu pai havia esculpido a partir de um pedaço de madeira, e sua mãe lhe fazia uma massagem e prometia que iria

depositá-lo no banco enquanto ele tomava café da manhã. Esse era o único sinal de afeição que Steve observava entre eles. De modo geral, o casal não discutia, sempre evitando conflitos. Pareciam apreciar a companhia um do outro quando estavam juntos e, certa vez, ele os viu de mãos dadas enquanto assistiam à TV; porém, nos dezoito anos em que viveu naquela casa, Steve nunca viu os pais se beijarem.

Se seu pai tinha alguma paixão na vida, era o pôquer. Nas noites em que o telefone não tocava, ele ia a uma das pousadas para jogar. Frequentava aqueles estabelecimentos não pela camaradagem, mas pelo jogo. Lá, ele se sentava à mesa com outros maçons, membros da sociedade protetora dos alces, veteranos, e passava horas jogando pôquer. O jogo o transformava; ele adorava calcular as probabilidades de conseguir uma sequência ou de blefar quando tudo o que tinha na mão era um par de seis. Quando falava sobre o jogo, ele o descrevia como se fosse uma ciência, como se a sorte não influenciasse a vitória.

– O segredo é saber mentir – dizia ele –, e saber quando alguém está mentindo.

Com o tempo, Steve concluiu que o pai sabia mentir. Com seus 50 e poucos anos, as mãos quase inutilizadas por mais de três décadas de carpintaria, ele parou de instalar sancas e esquadrias de portas nas casas personalizadas à beira-mar que começavam a surgir na ilha; também passou a deixar de atender o telefone à noite. De alguma maneira, continuou a pagar as contas e, até o fim da vida, tinha mais do que o suficiente no banco para pagar pelos cuidados médicos que seu plano de saúde não cobria.

Ele nunca jogava pôquer no sábado ou no domingo. Os sábados eram reservados para tarefas de manutenção da casa e, embora a horta na frente fosse um incômodo para os vizinhos, o interior do imóvel era como uma vitrine. Ao longo dos anos, ele acrescentou sancas e lambris, esculpiu os suportes da lareira em dois blocos de

bordo. Construiu os armários na cozinha e colocou pisos de madeira que eram tão lisos e regulares quanto uma mesa de bilhar. Remodelou o banheiro, empreitada que voltaria a realizar oito anos depois. Todos os sábados à noite, ele vestia paletó e gravata e levava a esposa para jantar. Os domingos, ele reservava para si mesmo. Após a igreja, ficava remexendo em suas coisas na oficina, enquanto a esposa preparava tortas ou fazia conservas de legumes na cozinha.

Na segunda-feira, a rotina toda começava outra vez.

Seu pai nunca o ensinou a jogar pôquer. Steve teve a esperteza de aprender o básico por conta própria e gostava de pensar que era bom o suficiente para identificar um blefe. Jogou algumas vezes com colegas da faculdade e descobriu que era apenas mediano, não melhor ou pior do que qualquer um. Depois de se formar e se mudar para Nova York, ele passou a visitar os pais de vez em quando. A primeira ocasião foi depois de dois anos de ausência. Quando atravessou a porta, sua mãe o abraçou com entusiasmo e lhe deu um beijo no rosto. O pai apertou sua mão e disse: “Sua mãe sentiu a sua falta.” Torta de maçã e xícaras de café foram servidas, e, depois que terminaram de comer, o pai já estava pegando o paletó e as chaves do carro. Era uma terça-feira, o que significava que ele sairia para jogar. O jogo terminaria às dez e ele estaria em casa quinze minutos depois.

– Não... não hoje à noite – pediu a mãe, seu sotaque europeu forte como sempre. – Steve acabou de chegar em casa.

Ele se lembrou de ter observado que aquela fora a única vez que ouvira a mãe pedir a seu pai que não saísse para jogar, mas, se o pai ficou surpreso, não demonstrou. Ele parou à porta e se virou, com o rosto inescrutável.

– Ou então o leve com você – pediu ela.

Ele colocou o paletó sobre o braço.

– Você quer ir?

– Claro. – Steve tamborilou sobre a mesa. – Por que não? Parece divertido.

Depois de um momento, a boca de seu pai se contorceu, exibindo o menor e mais discreto sorriso. Se estivessem à mesa de pôquer, Steve duvidava que ele teria demonstrado tanto.

– Você está mentindo – disse ele.



Sua mãe faleceu repentinamente alguns anos depois daquele encontro, quando uma artéria estourou em seu cérebro. No hospital, ao lado do pai, Steve pensava na imensa bondade dela quando seu pai acordou com um leve chiado. Ele virou a cabeça e avistou Steve no canto. Naquela posição, com as sombras cobrindo os vincos do seu rosto, ele dava a impressão de ser apenas um esqueleto.

– Você ainda está aqui.

Steve deixou de lado a partitura e arrastou a cadeira para mais perto.

– Sim, ainda estou aqui.

– Por quê?

– Como assim, por quê? Porque você está no hospital.

– Estou no hospital porque estou morrendo. Você por aqui ou não, eu estaria morrendo do mesmo jeito. Vá para casa. Você tem mulher e filhos. Não há nada que você possa fazer por mim aqui.

– Mas quero estar aqui – afirmou Steve. – Você é meu pai. Por quê? Você não quer que eu fique aqui?

– Talvez eu não queira que você me veja morrer.

– Eu vou embora, se você quiser.

O pai fez um barulho parecido com uma bufada.

– Está vendo? Esse é o seu problema. Você quer que eu decida por você. Esse sempre foi o seu problema.

– Talvez eu só queira passar um tempo com você.

– Você quer? Ou sua esposa quis que você viesse?

– Isso faz diferença?

O pai tentou sorrir, mas o sorriso surgiu como uma careta.

– Não sei. Faz?



Sentado diante do piano, Steve ouviu um carro se aproximar. Os faróis piscaram através da janela e correram pelas paredes e, por um instante, ele pensou que Ronnie conseguira uma carona para casa. Mas a luz se encolheu e desapareceu rapidamente, e Ronnie ainda não estava lá.

Já passava da meia-noite. Ele se perguntou se deveria ir atrás dela.

Alguns anos atrás, antes de Ronnie ter parado de falar com ele, Steve e Kim tinham procurado uma conselheira matrimonial cujo escritório ficava perto de Gramercy Park, em um edifício reformado. Steve se lembrou de estar sentado ao lado de Kim em um sofá, de frente para uma mulher de rosto fino, com pouco mais de 30 anos, que usava calça cinza e gostava de pressionar as pontas dos dedos umas nas outras. Ao ver os movimentos da mão dela, Steve percebeu que a mulher não usava aliança.

Ele se sentia desconfortável; o aconselhamento fora ideia de Kim, e ela já tinha ido lá sozinha. Aquela era sua primeira sessão conjunta e, ao apresentá-lo, ela disse à conselheira que Steve mantinha seus sentimentos guardados para si mesmo, mas que não era culpa dele. O pai e a mãe do marido eram pessoas fechadas, explicou. Além disso, ele crescera em uma família que não discutia seus problemas. Ele encontrou sua fuga na música, continuou ela, e foi apenas por meio do piano que aprendeu a sentir qualquer coisa.

– Isso é verdade? – perguntou a conselheira.

– Meus pais eram pessoas boas.

- Isso não responde à pergunta.
- Não sei o que você quer que eu diga.

A conselheira suspirou.

– Ok, que tal isso? Todos nós sabemos o que aconteceu e por que você está aqui. Acho que o desejo de Kim é que você diga a ela como se sentiu diante de tudo.

Steve refletiu. Ele queria dizer que toda aquela conversa sobre sentimentos era irrelevante. Que as emoções vêm e vão e não podem ser controladas, então não havia motivo para se preocupar com elas. Que, no fim, as pessoas deveriam ser julgadas por suas ações, já que eram o que as definiam.

Mas não falou nada disso e apenas entrelaçou os dedos.

– Você quer saber como me senti com isso.

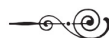
– Sim. Mas não fale para mim. – Ela fez um gesto para a pessoa ao lado dele. – Diga a Kim.

Ele se virou para a esposa, sentindo sua expectativa.

– Eu me senti...

Ele estava em um escritório com sua esposa e uma estranha, envolvidos no tipo de conversa que ele nunca poderia ter imaginado quando era pequeno. Era pouco mais de dez horas da manhã, e ele estava de volta a Nova York por apenas alguns dias. Sua turnê o levava a mais de vinte cidades, enquanto Kim trabalhava como assistente jurídica em um escritório de advocacia de Wall Street.

– Eu me senti... – repetiu ele.



Quando o relógio marcou uma da manhã, Steve foi para a varanda dos fundos. A escuridão da noite tinha dado lugar à luz arroxeadada da lua, possibilitando uma vista de quase toda a praia. Ele não via a filha fazia dezesseis horas e estava inquieto, quase preocupado. Ele

acreditava que ela seria inteligente e cuidadosa o bastante para cuidar de si mesma.

Ok, talvez ele estivesse um pouco preocupado.

Começou a imaginar se ela desapareceria também no dia seguinte. E se seria a mesma história dia após dia, durante todo o verão.

Passar um tempo com Jonah havia sido uma surpresa, como se tivesse encontrado um tesouro escondido, e ele queria fazer o mesmo com ela. Saiu da varanda e voltou para dentro.

Quando estava se sentando ao piano, sentiu novamente a mesma coisa que dissera à conselheira matrimonial.

Vazio.

10



Ronnie

Por um tempo, um grupo maior havia se reunido no Bower's Point, mas, um por um, todos foram embora, até que apenas os cinco frequentadores de sempre permaneceram. Alguns eram razoáveis, um ou outro era até interessante, mas os destilados e a cerveja começaram a fazer efeito e todos, menos Ronnie, acharam que eles eram muito mais engraçados do que realmente eram. Depois de um tempo, aquilo já estava ficando meio chato e entediante.

Estava sozinha à beira da água. Atrás dela, perto da fogueira, Teddy e Lance fumavam, bebiam e, de vez em quando, jogavam bolas de fogo um no outro, Blaze falava de forma arrastada, dependurada em Marcus. Estava ficando tarde, também. Não para os padrões de Nova York – em sua cidade, ela só aparecia nas boates depois da meia-noite –, mas, considerando a hora em que se levantara pela manhã, tinha sido um longo dia. Estava cansada.

No dia seguinte, pretendia dormir até tarde. Quando chegasse em casa, penduraria toalhas ou um cobertor na haste de cortina; ela os pregaria na parede, se fosse necessário. Não tinha intenção de

passar o verão inteiro acordando cedo, mesmo que fosse apenas passar o dia na praia com Blaze.

Blaze a surpreendera com a sugestão, que lhe soou bastante interessante. Além disso, não havia muito mais a fazer. Mais cedo, depois que saíram do restaurante, elas caminharam pela maioria das lojas das redondezas – incluindo a loja de música, que era muito legal – e depois foram à casa de Blaze assistir a *Clube dos Cinco*, enquanto a mãe da garota estava no trabalho. Claro, era um filme dos anos 1980, mas Ronnie ainda o amava e o tinha visto mais de dez vezes. Embora datado, o longa lhe parecia surpreendentemente real. Mais autêntico do que o que estava acontecendo ali, naquela noite – sobretudo porque, quanto mais Blaze bebia, mais ela ignorava Ronnie e se agarrava em Marcus.

Ronnie já não gostava de Marcus nem confiava nele. Seu radar era apurado quando se tratava de homens, e ela sentiu que havia algo errado em relação a ele. Era como se *faltasse* alguma coisa nos olhos dele quando conversava com ela. Ele dizia as coisas certas – pelo menos parou de fazer sugestões malucas sobre irem para a Flórida, o que, aliás, fora muito esquisito –, porém, quanto mais tempo ela passava em sua companhia, mais ele a assustava. Ronnie também não gostava de Teddy e Lance, mas Marcus... Ela percebeu que agir normalmente não passava de um jogo que ele usava para manipular as pessoas.

E Blaze...

Foi estranho estar na casa dela mais cedo, porque tudo ali parecia normal. A casa ficava em uma tranquila rua sem saída, com persianas azuis brilhantes e uma bandeira americana tremulando na varanda. Por dentro, as paredes eram pintadas com cores alegres, e um vaso de flores recém-cortadas ficava em cima da mesa da sala. O lugar era limpo, mas não de maneira neurótica. Na cozinha, havia algum dinheiro na mesa, junto a um bilhete para Blaze. Quando Ronnie a flagrou enfiando algumas notas no bolso e lendo o bilhete,

Blaze mencionou que a mãe sempre deixava dinheiro para ela. Era assim que ela sabia que a filha estava bem quando não voltava para casa.

Que estranho.

O que Ronnie realmente queria era conversar com Blaze sobre Marcus, mas sabia que isso não traria nada de bom. Ela aprendera isso com Kayla – que vivia em negação –, mas, mesmo assim, não fazia sentido. Marcus era sinônimo de encrenca e Blaze ficaria claramente melhor sem ele. Ela se perguntou por que Blaze não conseguia enxergar isso. Talvez no dia seguinte as duas conversassem sobre o assunto na praia.

– Estamos entediando você?

Ela se virou e notou que Marcus estava parado atrás dela. Ele segurava uma bola de fogo, deixando-a rolar pela parte de trás da mão.

– Só queria ficar mais perto da água.

– Quer que eu te traga uma cerveja?

Pelo jeito que ele perguntou, Ronnie percebeu que ele já sabia qual seria a resposta.

– Eu não bebo.

– Por quê?

Porque faz as pessoas agirem de maneira idiota, ela poderia ter respondido. Mas não disse isso. Sabia que qualquer explicação que oferecesse só prolongaria a conversa.

– Não bebo. Só isso.

– Não basta recusar? – provocou Marcus.

– Não...

Ele deu um breve sorriso, mas seus olhos eram sempre como poços de escuridão.

– Você se acha melhor do que a gente?

– Não.

– Então, venha. – Ele fez um gesto para a fogueira. – Sente-se

com a gente.

– Estou bem aqui.

Ele olhou por cima do ombro. Ronnie viu Blaze atrás dele, procurando mais uma cerveja na caixa de isopor, a última coisa de que precisava. Ela já não estava se equilibrando direito quando ficava de pé.

Sem qualquer aviso, ele deu um passo na direção de Ronnie, levantando a mão para segurar sua cintura. Ele a apertou, puxando-a para mais perto dele.

– Vamos passear na praia.

– Não – respondeu ela. – Não estou com vontade. E tire a mão de mim.

A mão ficou onde estava. Ela logo percebeu que Marcus estava gostando daquela situação.

– Você está preocupada com o que Blaze vai pensar?

– Só não quero, ok?

– A Blaze não se importa.

Ela deu um passo para trás, aumentando a distância entre eles.

– Eu me importo – retrucou ela. – E tenho que ir embora.

Ele continuou a encará-la.

– Beleza, faça isso. – Então, depois de uma pausa, ele falou alto para que os outros pudessem ouvir: – Não, prefiro ficar aqui. Mas obrigado por perguntar.

Ela ficou chocada demais para responder qualquer coisa. Em vez disso, começou a andar pela praia, sabendo que Blaze estava vendo tudo e, de repente, sentiu vontade de fugir ainda mais depressa.



Em casa, seu pai estava tocando piano e deu uma olhada no relógio assim que Ronnie entrou. Depois do que acabara de acontecer, ela

não estava com vontade de lidar com ele, então seguiu direto pelo corredor sem dizer uma única palavra. No entanto, ele devia ter visto algo em seu rosto, porque perguntou em voz alta:

– Você está bem?

Ela hesitou.

– Sim, estou bem – respondeu Ronnie.

– Tem certeza?

– Não quero falar sobre isso.

Ele a observou com atenção antes de responder:

– Ok.

– Mais alguma coisa?

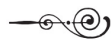
– São quase duas da manhã.

– E...?

Ele se inclinou sobre o teclado.

– Tem um pouco de macarrão na geladeira, caso esteja com fome.

Ela teve que admitir que o pai a surpreendeu com aquela resposta. Nenhum sermão, nenhuma ordem, nenhum discurso sobre as regras. O oposto da maneira como a mãe teria lidado com a situação. Ela balançou a cabeça e foi para o quarto, imaginando se alguém ou alguma coisa era normal por ali.



Ronnie se esqueceu de pendurar os cobertores nas janelas e o sol entrou radiante pelo quarto, acordando-a menos de seis horas depois.

Gemendo, ela rolou na cama e puxou o travesseiro para cima da cabeça, quando se lembrou do que tinha acontecido na praia, na noite anterior. Então se sentou, sabendo que dormir de novo estava fora de questão.

Marcus definitivamente a assustara.

Seu primeiro pensamento foi que deveria ter dito algo por último, quando ele falou em voz alta. Algo como: *Do que você está falando?*, ou *Se acha que eu iria a algum lugar sozinha com você, deve estar maluco*. Mas ela não disse nada e ficou com a impressão de que simplesmente ir embora fora a pior coisa que poderia ter feito.

Ela precisava mesmo, *mesmo*, falar com Blaze.

Com um suspiro, levantou-se da cama e foi até o banheiro. Tomou um banho rápido, colocou um maiô e depois as roupas e encheu uma sacola com toalhas e bronzeador. Quando estava pronta, ouviu o pai tocando piano. Outra vez. Nem quando moravam juntos ele tocava tanto. Concentrando-se na música, percebeu que ele estava tocando uma das peças que ela havia apresentado no Carnegie Hall, a mesma do CD que sua mãe colocara no carro.

Como se ela já não tivesse problemas suficientes com que lidar no momento.

Ela precisava encontrar Blaze para explicar o que acontecera. Mas, é claro, fazer isso sem deixar que Marcus passasse por mentiroso seria difícil. E Blaze acreditaria nele. Quem poderia saber o que o cara tinha dito depois que ela saíra. Mas ela lidaria com esse problema quando chegasse lá; tinha esperanças de que, se ficassem deitadas ao sol, ela poderia tocar nesse assunto naturalmente.

Ronnie saiu do quarto e atravessou o corredor bem quando a música na sala terminava e era sucedida pela segunda peça que ela tinha interpretado no Carnegie Hall.

A garota fez uma pausa, ajeitando a sacola no ombro. É claro que ele faria isso, porque a ouvira no chuveiro e sabia que ela estava acordada. Com certeza queria que eles encontrassem algum ponto em comum.

Bem, hoje não, papai. Infelizmente Ronnie tinha mais o que fazer. Ela realmente não estava com ânimo para nada disso.

Quando estava prestes a disparar pela porta da frente, Jonah saiu da cozinha.

– Eu não disse para você comer alguma coisa saudável? – ela ouviu o pai perguntar.

– Então, papai! Biscoitos Pop-Tart.

– Eu estava pensando em cereais, por exemplo.

– Isso aqui tem açúcar. – Jonah tinha uma expressão séria. – Preciso de energia.

Ela se pôs a andar rapidamente pela sala, esperando chegar até a porta antes que ele tentasse puxar assunto.

Jonah sorriu.

– Ah, oi, Ronnie! – disse ele.

– Oi, Jonah. Tchau, Jonah.

Ela colocou a mão na maçaneta.

– Querida? – disse o pai. Ele parou de tocar. – Podemos conversar sobre ontem à noite?

– Eu realmente não tenho tempo para conversar agora – respondeu ela, ajeitando a sacola.

– Só quero saber onde você esteve o dia todo.

– Em lugar nenhum. Não faz diferença.

– Faz diferença, sim.

– Não, pai – rebateu ela, em tom firme. – Não faz. E tenho que fazer algumas coisas, ok?

Jonah fez menção de ir até a porta com os doces.

– Que coisas? Aonde você vai agora?

Aquela era exatamente a conversa que ela queria evitar.

– Não é da sua conta.

– Quanto tempo vai ficar fora?

– Não sei.

– Vai voltar para o almoço ou o jantar?

– Não sei. – Ela bufou. – Estou saindo.

O pai voltou a tocar. A *terceira* peça do Carnegie Hall. Seria

melhor ele ter posto o CD de sua mãe para tocar.

– Vamos soltar pipa depois. Quer dizer, eu e papai.

Ela pareceu não ouvir o irmão. Em vez disso, virou-se para o pai.

– Você poderia parar com isso? – disse ela, com raiva.

Ele parou de tocar abruptamente.

– O quê?

– A música que está tocando! Você acha que não reconheço essas peças? Eu sei o que você está fazendo e já disse que não vou tocar.

– Eu acredito em você – respondeu ele.

– Então por que continua tentando me fazer mudar de ideia? Por que fica sentado aí, tocando sem parar, sempre que eu apareço?

Ele parecia genuinamente confuso.

– Não tem nada a ver com você. Eu só... me sinto melhor fazendo isso.

– Bem, pois me faz mal. Você ainda não entendeu? Odeio piano. Odeio ter tocado todos os dias! E odeio até mesmo dar de cara com esse maldito instrumento toda hora!

Antes que o pai pudesse proferir alguma palavra, ela se virou, arrancou o doce da mão de Jonah e saiu.



Demorou umas duas horas até encontrar Blaze na mesma loja de música que tinham visitado no dia anterior, a alguns quarteirões do cais. Ronnie não sabia o que esperar quando elas estiveram ali pela primeira vez – o estabelecimento parecia um pouco antiquado –, mas Blaze garantira que valeria a pena, e valeu.

Além dos CDs, havia discos de vinil – milhares deles, alguns provavelmente itens de colecionador, inclusive uma cópia fechada de *Abbey Road* e uma enorme quantidade de discos de 45 rotações simplesmente pendurados na parede, com assinaturas de pessoas

nada comuns, como Elvis Presley, Bob Marley e Ritchie Valens. Ronnie ficou espantada por não estarem protegidos, trancados à chave. Deviam ser valiosos. O cara que gerenciava o lugar parecia uma figura dos anos 1960 e conhecia todo mundo. Ele tinha um longo cabelo grisalho penteado para trás em um rabo de cavalo que chegava na cintura, e seus óculos eram do mesmo estilo dos de John Lennon. Ele estava de sandálias e uma camisa havaiana e, apesar de ter idade suficiente para ser avô de Ronnie, o cara sabia mais sobre música contemporânea do que qualquer pessoa que ela já tivesse visto. Ele inclusive conhecia algumas canções recentes consideradas underground, que ela nunca ouvira em Nova York. Em toda a parede dos fundos, havia fones de ouvido para que os clientes pudessem ouvir CDs ou músicas em seus tocadores. Espreitando pela janela naquela manhã, ela viu Blaze parada, uma das mãos em concha sobre o fone, a outra batendo na mesa ao ritmo do que estava ouvindo.

Ela não estava vestida para passar um dia na praia.

Ronnie respirou fundo e entrou. Por pior que parecesse – para começo de conversa, achava que Blaze não deveria ficar se embebedando –, ela torceu para que a garota estivesse inconsciente no dia anterior e nem se lembrasse do que tinha acontecido. Ou, melhor ainda, que ela tivesse estado sóbria o suficiente para saber que Ronnie não tinha interesse algum em Marcus.

Assim que entrou no corredor cheio de CDs, Ronnie sentiu que Blaze esperava por ela. Blaze diminuiu o volume nos fones de ouvido, mas sem os remover, e virou para trás. Ronnie ainda conseguia ouvir a música, alguma coisa barulhenta e inflamada, que não reconheceu. Blaze reuniu os CDs.

– Pensei que a gente fosse amiga – comentou ela.

– A gente é – afirmou Ronnie. – E estive à sua procura por toda

parte, porque não queria que você tivesse uma ideia errada sobre o que aconteceu ontem à noite.

A expressão de Blaze era fria.

– Está falando do convite que você fez ao Marcus para darem uma volta?

– Não foi assim – disse Ronnie, implorando. – Não pedi nada a ele. Não sei qual é o jogo dele, mas...

– O jogo dele? O jogo *dele*? – Blaze arrancou os fones de ouvido. – Eu vi como você estava olhando para ele! Eu ouvi o que você disse!

– Mas eu não disse isso! Não pedi a ele para ir a lugar nenhum...

– Você tentou dar um beijo nele!

– Do que você está falando? Não tentei dar beijo em ninguém...

Blaze deu um passo à frente.

– Ele me contou!

– Ele está mentindo! – retrucou Ronnie, sem hesitar. – Tem alguma coisa muito errada com esse cara.

– Não... não... nem tente falar mal dele...

– Ele mentiu para você. Eu não o beijaria. Eu nem gosto dele. Só fui até lá porque você insistiu.

Por um longo momento, Blaze não disse nada. Ronnie se perguntou se finalmente estava conseguindo fazê-la entender.

– Sei – disse Blaze, seu tom deixando bem claro o que queria dizer.

Ela passou por Ronnie, empurrando-a enquanto se dirigia à saída. Ronnie a viu se afastar, sem saber se estava se sentindo magoada ou irritada pela forma como Blaze acabara de agir, mas concluiu que era um pouco de cada. Pela janela, viu Blaze se afastar pisando firme.

Sem dúvida, não conseguira melhorar a situação.

Ronnie não sabia muito bem o que fazer em seguida. Não queria ir à praia, mas também não queria ir para casa. Não tinha carro e

não conhecia ninguém. O que significava... o quê? Que talvez ela acabasse passando o verão inteiro sentada em algum banco alimentando pombos, como alguns dos mais estranhos habitantes do Central Park. Talvez acabasse dando um nome a cada uma das aves...

Na saída, seus pensamentos foram repentinamente interrompidos pelo disparo de um alarme. Ela olhou para trás, primeiro por curiosidade, depois confusa, porque percebeu o que estava acontecendo. Só havia uma saída na loja.

O que ela viu logo em seguida foi o homem de rabo de cavalo correndo em sua direção.

Não tentou fugir, pois sabia que não tinha feito nada errado; quando o homem de rabo de cavalo pediu sua bolsa, ela não viu razão para não a entregar. Obviamente, estava acontecendo algum engano, e só quando o sujeito tirou dois CDs e meia dúzia de discos de 45 rotações autografados de sua sacola foi que ela percebeu que tinha razão: Blaze de fato a esperava na loja. Os CDs eram os mesmos que a garota estava segurando, e ela havia tirado os 45 rotações da parede. Em choque, Ronnie foi percebendo aos poucos que Blaze havia planejado tudo aquilo.

Sentindo-se tonta, ela mal ouviu o sujeito lhe dizer que a polícia já estava a caminho.

11



Steve

Depois de comprar os materiais necessários, sobretudo ripas e folhas de madeira compensada, Steve e Jonah passaram a manhã fechando o recanto. Não ficou bonito – o pai dele teria ficado envergonhado, mas Steve achou que servia. Ele sabia que a casa acabaria sendo demolida; o terreno valia mais sem ela. O bangalô era ladeado por pequenas mansões de três andares e Steve tinha certeza de que os vizinhos o consideravam uma monstruosidade que desvalorizava suas propriedades.

Ele martelou um prego, pendurou a foto de Ronnie e Jonah que retirara do recanto e deu um passo para trás a fim de admirar sua obra.

– O que você acha? – perguntou a Jonah.

O menino franziu o nariz.

– Parece que a gente construiu uma parede bem feia de madeira compensada e penduramos uma foto nela. E você não tem mais como tocar piano.

– Eu sei.

Jonah inclinou a cabeça de um lado para outro.

– Também acho que ficou torto. Parece meio que dobra para fora e também para dentro.

– Não estou vendo nada disso.

– Você precisa de óculos, pai. E, para começar, ainda não entendo por que você quis colocar essa parede aí.

– A Ronnie disse que não queria ver o piano.

– E daí?

– Não tem como esconder o piano, então coloquei uma parede aqui. Agora ela não precisa vê-lo.

– Ah – disse Jonah, refletindo. – Sabe, eu realmente não gosto de fazer o dever de casa. Na verdade, nem gosto de um monte de dever empilhado na minha mesa.

– Estamos no verão. Você não tem nenhum dever de casa.

– Só estou dizendo que talvez eu deva construir uma parede ao redor da mesa no meu quarto.

Steve conteve uma risada.

– Talvez você tenha que conversar com sua mãe a respeito.

– Ou talvez você pudesse falar com ela.

Steve deu uma risada.

– Ainda está com fome?

– Você disse que a gente ia soltar pipa.

– E vai. Só quero saber se você quer almoçar.

– Acho que prefiro tomar sorvete.

– Acho que não.

– Comer um biscoito?

Jonah parecia esperançoso.

– Que tal um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia?

– Ok. Mas depois a gente vai soltar pipa, certo?

– Certo.

– A tarde toda?

– Pelo tempo que você quiser.

– Ok. Vou comer um sanduíche. Mas você também tem que comer um.

Steve sorriu, colocando o braço no ombro de Jonah.

– Combinado.

Eles foram até a cozinha.

– Você sabe que a sala ficou muito menor agora, né? – observou Jonah.

– Eu sei.

– E que a parede está *torta*.

– Eu sei.

– E não combina com as outras paredes.

– Aonde você quer chegar?

O rosto de Jonah ficou sério.

– Eu só queria ter certeza de que você não está ficando maluco.



Era um dia perfeito para soltar pipa. Steve se sentou em uma duna duas casas depois da sua, observando a pipa ziguezaguear pelo céu. Jonah, cheio de energia, como de costume, corria de um lado para outro na praia. Steve observava com orgulho a maneira como o filho controlava a pipa, pasmo ao lembrar que, quando fazia o mesmo na infância, seu pai e sua mãe jamais se juntavam a ele.

Não eram más pessoas. Ele sabia disso. Nunca o agrediram, ele nunca passou fome, eles nunca discutiram na sua frente. Steve ia ao dentista e ao médico uma ou duas vezes por ano, tinha muito o que comer, e ele sempre contava com um bom casaco para usar nas manhãs frias de inverno, além de uma moeda no bolso para comprar seu lanche na escola. Mas, se seu pai era austero, sua mãe não era muito diferente, e ele supôs que foi por isso que os dois ficaram casados por tanto tempo. Ela vinha da Romênia; o pai dele a conhecera quando estava servindo na Alemanha. Quando se

casaram, ela só arranhava no inglês e ele jamais questionou a cultura em que fora criada. Ela cozinhava, limpava e lavava roupa; à tarde, trabalhava meio período como costureira. No fim da vida, já falava um inglês que bastava para ir ao banco e à mercearia, mas, mesmo assim, seu sotaque era forte e, algumas vezes, as pessoas tinham dificuldade para compreendê-la.

Ela também era católica devota, uma esquisitice em Wilmington naquela época. Frequentava a missa todos os dias, rezava o terço à noite e, apesar de Steve apreciar a tradição e a missa aos domingos, o padre sempre lhe pareceu um homem frio e arrogante, mais interessado nas regras da Igreja do que no que seria melhor para o seu rebanho. Às vezes – muitas, na verdade –, Steve se perguntava como teria sido sua vida se ele não tivesse ouvido a música vinda da Primeira Igreja Batista, aos 8 anos.

Quatro décadas depois, os detalhes ficaram confusos. Ele se lembrava vagamente de estar caminhando em uma tarde e ouvir o pastor Harris ao piano. Sabia que o sacerdote o fez se sentir acolhido, pois ele voltou outra vez e o pastor Harris acabou se tornando seu primeiro professor de piano. Com o tempo, ele começou a participar das aulas de estudos bíblicos que a igreja oferecia, embora, mais tarde, as tivesse abandonado. Em vários aspectos, a Igreja Batista se tornara sua segunda casa e o pastor Harris, seu segundo pai.

Ele lembrou que a mãe não ficou feliz com isso. Quando estava chateada, ela resmungava em romeno e, durante anos, sempre que ele saía para ir à igreja, ouvia palavras e frases ininteligíveis, enquanto a mãe fazia o sinal da cruz e o obrigava a usar um escapulário. Na cabeça dela, ter um pastor batista ensinando piano a seu filho era o mesmo que pular amarelinha com o diabo.

Mas ela não o impediu, e isso foi suficiente. Ele não se importava que ela não participasse das reuniões com seus professores, que nunca lesse para ele, nem mesmo que ninguém convidasse sua

família para as festas ou os churrascos da vizinhança. O importante era que ela permitia que ele não apenas encontrasse sua paixão, mas também fosse atrás dela e a colocasse em prática, mesmo sem confiar muito em suas motivações. E que, de alguma forma, ela evitasse que o pai, que achava ridícula a ideia de viver da música, o obrigasse a parar. Por esse motivo, ele a amaria para sempre.

Jonah continuava a correr de um lado para outro, embora a pipa não exigisse esse esforço. Steve sabia que a brisa era forte o suficiente para mantê-la no alto sem ajuda. Ele viu uma silhueta do símbolo do Batman entre duas enormes nuvens escuras, o tipo de sinal que sugeria a vinda da chuva. Embora a tempestade de verão não durasse muito tempo – talvez uma hora depois o céu já estivesse claro novamente –, Steve se levantou para dizer a Jonah que tinha chegado a hora de encerrar o dia. Ele deu apenas alguns passos até notar uma série de linhas fracas na areia, que levavam à duna atrás de sua casa, faixas que ele já vira mais de dez vezes quando criança. Ele sorriu.

– Ei, Jonah! – chamou Steve, seguindo os rastros. – Venha aqui! Acho que você precisa ver uma coisa!

Jonah correu na direção dele, a pipa puxando seu braço.

– O que é isso?

Steve abriu caminho pela duna até um ponto onde ela se fundia com a praia. Quando o menino chegou, apenas alguns ovos eram visíveis poucos centímetros abaixo da superfície.

– O que é isso? – perguntou Jonah.

– É um ninho de cabeçudas – respondeu Steve. – Mas não fique muito perto. E não toque. Não podemos perturbá-las.

Jonah se aproximou, ainda segurando a pipa.

– O que é cabeçuda? – perguntou ele, ofegante, lutando para controlar a pipa.

Steve pegou um pedaço de madeira e começou a marcar um grande círculo ao redor do ninho.

– É uma tartaruga-marinha. Uma espécie ameaçada de extinção. Elas vêm à praia à noite para botar os ovos.

– Atrás da nossa casa?

– Este é um dos lugares onde as tartarugas-marinhas botam os ovos. Só que o mais importante a saber é que elas estão ameaçadas de extinção. Você sabe o que isso significa?

– Significa que elas estão morrendo – respondeu Jonah. – Sempre vejo Animal Planet, sabia?

Steve completou o círculo e jogou de lado o pedaço de madeira. Ao se levantar, sentiu um lampejo de dor, mas ignorou-o.

– Não exatamente. Isso significa que, se não tentarmos ajudá-las, se não tomarmos cuidado, a espécie pode acabar extinta.

– Que nem os dinossauros?

Steve estava prestes a responder quando ouviu o telefone na cozinha tocar. Havia deixado a porta dos fundos aberta para pegar a brisa, então saiu caminhando e correndo alternadamente pela areia até chegar à varanda dos fundos. Quando enfim atendeu ao telefone, estava praticamente sem fôlego.

– Pai? – disse a voz do outro lado da linha.

– Ronnie?

– Preciso que você venha me buscar. Estou na delegacia.

Steve esfregou o nariz, resignado.

– Tudo bem. Estou indo para aí.



Pete Johnson, o policial, contou a ele o que tinha acontecido, mas Steve sabia que Ronnie ainda não estava pronta para conversar. Jonah, por sua vez, parecia não ligar.

– Mamãe vai ficar uma fera.

Steve viu Ronnie trincar os dentes.

– Eu não fiz nada do que estão falando – disse ela.

– Então quem foi?

– Não quero falar sobre isso – respondeu ela, cruzando os braços e se encostando na porta do carro.

– Mamãe não vai gostar.

– Eu não fiz nada! – repetiu Ronnie, virando-se para Jonah. – E não quero que você diga a ela que eu fiz.

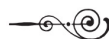
Ela se certificou de que ele entendera que ela estava falando sério. Então virou para o pai.

– Não fiz nada, pai. Juro por Deus. Você tem que acreditar em mim.

Ele notou o desespero na voz da menina, mas não pôde evitar se lembrar do desespero de Kim quando os dois conversaram sobre o histórico de Ronnie. Pensou em como ela estava agindo desde que chegara e se lembrou do tipo de gente que ela escolhera para fazer amizade.

Suspirando, ele sentiu a pouca energia que tinha se dissipar. Mais adiante, o sol se transformara em uma bola laranja quente e vigorosa e, mais do que qualquer coisa, ele percebeu que a filha precisava da verdade.

– Acredito em você – disse ele.



Quando chegaram em casa, já era quase noite. Steve saiu para dar uma olhada no ninho das tartarugas. Era uma daquelas belas noites típicas das Carolinas do Norte e do Sul – uma brisa suave, o céu uma colcha de mil cores diferentes –, e logo ali, no mar, um grupo de golfinhos brincava além da arrebentação. Eles passavam pela casa duas vezes por dia, e ele se lembrou de avisar a Jonah para esperá-los. Sem dúvida, ele iria querer nadar para tentar chegar perto deles; Steve tentava a mesma coisa quando era mais novo, mas nunca obteve sucesso.

Ele temia ter de ligar para Kim para contar o que acontecera. Adiando a tarefa, sentou-se na duna ao lado do ninho, olhando para o que restava das trilhas das tartarugas. Devido ao vento e aos milhares de frequentadores da praia, a maioria acabava sendo totalmente destruída. Além de um pequeno recuo no local onde a duna se encontrava com a praia, o ninho era praticamente invisível, e os dois ovos que ele conseguia avistar pareciam rochas claras e lisas.

Um pedaço de isopor voara pela areia e, ao se inclinar para pegá-lo, notou que Ronnie se aproximava. Ela estava andando devagar, os braços cruzados, a cabeça inclinada, o cabelo escondendo a maior parte do rosto. Parou a poucos metros dele.

– Você está com raiva de mim? – indagou ela.

Desde que chegara, era a primeira vez que ela falava com ele sem nenhum vestígio de raiva ou frustração.

– Não – respondeu ele. – Nem um pouco.

– Então o que você está fazendo aqui?

Ele apontou para o ninho.

– Uma tartaruga-marinha colocou ovos aqui ontem à noite. Você já viu alguma?

Ronnie balançou a cabeça e Steve continuou:

– São criaturas lindas. Elas têm um casco marrom-avermelhado e podem pesar mais de 350 quilos. A Carolina do Norte é um dos poucos lugares onde elas botam ovos. Mas é uma espécie ameaçada. Acho que apenas uma em cada mil vive até a maturidade, e eu não quero que os guaxinins se aproximem do ninho antes que as tartarugas nasçam.

– Como os guaxinins saberiam que existe um ninho aqui?

– Quando põe os ovos, a fêmea urina em cima deles. Os guaxinins sentem o cheiro e comem todos os ovos. Quando eu era criança, encontrei um ninho do outro lado do cais. Um dia tudo

estava bem, no dia seguinte todas as cascas estavam quebradas e abertas. Foi bem triste.

– Vi um guaxinim na nossa varanda no outro dia.

– Pois é. Ele anda remexendo no nosso lixo. Assim que eu entrar, vou deixar uma mensagem para o aquário. Espero que mandem alguém amanhã com uma gaiola especial que mantenha essas criaturas do lado de fora.

– E como vai ser hoje à noite?

– Acho que vamos ter que ter fé.

Ronnie prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Papai, posso perguntar uma coisa?

– Qualquer coisa.

– Por que você disse que acreditava em mim?

De perfil, ele via em Ronnie tanto a jovem que ela estava se tornando quanto a garotinha de quem tanto se lembrava.

– Porque confio em você.

– Foi por isso que você construiu a parede para esconder o piano? – Ela olhou para ele apenas de soslaio. – Quando entrei, não foi muito difícil perceber.

Steve balançou a cabeça.

– Não. Fiz isso porque te amo.

Ronnie deu um breve sorriso, hesitando antes de se sentar ao lado dele. Eles observaram o constante movimento das ondas até a costa. A maré alta chegaria em breve e metade da praia já estava submersa.

– O que vai acontecer comigo? – perguntou ela.

– Pete vai falar com o dono da loja, mas não sei. Dois daqueles discos eram verdadeiras relíquias. São bem valiosos.

Ronnie sentiu o estômago se revirar.

– Você já contou à mamãe?

– Não.

– Mas vai contar?

– Provavelmente.

Nenhum deles disse nada por um instante. Na beira da água, um grupo de surfistas passou, segurando suas pranchas. Ao longe, as ondas subiam lentamente, parecendo colidir umas com as outras antes de se formarem de novo.

– Quando você vai ligar para o aquário?

– Assim que eu voltar. Tenho certeza de que Jonah já está ficando com fome. Acho bom começar a preparar o jantar.

Ronnie olhou para o ninho. Com aquela sensação no estômago, era incapaz de se imaginar ingerindo alguma coisa.

– Não quero que nada aconteça com os ovos de tartaruga hoje à noite.

Steve se virou para ela.

– Então o que você quer fazer?



Depois de algumas horas, após colocar Jonah na cama, Steve saiu para a varanda dos fundos para ver como estava Ronnie. Mais cedo, deixara uma mensagem no aquário e, em seguida, foi até a loja comprar o que achava necessário: um saco de dormir, uma lanterna de acampamento, um travesseiro barato e repelente.

Ele não se sentiu confortável com a ideia de Ronnie de dormir lá fora, mas ela estava decidida, e ele admirava seu impulso de proteger o ninho. Ela jurou que ficaria bem e, em certa medida, ele achava que a filha tinha razão. Como a maioria das pessoas que cresciam em Manhattan, ela aprendera a ter cuidado e já vivenciara o suficiente do mundo para saber que ele era, algumas vezes, um lugar perigoso. Além disso, o ninho ficava a menos de 20 metros da janela do quarto – que ele pretendia manter aberta –, então tinha certeza de que ouviria algo se Ronnie estivesse sob algum tipo de ameaça. Devido à forma da duna e da localização do ninho, era

improvável que alguém que estivesse caminhando pela praia soubesse que ela estava ali.

Mesmo assim, ela só tinha 17 anos, e ele era seu pai, então provavelmente ele passaria a noite indo até lá a cada uma ou duas horas para ver se estava tudo bem com a filha. Não havia a menor chance de conseguir dormir a noite toda.

A lua era apenas uma lasca no céu, mas a noite estava clara. Enquanto se movimentava pelas sombras, ele pensou na conversa que haviam tido. Imaginou como ela estaria se sentindo sobre o fato de ele ter escondido o piano. Será que ela acordaria com a mesma atitude que demonstrara no dia em que chegou? Ele não sabia. Quando se aproximou para ver se Ronnie estava dormindo, o jogo de luz das estrelas e das sombras a fez parecer ao mesmo tempo mais jovem e mais velha do que era. Ele pensou outra vez nos anos que havia perdido e que jamais voltariam.

Steve ficou ali por um tempo, observando a praia de cima a baixo. Até o momento, ninguém havia surgido, então ele se virou e voltou para casa. Sentou-se no sofá e ligou a TV, passando por vários canais antes de desligá-la. Por fim, foi para o quarto e seguiu a passos arrastados até a cama.

Adormeceu quase imediatamente, mas acordou uma hora depois. Saindo na ponta dos pés mais uma vez, foi verificar a filha que amava mais do que a própria vida.

12



Ronnie

O primeiro pensamento de Ronnie ao acordar foi que tudo em seu corpo doía. Suas costas estavam rígidas, o pescoço incomodava e, quando teve coragem para se sentar, sentiu uma dor penetrante percorrer seu ombro.

Ela não podia imaginar alguém escolhendo, por vontade própria, dormir ao ar livre. Quando era pequena, algumas amigas exaltavam as alegrias de acampar, mas ela achava aquilo uma loucura. Dormir no chão era sinônimo de *dor*.

Sem mencionar o sol ofuscante, claro. A julgar pelo fato de que vinha acordando com as galinhas desde que chegara, ela imaginou que hoje não seria diferente. Provavelmente ainda não eram nem sete horas. O sol pairava baixo sobre o mar, e algumas pessoas passeavam com seus cães ou corriam perto da beira da água. Sem dúvida, haviam dormido em camas. Ronnie não conseguia se imaginar andando, muito menos se exercitando. No momento, já era difícil respirar sem desmaiar.

Com dificuldade, ela se levantou lentamente até lembrar por que

estava ali. Verificou o ninho, percebendo, com alívio, que ele não fora mexido e, bem devagar, as dores e dormências começaram a diminuir. Ronnie imaginou como Blaze tolerava dormir na praia e se lembrou de repente do que a garota fizera com ela.

Preso por furto em loja. De objetos de valor. Um *crime de verdade*.

Fechou os olhos, revivendo tudo: a maneira como o gerente da loja a olhara até a chegada da polícia, a decepção do agente Pete durante o caminho até a delegacia, a terrível ligação que ela teve que fazer para o pai. A vontade de vomitar no carro durante a volta para casa.

Se houve algum ponto positivo em tudo o que tinha acontecido fora que seu pai não explodira de raiva. E, o que era mais incrível, afirmara que acreditava em sua inocência. E ele ainda nem tinha contado para a mãe dela. Quando tudo aconteceu, Ronnie podia jurar que seria diferente. Sem dúvida, a mãe berraria até o pai ceder, e ele acabaria colocando-a de castigo depois de prometer à ex-esposa que o faria. Após o *Incidente*, a mãe a castigara por um mês, e agora a situação era pior, muito pior, do que apenas um incidente.

Sentiu-se mal outra vez. Não podia imaginar ter que passar um mês inteiro em seu quarto, um local que tinha que compartilhar, onde não queria estar. Ela se perguntou se as coisas poderiam piorar. Quando se espreguiçou, esticando os braços acima da cabeça, ela gritou por causa de uma dor aguda no ombro. Abaixou os braços devagar, contraindo-se.

Passou os minutos seguintes arrastando suas coisas para a varanda dos fundos. Mesmo que o ninho estivesse atrás de sua casa, ela não queria que os vizinhos soubessem que dormira lá fora. Levando em conta o luxo e a grandeza de suas casas, ela os classificou como o tipo de gente que queria ver tudo em ordem quando estava em sua varanda pela manhã, tomando café. Saber

que alguém dormira ao lado de sua casa provavelmente não se encaixava na imagem que faziam de perfeição, e a última coisa que ela queria era receber outra visita da polícia. Com a sorte que tinha, era bem capaz de ser presa por vadiagem.

Foram necessárias duas viagens para levar tudo para dentro de casa – ela não tinha energia para carregar tudo de uma só vez –, e então percebeu que o livro *Anna Kariênina* ficara para trás. Sua intenção era lê-lo na noite anterior, mas estava cansada demais e resolveu colocá-lo sob um pedaço de madeira para que a névoa não o estragasse. Quando voltou para pegá-lo, viu alguém usando um macacão bege com a logo da loja Blakelee Brakes, carregando um rolo de fita amarela e um monte de tábuas de madeira. Ele parecia caminhar pela praia em direção à sua casa.

Quando ela recuperou o livro, o homem estava mais perto e parecia procurar algo ao redor da duna. Ela foi na direção dele, imaginando o que o rapaz estaria fazendo e, então, ele se virou. Quando seus olhos se encontraram, foi uma das poucas vezes em sua vida que ela realmente ficou sem palavras.

Ela o reconheceu imediatamente, apesar do uniforme. Lembrou-se de como ele era sem camisa, bronzeado e malhado, cabelo castanho molhado de suor, a pulseira de macramê no pulso. Era o cara da quadra de vôlei que havia esbarrado nela, o cara cujo amigo quase entrou em uma briga com Marcus.

Parando na frente dela, ele também dava a impressão de não saber o que dizer. Em vez disso, apenas a olhou. Embora soubesse que era loucura, ela teve a impressão de que ele estava, de alguma forma, satisfeito por encontrá-la de novo. Percebeu isso quando ele demonstrou reconhecê-la e pela maneira como sorriu para ela, duas atitudes que não faziam o menor sentido.

– Oi, é você – disse ele. – Bom dia.

Ela não sabia o que pensar, além de questionar o tom amigável.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela.

– Recebi uma chamada do aquário. Alguém ligou ontem à noite para informar sobre um ninho de tartarugas, e eles me pediram para vir aqui verificar.

– Você trabalha para o aquário?

Ele balançou a cabeça.

– Sou apenas voluntário lá. Trabalho na oficina do meu pai. Por acaso você não viu um ninho de tartarugas por aqui, viu?

Ela se sentiu um pouco mais relaxada.

– É ali – disse ela, apontando.

– Que bom. – Ele sorriu. – Estava torcendo para que fosse perto de uma casa.

– Por quê?

– Por causa das tempestades. Quando as ondas passam por cima do ninho, os ovos não se salvam.

– Mas são tartarugas-marinhas.

Ele levantou as mãos.

– Pois é. Não faz sentido para mim também, mas é assim que a natureza funciona. No ano passado, perdemos dois ninhos com a chegada de uma tempestade tropical. Foi muito triste. Elas são uma espécie ameaçada de extinção. Só uma entre mil vive até a maturidade.

– Sim, eu sei.

– Sabe? – perguntou ele, parecendo impressionado.

– Meu pai me contou.

– Ah! – exclamou ele, aproximando-se com um aceno amistoso.

– Você mora por aqui, imagino.

– Por que você quer saber?

– Só puxando assunto – respondeu ele, sem hesitar. – Falando nisso, meu nome é Will.

– Olá, Will.

Ele fez uma pausa.

– Interessante.

– O quê?

– Normalmente, quando alguém se apresenta para alguém, a outra pessoa faz o mesmo.

– Não sou como a maioria das pessoas.

Ronnie cruzou os braços, tratando de manter distância.

– Eu já tinha percebido isso. – Ele deu um sorriso rápido. – Me desculpe por ter esbarrado em você no jogo de vôlei.

– Você já se desculpou, lembra?

– Eu sei. Mas você parecia meio irritada.

– Meu refrigerante molhou minha camisa toda.

– Uma pena. Mas você devia realmente tentar prestar mais atenção no que está acontecendo.

– Como é que é?

– É um jogo muito rápido.

Ela pôs as mãos na cintura.

– Está dizendo que a culpa foi minha?

– Só estou tentando fazer o possível para que isso não aconteça de novo. Como disse, eu me senti mal com aquilo.

Ronnie teve a sensação de que ele estava tentando flertar com ela, mas não sabia por quê. Não fazia sentido – ela sabia que não era o seu tipo e, francamente, ele também não era o dela. Mas, naquela hora da manhã, ela não estava com disposição para tentar descobrir. Em vez disso, apontou para os itens que ele segurava, pensando que talvez fosse melhor voltar ao assunto que importava.

– Como é que essa fita vai manter os guaxinins longe?

– Não vai. Só estou aqui para marcar o ninho. Passo a fita em torno das cavilhas para os caras que colocam a gaiola saberem onde encontrar o ninho.

– Quando é que eles vão colocá-la?

– Não sei. – Ele deu de ombros. – Talvez daqui a alguns dias.

Ela pensou na agonia que tinha sentido ao acordar e balançou a cabeça.

– Não, nada disso. Ligue e diga que eles têm que fazer algo para proteger o ninho *hoje*. Diga a eles que eu vi um guaxinim ontem à noite andando ao redor do ninho.

– Viu mesmo?

– É só dizer isso, está bem?

– Assim que eu terminar, vou ligar. Prometo.

Ela o encarou com desconfiança, pensando que aquilo tudo tinha sido fácil *demais*. Porém, antes que pudesse refletir melhor sobre o assunto, seu pai apareceu na varanda dos fundos.

– Bom dia, querida – disse ele. – O café da manhã está pronto, se estiver com fome.

Will olhou para Ronnie, depois para o pai e, por fim, novamente para ela.

– Você mora aqui?

Em vez de responder, ela deu um passo para trás.

– Não se esqueça de avisar às pessoas no aquário, ok?

Ela se virou e voltou para casa. Já estava com o pé na varanda quando ouviu Will chamar:

– Ei!

Ela se virou.

– Você não me disse seu nome.

– Não – respondeu ela. – Acho que não disse.

Enquanto passava pela porta, ela sabia que não deveria olhar para trás, mas não conseguiu evitar dar uma olhada rápida por cima do ombro.

Quando ele levantou uma sobrancelha, ela ficou feliz por não ter lhe dito seu nome.



Na cozinha, o pai estava de pé, com uma frigideira no fogão, mexendo com uma espátula. No balcão ao lado dele havia um

pacote de tortilhas, e Ronnie precisava admitir que o que ele estava fazendo tinha um cheiro delicioso. E ela não comia desde a tarde do dia anterior.

– Ei, Ronnie – chamou o pai, sem se virar. – Estava conversando com quem?

– Com um cara do aquário. Ele veio aqui para marcar o ninho. O que você está fazendo?

– Um burrito vegetariano para o café da manhã.

– Você está brincando.

– Leva arroz, feijão e tofu. Vai tudo na tortilla. Espero que esteja bom. Achei a receita na internet, então não posso garantir que seja gostoso.

– Tenho certeza de que é – respondeu Ronnie, cruzando os braços e pensando que era melhor resolver o assunto de uma vez. – Você já conversou com a mamãe?

Ele balançou a cabeça.

– Ainda não. Mas conversei com o Pete esta manhã. Ele disse que ainda não tinha conseguido falar com a dona da loja. Ela está fora da cidade.

– Dona?

– Parece que o homem que trabalha lá é sobrinho da dona. Mas o Pete falou que conhece muito bem a mulher.

– Ah – disse ela, perguntando-se se isso faria alguma diferença.

O pai bateu com a espátula na panela.

– Enfim, só imaginei que poderia ser uma boa ideia se eu esperasse para falar com sua mãe depois de saber de todos os detalhes. Eu odiaria ter que preocupá-la à toa.

– Então quer dizer que talvez não tenha que contar a ela?

– A menos que você queira.

– Não, tudo bem – respondeu ela de imediato. – Tem razão. Provavelmente é melhor esperar.

– Ok – concordou ele.

Depois de uma última mexida, ele desligou o fogo.

– Acho que está quase pronto. Você está com fome?

– Morrendo de fome – confessou Ronnie.

Quando ela se aproximou, ele tirou um prato do armário e serviu uma tortilla; em seguida, inseriu na massa alguns dos recheios e entregou à filha.

– Está bom assim?

– Está ótimo – respondeu ela.

– Quer café? Já está pronto. – Ele pegou uma xícara e a entregou a ela. – Jonah mencionou que às vezes você vai à Starbucks, então comprei isso. Pode não ser tão bom quanto o que eles fazem, mas foi o melhor que deu para encontrar.

Ela pegou a xícara, olhando para ele.

– Por que está sendo tão legal comigo?

– Por que eu não deveria ser?

Porque eu não tenho sido muito legal com você, ela poderia ter dito. Mas não falou nada.

– Obrigada – murmurou, em vez disso, pensando que tudo aquilo parecia um episódio esquisito de *Além da imaginação*, no qual seu pai claramente se esquecera de tudo que ocorrera nos últimos três anos.

Ela se serviu de um pouco de café e se sentou à mesa.

Steve se juntou a ela logo depois, com seu próprio prato, e começou a enrolar seu burrito.

– Como foi ontem à noite? Dormiu bem?

– Sim, quando dormi. Acordar não foi tão fácil.

– Percebi tarde demais que provavelmente deveria ter trazido um colchão de ar.

– Não, tudo bem. Mas, depois do café da manhã, acho que vou deitar um pouco. Ainda estou meio cansada. Os dois últimos dias foram bem pesados.

– Talvez seja melhor não tomar café.

– Não vai fazer diferença. Pode acreditar. Vou cair no sono.

Atrás deles, Jonah entrou na cozinha vestindo um pijama dos Transformers, o cabelo todo desgrenhado. Ronnie não pôde evitar um sorriso.

– Bom dia, Jonah – disse ela.

– As tartarugas estão bem?

– Estão, sim – respondeu ela.

– Bom trabalho – disse ele, coçando as costas e indo até o fogão.

– O que tem de café da manhã?

– Burritos – respondeu o pai.

Cautelosamente, Jonah estudou os recheios nas panelas, em seguida, os itens em cima do balcão.

– Não vai me dizer que você foi para o lado sombrio da força, papai!

Steve tentou conter a risada.

– É gostoso.

– É tofu! É nojento!

Ronnie riu enquanto se levantava da mesa.

– Que tal um Pop-Tart em vez disso?

Ele parecia estar tentando decidir se isso era algum tipo de pegadinha.

– Com achocolatado?

Ronnie olhou para o pai.

– Tem bastante na geladeira – afirmou ele.

Ela serviu um copo para o irmão e o colocou em cima da mesa. Jonah não se mexeu.

– Ok, o que está acontecendo?

– Como assim?

– Isso não é normal – disse ele. – Alguém deveria estar bravo. Alguém está sempre bravo de manhã cedo.

– Você está falando de mim? – indagou Ronnie. Ela colocou os

Pop-Tarts na torradeira. – Estou *sempre* alegre.

– Ah, claro – disse Jonah.

Ele olhou para Ronnie.

– Tem certeza de que as tartarugas estão bem? Porque vocês dois estão agindo como se elas tivessem morrido.

– Eles estão bem. Juro – assegurou Ronnie.

– Vou lá ver.

– Pode ir.

Ele olhou para ela com atenção.

– Depois do café da manhã – acrescentou ele.

Steve sorriu e olhou para a filha.

– Então, o que você vai fazer hoje? – perguntou ele. – Depois da soneca?

Jonah pegou o leite.

– Você nunca tira soneca.

– Tiro quando estou cansada.

– Não – disse ele, balançando a cabeça. – Isso não está certo. –

Ele colocou o achocolatado de volta na mesa. – Tem alguma coisa estranha acontecendo aqui e não vou sair enquanto não descobrir o que é.



Depois de comer – e quando Jonah ficou mais calmo –, Ronnie foi para o quarto. Steve foi atrás dela com algumas toalhas e as pendurou na haste da cortina. Não que Ronnie fosse precisar delas. Ela adormeceu quase imediatamente e acordou suando no meio da tarde. Depois de um banho longo e refrescante, ela deu um pulo na oficina para contar ao pai e a Jonah o que pretendia fazer. Seu pai ainda não fizera menção alguma a castigo.

Era possível, é claro, que ele a deixasse de castigo mais tarde, depois de conversar com o policial ou com sua mãe. Ou talvez ele

tivesse dito a verdade – talvez acreditasse quando ela se disse inocente.

Não seria maravilhoso?

De qualquer forma, ela precisava falar com Blaze, e passou as duas horas seguintes à procura da garota. Foi à casa da mãe dela e ao restaurante e, depois, deu uma olhada pela janela da loja de música, o coração acelerado, procurando ter certeza de que o gerente estava de costas. Blaze também não estava lá.

Em pé no cais, ela vasculhou toda a praia, mas não teve sorte. Era possível que Blaze tivesse ido para o Bower's Point; era o ponto de encontro favorito da gangue de Marcus. Mas ela não queria ir lá sozinha. A última coisa que desejava era vê-lo, muito menos enquanto estivesse tentando colocar algum juízo na cabeça de Blaze. Nada funcionaria se ele estivesse por perto.

Estava prestes a desistir e voltar para casa quando a viu surgir por entre as dunas, um pouco mais além, na praia. Correu até os degraus, fazendo o possível para não a perder de vista, e disparou pela praia. Se Blaze percebeu que Ronnie estava andando em sua direção, não deu qualquer sinal de que se importava. Quando Ronnie se aproximou, ela se sentou na duna e ficou olhando para o mar.

– Você tem que contar à polícia o que fez – disse Ronnie, sem rodeios.

– Não fiz nada. E foi você que eles pegaram.

Ronnie sentiu vontade de sacudi-la.

– Você colocou os discos e os CDs na minha bolsa!

– Eu não.

– Eram os CDs que você estava ouvindo!

– E a última vez que os vi, eles ainda estavam perto dos fones de ouvido.

Blaze se recusou a encará-la.

Ronnie sentiu o sangue subir para o rosto.

– Isso é sério, Blaze. É a minha vida. Posso ser condenada por um crime! E eu contei para você o que tinha acontecido antes!

– Ah, muito bem.

Ronnie crispou os lábios para não explodir.

– Por que você está fazendo isso comigo?

Blaze se levantou e espanou a areia da calça jeans.

– Não estou fazendo nada com você – retrucou ela. Sua voz era fria e sem alterações. – E foi exatamente isso que eu disse à polícia hoje de manhã.

Sem conseguir acreditar, Ronnie viu Blaze ir embora, agindo quase como se acreditasse nas próprias palavras.



Ronnie voltou para o cais.

Não queria ir para casa porque, assim que o pai falasse com o policial Pete, ficaria sabendo o que Blaze tinha dito. Talvez ele ainda continuasse uma pessoa legal – mas e se não acreditasse nela?

E por que Blaze estava fazendo aquilo? Por causa de Marcus? Ou ele a convencera a agir daquela maneira porque estava ressentido pela rejeição que sofrera na outra noite, ou Blaze acreditava que Ronnie estava tentando roubar seu namorado. No momento, ela estava inclinada a acreditar na segunda opção, mas, no fim das contas, não faria a menor diferença. Qualquer que tivesse sido a motivação, Blaze mentiu e estava mais do que disposta a arruinar a vida de Ronnie.

Ela não comeria mais nada desde o café da manhã, mas, com o embrulho que sentia no estômago, ia continuar sem comer. Decidiu então se sentar no cais até o sol se pôr, observando a água mudar de cor, de azul para cinza, e finalmente negra como carvão. Não estava sozinha: ao longo do cais, as pessoas pescavam, embora, pelo visto, os peixes não estivessem mordendo a isca. Uma hora

antes, um jovem casal tinha aparecido com sanduíches e uma pipa. Ela notou o afeto com que olhavam um para o outro. Imaginou que estivessem na faculdade – eram apenas uns dois anos mais velhos que ela –, e havia um carinho natural entre eles que ela ainda gostaria de experimentar em um relacionamento. Sim, ela já tivera namorados, mas nunca ficara apaixonada, e às vezes duvidava de que um dia ficaria. Depois que os pais se separaram, Ronnie passara a se sentir um tanto descrente em relação a tudo aquilo, assim como quase todas as suas amigas. Os pais da maioria delas também eram divorciados, então essa sensação devia ter alguma coisa a ver com isso.

Quando os últimos raios de sol desapareciam do céu, ela resolveu ir para casa. Queria estar de volta em um horário decente naquela noite. Era o mínimo que podia fazer para mostrar ao pai que apreciava a compreensão dele. E, apesar do cochilo, ainda estava cansada.

Ao chegar à ponta do cais, optou por passar pela área comercial em vez de seguir pela praia. Assim que virou a esquina perto do restaurante, soube que havia tomado a decisão errada. Uma figura sombria se inclinou contra o capô de um carro, segurando uma bola de fogo.

Marcus.

Só que, dessa vez, ele estava sozinho. Ela parou, sentindo o ar sumir dos seus pulmões.

Ele se afastou do carro e caminhou na direção dela, o jogo de sombras provocado pelas luzes da rua deixando seu rosto iluminado apenas pela metade. Ele rolou a bola de fogo pela parte de trás da mão, observando-a, antes que a bola voltasse para seu punho. Fechou a mão, extinguiu o fogo e foi até ela.

– Oi, Ronnie – disse ele.

Seu sorriso lhe dava um aspecto ainda mais assustador.

Ela ficou onde estava, querendo que ele visse que não tinha

medo dele. Mesmo que tivesse um pouco.

– O que você quer? – perguntou ela, odiando o ligeiro tremor na voz.

– Vi você andando e pensei em dizer oi.

– Pronto, já deu. Tchau.

Ela fez menção de passar por Marcus, mas ele deu um passo e se colocou na frente dela.

– Ouvi dizer que você está tendo problemas com a Blaze – sussurrou ele.

Ela se inclinou para trás, a pele latejando.

– O que você sabe sobre isso?

– Sei o suficiente para não confiar nela.

– Não estou com paciência para esse papo.

Novamente, ela se virou, desviando-se dele para seguir em frente. Dessa vez, ele a deixou passar, mas a chamou em seguida.

– Não vá embora. Vim procurar você porque queria que soubesse que talvez eu possa convencer a Blaze a acabar com o problema.

Apesar de não querer, Ronnie hesitou. Sob a luz fraca, Marcus a encarou.

– Eu deveria ter avisado que ela é muito ciumenta.

– E foi por isso que você tentou piorar a situação, certo?

– Eu só estava brincando naquela noite. Achei engraçado. Você acha que eu tinha ideia do que ela faria com você?

Claro que sim, pensou Ronnie. E era isso mesmo que você queria.

– Então conserte a situação – disse ela. – Fale com a Blaze, faça o que tiver que fazer.

Ele balançou a cabeça.

– Você não me ouviu. Eu disse que *talvez* pudesse colocar juízo na cabeça dela se...

– Se o quê?

Ele ocupou o espaço que havia entre os dois. Ela percebeu que as ruas estavam vazias. Não havia mais ninguém por perto, nenhum carro no cruzamento.

– Eu estava pensando que poderíamos ser... amigos.

Ela sentiu o rosto corar novamente e as palavras escaparam antes que pudesse evitar:

– O quê?

– Você ouviu. Eu posso dar um jeito nisso.

Ela percebeu que ele estava tão perto que podia tocá-la, então deu um passo repentino para trás.

– Fique longe de mim!

Ela se virou e saiu correndo, sabendo que ele a seguiria, ciente de que o garoto conhecia a área melhor do que ela. Estava aterrorizada com a ideia de que ele pudesse alcançá-la. Sentia seu coração bater e conseguia ouvir a própria respiração frenética.

Sua casa não ficava longe, mas ela estava fora de forma, sem fôlego. Apesar do medo e da adrenalina, sentia as pernas ficando mais pesadas. Sabia que não teria como manter aquele ritmo e, ao dobrar uma esquina, teve a chance de olhar para trás por cima do ombro.

Percebeu que estava sozinha na rua. Não havia ninguém atrás dela.



Quando chegou em casa, Ronnie não entrou imediatamente. A luz na sala estava acesa, mas ela queria recuperar as forças e o controle antes de encontrar o pai. Por alguma razão, não queria que ele visse o quanto estava assustada, então se sentou nos degraus da varanda da frente.

Acima dela, o céu estava todo estrelado, a lua flutuando perto do horizonte. O toque de sal e maresia acompanhava a névoa do

oceano, um cheiro vagamente primitivo. Em outro contexto, ela poderia ter encontrado algum conforto naquela fragrância; naquele instante, porém, ele parecia tão distante de sua vida quanto todo o resto.

Primeiro Blaze. Depois Marcus. Ela se perguntou se todo mundo era louco por ali.

Marcus com certeza era. Bem, talvez não exatamente – ele era inteligente, perspicaz e, pelo que vira até o momento, completamente sem empatia, o tipo que pensava apenas em si mesmo e nos próprios interesses. No outono passado, durante a aula de inglês, os alunos tiveram que ler um romance de um autor contemporâneo e ela escolheu *O silêncio dos inocentes*. No livro, ela viu que o personagem principal, Hannibal Lecter, não era um psicopata, mas um sociopata; foi a primeira vez que percebeu que havia uma diferença entre os dois. Embora Marcus não fosse um canibal assassino, Ronnie tinha a sensação de que ele e Hannibal tinham mais semelhanças do que o esperado, pelo menos na forma como enxergavam o mundo e o seu papel nele.

Blaze, no entanto... ela era apenas...

Ronnie não tinha tanta certeza. Controlada por suas emoções, sem dúvida. Zangada e ciumenta também. Mas, no dia que passaram juntas, em nenhum momento teve a sensação de que havia algo errado com a garota, apenas percebeu que ela era um desastre emocional, um tornado de hormônios e de imaturidade que deixava caos e destruição em seu rastro.

Suspirando, ela passou a mão pelo cabelo. Não queria mesmo entrar. Em sua mente, já podia ouvir a conversa.

Oi, querida, como foi?

Não muito bem. A Blaze está completamente enfeitiçada por um sociopata manipulador e mentiu para os policiais hoje de manhã, então vou para a cadeia. Falando nisso, o sociopata não só decidiu

que quer dormir comigo, mas quase me matou de susto me perseguindo. E o seu dia, como foi?

Não era exatamente a agradável conversa pós-jantar que o pai provavelmente gostaria de ter, mesmo que fosse a verdade.

O que significava que ela teria que fingir. Suspirando outra vez, ela se levantou dos degraus e se dirigiu à porta da frente.

Lá dentro, seu pai estava sentado no sofá, uma Bíblia com páginas marcadas à sua frente. Ele a fechou quando a filha entrou.

– Oi, querida, como foi?

Ela já sabia.

Ronnie forçou um sorriso rápido, tentando agir da maneira mais despreocupada possível.

– Não tive oportunidade de falar com ela – respondeu.



Era difícil agir normalmente, mas, de alguma forma, ela conseguiu. Assim que entrou, o pai pediu que ela fosse com ele até a cozinha, onde havia preparado outro prato de massa – tomates, berinjela, abóbora e abobrinha com penne. Eles comeram na cozinha, enquanto Jonah montava alguma coisa com um Lego Star Wars que o pastor Harris trouxera quando passara para cumprimentá-los mais cedo.

Em seguida, eles se acomodaram na sala e, sentindo que ela não estava no clima para conversar, o pai ficou lendo a Bíblia, enquanto ela lia *Anna Kariênina*, um livro que sua mãe jurou que ela ia amar. Apesar de o romance parecer bom, Ronnie não conseguia se concentrar. Não apenas por causa de Blaze e Marcus, mas porque seu pai estava lendo a Bíblia. Pensando bem, ela percebeu que nunca o tinha visto fazer isso. Então, novamente, pensou que talvez ele tivesse lido e ela que nunca havia notado.

Jonah terminou de construir sua engenhoca com o Lego e avisou

que ia dormir. Ela esperou alguns minutos, torcendo para que pegasse no sono antes que ela entrasse no quarto. Em seguida, deixou o livro de lado e se levantou do sofá.

– Boa noite, querida – disse o pai. – Sei que não tem sido fácil para você, mas estou feliz que esteja aqui.

Ela hesitou antes de cruzar a sala na direção dele. Inclinando-se, pela primeira vez em três anos, ela lhe deu um beijo no rosto.

– Boa noite, papai.



No quarto já escuro, Ronnie se sentou na cama, sentindo-se exausta. Embora não quisesse chorar – *odiava* quando isso acontecia –, ela não conseguia controlar a súbita torrente de emoções. Suspirou, a respiração entrecortada.

– Pode chorar à vontade – sussurrou Jonah.

Ótimo, pensou ela. Era exatamente disso que precisava.

– Não estou chorando – afirmou ela.

– Mas parece que está.

– Mas não estou.

– Tudo bem. Isso não me incomoda.

Ronnie fungou, tentando se controlar, e colocou a mão debaixo do travesseiro para pegar o pijama que enfiara ali mais cedo. Pressionando a roupa contra o peito, ela se levantou para ir ao banheiro e se trocar. No caminho, deu uma olhada para fora da janela. A lua havia se erguido no céu, dando à areia um brilho prateado, e, quando se virou na direção do ninho de tartarugas, detectou um movimento súbito nas sombras.

Depois de cheirar o ar, o guaxinim partiu em direção ao ninho, protegido somente pela fita amarela.

– Ah, droga!

Ela vestiu o pijama e saiu correndo do quarto. Quando

atravessou a sala e a cozinha, ouviu um grito distante do pai.

– O que aconteceu?

Ronnie, porém, já estava do lado de fora da porta antes que pudesse responder. Alcançando a duna, ela começou a gritar e balançar os braços.

– Não! Pare! Vá embora!

O guaxinim levantou a cabeça e saiu correndo. Desapareceu na duna na direção da grama.

– O que está havendo? O que aconteceu?

Ela virou para trás e viu o pai e Jonah em pé na varanda.

– Eles não colocaram a gaiola!

13



Will

As portas da Blakelee Brakes estavam abertas havia apenas dez minutos quando Will viu Ronnie passar pelo corredor e ir direto à área onde estavam os carros.

Limpando as mãos em uma toalha, ele foi na direção dela.

– Ei – disse ele, sorrindo. – Não esperava ver você por aqui.

– Obrigada por nada! – retrucou ela.

– Do que você está falando?

– Pedi para você fazer uma coisa simples! Só pedi para ligar e mandar colocar uma gaiola, mas você foi incapaz de fazer apenas isso.

– Espere... o que está acontecendo? – disse ele, atônito.

– Eu falei que tinha visto um guaxinim! Avisei que ele estava rodeando o ninho!

– Aconteceu alguma coisa com o ninho?

– Como se fizesse diferença para você. O que foi? Seu jogo de vôlei fez você se esquecer?

– Só quero saber se está tudo bem com o ninho.

Ela continuou a encará-lo.

– Sim. Está bem. Não graças a você.

Ela deu meia-volta e marchou em direção à saída.

– Espere! – gritou ele. – Espere um pouco!

Ela o ignorou, deixando-o chocado e paralisado, enquanto atravessava o corredor e saía pela porta da frente.

– O que é que foi isso?

Will percebeu que Scott estava atrás do elevador, olhando para ele.

– Preciso de um favor – pediu Will.

– O que você quer?

Ele pegou suas chaves no bolso e foi até a caminhonete que estava estacionada nos fundos.

– Fique no meu lugar. Tenho que resolver um problema.

Scott deu um passo rápido para a frente.

– Calma aí! Do que você está falando?

– Volto assim que puder. Se meu pai chegar, diga que volto logo.

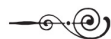
Você pode ir começando enquanto eu estiver fora.

– Aonde você vai? – berrou Scott.

Dessa vez, Will não respondeu, e Scott deu um passo na direção dele.

– Ah, cara! Não quero fazer tudo sozinho! Temos uma tonelada de carros esperando.

Will não se importou e correu até a caminhonete, sabendo aonde precisava ir.



Ele a encontrou na duna uma hora depois, de pé ao lado do ninho, ainda tão irritada quanto na hora em que apareceu na oficina.

Vendo-o se aproximar, ela pôs as mãos na cintura.

– O que você quer?

– Você não me deixou terminar. Eu liguei.

– Ah, claro.

Ele inspecionou o ninho.

– O ninho está bem. Qual é o grande problema?

– Sim, está tudo bem, mas não graças a você.

Will sentiu uma onda de irritação.

– Qual é o seu problema?

– O meu problema é que tive que dormir aqui fora de novo ontem à noite porque o guaxinim voltou. O mesmo guaxinim que mencionei para você!

– Você dormiu aqui fora?

– Você ouviu alguma coisa do que eu disse? Sim, tive que dormir aqui. Duas noites seguidas, porque você não fez o seu trabalho! Se eu não estivesse olhando pela janela exatamente no momento certo, ele teria comido os ovos. Estava a menos de um metro do ninho quando finalmente dei um susto no bicho. E então tive que ficar aqui porque sabia que ele ia voltar. Foi por isso que eu pedi para você ligar! Achei que até um molenga como você se lembraria de fazer *o seu trabalho*!

Ela o encarou, as mãos de novo na cintura, como se tentasse acabar com ele usando seu olhar mortal.

– Mais uma vez, só para eu entender direito a história: você viu um guaxinim, então me pediu para ligar, mas viu o guaxinim de novo. E acabou dormindo do lado de fora. Foi isso?

Ela abriu a boca, depois fechou. Então, virando-se, caminhou para casa.

– Eles estão vindo amanhã cedo! – gritou ele. – E, só para você ficar sabendo, eu liguei. Duas vezes, na verdade. Uma vez assim que coloquei a fita e depois que saí do trabalho. Quantas vezes tenho que repetir isso até você resolver me ouvir?

Ela parou, mas não se virou para ele. Will continuou:

– E então, hoje de manhã, depois que você foi embora, fui direto

até o diretor do aquário e falei com ele pessoalmente. Ele disse que esse ninho será prioridade amanhã de manhã. Eles viriam hoje, mas há oito ninhos em Holden Beach.

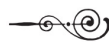
Lentamente, ela se virou e o analisou, tentando decidir se ele estava falando a verdade.

– Isso não vai ajudar as minhas tartarugas hoje à noite, vai?

– Suas tartarugas?

– Sim – respondeu ela, enfática. – Minha casa. Minhas tartarugas.

E, com isso, ela se virou e voltou para casa, dessa vez sem se importar com o fato de ele ainda estar lá.



Ele gostava dela; era simples.

No caminho de volta ao trabalho, Will ainda não sabia por que gostava dela, mas nunca tinha largado suas tarefas para ir atrás de Ashley. Toda vez que ele via essa garota, ela conseguia surpreendê-lo. Ele gostava do jeito dela de falar o que vinha na cabeça e do fato de não se interessar pela presença dele. Ironicamente, Will ainda não conseguira causar uma boa impressão. Primeiro, derramou refrigerante em sua roupa, em seguida ela o viu quase no meio de uma briga e, por fim, naquela manhã, achou que ele fosse preguiçoso ou idiota.

Sem problema, é claro. Ela não era sua amiga e ele não a conhecia de verdade, mas, por alguma razão, ele se importava com o que ela pensava a seu respeito. E não só se importava. Por mais louco que parecesse, desejava que ela tivesse uma boa impressão dele. Porque queria que ela gostasse dele também.

Era uma sensação estranha, algo novo para ele. Durante o resto do expediente – trabalhando durante o almoço para compensar o tempo que havia perdido –, ele viu seus pensamentos voltarem para

ela. Sentiu que havia algo genuíno nas palavras e nas atitudes dela, algo atencioso e bondoso sob uma fachada frágil. Alguma coisa que o fazia perceber que, embora ele a tivesse decepcionado tanto, havia sempre uma chance de redenção.



Mais tarde naquela noite, ele a encontrou sentada exatamente onde imaginou que estaria, em uma cadeira de praia, com um livro aberto no colo, lendo à luz de uma pequena lanterna.

Ela ergueu o olhar quando ele se aproximou, mas então voltou para o livro, agindo sem demonstrar surpresa ou satisfação.

– Imaginei que você estaria aqui – comentou ele. – Sua casa, suas tartarugas, e tudo o mais.

Ela não respondeu, e ele olhou para o outro lado. Não era muito tarde, e as sombras se moviam atrás das cortinas da pequena casa onde ela morava.

– Algum sinal do guaxinim?

Em vez de responder, ela virou uma página do livro.

– Espere. Deixe-me adivinhar. Você está me dando um gelo, certo?

Ela suspirou.

– Você não devia estar com os seus amigos, se olhando no espelho?

Ele riu.

– Essa foi engraçada. Vou ter que me lembrar dessa.

– Não estou tentando ser engraçada. Estou falando sério.

– Ah, entendi, é porque nós somos lindos, certo?

Em resposta, ela voltou para o livro, mas Will percebeu que ela não estava realmente lendo. Ele se sentou ao lado dela.

– “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” – citou ele, apontando para o livro. – É o início

do seu livro. Sempre achei que havia muita verdade nisso. Ou talvez tenha sido algo que o meu professor de inglês disse. Eu realmente não me lembro. Li no semestre passado.

– Seus pais devem estar orgulhosos por você saber ler.

– Estão mesmo. Eles me compraram um pônei e tudo quando eu fiz uma redação sobre o livro *O Gatola da Cartola*.

– Isso foi antes ou depois de você supostamente ter lido Tolstói?

– Ah, então você está ouvindo. Só estava me certificando. – Ele abriu os braços em direção ao horizonte. – A noite está linda, não? Sempre amei noites como esta. Tem alguma coisa relaxante nas ondas quebrando na escuridão, você não acha? – comentou ele, fazendo uma pausa.

Ela fechou o livro.

– Qual é o motivo de toda essa conversa?

– Gosto de pessoas que gostam de tartarugas.

– Então vai dar uma voltinha com seus amigos do aquário. Ah, espere, você não pode. Porque eles estão salvando outras tartarugas e seus outros amigos estão se preparando para o Mister Universo, certo?

– Provavelmente. Só imaginei que você poderia querer companhia.

– Estou bem. Pode ir embora.

– A praia é pública. Eu gosto daqui.

– Então você vai ficar?

– Acho que sim.

– Então você não se importaria se eu entrasse, né?

Ele se sentou com as costas mais retas e colocou a mão no queixo.

– Não sei se isso é uma boa ideia. Quero dizer, você não pode contar com que eu vá ficar aqui a noite toda. E com aquele guaxinim teimoso...

– O que você quer comigo? – quis saber ela.

– Para começar, que tal o seu nome?

Ela pegou uma toalha e estendeu sobre as pernas.

– Ronnie – respondeu. – Apelido de Veronica.

Ele se reclinou um pouco, apoiando-se com os braços.

– Muito bem, Ronnie. Me conte sobre você?

– Por que você quer saber?

– Me dê uma chance – disse ele, ficando de frente para ela. – Estou tentando conhecer você, está bem?

Ele não sabia o que Ronnie estava achando daquilo, mas, como ela juntou o cabelo em um rabo de cavalo, concluiu que aceitara a ideia de que não se livraria dele com facilidade.

– Muito bem. O que eu tenho para contar: moro em Nova York com minha mãe e um irmão mais novo, mas ela nos mandou para cá, para passar o verão com o nosso pai. E agora estou presa tomando conta de ovos de tartaruga, enquanto um jogador de vôlei, mecânico e voluntário de aquário tenta flertar comigo.

– Não estou flertando com você – protestou ele.

– Não?

– Acredite em mim, você saberia se eu estivesse fazendo isso. Não conseguiria resistir aos meus encantos.

Pela primeira vez desde que chegara, ele a ouviu rir. Considerou um bom sinal e continuou:

– Na verdade, vim aqui porque me senti mal por causa da gaiola, e não queria que você ficasse sozinha. Como eu disse, é uma praia pública e nunca se sabe quem pode aparecer.

– Como você?

– Não é comigo que você deve se preocupar. Tem gente má em toda parte. Até aqui.

– Ah, deixa eu adivinhar. Você me protegeria, certo?

– Se chegasse a esse ponto, eu a protegeria num segundo.

Ela não respondeu, mas ele teve a sensação de que a tinha surpreendido. A maré estava subindo e, juntos, eles assistiram às

ondas cintilarem como prata sempre que oscilavam na direção da costa. Através das janelas, as cortinas se mexiam, quase como se alguém os observasse.

– Tudo bem – disse ela, finalmente quebrando o silêncio. – Sua vez. O que você me conta?

– Sou jogador de vôlei, mecânico e voluntário de aquário.

Ele a ouviu rir novamente, apreciando sua espontaneidade. Era contagiosa.

– Tem problema se eu passar um tempo aqui com você?

– A praia é pública.

Ele apontou para a casa.

– Você precisa dizer ao seu pai que estou aqui?

– Tenho certeza de que ele já sabe que você está aqui – respondeu ela. – Ontem à noite, ele deve ter vindo me ver a cada minuto.

– Ele parece ser um bom pai.

Ela refletiu antes de assentir.

– Então você ama vôlei, hein?

– Me mantém em forma.

– Não respondeu minha pergunta.

– Gosto. Mas não sei se amo.

– Mas você gosta de esbarrar nas pessoas, certo?

– Isso depende da pessoa em quem vou esbarrar. Mas, alguns dias atrás, devo admitir que tudo acabou muito bem.

– Você acha que me encharcar foi uma coisa boa?

– Se eu não tivesse feito isso, poderia não estar aqui agora.

– E eu poderia estar desfrutando de uma noite tranquila e pacífica na praia.

– Não sei. – Ele sorriu. – Noites tranquilas e silenciosas são superestimadas.

– Acho que não vai dar para eu avaliar por conta própria hoje, não é?

Ele riu.

– Em qual escola você estuda?

– Nenhuma. Acabei de me formar. Tem duas semanas. E a sua?

– Acabei de me formar na Laney High School. Foi onde o Michael Jordan estudou.

– Aposto que todo mundo na sua escola diz isso.

– Não. Nem todos. Só os que se formam...

Ela revirou os olhos.

– Muito bem. Então, o que pretende fazer agora? Vai continuar trabalhando para o seu pai?

– Só durante o verão.

Ele pegou um pouco de areia e a deixou escorrer pelos dedos.

– E depois?

– Infelizmente não posso dizer.

– Não?

– Eu não a conheço bem o suficiente para lhe dar essa informação.

– Que tal uma dica? – provocou ela.

– Que tal você primeiro? Quais são os seus planos para o futuro?

Ela pensou.

– Estou considerando fortemente uma carreira de guarda-ninhos de tartarugas. Parece que tenho talento para isso. Nossa, você precisava ter visto como o guaxinim saiu quase voando. Foi como se eu fosse *O exterminador do futuro*.

– Você pareceu o Scott agora – disse ele. Vendo sua expressão intrigada, ele explicou: – Ele é meu parceiro de vôlei, e o cara é o rei das referências cinematográficas. É como se ele não pudesse completar uma frase sem mencionar um filme. Ah, ele geralmente inclui alguma insinuação de cunho sexual, é claro.

– Está me parecendo um talento especial.

– Ah, é mesmo. Posso pedir a ele que faça uma demonstração

exclusiva para você.

- Não, obrigada. Não preciso de insinuações de cunho sexual.
- Talvez você goste.
- Acho que não.

Will continuou a olhar para ela enquanto a provocava, notando que ela era ainda mais bonita do que ele se lembrava. Engraçada e inteligente também, o que era ainda melhor.

Perto do ninho, a grama se mexeu ao sabor da brisa e o som constante das ondas os cercou, dando-lhes a impressão de que estavam em um casulo. Nos dois lados da praia, luzes brilhavam nas casas de frente para o mar.

- Posso fazer uma pergunta?
- Não tenho certeza se poderia impedi-lo.

Ele moveu os pés para frente e para trás na areia.

- O que há entre você e Blaze?

No silêncio, ela ficou ligeiramente tensa.

- Como assim?

– Eu só estava me perguntando por que você estava saindo com ela na outra noite.

– Ah – disse ela. Embora ele não tivesse ideia do motivo, ela parecia aliviada. – Na verdade, a gente se conheceu quando ela derramou refrigerante em mim. Logo depois que terminei de limpar o que você fez.

- Você está brincando.

– Não. Pelo que vi, jogar refrigerante nas pessoas é o equivalente a “Oi, prazer em conhecê-la” nesta parte do país. Sinceramente, acho que os cumprimentos comuns funcionam melhor, mas quem sou eu para dizer alguma coisa? – Ela deu um longo suspiro. – Enfim, ela parecia legal e eu não conhecia mais ninguém, então nós apenas... acabamos saindo juntas por um tempo.

- Ela ficou aqui com você ontem à noite?

Ela balançou a cabeça.

– Não.

– O quê? Ela não quis salvar as tartarugas? Ou, pelo menos, fazer companhia?

– Não contei a ela sobre isso.

Ele percebeu que ela não queria falar mais nada, então deixou o assunto de lado e apontou para a praia.

– Quer dar um passeio?

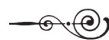
– Você quer dizer um passeio com clininha romântico ou só uma caminhada?

– Deixe-me pensar... só uma caminhada.

– Boa escolha. – Ela bateu palmas. – Mas não quero me afastar muito, já que os voluntários do aquário não se preocupam com o guaxinim e os ovos continuam desprotegidos.

– Garanto que eles estavam preocupados. Posso afirmar com toda a certeza que um voluntário está ajudando a proteger o ninho neste exato momento.

– Sim – disse ela. – Mas a verdadeira questão é: por quê?

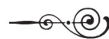


Eles caminharam pela areia em direção ao cais, passando por uma dúzia de mansões à beira-mar, todas com varandas enormes e escadarias que levavam até a praia. Algumas casas adiante, um dos vizinhos estava recebendo um grupo de amigos; todas as luzes do terceiro andar estavam acesas e três ou quatro casais se inclinavam contra a grade, observando as ondas iluminadas pelo luar.

Eles não conversaram muito, mas, por alguma razão, o silêncio não era desconfortável. Ronnie manteve certa distância para que não se tocassem sem querer, procurando observar a areia ou olhar para a frente. Em alguns momentos, ele pensou ter visto um sorriso fugaz no rosto dela, como se a garota se lembrasse de alguma

história engraçada que ainda não havia contado. De vez em quando, ela parava e se abaixava para pegar conchas que estavam meio enterradas na areia, e ele percebeu sua concentração conforme as examinava sob a luz da lua antes de jogar a maioria delas de volta na areia. As outras, ela guardou no bolso.

Havia tanto que ele não sabia sobre ela... Em diversos aspectos, ela permanecia um mistério. Nesse caso, ela era o completo oposto de Ashley. Tudo em Ashley tinha uma aura de segurança e previsibilidade; ele sabia exatamente com o que estava lidando, mesmo se não fosse o que de fato desejasse. Mas Ronnie era diferente e, quando ela lhe ofereceu um sorriso vulnerável e inesperado, ele teve a sensação de que ela estava lendo seus pensamentos. Essa percepção o enterneceu. Quando eles finalmente começaram a fazer o caminho de volta para o ninho de tartarugas, houve um instante no qual ele se imaginou andando ao lado dela na praia todas as noites, em um futuro distante.



Quando chegaram em casa, Ronnie entrou para falar com o pai, enquanto Will tirava as coisas dele da caminhonete. Ele abriu o saco de dormir e colocou alguns suprimentos ao lado do ninho de tartarugas, desejando que Ronnie pudesse ficar ali também. Mas ela já lhe dissera que não havia a menor chance de o pai concordar. Na verdade, estava feliz por ela poder dormir na própria cama naquela noite.

Ajeitando-se para arranjar uma posição confortável, ele se deitou, pensando que aquele dia fora pelo menos um começo. Qualquer coisa poderia acontecer dali em diante. Quando ela se virou, sorrindo, acenando um último boa-noite da varanda, ele sentiu uma agitação dentro de si ao imaginar que ela também poderia estar pensando que era o começo de alguma coisa.



– Quem é você?

– Ninguém. Só um amigo. Vai embora.

Enquanto as palavras flutuavam pelos corredores nebulosos de sua mente, Will se esforçou para lembrar onde estava. Semicerrando os olhos na direção do sol, percebeu que estava cara a cara com um garotinho.

– Ah, oi – balbuciou ele.

O menino esfregou o nariz.

– O que você está fazendo aqui?

– Acordando.

– Dá para ver. Mas o que você estava fazendo aqui ontem à noite?

Will sorriu. O garoto agia com a seriedade de um legista, o que parecia cômico devido à idade e à estatura.

– Dormindo.

– Uhum.

Will se levantou, abrindo espaço para se sentar, e percebeu que Ronnie também estava ali. Ela usava uma camiseta preta e calça jeans rasgada, e tinha a mesma expressão divertida que ele vira na noite anterior.

– Eu sou o Will – disse ele. – E você, quem é?

O menino apontou para Ronnie.

– Sou o colega de quarto dela – respondeu ele. – Nós nos conhecemos há muito tempo.

Will coçou a cabeça, sorrindo.

– Entendo.

Ronnie deu um passo à frente, o cabelo ainda úmido do banho.

– Esse é o meu irmão intrometido, Jonah.

– É mesmo? – perguntou Will.

– Sim – respondeu Jonah –, menos a parte do intrometido.

– Bom saber.

Jonah continuou a olhar para ele.

– Acho que conheço você.

– Acho que não. Tenho certeza de que me lembraria de você se o conhecesse.

– Não, eu me lembro – disse Jonah, abrindo um sorriso. – Você é o cara que disse ao policial que Ronnie tinha ido para o Bower’s Point.

A lembrança daquela noite teimava em voltar, e Will se virou para Ronnie, assistindo, com pavor, à sua expressão mudar de curiosidade para perplexidade e, finalmente, o semblante de quem entendera tudo.

Ah, não.

Jonah ainda não havia terminado.

– É isso mesmo, o agente Pete trouxe minha irmã para casa, e ela e o papai brigaram feio no dia seguinte.

Will viu a boca de Ronnie se crispar. Resmungando, ela se virou e disparou para casa.

Jonah parou no meio da frase, pensando no que acabara de dizer.

– Muito obrigado – rosnou Will, pulando e se colocando de pé para correr atrás de Ronnie.

– Ronnie! Espere! Vamos lá. Me desculpe! Eu não queria que você se envolvesse em confusão.

Ele tentou pegá-la pelo braço quando a alcançou, mas, assim que seus dedos agarraram a camiseta dela, Ronnie se virou para encará-lo.

– Vai embora!

– Só me escute por um segundo...

– Você e eu não temos nada a ver! Entendeu?

– Então o que aconteceu ontem à noite?

O rosto dela ficou vermelho.

– Me. Deixe. Em. Paz.

– Esse seu teatro não funciona comigo – disse ele. Por alguma razão, suas palavras a mantiveram em silêncio por tempo suficiente para ele continuar. – Você interrompeu a briga, apesar de todo mundo querer sangue. Você foi a única que percebeu o garoto chorando, e vi como você sorriu quando ele foi embora com a mãe. Você lê Tolstói no tempo livre. E protege tartarugas-marinhas.

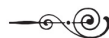
Embora ela mantivesse o queixo numa posição desafiadora, ele sentiu que atingira um ponto sensível.

– E daí?

– E daí que eu quero te mostrar uma coisa hoje.

Ele fez uma pausa, aliviado por ela não negar de imediato. Mas ela também não aceitou e, antes que Ronnie pudesse decidir, ele deu um pequeno passo à frente.

– Você vai gostar – disse ele. – Eu juro.



Will parou o carro no estacionamento vazio do aquário e seguiu por uma pequena unidade de serviço, nos fundos. Ronnie se sentara ao lado dele na caminhonete, mas não tinha falado quase nada durante o trajeto. Quando ele a levou para a entrada dos funcionários percebeu que, embora ela tivesse concordado em ir, ainda não tinha mudado de ideia quanto a estar com raiva dele.

O garoto segurou a porta aberta para ela, sentindo a brisa fresca se encontrar com o ar quente e úmido do lado de fora. Conduziu-a por um longo corredor, em seguida abriu mais uma porta, que levava para o aquário propriamente dito.

Havia algumas pessoas trabalhando em suas salas, embora o aquário só abrisse dali a uma hora. Will amava estar ali antes de abrir; as luzes suaves dos tanques e a ausência de som faziam com que o lugar parecesse um esconderijo. Muitas vezes, ele se via

hipnotizado pelo espinho venenoso dos peixes-leões, enquanto eles davam voltas pela água salgada, roçando no vidro. Ele se perguntava se eles percebiam que seu habitat havia encolhido e se sequer sabiam que estavam ali.

Ronnie caminhou ao lado dele, observando a atividade. Ela parecia satisfeita por estar em silêncio enquanto passavam por um tanque enorme de água do mar, onde havia uma pequena réplica de um submarino alemão afundado na Segunda Guerra Mundial. Quando chegaram ao tanque das medusas, que ondulavam lentamente e brilhavam em tons fluorescentes sob a luz negra, ela parou e tocou o vidro, fascinada.

– *Aurelia aurita* – observou Will. – Também conhecida como medusa-da-lua.

Ela assentiu, retornando o olhar para o tanque, impressionada pelo movimento em câmera lenta.

– São tão delicadas... – disse ela. – É difícil acreditar que o contato pode ser tão doloroso.

Seu cabelo havia secado, formando cachos mais definidos do que no dia anterior e fazendo com que ela parecesse uma garota rebelde.

– Nem me fale. Acho que me queimavam pelo menos uma vez por ano, desde a infância.

– Talvez fosse melhor tentar evitá-las.

– Eu tento. Mas elas me encontram mesmo assim. Acho que elas têm atração por mim.

Ela abriu um breve sorriso, mas depois se virou para ele.

– O que estamos fazendo aqui?

– Eu disse que queria lhe mostrar uma coisa.

– Já vi peixes antes. E já fui a um aquário.

– Eu sei. Mas isso é especial.

– Porque não tem mais ninguém aqui?

– Não – respondeu ele. – Porque você vai ver algo que o público

não vê.

– O quê? Você e eu sozinhos perto de um aquário?

Ele sorriu.

– Melhor ainda. Venha.

Em uma situação como aquela, ele normalmente não hesitaria em segurar a mão da menina, mas, com Ronnie, não ousou tentar. Ele indicou um corredor localizado em um canto mais afastado, de modo a ficar praticamente imperceptível. Mais adiante, ele parou em frente a uma porta.

– Não me diga que eles lhe deram uma sala – provocou ela.

– Não – respondeu ele, abrindo a porta. – Não trabalho aqui, lembra? Sou apenas voluntário.

Eles entraram em uma grande sala de blocos de concreto, atravessada por tubos de ventilação e dezenas de canos expostos. Acima da cabeça deles, as lâmpadas fluorescentes zumbiam, mas o som era abafado pelos enormes filtros de água alinhados na parede. Um tanque gigante aberto na parte de cima, cheio quase até o topo com água do mar, emprestava ao ar um cheiro penetrante de sal e maresia.

Will a conduziu até uma plataforma de aço com grades, que contornava o tanque e descia pelas escadas de metal. No lado mais distante do tanque, havia uma janela de tamanho médio, de acrílico. As luzes acima forneciam iluminação suficiente para que se pudesse ver a criatura, que se movia lentamente.

Ele observava Ronnie no instante em que ela finalmente reconheceu o que estava diante de seus olhos.

– É uma tartaruga-marinha?

– Uma cabeçuda, na verdade. O nome dela é Mabel.

Quando a tartaruga deslizou e passou quase tocando o vidro, Ronnie viu as cicatrizes em seu casco, assim como a nadadeira que faltava.

– O que aconteceu com ela?

– Foi atingida pela hélice de um barco. Felizmente a resgataram cerca de um mês atrás, estava quase morta. Um especialista da Carolina do Norte teve que amputar parte da nadadeira frontal.

No tanque, incapaz de ficar completamente ereta, Mabel nadava formando um ligeiro ângulo, colidindo com a parede mais distante, em seguida recomeçando o circuito.

– Ela vai ficar bem?

– É um milagre que tenha sobrevivido até agora e espero que continue assim. Ela está bem mais forte do que quando chegou, mas ninguém sabe se ela será capaz de sobreviver no oceano.

Ronnie observou Mabel colidir com a parede novamente antes de corrigir seu curso. Em seguida, a garota se virou para Will.

– Por que você quis me mostrar isso?

– Porque achei que você gostaria dela tanto quanto eu – disse ele. – Com cicatrizes e tudo.

Ronnie parecia encantada com as palavras dele, mas não disse nada. Em vez disso, virou-se para observar Mabel em silêncio por um tempo. Conforme a tartaruga desaparecia nas sombras do fundo do aquário, Will a ouviu suspirar.

– Você não devia estar trabalhando? – perguntou ela.

– É meu dia de folga.

– Trabalhar para o pai tem as suas vantagens, hein?

– Eu diria que sim.

Ela bateu no vidro, tentando chamar a atenção de Mabel. Depois de um instante, voltou-se para ele novamente.

– E então? O que você costuma fazer nos dias de folga?



– Apenas um bom e velho garoto do Sul, hein? Pescando, observando as nuvens. Sinto que você devia estar usando um boné da NASCAR e mastigando tabaco.

Eles passaram mais meia hora no aquário – Ronnie ficou especialmente encantada pelas lontras –, antes de Will a levar a uma loja de iscas para pegar um pouco de camarão congelado. De lá, seguiram até um ponto menos habitado no interior da ilha, onde o garoto pegou o equipamento de pesca que mantinha armazenado na caminhonete. Então, ele a levou para a borda de um pequeno cais e os dois se sentaram, os pés balançando menos de um metro acima da água.

– Não seja esnobe – ele a censurou. – Acredite ou não, o Sul é ótimo. Temos encanamento em casa e tudo. E nos fins de semana gostamos de dirigir na lama.

– Na lama?

– Sim, passamos com as caminhonetes na lama.

Ronnie fingiu uma expressão sonhadora.

– Isso soa tão... intelectual.

Ele a cutucou, brincando.

– Isso mesmo, pode rir. Mas é divertido. Água cheia de lama sujando todo o para-brisa, rodas girando até encharcar o cara que está atrás.

– Fiquei tonta só de pensar – afirmou Ronnie, impassível.

– Imagino que seus fins de semana na cidade não sejam assim.

Ela balançou a cabeça.

– Hum... não. Não exatamente.

– Aposto que você nunca sai da cidade, acertei?

– É claro que saio da cidade. Estou aqui, não?

– Você sabe o que eu estou querendo dizer. Nos fins de semana.

– Por que eu iria querer deixar a cidade?

– Talvez só para ficar sozinha de vez em quando?

– Posso ficar sozinha no meu quarto.

– Aonde você iria se quisesse se sentar debaixo de uma árvore e ler?

– Ao Central Park – retrucou ela, sem dificuldade. – Existe um

grande outeiro atrás da Tavern on the Green. E posso comprar um café com leite só virando a esquina.

Ele balançou a cabeça em um falso lamento.

– Você é uma garota da cidade. Será que tem pelo menos ideia de como se pesca?

– Não é tão difícil. Basta colocar a isca no anzol, lançar a linha e depois segurar a vara. Como estou me saindo até agora?

– Bem, desde que a pesca se resumisse a isso. Mas você tem que saber para onde lançar e fazer o lançamento exatamente no local que deseja. Tem que saber qual a melhor isca em cada situação, o que muda de acordo com o tipo de peixe ou a claridade da água, por exemplo. E então, é claro, você tem que colocar a isca no anzol. Se puxar antes ou depois da hora certa, perde o peixe.

Ronnie pareceu considerar seu comentário.

– Então, por que você escolheu usar camarão?

– Porque estava em promoção – respondeu ele.

Ela riu, em seguida seu corpo encostou no dele.

– Engraçadinho – disse ela. – Mas acho que mereci.

Ele ainda sentia o calor do toque dela em seu ombro.

– Você mereceu – concordou ele. – Acredite, a pesca é como uma religião para algumas pessoas por aqui.

– Inclusive você?

– Não. Pescar é... contemplativo. Me dá tempo para pensar sem ser interrompido. Além disso, gosto de ver as nuvens enquanto uso o meu boné da NASCAR e masco tabaco.

Ela franziu o nariz.

– Você não masca tabaco realmente, não é?

– Não. Meio que gosto da ideia de não perder meus lábios para um câncer de boca.

– Bom – comentou ela, balançando as pernas para trás e para a frente. – Nunca estive num encontro com alguém que mascasse tabaco.

– Você está dizendo que estamos em um encontro?

– Não. Isto definitivamente não é um encontro. Isto é sair para pescar.

– Você tem muito o que aprender. Isso... isso é o que realmente importa na vida.

Ela pegou um pedaço de madeira.

– Está parecendo um comercial de cerveja.

Uma águia-pesqueira deslizou sobre eles no instante em que a linha de pesca balançou uma vez. Depois, uma segunda vez. Will sacudiu a vara para cima quando a linha ficou retesada. Ele se levantou rapidamente quando começou a rebobiná-la, o caniço já se dobrando. Foi tão rápido que Ronnie mal teve tempo de descobrir o que estava acontecendo.

– Você pegou um? – perguntou ela, pulando e se colocando de pé.

– Venha para mais perto – insistiu ele, continuando a puxar. Ele forçou a vara na direção dela. – Aqui! – gritou ele. – Pegue!

– Não consigo – gritou ela, afastando-se.

– Não é difícil! É só pegá-la e continuar a trazer a linha com o molinete!

– Não sei o que fazer!

– Mas acabei de explicar! – disse ele. Ronnie se colocou mais para a frente e ele praticamente enfiou a vara de pesca nas mãos dela. – Agora continue girando o molinete!

Ela viu a vara abaixar quando começou a girar a manivela.

– Segure! Mantenha a linha firme!

– Estou tentando! – gritou Ronnie.

– Você está indo muito bem!

O peixe surgiu perto da superfície – um pequeno pargo, como ele observou –, e Ronnie gritou, fazendo um estardalhaço. Ele começou a rir e ela também achou graça, pulando em um pé só. Quando o peixe espirrou água novamente, ela gritou outra vez,

saltando ainda mais alto, mas agora com uma expressão de feroz determinação.

Era uma das coisas mais divertidas que tinha visto nos últimos tempos, pensou ele.

– É só continuar o que você está fazendo – incentivou ele. – Leve-o até mais perto da doca e eu cuido do resto.

Segurando a rede, ele se colocou de barriga para baixo, esticando o braço sobre a água, enquanto Ronnie continuava a enrolar a linha com o molinete. Com um movimento rápido, ele conseguiu recolher o peixe na rede e se levantou. Quando virou a rede, o peixe caiu no cais, remexendo-se ao atingir a superfície. Ronnie continuou a puxar, dançando ao redor do peixe enquanto Will agarrava a linha.

– O que você está fazendo? – gritou ela. – Você precisa colocá-lo de volta na água!

– Ele vai ficar bem...

– Ele está morrendo!

Ele se agachou e agarrou o peixe, prendendo-o no cais.

– Não, não está!

– Você tem que tirar o anzol – gritou ela novamente.

Ele pegou o anzol e se pôs a arrancá-lo.

– Estou tentando! Só um segundo!

– Está sangrando! Você machucou o peixe!

Ela se mexia freneticamente ao redor dele.

Ignorando-a, ele começou a extrair o anzol. Sentia a nadadeira traseira se movendo para a frente e para trás, batendo no dorso de sua mão. Era pequeno, talvez um quilo ou um quilo e meio, mas surpreendentemente forte.

– Você está demorando muito! – reclamou Ronnie, inquieta.

Com cuidado, ele retirou o anzol, mas segurou o peixe, mantendo-o imprensado no piso do cais.

– Tem certeza de que não quer levá-lo para casa, para o jantar?

Dá para fazer uns dois filés.

A boca de Ronnie se abriu e se fechou em descrença, mas, antes que ela dissesse qualquer coisa, Will jogou o peixe de volta na água. Com um respingo, o bicho mergulhou e desapareceu. Will pegou uma toalha de mão e limpou o sangue dos dedos.

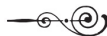
Ronnie continuou a olhar para ele com um ar de acusação, o rosto vermelho de tamanha comoção.

– Você o teria comido, não é? Se eu não estivesse aqui?

– Eu o teria jogado de volta.

– Por que será que não acredito em você?

– Porque você provavelmente está certa. – Ele sorriu antes de pegar a vara de pesca. – Quer colocar a isca no próximo anzol ou quer que eu ponha?



– Aí minha mãe está ficando louca, tentando planejar o casamento da minha irmã e fazer com que tudo saia perfeito – disse Will. – As coisas lá em casa andam um pouco... tensas.

– Quando é o casamento?

– Nove de agosto. E minha irmã insistir para que o casamento seja lá em casa não ajuda muito. O que, é claro, só deixa minha mãe mais estressada.

Ronnie sorriu.

– Como é a sua irmã?

– Inteligente. Mora em Nova York. Bem independente. Parecida com uma outra irmã mais velha que conheço.

Isso pareceu agradar Ronnie. Enquanto passeavam pela praia, o sol estava se pondo e Will percebeu que ela se sentia mais relaxada. Eles acabaram pescando e soltando mais três peixes e depois voltaram para o centro de Wilmington, onde almoçaram em um deque com vista para o rio Cape Fear. Olhando para um ponto

na margem oposta, ele apontou para o USS *North Carolina*, um navio de guerra desativado, da Segunda Guerra Mundial. Observando Ronnie interessada, Will ficou impressionado ao perceber como era fácil passar o tempo ao lado dela. Ao contrário das outras garotas, ela dizia o que pensava e não gostava de joguinhos idiotas. Tinha um senso de humor peculiar, do qual ele gostava, mesmo quando era ele a vítima de seus comentários mordazes. Na verdade, gostava de tudo nela.

Quando se aproximaram de sua casa, Ronnie correu na frente para verificar o ninho enfiado na base da duna. Ela parou diante da gaiola – era feita de arame e estava fixada na areia por estacas longas – e perguntou, quando ele se juntou a ela na duna:

– Isso vai manter o guaxinim afastado?

– É o que eles dizem.

Ela examinou a gaiola.

– Como as tartarugas vão sair? Elas não podem passar pelos buracos, podem?

Will balançou a cabeça.

– Os voluntários do aquário removem a gaiola antes da eclosão dos ovos.

– E como eles sabem quando isso vai acontecer?

– Eles usam métodos científicos. Os ovos levam cerca de sessenta dias para incubar antes de eclodirem, mas isso pode variar um pouco, dependendo das condições do tempo. Quanto mais quente a temperatura durante o verão, mais rápido eles vão eclodir. E não esqueça que esse não é o único ninho na praia, e tampouco foi o primeiro. Assim que o primeiro ninho fica vazio, os outros em geral seguem o mesmo caminho, cerca de uma semana depois.

– Você já viu um ovo eclodir?

Ele assentiu.

– Quatro vezes.

– E como é?

– Na verdade, é meio louco. Quando a hora está chegando, removemos as gaiolas e cavamos uma vala rasa que vai do ninho até a borda da água, tornando-a o mais suave possível, mas alta o suficiente nas laterais para que as tartarugas só possam seguir em uma direção. E é estranho, porque no início só alguns ovos estão se mexendo, mas é como se o movimento deles fosse o bastante para alertar os outros, e, de uma hora para outra, o ninho parece uma colmeia com abelhas gigantes. As tartarugas sobem umas sobre as outras para sair do buraco, depois alcançam a areia e começam a ir em direção à água em um pequeno desfile, parecendo uma parada de caranguejos. É incrível.

Enquanto descrevia a cena, ele teve a sensação de que Ronnie tentava imaginá-la. Então, ela viu seu pai surgir na varanda dos fundos e acenou.

Will fez menção de ir até a casa.

– Imagino que seja o seu pai.

– Sim.

– Você não quer me apresentar?

– Não.

– Prometo que vou me comportar.

– Seria bom.

– Então por que você não quer me apresentar?

– Porque você ainda não me levou para conhecer os seus pais.

– E por que você tem que conhecer meus pais?

– Exatamente – disse ela.

– Acho que não entendi o que você está querendo dizer.

– Então, como é que você já conseguiu ler Tolstói?

Se ele não estava totalmente confuso antes, agora estava. Ela voltou a caminhar lentamente pela praia, e Will deu alguns passos rápidos para alcançá-la.

– Você não é exatamente fácil de entender.

– E...?

– E nada. Só estou comentando.

Ela abriu um sorriso discreto, olhando para o horizonte. Ao longe, uma traineira de camarão se dirigia ao porto.

– Quero estar aqui quando acontecer – disse ela.

– Quando o que acontecer?

– Quando as tartarugas nascerem. Do que você acha que eu estava falando?

Ele balançou a cabeça.

– Ah, voltamos a esse assunto. Bem, ok, quando você volta para Nova York?

– No fim de agosto.

– Talvez não dê tempo. Torça para que o verão seja longo e quente.

– Acho que vai ser. Já sinto que estou cozinhando.

– Isso é porque você está de preto. E jeans.

– Eu não sabia que ia passar a maior parte do dia fora.

– Caso contrário, você teria usado um biquíni, certo?

– Acho que não.

– Você não gosta de biquínis?

– Claro que gosto.

– Só não gosta perto de mim?

Ela inclinou a cabeça.

– Hoje não.

– E se eu prometer levar você para pescar outra vez?

– Você não está se ajudando.

– Caçar patos?

Isso a fez parar. Quando finalmente recuperou a voz, foi para censurá-lo.

– Não vai me dizer que você realmente mata patos.

Diante do silêncio de Will, Ronnie continuou:

– Umas criaturinhas doces e emplumadas, voando em direção à

lagoa, que não atrapalham a vida de ninguém? E você explode os bichinhos em pleno voo?

Will refletiu sobre a pergunta.

– Só no inverno.

– Quando eu era criança, meu bicho de pelúcia favorito era um pato. Eu tinha papel de parede de pato. Tinha um hamster chamado Patolino. Eu *amo* patos.

– Eu também.

Ela nem se deu ao trabalho de esconder seu ceticismo. Will respondeu, contando com os dedos.

– Eu os amo fritos, assados, grelhados, com molho agri-doce...

Ela lhe deu um empurrão, desequilibrando-o por uns segundos.

– Isso é horrível!

– É engraçado!

– Você não passa de uma pessoa cruel.

– Às vezes – disse ele, indo em direção à casa. – Então, se você ainda não for entrar, quer vir comigo?

– Por quê? Está planejando mostrar ou me contar sobre outras maneiras de matar pequenos animais?

– Tenho uma partida de vôlei daqui a pouco e quero que você venha. É divertido.

– Vai jogar refrigerante em mim de novo?

– Só se você levar um.

Ela refletiu por um instante, então decidiu ir com ele na direção do cais. Ele a cutucava e ela o cutucava de volta.

– Acho que você tem problemas – disse ela.

– Que problemas?

– Bem, para começar, você é um assassino de patos desalmado.

Ele riu e fitou os olhos dela. Ela desviou o olhar para a areia, depois para a praia e, por fim, para ele. Balançou a cabeça, incapaz de conter um sorriso, como se estivesse admirando o que acontecera entre eles e desfrutando cada momento.

14



Ronnie

Se ele não fosse tão lindo, nada daquilo teria acontecido.

Enquanto observava Will e Scott correndo pela quadra, ela refletiu sobre a série de acontecimentos que a levara até lá. Ela realmente tinha ido pescar de manhã cedo? E presenciara uma tartaruga ferida nadar em um tanque às oito horas da manhã?

Balançou a cabeça, tentando não se concentrar no corpo esbelto de Will e em seus músculos, enquanto ele ia atrás da bola na areia. Era difícil ignorar, já que ele estava sem camisa.

Talvez o resto do verão não fosse tão terrível, no fim das contas.

Claro, ela pensara a mesma coisa depois de conhecer Blaze, e o resultado não tinha sido dos melhores.

Ele não fazia muito o tipo dela, mas, enquanto o via jogar, começou a se perguntar se isso de fato era tão ruim. No passado, ela não tivera muita sorte quando se tratava de escolher garotos, e Rick era o melhor exemplo disso. Will era mais esperto do que qualquer outro cara que ela namorara e, mais do que isso, parecia estar fazendo alguma coisa da vida. Trabalhava, era voluntário,

além de bom atleta; até se dava bem com a família. E, embora gostasse de desmerecer os próprios feitos, já que era do tipo “modesto”, não era bobo. Quando ela o testava, ele a desafiava – mais de uma vez, na verdade –, e ela tinha que admitir que gostava disso.

Se havia uma coisa nele que a deixava inquieta era o seguinte: ela não sabia por que ele gostava dela. Ronnie nem de longe se parecia com as garotas com quem o vira na noite do festival – e, com toda a sinceridade, nem tinha certeza se ele iria querer vê-la novamente. Ela o observou correr de volta para sacar no fundo da quadra e depois olhar em sua direção, claramente contente por ela ter ido. Ele se movimentava pela areia com facilidade e, quando chegou sua vez de sacar, sinalizou alguma coisa para Scott, que parecia jogar como se sua vida dependesse disso. Assim que o parceiro se virou para a rede, Will fez uma cara de tédio, deixando claro que a intensidade do amigo era um pouco exagerada. *É só um jogo*, ele deu a impressão de dizer, o que ela achou um alívio. Então, depois de lançar a bola no ar e sacar com força, ele correu para a lateral da quadra para continuar a partida. Quando se sacrificou mergulhando para pegar a bola, jogando uma nuvem de areia pelo ar, ela se perguntou se o que vira um momento antes tinha sido apenas uma ilusão – mas, depois que o saque saiu errado e Scott levantou os braços, frustrado e com um olhar irritado, Will o ignorou. Após piscar para Ronnie, ele se preparou para o próximo saque.

– Você e Will, hein?

Hipnotizada, Ronnie não percebera que alguém havia se sentado ao lado dela. Ao se virar, reconheceu a loura que estava com Will e Scott na noite do festival.

– Como é?

A loura passou a mão no cabelo e mostrou os dentes perfeitos.

– Você e Will. Vi vocês dois passeando.

– Ah – disse Ronnie.

Seus instintos lhe diziam que era melhor não falar demais.

Se a loura notou a reação cautelosa de Ronnie, não demonstrou. Lançando a cabeça para o lado com uma habilidade que parecia ensaiada, ela mostrou aqueles dentes brancos outra vez. Definitivamente, aquilo só podia ser clareamento dental, concluiu Ronnie.

– Eu sou Ashley. E você é...

– Ronnie.

Ashley continuou a olhar para ela.

– E está de férias? – perguntou, sorrindo novamente quando Ronnie a encarou. – Eu saberia se você fosse daqui. Conheço Will desde que somos crianças.

– Uhum – disse Ronnie, tentando soar evasiva.

– Acho que vocês se conheceram quando ele fez você derramar seu refrigerante, não foi? Do jeito que ele é, provavelmente fez isso de propósito.

Ronnie pestanejou, surpresa.

– O quê?

– Não é a primeira vez que vejo o Will fazer isso. E deixe-me adivinhar. Ele a levou para pescar, certo? Naquele pequeno cais do outro lado da ilha?

Dessa vez, Ronnie não conseguiu disfarçar a surpresa.

– Isso é o que ele sempre faz quando conhece uma garota. Bem, ou isso ou ele a levou ao aquário.

Conforme Ashley falava, Ronnie olhou para ela sem acreditar, sentindo o mundo ao redor se estreitar de repente.

– Do que você está falando? – ela conseguiu dizer, a voz desaparecendo.

Ashley abraçou as pernas com os braços.

– Nova garota, nova conquista? Não fique chateada. É só o jeito do Will. Ele não consegue evitar.

Ronnie sentiu o sangue sumir do rosto, de tão pálido. Disse a si mesma para ignorar, não acreditar, que Will não era assim. Mas as palavras não paravam de ecoar em sua mente...

Deixe-me adivinhar. Ele a levou para pescar, certo?

Ou isso ou ele a levou ao aquário...

Teria realmente julgado Will da maneira errada? Ela parecia se enganar sobre todos que conhecia ali. O que fazia sentido, considerando que Ronnie nem queria ter ido para aquele lugar. Depois de dar um longo suspiro, ela percebeu que Ashley a estava analisando.

– Você está bem? – perguntou a garota, suas sobrancelhas perfeitas franzidas de preocupação. – Eu disse alguma coisa que a aborreceu?

– Estou bem.

– Porque você parecia prestes a passar mal.

– Já disse que estou bem – retrucou Ronnie.

A boca de Ashley se abriu e se fechou antes que sua expressão se suavizasse.

– Ah, não. Não me diga que você estava realmente caindo na dele?

Nova garota, nova conquista? É só o jeito do Will...

As palavras ainda ecoavam em sua mente, e Ronnie continuou sem responder – não conseguia dizer nada. Quebrando o silêncio, Ashley prosseguiu, a voz cheia de compreensão.

– Bem, não se sinta mal, porque ele é muito bonito, o cara mais charmoso do mundo quando quer. Acredite, eu sei, porque também caí na dele. – Ela apontou para a multidão. – Assim como metade das meninas que você está vendo aqui.

Sem nem pensar, Ronnie vasculhou a multidão, notando a presença de algumas moças bonitas de biquíni, todas com os olhos grudados em Will. Ela se sentiu incapaz de falar. Enquanto isso, Ashley não dava trégua.

– Só imaginei que você fosse capaz de ver mais além... quero dizer, você parece um pouco mais sofisticada do que as outras garotas por aqui. Acho que pensei...

– Tenho que ir – disse Ronnie, o tom de voz mais estável do que suas emoções.

Ela sentiu as pernas tremerem um pouco quando se levantou. Na quadra, Will a viu se levantar, porque ele se virou para ela, sorrindo, agindo como...

O cara mais charmoso do mundo...

Ela se afastou, irritada com ele, só que ainda mais irritada consigo mesma por ser tão idiota. O que mais queria era sair dali o mais depressa possível.



No quarto, ela jogou a mala na cama e começou a enfiar roupas, quando a porta se abriu. Por cima do ombro, ela viu o pai parado. Hesitou apenas por um instante antes de ir até a cômoda e pegar mais pertences.

– Dia difícil? – perguntou o pai. Sua voz era suave, mas ele não esperou pela resposta. – Eu estava na oficina com Jonah quando vi você voltar da praia. Você parecia muito chateada.

– Não quero falar sobre isso.

O pai ficou parado, mantendo distância.

– Vai a algum lugar?

Ela suspirou com raiva enquanto continuava a guardar suas coisas.

– Vou embora daqui, entendeu? Vou ligar para a mamãe e vou embora daqui.

– Dia bem ruim, hein?

Ela se virou para ele.

– Por favor, não me faça ficar. Não gosto daqui. Não gosto das

peessoas daqui. Não me encaixo aqui. Não pertenço a este lugar. Quero ir para casa.

O pai não disse nada, mas ela viu a decepção em seu rosto.

– Sinto muito – acrescentou ela. – Não é por sua causa, ok? Se você ligar, vou atender e falar com você. E pode vir me ver em Nova York. Vamos passar um tempo juntos, está bem?

O pai continuou observando-a em silêncio, o que a fez se sentir ainda pior. Ela examinou o conteúdo de sua mala antes de colocar o restante dos pertences.

– Não sei bem se posso deixá-la ir.

Ela sabia que isso aconteceria e ficou tensa.

– Papai...

Ele levantou as mãos.

– Não é pelo motivo que você está pensando. Eu a deixaria ir, se pudesse. Ligaria para a sua mãe agora mesmo, mas, com o que aconteceu no outro dia na loja de discos...

Com Blaze, ela se ouviu responder. E a prisão...

Seus ombros se curvaram com a decepção. Mergulhada na raiva, ela se esquecera das mercadorias roubadas.

Claro que ela esquecera. Não tinha roubado nada, para começo de conversa. De repente, sua energia evaporou e ela se deixou cair na cama. Não era justo. Nada daquilo era justo.

O pai ainda não tinha entrado no quarto, estava à porta.

– Posso tentar falar com o Pete... o oficial Johnson... e ver se haveria algum problema. No entanto, pode ser que eu só consiga encontrá-lo amanhã e não quero que você se meta em mais problemas. Mas se ele disser que está tudo bem e você ainda quiser ir, não vou impedir.

– Promete?

– Prometo – respondeu ele. – Mesmo que eu prefira que você fique, prometo.

Ela assentiu, cerrando os lábios.

– Você vai a Nova York me visitar?

– Se eu puder – disse ele.

– Como assim?

Antes de o pai responder, houve uma súbita batida na porta, alta e insistente. O pai olhou por cima do ombro.

– Deve ser o rapaz com quem você estava hoje. – Ela se perguntou como ele sabia. Lendo sua expressão, o pai acrescentou:

– Vi que ele estava vindo para cá quando entrei em casa para procurar você. Quer que eu resolva isso?

Não fique chateada. É só o jeito do Will. Ele não consegue evitar.

– Não – respondeu ela. – Deixa que eu cuido disso.

O pai sorriu e, por um instante, ela pensou que ele parecia mais velho do que no dia anterior. Como se, de alguma maneira, seu pedido o tivesse envelhecido.

Mesmo assim, ela não pertencia àquele lugar. Era o lugar dele, não dela.

Houve mais uma batida na porta.

– Papai?

– Sim?

– Obrigada – disse ela. – Eu sei que você quer mesmo que eu fique, mas não consigo.

– Tudo bem, querida. – Embora sorrisse, as palavras saíram tristes. – Eu entendo.

Ela se levantou da cama. Quando chegou à porta, o pai colocou a mão em seu ombro e ela parou. Então, preparando-se psicologicamente, ela abriu a porta com força. Percebeu que, do lado de fora, a mão de Will ficara suspensa no ar. Ele parecia surpreso em vê-la.

Ela o encarou, perguntando-se como fora idiota a ponto de confiar nele. Deveria ter confiado nos próprios instintos.

– Ah, ei... – disse ele, baixando a mão. – Você está aqui. Por um segundo eu...

Ela bateu a porta, só para ouvi-lo imediatamente recomeçar a bater, com voz suplicante.

– Ronnie! Espere! Só quero saber o que aconteceu! Por que você foi embora?

– Vai embora! – gritou ela de volta.

– O que foi que eu fiz?

Ela abriu a porta de novo, de repente.

– Não vou entrar no seu joguinho!

– Que joguinho? Do que você está falando?

– Não sou nenhuma idiota. E não tenho nada para dizer a você.

Mais uma vez, ela fechou a porta. Will começou a bater de novo, com força.

– Não vou embora até você falar comigo!

O pai dela apontou para a porta.

– Problemas aí? Quer que eu resolva isso para você? – o pai ofereceu de novo.

A batida recomeçou.

– Ele não vai ficar muito tempo. É melhor simplesmente ignorá-lo.

Depois de um instante, o pai pareceu aceitar e indicou a cozinha.

– Está com fome?

– Não – disse ela, automaticamente. Então, colocando as mãos na barriga, mudou de ideia. – Bem, talvez um pouco.

– Encontrei outra boa receita na internet. Essa aqui leva cebola, cogumelo e tomate cozido em azeite, servidos com uma massa, salpicados com queijo parmesão. Gostou da ideia?

– Acho que o Jonah não vai gostar.

– Ele quis um cachorro-quente.

– Que grande surpresa.

Ele sorriu e a batida recomeçou. Diante da insistência, Steve percebeu algo no rosto da filha e abriu os braços.

Sem pensar, Ronnie foi na direção dele e o sentiu abraçá-la com

força. Havia algo... gentil e indulgente naquele abraço, algo do qual ela sentia saudades havia anos. Era tudo o que Ronnie podia fazer para impedir as lágrimas de descerem.

– Que tal eu lhe dar uma mãozinha com o jantar?



Ronnie tentou mais uma vez absorver o conteúdo da página que tinha acabado de ler. O sol havia se posto fazia uma hora e, depois de navegar sem descanso por alguns canais na TV, ela a desligou e pegou o livro. Porém, por mais que tentasse, não conseguia avançar um único capítulo, porque Jonah passara quase uma hora perto da janela... o que a forçou a pensar no que estava do lado de fora. Ou melhor, *quem* estava lá.

Will. Já fazia quatro horas e o cara ainda não desistira. Ele tinha parado de bater havia muito tempo e simplesmente ficou sentado logo após o pico da duna, de costas para a casa. Tecnicamente, estava na praia pública, por isso ninguém podia fazer nada, exceto ignorá-lo. Era isso que ela e o pai – que, estranhamente, estava lendo a Bíblia de novo – vinham tentando fazer.

Jonah, por outro lado, simplesmente não conseguia ignorá-lo. Parecia achar a vigília de Will fascinante, como o pouso de um óvni em pleno cais, ou o Pé Grande caminhando pela areia. Embora estivesse usando seu pijama dos Transformers e já devesse estar na cama, ele implorou ao pai que o deixasse ficar acordado mais um pouco, porque, em suas palavras, “se eu for deitar muito cedo, posso molhar a cama”.

Até parece.

Ele não fazia xixi na cama havia muitos anos, e Ronnie sabia que o pai não acreditara em uma só palavra. Sua permissão tinha a ver com o fato de que era a primeira noite que todos eles passavam juntos desde que ela chegara e – dependendo do que o oficial

Johnson dissesse – poderia ser a última. Ela achou que o pai queria simplesmente prolongar o momento.

Era compreensível, claro, mas a deixava mal sobre o desejo de ir embora. Preparar o jantar com o pai se mostrara mais divertido do que o esperado, uma vez que ele não fazia perguntas com insinuações, como sua mãe ultimamente. Ainda assim, ela não tinha intenção de ficar mais tempo do que o necessário na casa do pai, mesmo que fosse difícil para ele. O mínimo que podia fazer era tornar aquela noite agradável.

O que era impossível, óbvio.

– Quanto tempo você acha que ele vai ficar lá fora? – murmurou Jonah.

Pelos cálculos de Ronnie, ele já fizera a mesma pergunta pelo menos cinco vezes, mesmo que nem ela nem o pai tivessem respondido.

Dessa vez, no entanto, o pai deixou a Bíblia de lado.

– Por que você não vai lá perguntar a ele? – sugeriu.

– Ah, claro – disse Jonah, bufando. – Ele não é meu namorado.

– Ele também não é meu namorado – acrescentou Ronnie.

– Ele está agindo como se fosse seu namorado.

– Mas não é, entendeu? – disse ela, virando a página do livro.

– Então por que ele está sentado lá fora? – Jonah inclinou a cabeça, tentando decifrar o enigma. – É meio esquisito, você não acha? Passar horas sentado, esperando você falar com ele. Quer dizer, estamos falando da minha irmã. Minha *irmã*.

– Já ouvi – disse Ronnie.

Ainda de acordo com seus cálculos, ela havia lido o mesmo parágrafo seis vezes nos últimos vinte minutos.

– Só estou dizendo que é esquisito – ponderou Jonah, soando como um cientista perplexo. – Por que ele esperaria lá fora por causa da *minha irmã*?

Ronnie tirou os olhos do livro e viu seu pai tentando sufocar um

sorriso de divertimento, mas sem sucesso.

Ela voltou ao livro e começou a ler o mesmo parágrafo com determinação renovada e, nos dois minutos seguintes, a sala ficou em silêncio.

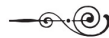
A não ser pelos sons de Jonah se remexendo e murmurando perto da janela.

Ela tentou ignorá-lo. Mudou de lugar, apoiou os pés na ponta da mesa e fez o possível para se concentrar nas palavras. Por um minuto ou mais, conseguiu bloquear tudo ao redor e estava prestes a mergulhar de novo na história quando voltou a ouvir a voz de Jonah.

– Quanto tempo você acha que ele vai ficar lá?

Ela fechou o livro com raiva.

– Está bem! – gritou, pensando mais uma vez na incrível habilidade que o irmão tinha de enlouquecê-la. – Eu resolvo. Vou lá!



Uma brisa forte soprava, carregando um aroma de sal e pinho, quando Ronnie saiu da varanda e se dirigiu até onde Will estava. Se ele tinha ouvido a porta bater, não deu nenhuma indicação; parecia satisfeito por lançar pequenas conchas nos caranguejos que corriam para suas tocas.

Uma camada de névoa marinha encobria algumas estrelas, fazendo a noite parecer mais fria e escura do que antes. Ronnie cruzou os braços, tentando amenizar o frio. Percebeu que Will estava com o mesmo short e a mesma camiseta que usara o dia inteiro. Ela se perguntou se ele estaria com frio, então se forçou a não pensar nisso. Ela não se importava, lembrou a si mesma, e então ele se virou para ela. No escuro, Ronnie não conseguia decifrar sua expressão, mas, quando o viu melhor, percebeu que

não estava tão irritada com ele, mas exasperada por sua persistência.

– Você está deixando meu irmão nervoso – comentou Ronnie, com um tom de voz que ela se esforçava para soar autoritário. – É melhor ir embora.

– Que horas são?

– Já passou das dez.

– Você demorou muito para sair.

– Eu não deveria ter vindo aqui. Já falei para você ir embora – retrucou ela, com um olhar penetrante.

Ele retesou a boca, que formou uma linha reta.

– Quero saber o que aconteceu.

– Não aconteceu nada.

– Então me diga o que a Ashley falou para você.

– Ela não falou nada.

– Mas eu vi vocês duas conversando!

Era por isso que ela não queria ir ali, para começo de conversa; era exatamente a conversa que queria evitar.

– Will...

– Por que você fugiu depois de falar com ela? E por que levou quatro horas para vir aqui falar comigo?

Ela balançou a cabeça, recusando-se a admitir como se sentia humilhada.

– Não era nada importante.

– Em outras palavras, ela disse alguma coisa, não? O que ela disse? Que ainda estamos namorando? Porque não é verdade. Está tudo acabado entre nós.

Demorou um momento para Ronnie perceber o que ele queria dizer.

– Ela foi sua namorada?

– Foi – respondeu ele. – Por dois anos.

Ronnie não disse nada, então ele se levantou e deu um passo

para mais perto dela.

– O que ela te disse?

Ronnie, porém, mal ouvia a voz dele. Em vez disso, começou a se lembrar da primeira vez que vira Ashley, a primeira vez que vira Will...

Ashley, com seu corpo escultural de biquíni, olhando para ele...

Vagamente, ela ouviu Will continuar:

– O quê? Você não vai nem falar comigo? Você me faz ficar aqui sentado por horas e não vai nem se dignar a me dar uma simples resposta?

Mas Ronnie também não estava ouvindo. Em vez disso, ela se lembrou da expressão de Ashley naquele dia, perto da quadra. Fazendo poses, aplaudindo, desejando... a atenção de Will?

Por quê? Porque estava tentando reconquistá-lo? E temia que Ronnie a atrapalhasse?

Com isso, as coisas começaram a fazer sentido. Mas, antes que ela pudesse pensar no que dizer, Will balançou a cabeça.

– Pensei que você fosse diferente. Só pensei... – Ele olhou para ela, seu rosto um misto de raiva e decepção. Então, de repente, virou-se e começou a se afastar em direção à praia. – Droga! Não sei o que eu estava pensando – disse ele, olhando para trás.

Ela deu um passo à frente e estava prestes a chamá-lo quando notou uma luz cintilando na praia, perto da água. A luz oscilou, como se alguém estivesse jogando uma...

Bola de fogo, concluiu ela.

Ronnie sentiu a respiração ficar presa na garganta, sabendo que Marcus estava lá, e deu um passo involuntário para trás. De repente, imaginou-o esgueirando-se para o ninho enquanto ela dormia do lado de fora. Ela se perguntou quão perto ele poderia ter chegado. Por que não a deixava em paz? Será que ele a estava perseguindo?

Ela vira histórias no noticiário e ouvira falar sobre coisas desse

tipo. Embora preferisse pensar que saberia o que fazer e que seria capaz de lidar com qualquer situação sozinha, aquilo era diferente. Porque Marcus era diferente.

Marcus a assustava.

Will já estava a duas casas de distância, sua silhueta desaparecendo noite adentro. Ela pensou em chamá-lo de volta e lhe contar tudo, mas a última coisa que desejava era ficar mais tempo do que o necessário ali fora. Não queria que Marcus a associasse a Will. De qualquer forma, não existia nada entre ela e Will. Não mais, pelo menos. Agora, era só ela.

E Marcus.

Em pânico, deu mais um passo para trás e se obrigou a parar. Se ele soubesse que ela estava assustada, as coisas poderiam piorar. Em vez disso, ela se forçou a ficar sob a luz da varanda e, deliberadamente, virou-se para olhar na direção de Marcus.

Não conseguia vê-lo – apenas a luz cintilando enquanto ele jogava a bola de um lado para outro. Sabia que Marcus queria que ela sentisse medo, o que despertou algo em seu interior. Continuando a olhar para ele, ela colocou as mãos na cintura e levantou o queixo em uma posição desafiadora. Seu sangue pulsava, mas ela manteve a pose mesmo quando a bola de fogo parou na mão dele. Pouco depois, a luz sumiu e ela soube que Marcus havia fechado a mão sobre ela, anunciando que se aproximaria.

Ainda assim, ela se recusou a sair. Não tinha certeza do que faria se, de repente, ele surgisse a poucos metros de distância, mas, quando os segundos se transformaram em um minuto, depois em outro, ela percebeu que ele tinha decidido não se aproximar. Cansada de esperar e satisfeita por ter transmitido sua mensagem, ela voltou para casa.

Foi só então, ao se apoiar na porta depois de fechá-la, que percebeu as mãos tremendo.

15



Marcus

— Quero comer alguma coisa antes que o restaurante feche — implorou Blaze.

— Então vai — disse Marcus. — Estou sem fome.

Blaze e Marcus estavam no Bower's Point, junto com Teddy e Lance, que haviam levado duas das meninas mais feias que Marcus já tinha visto e estavam tentando embebedá-las. Marcus ficara irritado ao encontrá-los ali e, ainda por cima, Blaze não parava de persegui-lo fazia pelo menos uma hora, perguntando onde ele estivera o dia todo.

Ele achava que Blaze sabia que tinha algo a ver com Ronnie, pois ela não era boba. Blaze soube desde o início que Marcus tinha interesse em Ronnie, o que explicava por que ela havia colocado os CDs na mochila da garota. Era a solução perfeita para manter Ronnie distante... fazendo com que Marcus também não tivesse a chance de vê-la.

Isso o deixara irritado. E então, dar de cara com ela ali,

choramingando porque estava com fome, pendurando-se nele, importunando-o com perguntas...

– Não quero ir sozinha – choramingou ela novamente.

– Você não me ouviu? – rosnou ele. – Você ouviu alguma coisa do que eu digo? Acabei de falar que não estou com fome.

– Não estou dizendo que você tem que comer... – murmurou Blaze, desanimada.

– Você pode calar essa boca e não falar mais sobre isso?

Ela ficou quieta. Pelo menos por alguns minutos. Pela maneira como se mostrava chateada, Marcus percebia que ela queria que ele se desculpasse por alguma coisa. Bem, isso não ia acontecer.

Virando-se para a água, ele acendeu sua bola de fogo, irritado com o fato de Blaze ainda estar lá. Estava com raiva porque Teddy e Lance também estavam lá quando, na verdade, ele só queria um pouco de paz e sossego. Estava irritado por Blaze ter feito Ronnie fugir, e sua irritação era ainda maior por estar irritado com tudo aquilo. Não era do seu feitio e ele odiava estar se sentindo assim. Queria bater em alguma coisa ou em alguém. Ele se afastou, desejando tomar uma cerveja, aumentar a música e ficar apenas pensando sozinho por um tempo. Sem todas aquelas pessoas em cima dele.

Além disso, ele não estava realmente zangado com Blaze. Quando soube o que ela fizera, ficou até satisfeito, pensando que isso poderia aproximá-lo de Ronnie. Você me consola, eu consolo você, esse tipo de coisa, mas, quando ele sugeriu isso para Ronnie, ela reagiu como se ele tivesse alguma doença, como se ela preferisse morrer a chegar perto dele. Mas Marcus não era do tipo que desistia e imaginou que ela acabaria percebendo que ele era a única saída para toda aquela confusão. Então, foi à casa dela para uma breve visita, esperando que tivesse uma chance para conversarem. Estava decidido a ser menos agressivo e adotar uma postura mais compreensiva quando ela comentasse sobre a terrível

atitude de Blaze. Eles poderiam sair para dar um passeio e algo iria acontecer entre eles. Certo?

No entanto, quando chegou à casa dela, Will estava lá. De todas as pessoas, logo Will, sentado naquela duna, esperando para falar com ela. E Ronnie acabou saindo para conversarem. Na verdade, eles pareciam estar discutindo, mas, pela forma como agiam, estava claro que havia algo entre os dois, o que também o irritou, porque significava que eles se conheciam bem. Porque significava que, provavelmente, eram um casal.

Ele, portanto, tinha calculado tudo errado.

E então? Ah, aquela foi a grande surpresa. Depois que Will foi embora, Ronnie percebeu que tinha duas visitas, não apenas uma. Quando ela percebeu que ele a observava, Marcus sabia que havia duas hipóteses. Ou ela sairia e falaria com ele, na esperança de que convencesse Blaze a dizer a verdade, ou agiria com medo, como fizera antes, e correria para casa. Ele gostava de ter o poder de assustá-la. Poderia usar isso em seu benefício.

Ela, porém, não fez nada do que ele esperava. Em vez disso, olhou em sua direção, como se dissesse *Pode vir*. Ficou na varanda, a linguagem corporal sinalizando uma provocação cheia de raiva, até finalmente voltar para casa.

Ninguém fazia isso com ele. Muito menos garotas. Quem ela pensava que era? Com ou sem um corpo pequeno e bonito, ele não gostou. Não gostou nem um pouco.

Blaze interrompeu seus pensamentos:

– Tem certeza de que não quer vir?

Marcus virou-se para ela, sentindo o súbito impulso de clarear a mente e se acalmar. Ele sabia exatamente do que precisava e ela lhe daria isso.

– Venha aqui – disse ele, forçando um sorriso. – Senta aqui do meu lado. Não quero que você vá agora.

16



Steve

Steve olhou para Ronnie quando ela entrou em casa. Embora a filha lhe dirigisse um sorriso, tentando assegurar de que não havia nada de errado, ele não pôde deixar de notar sua expressão quando ela agarrou o livro e foi para o quarto.

Algo estava errado, sem dúvida.

Ele só não tinha certeza do que era. Não sabia se ela estava triste, irritada ou assustada e, embora refletisse se deveria tentar falar com ela, estava seguro de que, fosse qual fosse o problema, ela preferia resolver sozinha. Ele imaginava que era normal. Ainda que não tivesse passado muito tempo com ela, Steve dera aula para jovens durante anos e sabia que, quando eles queriam conversar – quando tinham algo importante a dizer –, a preocupação e a ansiedade chegavam a deixar seu estômago revirado.

– Ei, papai – disse Jonah.

Enquanto Ronnie estava lá fora, ele proibira Jonah de ficar olhando pela janela. Parecia o certo a fazer, e o garoto percebera que era melhor não argumentar. Viu que estava passando *Bob*

Esponja na TV e ficou assistindo alegremente nos últimos quinze minutos.

– Sim?

Jonah se levantou, sua expressão séria.

– O que tem um olho só, fala francês e adora biscoitos antes de ir dormir?

Steve considerou a pergunta.

– Não tenho a menor ideia.

Jonah cobriu um olho com a mão.

– *Moi*.

Steve deu uma risada enquanto se levantava do sofá, deixando a Bíblia de lado. O garoto era realmente engraçado.

– Vamos lá. Tenho Oreo na cozinha.

– Acho que a Ronnie e o Will brigaram – afirmou Jonah, ajeitando o pijama.

– É esse o nome dele?

– Não se preocupe. Já levantei a ficha dele.

– Ah! – exclamou Steve. – Por que você acha que eles brigaram?

– Porque deu para ouvir. O Will estava muito zangado.

Steve franziu o cenho.

– Pensei que você estivesse vendo desenho.

– Eu estava. Mas deu para ouvir – comentou Jonah, com naturalidade.

– Você não deve escutar as conversas dos outros – censurou Steve.

– Mas às vezes elas são interessantes.

– Mesmo assim, é errado.

– Mamãe tenta ouvir a Ronnie quando ela está falando no telefone. E ela pega o celular da Ronnie quando ela está tomando banho e verifica as mensagens.

– Ela faz isso? – Steve tentou não soar muito surpreso.

- Faz. Senão, como ela vai saber da vida dela?
- Não sei... talvez elas pudessem conversar – sugeriu.
- Ah, claro. – Jonah bufou. – Nem o Will consegue falar com ela sem discutir. Ela enlouquece as pessoas.



Quando tinha 12 anos, Steve tinha poucos amigos. Entre ir à escola e estudar piano, não lhe sobrava muito tempo e a pessoa com quem ele mais conversava era o pastor Harris.

Naquele momento de sua vida, o piano havia se tornado uma obsessão e, muitas vezes, ele praticava de quatro a seis horas diárias, perdido em seu próprio mundo de melodias e composições. Ele já havia vencido várias competições locais e estaduais. A mãe só estivera presente na primeira, e o pai jamais o vira tocar em público. Assim sendo, muitas vezes ele se encontrava no banco da frente do carro com o pastor Harris, viajando para Raleigh, Charlotte, Atlanta ou Washington. Passavam longas horas conversando e, embora o pastor Harris fosse um homem religioso e trouxesse as bênçãos de Cristo para a maioria das conversas, ele sempre soava tão natural quanto alguém de Chicago comentando sobre a futilidade infinita dos jogos de beisebol.

O pastor Harris era um homem gentil, com uma vida atribulada. Ele levava sua vocação a sério e, na maioria das noites, cuidava de seu rebanho, fosse no hospital, em uma funerária ou nas casas dos membros da congregação, a quem passara a considerar seus amigos. Celebrava casamentos e batizados nos fins de semana, tinha reuniões nas noites de quarta-feira, e às terças e quintas trabalhava com o coral. Porém, todos os dias, antes do anoitecer, independentemente do clima, ele reservava para si mesmo uma hora sozinho na praia. Quando voltava, Steve pensava que aquele período de solidão era exatamente do que o pastor precisava. Havia

algo decidido e sereno em sua expressão sempre que ele retornava daqueles passeios. Steve sempre imaginara que era a maneira pela qual ele se dava o direito a um pouco de solidão – até o dia em que perguntou a ele a respeito.

– Não – respondeu o pastor Harris. – Não ando pela praia para ficar sozinho, porque isso não é possível. Caminho e converso com Deus.

– O senhor quer dizer que reza?

– Não. Estou me referindo a conversar mesmo. Nunca se esqueça de que Deus é seu amigo. E, como todos os amigos, ele anseia por ouvir o que está acontecendo em sua vida. Coisas boas ou ruins, se ela está cheia de tristeza ou raiva, ou até quando você se questiona por que coisas terríveis têm que acontecer. Então, converso com ele.

– O que o senhor diz?

– O que você diz para seus amigos?

– Não tenho amigos. – Steve abriu um sorriso amargo. – Pelo menos nenhum com quem possa conversar.

O pastor Harris colocou a mão em seu ombro para tranquilizá-lo.

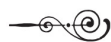
– Você tem a mim. – Diante do silêncio do garoto, o pastor Harris apertou seu ombro. – Conversamos da mesma forma que você e eu.

– Ele responde? – Steve parecia duvidar.

– Sempre.

– O senhor ouve o que Ele diz?

– Sim, mas não com os meus ouvidos. – Ele pôs uma das mãos no peito. – É aqui que ouço as respostas. É aqui que sinto a presença Dele.



Depois de dar um beijo de boa-noite em Jonah e colocá-lo para

dormir, Steve parou junto à porta do quarto para observar a filha. Para sua surpresa, Ronnie já dormia quando eles entraram no quarto, e o motivo do incômodo da filha, fosse lá qual fosse, não estava mais em evidência. Seu rosto parecia relaxado, seu cabelo espalhado sobre o travesseiro e os dois braços dobrados perto do peito. Ele ficou em dúvida se deveria ou não lhe dar um beijo de boa-noite, mas achou melhor deixá-la em paz, permitindo que seus sonhos voassem sem interrupção, como o degelo descendo em direção ao rio, rumo aos lugares aonde estavam destinados a chegar.

Ainda assim, ele não conseguiu ir embora. Sentia certa paz de espírito ao observar os filhos dormirem e, quando Jonah rolou para o lado, afastando-se da luz do corredor, ele se perguntou quanto tempo fazia desde que havia dado um beijo de boa-noite em Ronnie. No ano anterior à sua separação de Kim, Ronnie tinha chegado a uma idade em que achava essas coisas meio constrangedoras. Ele se lembrava claramente da primeira noite em que disse que a colocaria na cama para dormir e a ouviu responder:

– Não precisa. Vou ficar bem.

Kim olhou para ele com uma expressão de pesar. Ela sabia que Ronnie estava crescendo, mas, mesmo assim, a passagem da infância lhe trazia certa dor ao coração.

Ao contrário de Kim, Steve não se ressentia do fato de Ronnie estar crescendo. Pensou na própria vida quando tinha a mesma idade e se lembrou de quando tomava suas próprias decisões. Lembrou-se de quando formava seus próprios conceitos sobre o mundo, e seus anos como professor apenas reforçaram a ideia de que a mudança não só era inevitável, mas geralmente trazia recompensas próprias. Havia momentos em que ele se encontrava em uma sala de aula com um aluno, ouvindo-o contar sobre suas dificuldades com os pais, sobre como a mãe tentava ser sua amiga, ou como o pai era controlador. Outros professores do departamento

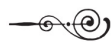
pareciam perceber que ele tinha uma sintonia natural com os alunos e, muitas vezes, quando os jovens iam embora, ele se surpreendia ao descobrir que muitos deles sentiam o mesmo. Não tinha certeza do motivo. Na maioria das vezes, ele os ouvia em silêncio, ou simplesmente reformulava suas perguntas, forçando-os a chegar às próprias conclusões e lhes passando a confiança de que, na maioria das situações, elas eram as corretas. Mesmo quando sentia necessidade de dizer algo, ele geralmente oferecia apenas comentários mais genéricos, típicos dos psicólogos.

“É claro que sua mãe quer ser sua amiga”, diria ele. “Ela está começando a pensar em você mais como um adulto que quer conhecer melhor.” Ou: “Seu pai sabe que cometeu erros na vida e não quer que você cometa os mesmos.”

Pensamentos comuns de um homem comum, mas, para seu espanto, o aluno por vezes se virava para a janela em silêncio, como se estivesse absorvendo algo muito profundo. Às vezes, ele até recebia uma ligação dos pais da criança, agradecendo a ele por conversar com seu filho, comentando que ele parecia estar mais animado nos últimos dias. Quando desligava o telefone, Steve tentava se lembrar do que tinha dito, na esperança de que houvesse sido mais perspicaz do que se dera conta, mas nunca percebia nada disso.

No silêncio do cômodo, Steve ouviu a respiração de Jonah começando a se abrandar. Ele sabia que o filho já tinha adormecido; o sol e o ar fresco sem fim pareciam exauri-lo de um modo que Manhattan jamais poderia fazer. Quanto a Ronnie, ele estava aliviado ao ver que o sono tinha apagado a tensão dos últimos dias. Seu rosto era sereno, quase angelical, e, de alguma forma, o fazia lembrar o do pastor Harris depois de seus passeios na praia. Ele a observou na quietude absoluta daquele quarto, ansiando novamente por um sinal da presença de Deus. No dia seguinte, Ronnie poderia estar de partida e, ao pensar nessa hipótese, deu um passo

hesitante na direção da filha. A luz do luar divagava pela janela, e ele ouviu o zumbido constante de ondas do mar do lado de fora. O suave reluzir das estrelas distantes parecia enviar uma afirmação celestial, como se Deus estivesse anunciando Sua presença em algum outro lugar. De repente, ele se sentiu cansado. Estava sozinho, pensou; sempre estaria sozinho. Abaixou-se e beijou Ronnie no rosto suavemente, sentindo de novo a torrente do seu amor por ela, uma alegria tão intensa quanto a dor.



Pouco antes do amanhecer, um pensamento o despertou – na verdade, era mais uma sensação –, e ele percebeu que sentia saudades de tocar piano. Quando estremeceu devido à previsível dor no estômago, sentiu o desejo de correr para a sala e se perder em sua música.

Ele se perguntou quando teria a oportunidade de tocar novamente. Agora, lamentava não ter feito amizade com os outros moradores da cidade; desde que colocara tábuas para isolar o piano, havia momentos em que sonhava em aproximar-se de um amigo e lhe pedir licença para tocar um piano que era raramente usado em sua sala, um instrumento que esse amigo imaginário considerava uma simples peça de decoração. Ele se via sentando no banquinho empoeirado, enquanto o amigo assistia da cozinha ou da entrada de casa – isso não ficava muito claro – e, de repente, ele começaria a tocar algo que levaria o tal amigo às lágrimas, algo que não conseguira fazer durante todos aqueles meses de turnê.

Ele sabia que era um sonho ridículo, mas, sem a música, sentia-se sem rumo. Levantando-se da cama, procurou se livrar daqueles pensamentos obscuros. O pastor Harris lhe dissera que um novo piano havia sido encomendado para a igreja, um presente de um de seus membros, e que Steve era bem-vindo para tocá-lo assim que o

instrumento chegasse. Mas isso só aconteceria no fim de julho, e ele não sabia ao certo se poderia fazê-lo até então.

Em vez disso, ele se sentou à mesa da cozinha e colocou as mãos sobre o tampo. Com bastante concentração, conseguiria ouvir a música em sua mente. Beethoven compôs a “Eroica” quando estava quase surdo, certo? Talvez ele também pudesse ouvir tudo em sua cabeça, como Beethoven fizera. Escolheu o concerto que Ronnie tocara em sua apresentação no Carnegie Hall e se concentrou, fechando os olhos. A melodia era fraca no início, quando ele começou a mexer os dedos. Aos poucos, as notas e os acordes se tornaram mais claros e mais distintos e, embora não fosse tão satisfatório quanto tocar um piano de verdade, ele sabia que teria que se contentar com aquilo.

Com os acordes finais do concerto reverberando em sua mente, ele abriu os olhos bem devagar e se viu sentado na cozinha semiescura. O sol surgiria no horizonte em apenas alguns minutos e, por alguma razão, ele ouviu o som de uma única nota, um si bemol, que perdurou baixinho por algum tempo, acenando para ele. Ele sabia que só tinha imaginado, mas o som da nota permaneceu e ele saiu à procura de papel e caneta.

Rapidamente, desenhou algumas pautas musicais e colocou as notas antes de pressionar o dedo na mesa mais uma vez. De novo, ouviu o som, mas agora seguido por mais algumas notas, e ele as escreveu também.

Ele havia composto música durante grande parte de sua vida, mas considerava as melodias meras estatuetas comparadas aos monumentos que em geral preferia tocar. Aquilo poderia não dar em nada, mas ele ficou com vontade de aceitar o desafio. E se ele fosse capaz de compor algo... inspirado? Algo que fosse lembrado muito depois que ele mesmo fosse esquecido?



A fantasia durou pouco. Ele já tentara e fracassara em outros tempos e não tinha dúvidas de que fracassaria outra vez. Mesmo assim, sentiu-se bem com o que fizera. Era arrebatador criar algo do nada. Embora não tivesse chegado muito longe na melodia – depois de muito trabalho, voltara às primeiras poucas notas que escrevera e decidira recomeçar tudo –, Steve se sentia satisfeito.

Quando o sol atingiu o cume das dunas, ele refletiu sobre seus pensamentos da noite anterior e decidiu dar uma caminhada na praia. Mais do que tudo, queria voltar para casa com a mesma paz que vira no rosto do pastor Harris, mas, enquanto andava pela areia, não pôde deixar de se sentir um amador, alguém que procurava as verdades de Deus como uma criança procurava conchas marinhas.

Teria sido bom se ele tivesse sido capaz de detectar um óbvio sinal de Sua presença – uma sarça ardente, talvez –, mas tentou se concentrar no mundo ao redor: o sol se erguendo no horizonte, o trinado dos pássaros, a névoa persistente sobre a água. Ele se esforçou para absorver a beleza sem nenhum pensamento consciente, tentando sentir a areia sob seus pés e a brisa que acariciava seu rosto. Apesar de seus esforços, ele não sabia se estava ou não se aproximando de alguma resposta.

O que será, perguntou-se pela centésima vez, que permitia ao pastor Harris ouvir as repostas em seu coração? O que ele queria dizer quando afirmava sentir a presença de Deus? Steve pensou em perguntar diretamente ao pastor, mas achava que não surtiria qualquer efeito. Como alguém poderia explicar uma coisa dessas? Seria como descrever cores para um cego de nascença: as palavras podiam ser entendidas, mas o conceito permanecia misterioso e particular.

Ele achou estranho cultivar tais pensamentos. Até pouco tempo, nunca se sentira atormentado por essas perguntas, mas imaginou que as responsabilidades do dia a dia o mantiveram ocupado o suficiente para evitar pensar nelas, pelo menos até ter voltado para

Wrightsville Beach. Ali, o tempo havia desacelerado, junto com o ritmo de sua vida. Conforme continuava a caminhar pela praia, Steve refletiu mais uma vez sobre a decisão fatídica que tomara de tentar a sorte como pianista de concerto. De fato, ele sempre se questionara se teria sucesso e, sim, havia sentido que o tempo estava se esgotando. Mas como aqueles pensamentos adquiriram tamanha urgência naquela época? Por que estava tão disposto a passar meses sem ver a família a cada turnê? Como, ele se perguntou, pôde ter sido tão egoísta? Olhando em retrospecto, ele percebia que não fora uma decisão sábia para ninguém. Chegou a pensar que a sua paixão pela música havia forçado a escolha, mas agora achava que, na verdade, ele estava procurando maneiras de preencher o vazio que às vezes sentia dentro de si.

E então, naquela caminhada, começou a se perguntar se seria nesse entendimento que acabaria por encontrar sua resposta.

17



Ronnie

Ao acordar, Ronnie olhou para o relógio, aliviada porque, pela primeira vez desde que chegara, conseguira dormir quanto queria. Não era tão tarde, mas, quando saiu da cama, ela realmente se sentia revigorada. Ouviu a TV na sala e, ao sair do quarto, logo viu Jonah. Ele estava deitado de costas no sofá, a cabeça pendurada para fora da almofada, olhando atentamente para a tela. Seu pescoço, exposto como se estivesse na guilhotina, estava polvilhado com migalhas de Pop-Tarts. Ela o viu dar mais uma mordida, espalhando mais migalhas em si mesmo e no tapete.

Ela não queria perguntar. Sabia que a resposta não faria sentido, mas não pôde evitar.

– O que você está fazendo?

– Estou vendo TV de cabeça para baixo – respondeu o menino.

Ele estava assistindo a um daqueles desenhos japoneses irritantes, com criaturas de olhos grandes, que ela nunca entendeu.

– Por quê?

– Porque eu quero.

– Mais uma vez, por quê?

– Não sei.

Ela sabia que não deveria ter perguntado. Em seguida olhou para a cozinha.

– Cadê o papai?

– Não sei.

– Você não sabe onde o papai está?

– Não sou babá dele – respondeu, soando irritado.

– Quando ele saiu?

– Não sei.

– Ele estava aqui quando você se levantou?

– Uhum. – O olhar dele se afastou da TV. – A gente conversou sobre o vitral.

– E então...

– Não sei.

– Você está dizendo que ele simplesmente desapareceu do nada?

– Não. Estou dizendo que, depois disso, o pastor Harris veio e eles foram lá fora conversar – disse ele, como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

– Então por que você não contou essa parte? – indagou Ronnie, levantando os braços, irritada.

– Porque estou tentando ver o desenho enquanto fico *de cabeça para baixo*. Não é fácil falar com você com o sangue correndo para minha cabeça.

Ele se preparou para quaisquer repostas raivosas. Por exemplo, *Talvez você devesse ficar de cabeça para baixo mais vezes, então*, mas ela não cedeu à tentação. Porque estava com um humor bem melhor. Porque dormira. E, o melhor de tudo, porque ouviu uma pequena voz em seu interior sussurrar: *Talvez você vá para casa hoje*. Chega de Blaze, de Marcus ou Ashley, chega de acordar cedo de manhã.

Mas chega de Will também...

O pensamento a fez hesitar. Na verdade, estar com ele não tinha sido tão ruim. Eles se divertiram no dia anterior, do início ao fim. Ela deveria ter contado a ele o que Ashley lhe dissera. Deveria ter se explicado. Mas com Marcus aparecendo ali...

O que ela queria, de verdade, era ficar o mais longe possível dali.

Abrindo as cortinas, espiou pela janela. Seu pai e o pastor Harris estavam na calçada, e ela percebeu que não via o pastor desde que era uma garotinha. Ele havia mudado pouco desde então; embora agora se apoiasse em uma bengala, as sobrancelhas e o cabelo farto e branco continuavam memoráveis. Ela sorriu, lembrando-se de como ele fora gentil depois do enterro de seu avô. E sabia por que seu pai gostava tanto dele; havia algo infinitamente bondoso naquele homem e ela recordou que, depois das solenidades, ele lhe ofereceu um copo de limonada que era mais doce do que qualquer refrigerante. Eles pareciam estar conversando com mais alguém na calçada, alguém que ela não conseguia ver. Foi até a porta e a abriu para obter uma visão melhor. Levou apenas um instante para reconhecer o carro da polícia. O agente Pete Johnson estava de pé, entre o banco do motorista e a porta da frente aberta, claramente se preparando para ir embora.

Ela ouviu o ruído baixo do motor e, quando desceu os degraus da varanda, seu pai acenou. Pete fechou a porta, deixando Ronnie com um mau pressentimento.

Quando ela se aproximou do pai e do pastor Harris, o agente Pete já estava de volta à pista, o que só confirmou sua sensação de que a má notícia estava chegando.

– Você acordou – disse o pai. – Acabei de ir vê-la no quarto e você parecia estar desmaiada. – Ele indicou o homem ao lado. – Você se lembra do pastor Harris?

Ronnie estendeu a mão.

– Claro. Oi de novo. É bom vê-lo.

Quando o pastor Harris a cumprimentou, ela notou as cicatrizes brilhantes que cobriram suas mãos e braços.

– Não posso acreditar que essa é a mesma jovem que tive a sorte de conhecer há muito tempo. Você está uma moça agora. – Ele sorriu. – Você se parece com sua mãe.

Ela tinha ouvido aquilo muitas vezes nos últimos tempos, mas ainda não entendera o que queria dizer. Será que ela parecia velha? Ou sua mãe parecia jovem? Era difícil dizer, mas ela sabia que aquilo era um elogio.

– Obrigada. Como está a Sra. Harris?

Ele ajustou a bengala.

– Ela está me mantendo na linha, como sempre. E tenho certeza de que ela adoraria ver você também. Se tiver um tempo de passar por lá, garanto que ela terá uma jarra de limonada caseira para você.

Era óbvio que ele se lembrava.

– Vou cobrar essa promessa.

– Espero que sim. – Ele se virou para Steve. – Obrigado novamente por se oferecer para fazer o vitral. Está ficando muito bonito...

– Você não tem que me agradecer...

– É claro que tenho. Mas agora preciso ir. As irmãs Tolson vão liderar os estudos bíblicos hoje de manhã e, se você as conhecesse, entenderia por que não posso deixá-las fazerem isso sozinhas. Elas valorizam muito mais a parte do fogo e do enxofre. Adoram Daniel e o Apocalipse, e parecem esquecer que a passagem da Segunda Carta aos Coríntios sobre o amor está na Bíblia. – Ele se virou para Ronnie. – Foi ótimo vê-la novamente, mocinha. Espero que seu pai não esteja causando muitos problemas nesses dias. Você sabe como os pais podem ser.

Ela sorriu.

– Ele não dá problemas.

– Ótimo. Mas, se ele aprontar, venha falar comigo e farei o meu melhor para colocá-lo no caminho certo. Ele era um menino travesso de vez em quando, por isso posso imaginar como você deve se sentir frustrada.

– Eu não era travesso – protestou o pai. – A única coisa que eu fazia era tocar piano.

– Lembre-me de contar a você sobre quando ele colocou corante vermelho na pia batismal.

O pai parecia envergonhado.

– Nunca fiz isso!

O pastor Harris parecia estar se divertindo.

– Talvez não, mas o que eu disse ainda vale. Não importa como ele se apresente hoje, seu pai não era perfeito.

Com isso, ele se virou e foi embora. Achando graça, Ronnie observou o velho homem se afastar. Qualquer um que pudesse fazer seu pai se sentir envergonhado – de maneira inofensiva, claro – era alguém que ela sem dúvida gostaria de conhecer melhor. Sobretudo se ele tivesse histórias para contar. Histórias divertidas. Histórias *boas*.

A expressão de seu pai enquanto via o pastor se afastar era inescrutável. No entanto, quando se virou para Ronnie, parecia ter se transformado de novo no pai que ela já conhecia, e a garota lembrou mais uma vez que o agente Pete estivera ali havia poucos minutos.

– O que foi aquilo? – perguntou ela. – Com o agente Pete.

– Por que não tomamos café primeiro? Tenho certeza de que você está faminta. Mal comeu ontem no jantar.

Ela levantou os braços para abraçá-lo.

– Apenas me diga, papai.

Steve hesitou, lutando para encontrar as palavras certas, mas não era possível enfeitar a verdade. Ele suspirou.

– Você não vai poder voltar para Nova York, pelo menos enquanto não for denunciada na semana que vem. A dona da loja pretende prestar queixa.



Ronnie se sentou na duna, mais assustada do que irritada com a ideia do que estaria acontecendo dentro de casa. Já fazia uma hora que o pai lhe revelara o que o agente Pete tinha dito, e ela estava sentada ali desde então. Sabia que o pai se encontrava lá dentro, conversando com a mãe dela ao telefone, e já imaginava qual seria a reação dela. Essa era a única vantagem de continuar ali fora.

Exceto por Will...

Ronnie balançou a cabeça, perguntando-se por que não conseguia parar de pensar nele. Eles já tinham terminado, se é que um dia haviam começado. Por que ele estava interessado nela? O garoto ficara com Ashley por muito tempo, o que significava que gostava daquele tipo. Se havia uma coisa que ela tinha aprendido era que as pessoas nunca mudavam. Elas gostavam das mesmas coisas, ainda que não soubessem por quê. E ela não era nada como Ashley.

Sem discussão, sem debates. Porque, se ela fosse como Ashley, era melhor começar a nadar em direção ao horizonte até que toda e qualquer esperança de resgate desaparecesse. Era melhor acabar com tudo naquele mesmo instante.

Mesmo assim, não era isso o que mais a incomodava, e sim sua mãe. Sem dúvida, Kim estava ouvindo sobre a prisão, pois Steve estava no telefone *naquele instante*. A ideia a fez se encolher de medo. A mãe devia estar uma fera, *berrando* feito louca, sem dúvida. Assim que o pai desligasse, ela provavelmente ligaria para a irmã ou a própria mãe para espalhar a notícia sobre a mais recente barbaridade que Ronnie cometera. Kim tinha a mania de contar

todos os problemas pessoais, em geral com um exagero suficiente para fazer Ronnie parecer o mais culpada possível. Sua mãe sempre deixara de lado as nuances, claro. Naquele caso, a nuance mais importante era que ela *não tinha feito nada*!

Mas fazia alguma diferença? É claro que não. Ela podia *sentir* a raiva da mãe e ficou mal só de pensar. Talvez fosse bom ainda não poder ir para casa.

Ronnie ouviu o pai se aproximar. Quando olhou para trás, ele hesitou. Ela sabia que ele estava tentando descobrir se a filha queria ficar sozinha, antes de, cautelosamente, se sentar ao lado dela. Ele não disse nada de imediato. Em vez disso, ficou observando uma distante traineira de camarão ancorada no horizonte.

– Ela ficou brava?

Ronnie já sabia a resposta, mas não podia deixar de perguntar.

– Um pouco – admitiu ele.

– Só um pouco?

– Tenho certeza de que ela se transformou em um Godzilla na cozinha enquanto conversávamos.

Ronnie fechou os olhos, imaginando a cena.

– Você contou a ela o que aconteceu de verdade?

– Claro que sim. E me certifiquei de dizer a ela que tinha certeza de que você estava dizendo a verdade. – Ele pôs um braço ao redor do ombro da filha e lhe deu um abraço. – Ela vai superar isso. Sempre supera.

Ronnie assentiu. No silêncio, percebeu que o pai a analisava.

– Sinto muito que você não possa ir para casa hoje – disse ele. Seu tom de voz era suave e pesaroso. – Eu sei como você odeia este lugar.

– Não odeio este lugar – disse ela, de pronto. Surpreendendo a si mesma, Ronnie percebeu que, por mais que tentasse se

convencer do contrário, ela estava falando a verdade. – É que não pertenco a este lugar, só isso.

Ele abriu um sorriso melancólico.

– Se serve de consolo, quando eu era criança, também não achava que pertencesse a este lugar. Sonhava em ir para Nova York. Mas é estranho, porque, quando eu finalmente saí daqui, acabei sentindo mais saudades do que pensei que sentiria. Tem alguma coisa no mar que me deixa atraído.

Ela se virou para ele.

– O que vai acontecer comigo? O agente Pete disse mais alguma coisa?

– Não. Só que a proprietária acha que deve prestar queixa, já que os itens eram valiosos e ela teve um monte de problemas com roubos nos últimos tempos.

– Mas eu não fiz isso! – gritou Ronnie.

– Eu sei. E vamos resolver isso. Vamos encontrar um bom advogado e ver o que fazer.

– Os advogados são caros?

– Os bons são – respondeu ele.

– Você pode pagar?

– Não se preocupe. Vou dar um jeito. – Ele fez uma pausa. – Posso lhe perguntar uma coisa? O que você fez para a Blaze ficar tão zangada? Você nunca me disse.

Se sua mãe perguntasse, ela provavelmente não teria respondido. Nem teria respondido ao pai dois dias antes. Agora, não conseguia ver razão para se recusar.

– Ela tem um namorado esquisito e assustador e achou que eu estava tentando roubá-lo dela. Ou algo do tipo.

– O que você quer dizer com esquisito e assustador?

Ela fez uma pausa. À beira da água, as primeiras famílias estavam chegando, trazendo toalhas e brinquedos.

– Eu o vi ontem à noite – disse ela em voz baixa. Ela apontou

para a praia. – Ele estava parado ali, enquanto eu conversava com Will.

O pai dela não tentou esconder sua preocupação.

– Mas ele não se aproximou.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Mas tem algo... estranho nele. Marcus...

– Talvez você deva manter distância desses dois. Blaze e Marcus, quero dizer.

– Não se preocupe. Não tenho intenção alguma de voltar a falar com nenhum deles.

– Quer que eu ligue para o Pete? Eu sei que você não teve uma boa experiência com ele...

Ronnie balançou a cabeça.

– Ainda não. E, acredite ou não, não estou com raiva do agente Pete. Ele só estava fazendo o trabalho dele e, na verdade, foi muito compreensivo sobre a situação toda. Acho que ele ficou com pena de mim.

– Ele me disse que acredita em você. E foi por isso que ele conversou com a proprietária.

Ela sorriu, pensando em como era bom conversar com o pai daquele jeito. Por um instante, imaginou como sua vida teria sido diferente se ele nunca tivesse se afastado da família. Ela hesitou, escavou um punhado de areia e a deixou escorrer por entre os dedos.

– Por que você nos deixou, papai? – perguntou ela. – Já tenho idade suficiente para saber a verdade.

O pai esticou as pernas, obviamente ganhando tempo. Parecia lutar com alguma coisa, tentando descobrir quanto dizer a ela e por onde começar, antes de partir do mais óbvio.

– Depois que eu parei de dar aula na Juilliard, fiz todas as apresentações que pude. Era o meu sonho, sabe? Ser um famoso pianista de concerto. Enfim... acho que deveria ter pensado mais

sobre a situação antes de decidir. Mas não o fiz. Não me dei conta de como seria difícil para sua mãe. – Ele olhou para ela com uma expressão séria. – No fim, simplesmente... nos distanciamos.

Ela observou o pai conforme ele respondia, tentando ler nas entrelinhas.

– Havia outra pessoa, não? – A voz dela não tinha inflexão alguma.

O pai não respondeu e seu olhar ganhou um ar distante. Ronnie sentiu algo dentro dela afundar.

Ele parecia cansado quando finalmente respondeu:

– Eu sei que deveria ter me esforçado mais para salvar o casamento, e sinto muito por isso. Muito mais do que você jamais conseguirá compreender. Mas quero que entenda uma coisa. Nunca deixei de acreditar em sua mãe, nunca deixei de acreditar na força do nosso amor. Apesar de não ter acabado do jeito que você ou eu queríamos, olho para você e Jonah e penso na sorte de ter vocês como filhos. Em uma vida de tantos erros, vocês dois são as melhores coisas que aconteceram comigo.

Quando ele terminou, ela escavou mais um punhado de areia e deixou os grãos escorrerem pelos dedos, sentindo-se cansada outra vez.

– O que eu vou fazer?

– Você se refere ao que vai fazer hoje?

– Eu me refiro a tudo.

Ela o sentiu colocar uma das mãos com delicadeza em suas costas.

– Acho que talvez o primeiro passo seja ir falar com ele.

– Com quem?

– Com Will. Você se lembra de quando passou pela casa ontem? Quando eu estava parado na varanda? Eu observei vocês dois, pensando em como era natural que estivessem juntos.

– Você nem o conhece – comentou Ronnie, sua voz uma mistura

de admiração e surpresa.

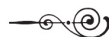
– Não – disse ele. Ele sorriu, com uma expressão suave. – Mas conheço você. E você estava feliz ontem.

– E se ele não quiser falar comigo? – indagou ela, aflita.

– Ele vai querer.

– Como você sabe?

– Porque vi que ele também estava feliz.



Do lado de fora do saguão da Blakelee Brakes, ela só conseguia pensar em *Eu não quero fazer isso*. Ela não queria enfrentá-lo, embora ao mesmo tempo quisesse. E sabia que não tinha escolha. Sabia que não tinha sido justa com ele e que, no mínimo, ele merecia saber o que Ashley lhe dissera. Ele passara várias horas esperando do lado de fora da casa dela, certo?

Além disso, ela tinha que admitir que o pai estava certo. Ronnie se divertira muito com Will, ou pelo menos tivera o máximo de diversão que um lugar como aquele permitia. E havia algo nele que o diferenciava de qualquer outro rapaz. Não porque jogasse vôlei e tivesse o corpo de um atleta, nem por ser mais esperto do que deixava transparecer. Ele não tinha medo dela. Muitos caras simplesmente faziam qualquer coisa, achando que ser legal era a única coisa que importava. E importava mesmo, mas não se o cara se comportasse como um capacho. Ela gostava do fato de ele a ter levado para pescar, mesmo que a atividade não despertasse nela qualquer entusiasmo. Era a maneira dele de dizer: *Isso é o que eu sou, e é disso que eu gosto, e, de todas as pessoas que conheço agora, quero aproveitar essa experiência com você*. Muitas vezes, quando um rapaz a convidava para sair, ele ia buscá-la sem ter a menor ideia do que fazer ou para onde ir, forçando-a a elaborar algum plano. Havia um quê de incompetência e falta de noção

nessa postura. Will era qualquer coisa, menos incompetente, e ela não conseguia deixar de gostar dele por causa disso.

Isso significava, é claro, que ela tinha que consertar as coisas. Preparando-se mentalmente para o caso de ele ainda estar ressentido, ela entrou no saguão. Will e Scott trabalhavam debaixo de um carro suspenso. Scott disse alguma coisa para Will, que se virou e a viu, mas sem sorrir. Em vez disso, ele limpou as mãos em um trapo e foi na direção dela.

Parou a poucos metros de distância. De perto, sua expressão era simplesmente indecifrável.

– O que você quer?

Não era exatamente o início de conversa que ela desejava, mas também não era nenhuma surpresa.

– Você tinha razão – disse ela. – Ontem, saí do jogo porque a Ashley disse que eu era apenas o seu casinho mais recente. Ela também deixou claro que eu não era a primeira, que o nosso dia juntos, todas as coisas que fizemos e os lugares aonde me levou eram truques que você usa com as recém-chegadas.

Will continuou a encará-la.

– É mentira dela.

– Eu sei.

– Então por que me deixou sentado lá fora por horas? E por que não disse nada ontem?

Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha, sentindo a vergonha subir até o peito, mas tentando não demonstrar.

– Eu estava com raiva e chateada. E eu ia contar, mas você foi embora antes que eu tivesse a chance.

– Você está dizendo que a culpa foi minha?

– Não, de jeito nenhum. Havia um monte de coisas acontecendo que não têm nada a ver com você. Tem sido... difícil nos últimos dias.

Nervosa, ela passou a mão pelo cabelo. A garagem era muito

quente.

Will demorou um pouco para absorver o que ela havia dito.

– Por que você acreditou nela, para começo de conversa? Você nem a conhece.

Ela fechou os olhos. *Por quê?*, ela se perguntou. *Porque sou uma idiota. Porque deveria ter confiado nos meus instintos a respeito dela.* Mas não disse nada disso. Apenas balançou a cabeça.

– Não sei.

Quando ela deu a impressão de que não acrescentaria mais nada, ele enfiou os polegares nos bolsos.

– Isso é tudo o que você veio dizer? Porque tenho que voltar ao trabalho.

– Eu também queria pedir desculpas – disse ela, a voz triste. – Me desculpe. Eu exagerei.

– Exagerou mesmo – retrucou Will. – Você foi completamente irracional. Mais alguma coisa?

– E também queria que você soubesse que me diverti muito ontem. Bem, pelo menos até a noite.

– Ok.

Ela não tinha certeza do que aquela resposta significava, mas, quando ele abriu um breve sorriso, sentiu que podia começar a relaxar.

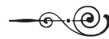
– Ok? Só isso? Isso é tudo que você vai dizer depois que vim até aqui para me desculpar? Ok?

Em vez de responder, Will deu um passo na direção de Ronnie e, de repente, tudo aconteceu depressa demais para ela entender. Um segundo antes, ele parado a mais de um metro dela; no seguinte, tinha uma das mãos em sua cintura e a puxava para perto. Inclinando-se, ele a beijou. Seus lábios eram suaves, e ele foi surpreendentemente delicado. Talvez tivesse sido apenas por ele a ter pegado de surpresa, mas, mesmo assim, ela se viu beijando-o

também. O beijo não durou muito, e não foi do tipo que fazia a terra tremer e a arrebatava, como acontecia nos filmes. Mas ela ficou feliz por ter acontecido e, por algum motivo, percebeu que era exatamente o que queria que ele fizesse.

Quando ele a afastou, Ronnie sentiu o sangue subir até o rosto. A expressão de Will era doce, mas séria, cheia de personalidade.

– Da próxima vez que ficar brava, fale comigo – disse ele. – Não se afaste. Não gosto de joguinhos. E, a propósito, também me diverti muito.



Ronnie ainda se sentia um pouco sem equilíbrio quando voltou para casa. Relembrando o beijo cem vezes, ainda não tinha certeza de como aquilo havia acontecido.

Mas gostou. Gostou muito. O que a levou a se perguntar por que ela simplesmente fora embora em seguida. Estava com a sensação de que deveriam ter feito planos para se ver novamente, mas, com Scott por perto, sem tirar os olhos dele, a boca aberta de surpresa, pareceu mais fácil lhe dar outro beijo rápido e deixá-lo voltar ao trabalho. De alguma forma, porém, ela tinha certeza de que se veriam outra vez, provavelmente antes do que esperava.

Ele gostava dela. Ronnie não sabia exatamente por que ou como tinha acontecido, mas ele gostava. Aquela constatação era maravilhosa, e ela desejou que Kayla estivesse ali para saber de tudo. Poderia ligar para ela, mas não seria a mesma coisa. Além disso, ela nem tinha certeza do que diria. Só queria alguém que a ouvisse.

Quando se aproximou de casa, a porta da oficina se abriu de repente. Jonah saiu para a luz do sol e foi para a varanda.

– Ei, Jonah! – chamou ela.

– Ah, ei, Ronnie! – Jonah se virou e correu na direção dela.

Parecia examinar a irmã ao se aproximar. – Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Você quer um biscoito?

– O quê?

– Um biscoito. Tipo um Oreo. Quer um?

Ela não sabia aonde a conversa ia chegar, pela simples razão de que a mente do irmão corria em trilhas perpendiculares e não paralelas às dela. Ela respondeu com cautela.

– Não.

– Como você pode não querer um biscoito?

– Simplesmente não quero.

– Ok, tudo bem – disse ele, procurando outra abordagem. – Vamos supor que você queira um biscoito. Vamos supor que você esteja morrendo de vontade de comer um biscoito e tenha biscoitos no armário. O que você faria?

– Eu comeria um biscoito? – sugeriu ela.

Jonah estalou os dedos.

– Exatamente. É disso que estou falando.

– Do que você está falando?

– Que, se as pessoas querem biscoitos, elas devem pegar um. É o que elas fazem.

Ahhh, pensou ela. *Agora faz sentido.*

– Deixe-me adivinhar. Papai não deixou você pegar um biscoito?

– Não. Mesmo que eu esteja praticamente morrendo de fome, ele não quer nem pensar nessa possibilidade. Ele disse que tenho que comer um sanduíche primeiro.

– E você acha que não é justo.

– Você acabou de dizer que pegaria um biscoito se quisesse um. Então, por que eu não posso? Não sou nenhum garotinho. Posso tomar minhas próprias decisões – explicou ele, encarando-a com seriedade.

Ela levou um dedo ao queixo.

– Hum. Entendo por que isso o incomoda tanto.

– Não é justo. Se ele quiser um biscoito, ele pode pegar um. Se você quiser um biscoito, pode pegar um. Mas, se eu quiser um biscoito, as regras não valem. Como você disse, não é justo.

– E o que você vai fazer?

– Vou comer um sanduíche. Porque sou obrigado. Porque o mundo não é justo para quem tem 10 anos.

Ele fugiu sem esperar pela resposta. Ela teve que sorrir enquanto o observava se afastar. Talvez mais tarde, pensou, ela o levaria para tomar um sorvete. Por um instante, ficou em dúvida se deveria ou não ir atrás dele, mas mudou de ideia e foi para a oficina. Achou que já estava na hora de ver o vitral sobre o qual tanto ouvira falar.

Da porta, ela viu o pai soldando algumas peças de chumbo.

– Olá, querida. Entre.

Ronnie entrou, observando o local pela primeira vez. Ela fez uma careta ao se deparar com os animais estranhos nas prateleiras, em seguida foi até a mesa, onde notou o vitral. Pelo visto, ainda faltava muito para ficar pronto; nem um quarto dele estava completo e, se o padrão do vitral indicasse alguma coisa, era que provavelmente havia centenas de peças para serem colocadas.

Depois de terminar a parte que estava fazendo, o pai esticou as costas e remexeu os ombros.

– A mesa é um pouco baixa para mim. De vez em quando sinto dores.

– Você precisa de algum analgésico?

– Não, só estou ficando velho. O analgésico não pode consertar isso.

Ela sorriu antes de se afastar da mesa. Preso à parede, ao lado de uma matéria de jornal sobre o incêndio, havia uma foto do vitral.

Ela se inclinou para mais perto a fim de dar uma boa olhada antes de se virar para o pai.

– Falei com ele – disse Ronnie. – Fui à oficina onde ele trabalha.

– E...?

– Ele gosta de mim.

O pai deu de ombros.

– É claro. Você é um ótimo partido.

Ronnie sorriu, sentindo uma onda de gratidão. Ela se perguntou, sem conseguir lembrar, se ele sempre fora tão afável.

– Por que você está fazendo um vitral para a igreja? É porque o pastor Harris o deixou ficar na casa?

– Não. Eu teria feito de qualquer maneira... – Ele fez uma pausa. No silêncio, Ronnie olhou para ele com uma expressão de expectativa. – É uma longa história. Tem certeza de que quer ouvi-la?

Ela assentiu.

– Eu devia ter 6 ou 7 anos quando entrei pela primeira vez na igreja do pastor Harris. Eu me refugiei lá para me proteger da chuva. Caía uma tempestade e eu estava encharcado. Quando eu o ouvi tocando piano, lembro-me de ter achado que ele me não me deixaria ficar lá. Mas não. Em vez disso, trouxe um cobertor e uma tigela de sopa e ligou para minha mãe para vir me buscar. Mas, antes que ela chegasse, ele me deixou tocar piano. Eu era apenas um garotinho batendo nas teclas, mas... enfim, acabei voltando no dia seguinte e ele se tornou meu primeiro professor de piano. Ele tinha um grande amor pela música. Costumava dizer que uma música bonita era semelhante a anjos cantando, e eu fiquei maravilhado. Ia à igreja todos os dias e passava horas tocando sob o vitral original, com suas luzes celestiais ao meu redor. Essa é a imagem que sempre vejo quando me lembro das horas que passei lá. Aquela linda inundação de luzes. Então, alguns meses atrás, quando a igreja pegou fogo...

Ele acenou para a reportagem na parede.

– O pastor Harris quase morreu naquela noite. Ele estava lá dentro, reescrevendo algumas partes do sermão, e mal conseguiu sair. A igreja... O fogo se alastrou em questão de minutos. O pastor Harris passou um mês no hospital e desde então os cultos têm acontecido em um armazém antigo que alguém está deixando que ele use. É escuro e sombrio, mas imaginei que seria apenas temporário, até que ele me revelou que o seguro só cobriria metade dos danos e que ele não tinha como pagar por um novo vitral. Eu não podia permitir uma coisa dessas. A igreja não seria o mesmo lugar do qual eu me lembrava, e não é assim que deveria ser. Então, quero terminá-lo. – Ele pigarreou. – Preciso terminá-lo.

Conforme Steve falava, Ronnie ficou imaginando o pai quando criança, sentado ao piano da igreja. O olhar da garota se dirigiu para a fotografia e para o vitral parcialmente construído em cima da mesa.

– Você está fazendo uma coisa boa.

– Sim, bem... veremos como vai ficar quando eu terminar. Mas Jonah parece gostar de trabalhar nele.

– Ah, falando em Jonah. Ele está muito chateado por você não deixar ele comer um biscoito.

– Ele precisa almoçar primeiro.

Ela sorriu.

– Não estou discutindo. Só achei engraçado.

– Ele contou que já tinha comido dois?

– Receio que não tenha mencionado esse detalhe.

– Foi o que imaginei. – Ele colocou as luvas na mesa. – Quer almoçar conosco?

– Sim – respondeu, assentindo. – Acho que quero.

Eles foram até a porta.

– A propósito – disse ele, tentando soar casual –, será que

nunca vou ter a chance de conhecer o rapaz que gosta da minha filha?

Ela deslizou por ele, para a luz do sol.

– Provavelmente, vai.

– Que tal convidá-lo para jantar? E talvez depois possamos...
você sabe, fazer o que costumávamos fazer – disse o pai, hesitante.

Ronnie pensou no assunto.

– Não sei, pai. Ele pode ficar meio nervoso.

– Está bem. Vou deixar você decidir, ok?

18



Will

— **P**ô, cara. Você tem que manter a cabeça no jogo. Se você se concentrar, podemos acabar com Landry e Tyson no torneio.

Will jogou a bola de uma mão para a outra, enquanto ele e Scott estavam na areia, ainda suando por causa do esforço em quadra. Era finzinho de tarde. Eles haviam terminado o trabalho na garagem às três e corrido para a praia para um treino contra duas equipes da Geórgia que estavam passando a semana na área. Todos estavam se preparando para o torneio do Sudeste, que seria em agosto, em Wrightsville Beach.

— Eles ainda não perderam este ano. E acabaram de ganhar o torneio nacional de juniores – observou Will.

— E daí? Não estávamos lá. Eles ganharam de uma porção de duplas horríveis.

Na humilde opinião de Will, os que competiam no torneio nacional de juniores não eram horríveis. No mundo de Scott, no entanto, qualquer um que perdesse era horrível.

— Eles nos venceram no ano passado.

– Sim, mas no ano passado você era ainda pior do que é agora. Tive que carregar você nas costas.

– Obrigado.

– Só estou falando. Você é inconsistente. Como ontem, por exemplo. Depois que aquela menina da Família Addams foi embora, você jogou o resto da partida como se fosse cego.

– Ela não é da Família Addams. O nome dela é Ronnie.

– E daí? Você sabe qual é o seu problema?

Sim, Scott, por favor, diga-me qual é o meu problema, pensou Will. *Estou louco para ouvir a sua opinião*. Scott continuou, alheio aos pensamentos de Will:

– Seu problema é que você não está *focado*. Qualquer coisinha que acontece, você já está no mundo da lua. Ah, derramei refrigerante nela, então vou perder os próximos cinco pontos. Ah, a Elvira, a Rainha das Trevas, ficou com raiva da Ashley, então é melhor eu errar os próximos dois saques...

– Quer parar? – interrompeu Will.

Scott parecia confuso.

– Parar o quê?

– Pare de se referir a ela dessa maneira.

– Viu? É exatamente disso que estou falando! Não estou falando dela. Estou falando de você e da sua falta de *foco*. Da sua incapacidade de se concentrar no jogo.

– Acabamos de ganhar por dois sets a zero e eles só fizeram sete pontos no total! Nós acabamos com eles – protestou Will.

– Mas eles não deveriam ter feito nem cinco pontos. Deveríamos ter *massacrado* eles.

– Está falando sério?

– Sim, estou falando sério. Eles não são muito bons.

– Mas nós ganhamos! Não é suficiente?

– Não quando é possível ganhar por mais. Podíamos ter

destruído eles e aí, quando eles nos encontrassem no torneio, desistiriam antes da partida. Isso se chama psicologia.

– Acho que se chama humilhar o adversário.

– Bem, isso é só porque você não está pensando direito, ou nunca teria dado um encontrão na Malvina Cruela.

Primeiro Elvira, a Rainha das Trevas, e agora Malvina Cruela. Pelo menos, pensou Will, ele estava usando referências novas.

– Acho que você está com ciúmes – disse Will.

– Não. Pessoalmente, acho que você deveria sair com a Ashley, aí eu poderia sair com a Cassie.

– Você ainda está pensando nisso?

– Ora, em quem mais eu estaria pensando? Você deve ter visto a Cassie ontem, de biquíni.

– Ora, é só chamar a garota para sair.

– Ela não vai. – Scott franziu a testa, consternado. – É como um pacote, ou algo assim. Não consigo entender.

– Talvez ela ache você feio.

Scott olhou para o amigo antes de forçar uma risada falsa.

– Haha! Que engraçado. Você realmente deveria fazer show de stand-up.

Seu olhar permaneceu fixo em Will.

– Só estou dizendo.

– Não precisa dizer nada, ok? E o que está rolando entre você e...

– Ronnie?

– Sim. O que foi aquilo? Ontem, você passou seu dia de folga inteiro com ela, e então ela aparece hoje de manhã e você dá um beijo nela? Você está levando a menina tipo... a sério ou algo assim?

Will permaneceu em silêncio.

Scott balançou a cabeça e levantou um dedo, enfatizando seu argumento.

– O negócio é o seguinte: a última coisa de que você precisa é ficar sério com uma garota. Você precisa se concentrar no que é importante. Você tem um trabalho em tempo integral, é voluntário num grupo para tentar salvar golfinhos, baleias, tartarugas ou o que quer que seja, e sabe quanto precisamos treinar para nos prepararmos para o torneio. Você não tem tempo suficiente!

Will não disse nada, mas podia ver o pânico tomando conta de Scott a cada segundo que passava.

– Ora, vamos lá, cara! Não faça isso comigo. O que você viu nessa garota? – perguntou o amigo.

Will não disse nada.

– Não, não, não – repetia Scott, como um mantra. – Eu sabia que isso ia acontecer. Por isso que eu disse para você sair com a Ashley! Para não namorar sério de novo. Você já sabe o que vai acontecer. Você vai virar um ermitão. Vai abandonar seus amigos só para ficar com ela. Acredite, a última coisa de que você precisa é namorar sério com...

– Ronnie – completou Will.

– Que seja – retrucou Scott. – Você não está entendendo o ponto principal.

Will sorriu.

– Já percebeu que você tem mais opiniões sobre a minha vida do que sobre a sua?

– É porque não faço bobagens como você.

Will teve uma contração involuntária, lembrando-se da noite do incêndio e se perguntando se Scott era realmente tão sem noção.

– Não quero falar sobre isso – declarou Will, percebendo, porém, que Scott não estava escutando.

Em vez disso, seu olhar estava focado por cima do ombro do amigo, em algum ponto da praia.

– Você só pode estar brincando – murmurou Scott.

Will se virou e viu Ronnie se aproximar. Usando jeans e camiseta

escura, é claro, parecendo tão deslocada quanto um crocodilo na Antártida. Um enorme sorriso surgiu em seu rosto.

Ele foi na direção dela, absorvendo cada detalhe daquela visão, perguntando-se novamente em que ela estava pensando. Ele amava o fato de não ser capaz de entendê-la por completo.

– Oi – disse ele, estendendo os braços para ela.

Ela parou, um pouco fora de alcance. Sua expressão era séria.

– Não me beije. Apenas ouça, ok?



Sentada ao lado dele na caminhonete, Ronnie permaneceu enigmática como sempre. Ela olhou pela janela, sorrindo levemente, parecendo contente de observar a paisagem.

Ela colocou as mãos juntas no colo.

– Quero que você saiba que meu pai não vai se importar que você esteja usando short e uma regata.

– Só vai levar alguns minutos.

– Mas é para ser um jantar informal.

– Estou suado e com calor. Não vou à sua casa jantar com o seu pai vestido como um vagabundo.

– Mas acabei de dizer que ele não vai ligar para isso.

– Mas eu ligo. Ao contrário de algumas pessoas, gosto de causar uma boa impressão.

Ronnie se irritou.

– Você está querendo dizer que eu não gosto?

– Claro que não. Por exemplo, todo mundo adora conhecer pessoas com cabelo roxo.

Embora ela soubesse que ele estava só provocando, seus olhos se arregalaram e em seguida se estreitaram.

– Você não parece ter problema com isso.

– Sim, mas isso é porque sou especial.

Ela cruzou os braços e olhou para ele.

– Vai ficar assim a noite toda?

– Assim como?

– Sem a menor intenção de me beijar de novo?

Ele riu e se virou para ela.

– Peço desculpas. Foi sem querer. E, na verdade, gosto de mechas roxas. É que... fazem parte de quem você é.

– Sim, bem, você só tem que aprender a ter mais cuidado com o que diz – comentou ela, abrindo o porta-luvas e remexendo lá dentro.

– O que você está fazendo?

– Só olhando. Por quê? Está escondendo alguma coisa?

– Fique à vontade para remexer em tudo. E, já que está fazendo isso, poderia dar uma arrumada para mim.

Ela pegou uma bala de revólver e a segurou para que ele pudesse ver.

– Suponho que isso é o que você usa para matar patos, certo?

– Não, isso é para veados. É grande demais para um pato. O pato ficaria em pedaços se eu atirasse nele com isso.

– Você sabe que tem sérios problemas, não sabe?

– Foi o que ouvi dizer.

Ela começou a rir, depois ficou em silêncio. Eles estavam no interior da ilha, em meio à expansão crescente de casas; o sol brilhava fora da água. Ela fechou o porta-luvas e abaixou o quebra-sol. Percebendo uma fotografia de uma linda loura, ela a puxou para fora e a examinou.

– Ela é bonita – comentou.

– É, sim.

– Aposto dez dólares que você postou isso na sua página do Facebook.

– Vai perder. É a minha irmã.

Ele percebeu quando o olhar dela mudou da foto para seu braço,

reparando na pulseira de macramê.

- Por que as pulseiras combinando? – perguntou ela.
- Minha irmã e eu as fazemos.
- Para apoiar uma causa nobre, sem dúvida.
- Não – respondeu ele.

Will não disse mais nada e ficou impressionado por ela parecer intuir que ele não queria tocar no assunto. Ao contrário, ela enfiou cuidadosamente a foto de volta no lugar e levantou o quebra-sol.

- Você mora muito longe? – perguntou Ronnie.
- Estamos quase lá.

– Se eu soubesse que era tão longe, teria ido para casa. Estamos cada vez mais longe.

- Mas você teria perdido minha brilhante conversa.
- É assim que você chama?

– Você planeja continuar me insultando? – Ele olhou para ela. – Só preciso saber se devo ou não aumentar o volume da música para não ter que ouvir você.

– Você não deveria ter me beijado mais cedo. Não foi exatamente romântico – respondeu Ronnie.

- Pensei que fosse muito romântico.

– Estávamos em uma oficina, você tinha graxa nas mãos e seu amigo estava encarando a gente.

- Um cenário perfeito – observou ele.

Enquanto diminuía a velocidade, ele abaixou seu quebra-sol. Virou depois de fazer uma curva, parou e pressionou o botão de um controle remoto. Duas portas de ferro forjado deslizaram lentamente e a caminhonete se moveu outra vez. Animado com a perspectiva de jantar com a família de Ronnie naquela noite, Will não pareceu notar que a garota tinha ficado em silêncio.

19



Ronnie

Ok, pensou ela, aquilo era ridículo. Não apenas os jardins esculpidos com rosas e sebes com estátuas de mármore, ou a enorme mansão georgiana apoiada por colunas elegantes, ou os carros exóticos caríssimos que estavam sendo encerados em uma área reservada – mas tudo aquilo.

Não era só ridículo. Era mais do que ridículo.

Sim, ela sabia que havia pessoas ricas em Nova York, com apartamentos de 23 cômodos na Park Avenue e casas nos Hamptons, mas jamais passara um tempo com essas pessoas nem fora convidada para ir às suas casas. O mais perto que já estivera de um lugar como aquele fora em revistas e, mesmo assim, a maioria só mostrava fotos aéreas tiradas por paparazzi.

E ali estava ela, vestindo uma camiseta e uma calça jeans rasgada. Ótimo. Ele poderia, pelo menos, ter avisado.

Ela continuou a olhar para os arredores, enquanto a caminhonete subia pela entrada e fazia um retorno em frente à casa. Ele parou na entrada. Ronnie se virou para Will e estava

prestes a perguntar se ele realmente morava ali, quando percebeu que era uma dúvida idiota. Obviamente, ele morava ali. E já estava saindo do veículo.

Ela também abriu a porta e saiu. Os dois homens que lavavam os carros olharam para ela antes de voltar rapidamente ao trabalho.

– Como eu disse, só vou tomar uma ducha. Não vai demorar muito.

– Tudo bem – disse ela.

Realmente, não havia mais nada que ela pudesse pensar em dizer. Era a maior casa que já tinha visto na vida. Ela o seguiu até os degraus que levavam para a varanda e fez uma breve pausa à porta, apenas por tempo suficiente para ver uma placa de latão pequena do lado de fora, onde se lia “*Família Blakelee*”.

Como em Blakelee Brakes. Como na rede automotiva nacional. Como se o pai de Will não possuísse simplesmente uma franquía, mas fosse quem dera início àquele negócio inteiro.

Ela ainda tentava processar aquela informação quando Will abriu a porta e a levou a um grande saguão, em cujo centro havia uma enorme escadaria. Uma biblioteca com painéis escuros ficava à sua direita e um tipo de sala de música se abria à esquerda. Bem à frente havia uma grande sala aberta, iluminada pelo sol. Do outro lado, Ronnie viu as águas espumantes do Canal Intracosteiro do Atlântico.

– Você não me disse que seu sobrenome é Blakelee – resmungou Ronnie.

– Você não perguntou. – Ele deu de ombros, com indiferença. – Entre.

Ele a conduziu pela escadaria em direção à gigantesca sala. Nos fundos da casa, ela viu uma imensa varanda coberta; perto da água, avistou na doca o que só poderia ser descrito como um iate de tamanho médio.

Ok, admitiu Ronnie. Ela se sentia deslocada ali, e o fato de que

todos provavelmente se sentiam deslocados ali na primeira vez não servia de consolo. Ela poderia muito bem ter desembarcado em Marte.

– Posso oferecer alguma coisa para beber enquanto me arrumo?

– Hum, não, estou bem. Obrigada – disse ela, tentando não ficar boquiaberta ao ver o entorno.

– Quer que eu lhe mostre a casa primeiro?

– Estou bem.

Em algum lugar por perto, ela ouviu uma voz chamando.

– Will? Foi você que chegou?

Ronnie se virou e viu uma mulher atraente, de 50 e poucos anos, usando uma calça de linho caro e segurando uma revista sobre casamentos.

– Oi, mãe – disse Will. Ele jogou as chaves da caminhonete em uma tigela em cima da mesa de entrada, ao lado de um vaso com lírios recém-cortados. – Estou com uma visita. Essa é a Ronnie. E essa é a minha mãe, Susan.

– Ah. Olá, Ronnie – disse Susan, com frieza.

Embora Susan tentasse disfarçar, Ronnie percebeu que a mulher não estava contente por ter sido surpreendida pela convidada inesperada de Will. A garota não conseguiu deixar de perceber que seu desagrado tinha menos a ver com o *inesperado* do que com a *convidada*.

Mas, se Ronnie notou a tensão, Will obviamente, não. Talvez, pensou Ronnie, a capacidade de sentir coisas assim fosse algo pessoal, pois Will continuou conversando com a mãe com a tranquilidade de sempre.

– Papai está por aqui? – perguntou ele.

– Acho que está no escritório.

– Antes de sair, preciso falar com ele.

Susan passou a revista de uma mão para a outra.

– Vai sair?

– Vou jantar com a família da Ronnie hoje à noite.

– Ah! – exclamou ela. – Isso é ótimo.

– Você vai gostar dessa. A Ronnie é vegetariana.

– Ah! – exclamou Susan novamente, voltando-se para examinar a moça. – É verdade?

Ronnie se sentiu como se estivesse encolhendo.

– Sim.

– Interessante – comentou Susan.

Enquanto Ronnie podia notar que isso era tudo, menos interessante, para Susan, Will permanecia sem perceber nada de estranho.

– Ok, então só vou subir rapidinho e volto já.

Ronnie não se opôs, embora sentisse vontade de dizer a ele para se *apressar*.

– Ok – disse apenas.

Dando passos largos, ele subiu as escadas, deixando Ronnie e Susan de frente uma para a outra. No silêncio que se seguiu, Ronnie teve a clara consciência do pouco que as duas tinham em comum, estavam unidas pela infelicidade de terem sido deixadas sozinhas uma com a outra.

Ronnie teve vontade de estrangular Will. O mínimo que ele poderia ter feito era avisá-la.

– Então... – disse Susan, forçando um sorriso. Ela parecia quase feita de plástico. – Você é a que tem o ninho de tartarugas atrás de casa?

– Eu mesma.

Susan assentiu. Ela obviamente não tinha nada para dizer, então Ronnie lutou para quebrar o silêncio. Ela acenou em direção ao saguão.

– Vocês têm uma linda casa.

– Obrigada.

Com isso, Ronnie não encontrou mais o que dizer e, por um

longo momento, elas ficaram frente a frente sentindo um grande incômodo. A garota não tinha ideia do que teria acontecido se as duas tivessem permanecido sozinhas, mas, felizmente, surgiu um homem de uns 50 ou 60 anos, vestido casualmente com calça Dockers e uma camisa polo.

– Pensei ter ouvido alguém entrar – disse ele, andando na direção das duas. Seu comportamento era amigável, quase jocoso, quando se aproximou. – Eu sou Tom, conhecido também como o pai do Will. E você é a Ronnie, certo?

– É um prazer conhecê-lo – respondeu ela.

– Estou feliz por finalmente ter a chance de conhecer a garota de quem ele tem falado tanto.

Susan deu um pigarro.

– Will vai jantar com Ronnie e a família dela.

Tom se virou para a garota.

– Espero que você não prepare nada extravagante. O garoto vive de pizza de pepperoni e hambúrguer.

– A Ronnie é vegetariana – acrescentou Susan.

Ronnie não pôde deixar de notar que Susan disse aquilo com a mesma entonação que outra pessoa diria que ela era *terrorista*. Ou talvez não. Ela não tinha certeza. Will deveria, deveria mesmo, tê-la avisado sobre o que esperar, para que ela pudesse pelo menos estar preparada. Mas Tom, como Will, não pareceu notar.

– Está brincando? Isso é ótimo. Pelo menos ele comerá de maneira saudável, para variar. – Ele fez uma pausa. – Eu sei que você está esperando por Will, mas tem alguns minutos? Quero lhe mostrar uma coisa.

– Tenho certeza de que ela não está interessada em seu avião, Tom – protestou Susan.

– Não sei. Talvez esteja – disse ele. Voltando-se para Ronnie, o homem perguntou: – Você gosta de aviões?

Ah, claro, pensou ela, por que a família não teria uma aeronave?

Vamos apenas adicionar *isso* à equação. Toda aquela bagunça era culpa de Will. Ela iria *matá-lo* assim que saíssem dali. Mas que escolha ela tinha?

– Sim – respondeu ela. – É claro que gosto de aviões.



Uma imagem lhe veio à mente – um Learjet ou um Gulfstream estacionado em um hangar pessoal, na ponta mais distante da propriedade –, mas era uma imagem difusa, uma vez que os únicos jatos particulares que Ronnie já tinha visto estavam em fotografias. Ainda assim, aquilo não era o que ela esperava de maneira alguma: a visão de alguém mais velho do que seu pai fazendo um avião de brinquedo voar seguindo os comandos de um controle remoto. Ele estava concentrado nos botões.

O avião chiava enquanto contornava as árvores, arremetendo em voo baixo sobre o Canal Intracosteiro do Atlântico.

– Sempre quis um desses e finalmente comprei um. Na verdade, este é o segundo. O primeiro sofreu um acidente e acabou na água.

– Que pena – respondeu Ronnie, demonstrando empatia.

– Sim, mas isso me ensinou que era melhor ler o manual de instruções antes de partir para a ação.

– O senhor o deixou cair?

– Não, ficou sem gasolina. – Então olhou para ela. – Quer tentar?

– Melhor não. Não sou boa em coisas desse tipo.

– Não é muito difícil – assegurou-lhe Tom. – Esse é um dos recomendados para iniciantes. Teoricamente, é à prova de idiotices. Claro, o último também era, então o que isso quer dizer?

– Que talvez o senhor devesse ter lido as instruções?

– Certo – respondeu ele.

Havia algo na maneira como ele disse aquilo que lembrava Will.

– Você e Susan conversaram sobre o casamento? – perguntou ele.

Ronnie balançou a cabeça.

– Não. Mas Will mencionou algo sobre isso.

– Tive que passar duas horas hoje na floricultura olhando arranjos. Você já passou duas horas olhando para arranjos de flores?

– Não.

– Considere-se uma sortuda.

Ronnie riu, aliviada por estar ali com ele. Só então Will apareceu atrás dela, de banho tomado e vestido elegantemente com uma camisa polo e bermudas. Ambas as peças de alguma marca famosa, mas ela imaginou que já deveria ter esperado.

– Você vai ter que perdoar o meu pai. Ele às vezes esquece que é adulto – brincou Will.

– Pelo menos sou sincero. E não vi você correndo para casa para ajudar.

– Eu tinha um jogo de vôlei.

– Claro, com certeza foi essa a razão. E preciso lhe dizer que a Ronnie aqui é muito mais bonita do que você deu a entender.

Embora Ronnie sorrisse com prazer, Will fechou a cara.

– Pai...

– É verdade – acrescentou Tom rapidamente. – Não fique constrangido. – Depois de ter certeza de que o avião estava voando em linha reta novamente, ele olhou para Ronnie. – Ele fica envergonhado o tempo todo. Era o menino mais tímido do mundo. Não conseguia nem se sentar perto de uma menina bonita sem ficar com o rosto vermelho.

Enquanto isso, Will balançava a cabeça, sem conseguir acreditar.

– Não é possível que você está dizendo isso, pai. Bem na frente dela.

– E o que é que tem? – Tom olhou para Ronnie. – Isso a incomoda?

– De jeito nenhum.

– Está vendo? – Ele bateu no peito do filho, como se tivesse vencido a discussão. – Ela não se incomoda.

– Muito obrigado – disse Will, fazendo uma careta.

– Para que servem os pais? Ei, quer dar uma pilotada nessa coisa?

– Não posso mesmo. Vou levar a Ronnie para casa. Vamos jantar.

– Preste atenção. Mesmo se eles servirem berinjela na rutabaga com tofu, quero que você coma o que eles colocarem na sua frente e que não se esqueça de elogiar a comida – avisou Tom.

– Provavelmente será só macarrão – disse Ronnie, sorrindo.

– Sêrio? – Tom pareceu decepcionado. – Isso ele come.

– O quê? Você não quer que eu coma nada?

– É sempre bom experimentar coisas novas. Como foi o dia lá na oficina hoje?

– É sobre isso que eu quero falar com você. Jay disse que tem um problema com o computador ou o software. As impressões estão saindo todas borradas.

– Só no principal ou em todos os lugares?

– Não sei.

Tom suspirou.

– Acho que é melhor eu verificar, então. Isso, é claro, se eu conseguir pousar esse negócio. E vocês, aproveitem bastante, ok?

Alguns minutos depois, já na caminhonete, Will tilintou suas chaves antes de dar a partida.

– Desculpe por tudo isso. Meu pai às vezes diz as coisas mais loucas.

– Não precisa se desculpar. Gostei dele.

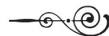
– E, a propósito, eu não era tão tímido assim. Minhas bochechas

nunca ficaram vermelhas.

– Ah, é claro que não.

– Estou falando sério. Sempre fui tranquilo.

– Tenho certeza disso – comentou ela, dando-lhe um tapinha no joelho. – Mas ouça... Sobre hoje... Minha família tem uma tradição estranha.



– É mentira! – gritou Will. – Você mentiu a noite inteira. Estou cansado disso.

– Nem tente! – gritou Ronnie de volta. – O mentiroso é você.

Os pratos do jantar já haviam sido lavados há muito tempo – Steve tinha servido espaguete e molho marinara, como previsto, com Will se certificando de limpar o prato –, e agora eles estavam sentados à mesa da cozinha segurando cartas de baralho na própria testa, jogando Desconfio. Will estava com um oito de copas; Steve, um três de copas, e Jonah, um nove de espadas. Pilhas de dinheiro trocado estavam na frente de cada um deles, e a tigela no meio da mesa estava transbordando de moedas.

– Vocês dois estão mentindo – acrescentou Jonah. – Nenhum dos dois sabe dizer a verdade.

Will olhou para Jonah com uma expressão indecifrável e pegou sua pilha de dinheiro.

– Aposto 25 centavos que você não sabe do que está falando.

Steve começou a balançar a cabeça.

– Má jogada, rapaz. Acabou. Vou ter que aumentar para 50 centavos.

– Essa eu quero ver! – afirmou Ronnie.

Jonah e Will imediatamente a seguiram.

Eles pararam, todos se entreolhando antes de bater suas cartas

na mesa. Vendo que estava segurando um oito, Ronnie deduziu que todos eles perderiam para Jonah. Mais uma vez.

– Vocês são todos mentirosos! – disse Jonah.

Ronnie notou que o lucro do irmão era duas vezes maior do que o dos outros e percebeu, ao ver o menino arrastar a pilha de dinheiro para si, que, pelo menos até aquele momento, tudo tinha corrido bem. Ela não sabia o que esperar quando convidara Will, já que era a primeira vez que levava um rapaz para conhecer seu pai. Será que ele tentaria lhes dar espaço escondendo-se na cozinha? Será que tentaria se tornar amigo de Will? Será que faria ou diria algo constrangedor? No caminho para casa, ela começara a pensar em planos de fuga que pudesse usar assim que o jantar terminasse.

Entretanto, assim que chegou em casa, teve um bom pressentimento. Para começar, a casa estava bem-arrumada, Jonah recebera ordens para não ficar em cima do casal fazendo interrogatório, e seu pai cumprimentara Will com um aperto de mão simples e um descontraído “prazer em conhecê-lo”. Will estava se comportando muito bem, é claro, respondendo às perguntas com “sim, senhor” e “não, senhor”, e ela achou seu jeito sulista cativante. A conversa durante o jantar foi fácil; seu pai fez algumas perguntas sobre o trabalho de Will na oficina e no aquário, e Jonah chegou ao ponto de colocar seu guardanapo no colo. O melhor de tudo foi que seu pai não disse nada constrangedor e, embora tivesse comentado que dera aulas na Juilliard, não mencionou que fora professor dela, nem que ela já tocara no Carnegie Hall e muito menos que compuseram juntos; também deixou passar o fato de que, até alguns dias atrás, ele e Ronnie estavam completamente afastados. Quando Jonah pediu biscoitos depois que terminou de comer, Ronnie e o pai tiveram uma crise de riso, o que fez Will se perguntar o que era tão engraçado naquilo. Juntos, os quatro tiraram a mesa e, quando Jonah sugeriu que jogassem Desconfio, Will concordou com entusiasmo.

Quanto a Will, ele era o tipo de rapaz que a mãe de Ronnie sonhava para a filha: educado, respeitoso, inteligente e, melhor de tudo, sem tatuagens... Talvez tivesse sido bom que sua mãe estivesse lá, nem que fosse para Ronnie mostrar que não estava totalmente fora de controle. Por outro lado, Kim teria ficado tão animada em relação àquilo que teria tentado adotar Will na mesma hora, ou, depois que ele fosse embora, teria falado milhões de vezes para Ronnie como ele era um ótimo rapaz, o que só teria feito Ronnie querer acabar com tudo antes que a mãe se entusiasmasse demais. Seu pai não fez nada daquilo – ele parecia confiar no julgamento da filha e se mostrava contente em deixá-la tomar as próprias decisões, sem inserir nelas os próprios julgamentos.

O que era muito estranho, considerando-se que ele ainda estava apenas começando a conhecê-la novamente, e era ao mesmo tempo um pouco triste, pois ela aos poucos pensava que tinha cometido um grande erro ao evitá-lo durante os últimos três anos. Teria sido bom conversar com ele quando a mãe a deixava louca.

Ela estava feliz por ter convidado Will. Certamente estava sendo mais fácil para ele conhecer o pai dela do que fora para Ronnie conhecer Susan. A mulher lhe causava calafrios. Bem, talvez isso fosse exagero, mas ela, sem dúvida alguma, se sentia intimidada. Susan deixara bem claro que ou não gostava de Ronnie, ou não gostava do fato de seu filho gostar dela.

Em geral, ela não se importava com o que o pai ou a mãe de alguém pensasse a seu respeito e não teria se preocupado com a maneira como estava vestida. Afinal, era sua personalidade... Entretanto, a experiência na casa de Will fora a primeira vez que ela sentiu que não estava à altura, o que a deixara mais incomodada do que poderia imaginar.

Quando a escuridão caiu e o jogo começou a perder a força, ela percebeu que Will a estava observando. Com um sorriso, ela olhou para ele.

– Estou quase perdendo – anunciou ele, dedilhando sua pilha de dinheiro.

– Pois é. Também estou.

Ele olhou para a janela.

– Você acha que teria problema se nós dois saíssemos para dar uma volta?

Dessa vez, ela soube, com certeza, que ele estava perguntando porque queria passar algum tempo a sós com ela – porque gostava dela, mesmo sem ter certeza se ela sentia o mesmo.

Ronnie o olhou bem nos olhos.

– Eu adoraria dar uma volta.

20



Will

A praia se estendia por quilômetros, separada de Wilmington pela ponte sobre o Canal Intracosteiro do Atlântico. É claro que a paisagem havia mudado desde que Will era criança – a ponte ficava mais congestionada no verão; os bangalôs pequenos, como aquele no qual Ronnie estava passando alguns meses, tinham sido substituídos por mansões imponentes –, mas ele ainda amava o mar à noite. Quando era pequeno, andava de bicicleta até a praia, na esperança de encontrar algo interessante, e quase nunca se decepcionava. Já tinha visto grandes tubarões serem arrastados quase até a orla, castelos de areia tão complexos que poderiam vencer qualquer competição nacional e até uma baleia a menos de 50 metros da costa, rolando na água logo após a arrebentação.

Naquela noite, o lugar estava deserto, e, enquanto passeava com Ronnie pela beira da praia, ambos descalços, Will foi atingido pelo pensamento de que aquela era a garota com quem ele gostaria de encarar o futuro.

Ele sabia que era novo demais para essas reflexões e não tinha

ilusão alguma de que se casaria com Ronnie, mas, de alguma forma, sentia que, se a encontrasse dali a dez anos, ela poderia ser a mulher da sua vida. Will sabia que Scott não entenderia isso – o cara parecia incapaz de imaginar um futuro que se estendesse além da semana seguinte –, mas ele não era tão diferente da maioria dos amigos. Era como se suas mentes funcionassem em sintonias distintas: ele não gostava de ficar com garotas apenas uma noite, não gostava de competir para ver com quantas conseguia ficar, não gostava de agir de maneira premeditada para conseguir o que queria e trocar a menina por uma recém-chegada mais bonita. Ele simplesmente não era assim. Jamais seria. Quando conhecia uma garota, a primeira pergunta que fazia a si mesmo era se ela seria boa para alguns encontros ou se era do tipo com quem poderia se imaginar por mais tempo.

Supunha que isso tinha algo a ver com seus pais. Eles estavam casados havia três décadas, começaram enfrentando dificuldades, como muitos outros casais, e ao longo dos anos construíram um negócio e uma família. No decorrer de tudo o que viveram, eles sempre se amaram, e comemoraram seus sucessos e se apoiaram durante as tragédias. Nenhum dos dois era perfeito, mas Will tinha certeza de que formavam uma equipe e, com o passar do tempo, absorveu essa lição.

Era fácil pensar que ele passara dois anos com Ashley, pois ela era bonita e rica e, embora estivesse mentindo se afirmasse que a beleza dela era irrelevante, essa característica era menos importante do que as coisas que ele achava que enxergava nela. Eles ouviam um ao outro, e ele acreditava que podia lhe dizer qualquer coisa, e vice-versa. Entretanto, com o tempo, ele foi se decepcionando, especialmente quando ela confessou que havia ficado com um rapaz em uma festa de faculdade. Depois disso, as coisas nunca mais foram as mesmas. Não por medo de ela incorrer no erro novamente – todo mundo passava por isso, e só tinha sido

um beijo –, mas porque, por alguma razão, o incidente o ajudou a entender o que queria daqueles de quem era mais próximo. Então, começou a observar como ela tratava as pessoas, e não gostou muito do que viu. Suas fofocas incessantes – algo que antes ele considerava inofensivo – passaram a irritá-lo, assim como a longa espera a que ela o submetia enquanto se arrumava para sair à noite. Ele se sentiu mal por terminar o relacionamento, mas se consolou com o fato de que tinha apenas 15 anos quando começou a namorá-la e era a sua primeira namorada. No fim, sentiu que não tinha escolha. Sabia quem ele era e o que era importante em sua vida e não viu nada disso refletido em Ashley. Achou melhor pôr fim na relação antes que as coisas se complicassem.

A irmã dele, Megan, também era assim. Bonita e esperta, havia intimidado a maioria dos garotos que saíam com ela. Por um longo tempo, mudara de um rapaz para o próximo, mas não por vaidade ou inconstância. Quando ele perguntou por que ela parecia incapaz de sossegar, sua resposta foi simples:

– Tem caras que crescem pensando que vão sossegar só num futuro distante, e tem caras que estão prontos para o casamento assim que encontram a pessoa certa. O primeiro tipo me deixa entediada, principalmente porque são pessoas patéticas; o segundo, para ser franca, é difícil de encontrar. Mas é nos sérios que estou interessada, e leva tempo para encontrar um cara desse tipo por quem eu me interesse. Afinal, se o relacionamento não puder sobreviver por muito tempo, por que eu perderia meu tempo e gastaria minha energia?

Megan. Ele sorriu, pensando na irmã. Ela vivia a vida de acordo com as próprias regras. Nos últimos anos, deixara a mãe louca com essa postura, é claro, uma vez que eliminara praticamente todos os caras da cidade que se adequavam ao perfil que sua mãe aprovava. Mas ele tinha que admitir que Megan estava certa e, felizmente,

conseguira encontrar um cara em Nova York capaz de satisfazer todos os seus critérios.

De uma forma estranha, ele se lembrava de Megan quando pensava em Ronnie. Ela era singular, tão livre, além de teimosamente independente. Por fora, precisava confessar que era diferente de qualquer outra que ele achasse atraente, mas... o pai dela era ótimo; o irmão, uma figura, e ela era inteligente e carinhosa. Quem mais acamparia a noite inteira para proteger um ninho de tartarugas? Quem mais interromperia uma briga para ajudar um garotinho? Quem mais lia Tolstói no tempo livre?

E, pelo menos naquela cidade, quem mais se interessaria por Will antes de saber alguma coisa sobre sua família?

Will precisava reconhecer que isso também era importante para ele, por mais que desejasse o contrário. Ele amava seu pai e seu sobrenome, e tinha orgulho da empresa que ele construía. Apreciava as vantagens que a vida lhe proporcionava, mas... também queria ser ele mesmo. Queria que as pessoas o conhecessem primeiro como *Will*, não como *Will Blakelee*, e não havia outra pessoa no mundo com quem pudesse falar sobre isso além da irmã. Afinal, ele não morava em Los Angeles, onde os filhos das celebridades podiam ser encontrados em qualquer escola, nem em um lugar como Andover, onde praticamente todos conheciam alguém que vinha de uma família famosa. Não era tão fácil em um lugar como aquele, onde todos se conheciam. E, à medida que foi ficando mais velho, ele se tornou um pouco mais cauteloso em relação às amizades. Estava disposto a conversar com praticamente qualquer um, mas aprendeu a colocar uma barreira invisível, pelo menos até que tivesse certeza de que sua família não tinha nada a ver com os novos laços de amizade formados nem era a razão pela qual uma menina parecia estar interessada nele. E, caso estivesse em dúvida se Ronnie sabia ou não alguma coisa sobre sua família, Will teria se convencido no dia em que parou na frente da casa dela.

– Em que você está pensando? – ele a ouviu perguntar. Uma brisa leve levantou os cabelos da garota, que tentou em vão prender os fios em um rabo de cavalo mais solto. – Você está meio quieto.

– Estava pensando em como gostei de vir aqui.

– Na nossa casinha? É um pouco diferente do que você está acostumado.

– Sua casa é maravilhosa. Assim como seu pai e Jonah. Mesmo que ele tenha acabado comigo no Desconfio.

– Ele sempre vence, mas não me pergunte como. Desde pequeno. Acho que ele trapaceia, mas ainda não descobri como.

– Talvez você só precise mentir melhor.

– Ah, que nem quando você disse que trabalhava para o seu pai?

– Eu trabalho para o meu pai – disse Will.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Como eu já disse, achei que não fizesse diferença. – Ele parou de andar e se virou para ela. – Faz?

Ela pareceu escolher as palavras com cuidado.

– É interessante e ajuda a explicar algumas coisas sobre você, mas, se eu lhe dissesse que minha mãe trabalhava como assistente em uma firma de advocacia de Wall Street, você se sentiria diferente em relação a mim?

Ele sabia que podia responder com total sinceridade.

– Não. Mas é diferente.

– Por quê? – perguntou ela. – Porque a sua família é rica? Uma afirmação como essa só faz sentido para alguém que pensa que o dinheiro é tudo o que importa.

– Eu não disse isso.

– Então o que você quis dizer? – desafiou ela. Em seguida, balançou a cabeça. – Olha, vamos esclarecer uma coisa. Não me importo se o seu pai é o sultão de Brunei. Você nasceu em uma família privilegiada. O que fazer com isso só diz respeito a você.

Estou aqui porque quero, mas, se eu não quisesse, nem todo o dinheiro do mundo me faria ficar do seu lado.

Enquanto ela falava, ele a via ficar cada vez mais animada.

– Por que tenho a sensação de que você já fez esse discurso antes?

– Porque eu *já* fiz. – Ela parou e ficou de frente para ele. – Vá a Nova York e você vai entender por que aprendi a dizer o que penso. Em algumas boates, a gente só encontra esnobes, e eles dão tanta importância às suas famílias ou ao dinheiro que... eu me sinto entediada. Fico lá, e tudo o que quero dizer é: *que ótimo que os outros na sua família tenham feito algo, mas o que você fez?* Mas não falo nada, porque eles não entenderiam. Pensam que são os escolhidos. Nem vale a pena ficar com raiva, porque a ideia é muito ridícula. Mas, se você acha que eu o convidei por causa da sua família...

– Não acho isso – interrompeu ele. – Nunca pensei nisso, nem por um segundo.

Na escuridão, Will sabia que ela estava se perguntando se ele dissera a verdade, ou se estava apenas dizendo o que ela queria ouvir. Esperando colocar um fim na discussão, ele se virou e apontou para a oficina que estava atrás dele.

– Que lugar é esse? – perguntou ele.

Ronnie não respondeu de imediato e ele sentiu que ela ainda estava tentando decidir se acreditava nele.

– O lugar veio com a casa – respondeu ela, depois de algum tempo. – Meu pai e Jonah estão fazendo um vitral neste verão.

– Seu pai faz vitrais?

– Agora faz.

– É isso o que ele sempre fez?

– Não. Como ele disse no jantar, ele dava aulas de piano. – Ela fez uma pausa para tirar alguma coisa dos pés e mudou de assunto.

– O que você pretende fazer nos próximos meses? Continuar trabalhando para o seu pai?

Ele engoliu em seco, resistindo à tentação de beijá-la novamente.

– Sim, até o fim de agosto. Depois vou para a Vanderbilt, no outono.

De uma das casas mais à frente na praia, eles ouviram uma melodia fraca; estreitando os olhos para enxergar, Will viu um grupo em uma varanda dos fundos. A canção era dos anos 1980, embora ele não soubesse identificá-la.

– Aquilo deve estar divertido.

– Imagino que sim.

– Você não parece muito animado.

Will pegou a mão dela e eles voltaram a andar.

– É uma grande faculdade, e o campus é bonito – disse ele, um pouco sem jeito.

Ela o analisou.

– Mas você não quer ir para lá?

Ronnie parecia intuir todos os seus sentimentos e pensamentos, o que era ao mesmo tempo desconcertante e uma fonte de alívio. Pelo menos ele podia lhe dizer a verdade.

– Eu queria ir para outro lugar, e fui aceito em uma universidade que tem um programa de ciência ambiental incrível, mas minha mãe realmente quer que eu vá para Vanderbilt – explicou ele, sentindo a areia deslizar por entre os dedos dos pés conforme caminhava.

– Você sempre faz o que sua mãe quer?

– Você não entende – disse ele, balançando a cabeça. – É uma tradição de família. Meus avós estudaram lá, meus pais, minha irmã. Minha mãe faz parte do Conselho de Administração e... ela...

Ele teve dificuldade para encontrar as palavras certas. Ao seu lado, sentia Ronnie o observando, mas não conseguia encará-la.

– Eu sei que ela pode ser um tanto... distante logo que as

peessoas a conhecem, mas com o tempo você vai ver que é a pessoa mais verdadeira do mundo. Ela faria qualquer coisa, *qualquer coisa* mesmo, por mim. Mas os últimos anos têm sido muito difíceis para ela.

Ele parou para pegar uma concha na areia. Depois de examiná-la, lançou-a no mar, e a concha disparou quicando na superfície, formando longos arcos.

– Você se lembra de quando perguntou sobre a pulseira?

Ronnie assentiu, esperando que ele continuasse.

– Minha irmã e eu usamos as pulseiras em homenagem ao nosso irmão. O nome dele era Mike, e ele era um garoto maravilhoso... o tipo de criança que se sentia feliz quando estava com outras pessoas. Tinha uma risada contagiante, e ninguém conseguia deixar de rir junto com ele quando algo engraçado acontecia.

Ele fez uma pausa, olhando para o horizonte.

– Enfim. Quatro anos atrás, Scott e eu tínhamos um jogo de basquete e era a vez de a minha mãe dirigir, então, como sempre, Mike foi junto com a gente. Choveu o dia todo, e muitas estradas estavam escorregadias. Eu deveria ter prestado mais atenção, mas Scott e eu começamos a brincar no banco de trás. Sabe aquele jogo em que você tenta dobrar o pulso do outro na direção errada até que alguém desista?

Ele hesitou, tentando reunir forças para o que ainda tinha a dizer.

– Estávamos nos batendo e chutando no banco de trás, e minha mãe ficava nos mandando parar, mas nós a ignoramos. No fim, ganhei do Scott, torci a mão dele com força e o fiz gritar. Minha mãe se virou para ver o que tinha acontecido, e só isso já foi o suficiente. Ela perdeu o controle do carro. E...

Ele engoliu em seco, sentindo as palavras o sufocarem.

– Enfim, Mike não sobreviveu. Sem Scott, provavelmente minha mãe e eu também não teríamos sobrevivido. Passamos por cima do

parapeito e caímos na água. Mas o Scott é um excelente nadador, cresceu na praia e tudo o mais, e conseguiu puxar nós três para fora, mesmo com apenas 12 anos na época. Mas Mike... – Will coçou ponta do nariz. – Mike morreu com o impacto. Ainda não tinha terminado o primeiro ano do jardim de infância.

Ronnie segurou a mão de Will.

– Sinto muito.

– Eu também.

Ele piscou, tentando conter as lágrimas que teimavam em surgir quando pensava naquele dia.

– Você sabe que foi um acidente, certo?

– Sim, eu sei. E a minha mãe também. Mesmo assim, ela se culpa por ter perdido o controle do carro, assim como eu sei que uma parte dela me culpa também. – Ele balançou a cabeça. – Enfim, depois disso, ela passou a querer controlar tudo. Inclusive a mim. Ela só está tentando me manter seguro e evitar que coisas ruins aconteçam, e sei que uma parte de mim acredita nisso. Quer dizer, olha o que aconteceu. Minha mãe mal pôde se segurar no dia do enterro, e me odiei por ter feito isso com ela. Eu me senti responsável, e prometi a mim mesmo que tentaria compensá-la de alguma forma. Mesmo sabendo que não conseguiria.

Enquanto ele falava, começou a torcer a pulseira de macramê.

– O que significam as letras? EMPPS?

– Em Meus Pensamentos Para Sempre. Foi ideia da minha irmã, como uma forma de honrar a memória dele. Ela me falou sobre isso logo após o enterro, só que eu mal escutei. Foi horrível estar na igreja naquele dia. Com minha mãe gritando e meu irmãozinho no caixão, meu pai e minha irmã chorando... Jurei que eu nunca pisaria em um cemitério.

Pela primeira vez, Ronnie parecia sem palavras. Will endireitou o corpo, sabendo que era muito para digerir e se perguntando por que havia contado para ela.

– Me desculpe. Eu não deveria ter lhe dito tudo isso.

– Não tem problema – disse ela na mesma hora, apertando a mão de Will. – Fico feliz que tenha me contado.

– Não é a vida perfeita que você provavelmente imaginou, certo?

– Nunca achei que a sua vida fosse perfeita.

Ele não disse nada e, seguindo um impulso, Ronnie se inclinou para a frente e lhe deu um beijo no rosto.

– Eu queria muito que você não tivesse passado por tudo isso.

Ele respirou bem fundo e continuou a caminhar pela praia.

– Enfim, é importante para a minha mãe que eu vá para Vanderbilt. Então é para lá que eu vou.

– Tenho certeza de que você vai se divertir. Ouvi dizer que é uma ótima universidade.

Eles deram as mãos, entrelaçando os dedos. Will pensou em como a mão de Ronnie era macia, sobretudo se comparada à sua pele cheia de calos.

– Agora é a sua vez. O que eu não sei sobre você?

– Não há nada como o que você acabou de me contar – disse ela, balançando a cabeça. – Nem se compara.

– Não precisa ser nada importante. É só algo que mostre quem você é.

Ela olhou para a casa.

– Bem... fiquei três anos sem falar com meu pai. Na verdade, só voltei a falar com ele outro dia. Depois que ele e minha mãe se separaram, fiquei... com raiva dele. Não tinha mais vontade de vê-lo e a última coisa que eu queria era passar o verão aqui.

– E que tal agora? – Ele notou o luar brilhando nos olhos dela. – Você está feliz por ter vindo?

– Talvez – respondeu ela.

Ele riu e lhe deu uma cutucada com o cotovelo.

– Como você era quando criança?

– Chata. Tudo o que eu fazia era tocar piano.

– Eu gostaria de ouvir você tocar.

– Não toco mais – afirmou ela, rapidamente, com uma dose de teimosa na voz.

– Nunca?

Ela balançou a cabeça e, embora ele soubesse que a história não tinha acabado, ela claramente não queria falar sobre o assunto. Então, ele a ouviu descrever seus amigos em Nova York e como ela passava os fins de semana, sorrindo das histórias sobre Jonah. Era tão natural passar o tempo com ela, tão fácil e verdadeiro. Ele lhe contara coisas que jamais conversara nem mesmo com Ashley. Concluiu que queria que ela o conhecesse de verdade e, de alguma forma, sentira que ela saberia como reagir.

Ronnie era diferente de todas as meninas que já conhecera. Nunca mais queria soltar a mão dela, Will tinha certeza; seus dedos pareciam se encaixar com perfeição, sem nenhum esforço, como complementos perfeitos.

Exceto pela casa onde havia a festa, eles estavam completamente sozinhos. O som da música era suave e distante e, quando ele olhou para cima, teve um rápido vislumbre de uma estrela cadente passando no céu. Quando se virou para Ronnie, percebeu, pela expressão em seu rosto, que ela também a tinha visto.

– Qual foi o seu desejo? – perguntou ela, sua voz um sussurro.

Ele, no entanto, não conseguiu responder. Em vez disso, levantou a mão de Ronnie e pôs o outro braço em volta dela. Então a encarou, com a certeza de que estava se apaixonando. Puxou-a para perto e a beijou debaixo de um manto de estrelas, perguntando como é que pudera ter tanta sorte de encontrá-la.

21



Ronnie

Ok, ela admitiu que poderia se acostumar a viver daquela maneira: recostando-se no trampolim da piscina, um copo de chá bem gelado ao lado, uma bandeja de frutas enfeitadas com hortelã na área coberta, que fora servida pelo chef, juntamente com talheres de prata.

Ainda assim, ela não conseguia imaginar como devia ter sido para Will crescer em um mundo como aquele. Porém, como ele jamais conhecera algo diferente, era provável que nem tivesse essa consciência. Enquanto pegava sol no trampolim, ela o viu de pé no telhado da área coberta, preparando-se para pular. Ele havia subido os degraus como um ginasta e, mesmo a distância, ela conseguia ver seus músculos se flexionando nos braços e no abdômen.

– Ei! – gritou ele. – Olha só, vou dar um salto mortal.

– Um mortal? Só isso? Você faz todo esse caminho até aí e só vai dar um salto mortal?

– Qual é o problema de dar um mortal?

– Só estou dizendo que qualquer um pode fazer isso – disse ela,

provocando-o. – Até eu poderia.

– Isso eu queria ver – comentou ele, cético.

– Não quero me molhar.

– Mas convidei você para vir à piscina!

– É assim que garotas como eu vão à piscina. Também é conhecido como bronzamento.

Ele riu.

– Na verdade, talvez seja uma boa ideia você pegar um pouco de sol. Acho que o sol não brilha em Nova York, hein?

– Está querendo dizer que estou muito pálida? – perguntou ela, franzindo a testa.

– Não – disse ele, balançando a cabeça. – Não é a palavra que eu usaria. Acho “desbotada” um pouco mais preciso.

– Uau, que encantador. Isso me faz pensar o que eu via em você.

– Via?

– Sim, e devo dizer que, se você continuar usando palavras como *desbotada* para me descrever, não vejo um futuro para nós.

Ele pareceu avaliá-la.

– E se o meu salto mortal tiver duas voltas? Você me perdoa?

– Só se você terminar o salto com um mergulho perfeito. Mas se você só conseguir dar duas voltas e cair na água todo desajeitado, vou fingir que fiquei impressionada, desde que você não me molhe.

Ele levantou uma sobrancelha antes de recuar um pouco e, em seguida, dar um grande passo para pular. Dobrou o corpo com firmeza, girou duas vezes, e entrou na água, primeiro os braços, depois o corpo reto, quase sem espirrar água.

Aquilo, pensou ela, tinha sido impressionante, até mesmo surpreendente, devido à maneira graciosa com que ele se movimentava na quadra de vôlei. Quando ele apareceu na borda do trampolim, andando pela água, ela viu que ele estava satisfeito com o resultado.

– Nada mal – disse ela.
– Só isso?
– Nota 4,6.
– Em cinco?
– Em dez – disse ela.
– Esse salto vale no mínimo oito!
– É claro que você acha isso. É por isso que a juíza sou eu.
– Como faço para contestar o resultado? – perguntou ele, chegando até a beirada do trampolim.
– Não pode. É oficial.
– E se eu não estiver satisfeito?
– Então, talvez você pense duas vezes antes de usar a palavra *desbotada*.

Ele riu e começou a se debruçar na prancha do trampolim. Ronnie tentou se segurar.

– Ei... pare... não faça isso – advertiu ela.
– Não faça o quê? Isso? – disse ele, puxando-a para baixo.
– Já disse que não quero me molhar! – gritou ela.
– Mas quero que você venha nadar comigo! – Sem aviso, ele a agarrou pelo braço e deu um puxão. Com um gritinho, ela caiu na água. Assim que subiu à tona para respirar, ele tentou beijá-la, mas ela se afastou.

– *Não!* – gritou Ronnie, rindo, saboreando o frescor da água e a suavidade da pele dele. – Não vou perdoar você!

Enquanto lutava e se divertia com ele, Ronnie observou que Susan assistia a tudo da varanda. Pela expressão em seu rosto, ela definitivamente não estava feliz.



No fim da tarde, quando estavam voltando para a praia a fim de verificar o ninho das tartarugas, eles pararam para tomar um

sorvete. Ronnie caminhou ao lado de Will, lambendo seu sorvete, que derretia com rapidez, pensando em como era incrível que o primeiro beijo dos dois tivesse acontecido apenas no dia anterior. Se a noite anterior fora quase perfeita, hoje tinha sido ainda melhor. Ela amava a facilidade com que trocavam de assunto, indo de coisas sérias a irreverentes, e o fato de ele ser tão bom em revidar provocações.

Claro, ele a havia *puxado* para a piscina, o que justificava sua vingança. Não foi tão difícil, já que ele não esperava, então, assim que ele aproximou o sorvete da boca, ela cutucou a casquinha, espalhando sorvete na cara dele. Rindo, ela saltitou ao virar a esquina... direto para os braços de Marcus.

Blaze estava com ele, assim como Teddy e Lance.

– Ora, mas que surpresa agradável – disse Marcus, pausadamente, apertando-a com mais força.

– Me solta! – gritou Ronnie, odiando o pânico súbito em sua voz.

– Solte ela – acrescentou Will, chegando por trás dela. Sua voz era firme. Séria. – Agora.

Marcus parecia estar se divertindo.

– Tem que prestar atenção por onde anda, Ronnie.

– Agora! – exigiu Will, aproximando-se.

– Calma, Riquinho. Ela que veio para cima de mim. Só a segurei para ela não cair. E, falando nisso, como vai o Scott? Ele tem soltado algum rojão ultimamente?

Para surpresa de Ronnie, Will congelou. Com um sorriso afetado, Marcus voltou seu olhar para a garota. Apertou-a com mais força antes de finalmente soltá-la. Quando Ronnie deu um passo rápido para trás, Blaze acendeu uma bola de fogo, sua expressão indiferente.

– Fico feliz por ter impedido você de tropeçar – disse Marcus. – Não seria bom se apresentar toda cheia de hematomas ao tribunal

na terça-feira, não é? Você não vai querer que o juiz pense que você é violenta, além de ladra.

Ronnie olhou para ele, sem palavras, até que Marcus se afastou. Quando todos foram embora, ela viu Blaze arremessar a bola de fogo, que ele pegou com facilidade e jogou de volta para ela.



Sentado na duna do lado de fora da casa de Ronnie, Will permaneceu calado enquanto ela contava tudo o que tinha acontecido desde que chegara, incluindo os acontecimentos na loja de música. Quando terminou seu relato, ela torceu as mãos, unidas junto ao corpo.

– E isso é tudo. Quanto ao roubo em Nova York, nem sei por que peguei aquelas coisas. Eu não precisava delas. Era só para fazer algo, só porque meus amigos estavam fazendo o mesmo. Quando fui ao tribunal, admiti tudo porque sabia que estava errada e não ia voltar a fazer isso. E não fiz... nem lá nem aqui. Mas, a menos que as acusações sejam retiradas ou a Blaze admita o que fez, não só vou ter grandes problemas aqui, como em casa também. Sei que parece loucura, e tenho certeza de que você não acredita em mim, mas juro que não estou mentindo.

Ele tocou nas mãos entrelaçadas de Ronnie.

– Eu acredito em você. E, juro, nada me surpreende em relação ao Marcus. Ele é maluco desde criança. Minha irmã e ele eram da mesma turma da escola e ela me disse que a professora encontrou um rato morto na gaveta. Todo mundo sabia quem o tinha colocado lá, até o diretor, mas eles não podiam provar nada, entende? Ele continuou com seus truques, mas agora tem o Teddy e o Lance para fazerem o que ele manda. Ouvi algumas coisas assustadoras sobre ele, mas a Galadriel... Ela era uma das garotas mais simpáticas. A gente se conhece desde criança, e não sei o que se passa com ela

ultimamente. Sei que os pais dela se divorciaram e ouvi dizer que ela se tomou uma pessoa muito difícil. Mas não sei o que vê em Marcus, ou por que está tão empenhada em arruinar a própria vida. Eu me sentia mal por ela, mas o que essa garota está fazendo com você é errado.

De repente, Ronnie se sentiu cansada.

– Tenho que ir ao tribunal na semana que vem.

– Quer que eu vá também?

– Não, não quero que você me veja em pé na frente de um juiz.

– Não importa...

– Vai importar, se sua mãe descobrir. Tenho certeza de que ela não gosta de mim.

– Por que você está dizendo isso?

Porque vi como ela estava me olhando mais cedo, ela poderia ter respondido.

– É apenas uma sensação.

– Todo mundo se sente assim quando a conhece. Mas eu já disse que ela vai ficar mais tranquila quando vocês se conhecerem melhor.

Ronnie não tinha tanta certeza. Atrás dela, o sol estava se pondo, dando ao céu um tom alaranjado.

– Qual é o problema entre o Scott e o Marcus? – perguntou ela.

Will ficou tenso.

– Como assim?

– Você se lembra daquela noite no festival? Depois que fez o show dele, Marcus parecia todo agitado em relação a alguma coisa, então tentei manter distância. Era como se estivesse varrendo a multidão com os olhos, mas, quando ele viu o Scott... fez uma expressão estranha, como ele tivesse encontrado o que estava procurando. Logo depois, derrubou as batatas fritas e jogou tudo em cima dele.

– Eu estava lá também.

– Mas você se lembra do que ele disse? Foi estranho. Ele perguntou se Scott ia atirar um rojão nele. E, quando ele disse praticamente a mesma coisa para você agora há pouco, você meio que congelou.

Will desviou o olhar.

– Não é nada – insistiu ele, apertando as mãos dela. – E eu não teria deixado nada acontecer com você. – Ele se inclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos. – Posso fazer uma pergunta? Sobre um assunto totalmente diferente?

Ronnie arqueou uma sobrancelha, insatisfeita com a resposta, mas resolveu deixar o assunto de lado.

– Por que há um piano atrás de um compensado na sua casa? – Ele deu de ombros ao notar que ela pareceu surpreendida. – Dá para ver pela janela, e aquele compensado não combina exatamente com o resto.

Foi a vez de Ronnie desviar ao olhar. Ela soltou as mãos das dele e as enterrou na areia.

– Falei para o meu pai que não queria mais ver o piano, então ele colocou o compensado.

Will pestanejou.

– Você odeia o piano tanto assim?

– Odeio – respondeu ela.

– É porque seu pai era seu professor? – Ela olhou para Will, surpresa, e ele prosseguiu: – Ele dava aula na Juilliard, certo? É claro que era seu professor. E aposto que você era muito boa, porque é preciso amar alguma coisa antes de poder odiá-la.

Para um mecânico/jogador de vôlei, ele era bastante perspicaz. Ronnie enfiou os dedos ainda mais fundo na areia, onde as camadas eram mais frescas e pesadas.

– Ele me ensinou a tocar desde que aprendi a andar. Eu passava horas tocando, sete dias por semana, durante anos. Até fizemos algumas composições juntos. Era o que tínhamos em comum,

entende? Era algo só de nós dois. E quando ele foi embora... eu senti como se ele tivesse traído a família. Senti como se ele tivesse me traído e fiquei tão irritada com tudo que jurei nunca mais tocar ou escrever outra música. Então, quando cheguei aqui, vi o piano e o ouvia tocando sempre que eu estava por perto, e não pude deixar de sentir que ele estava fingindo que o que tinha feito não importava. Como se pensasse que simplesmente poderíamos recomeçar. Mas não. Não se pode desfazer o passado.

– Você e ele pareciam ter uma relação amistosa no jantar.

Lentamente, Ronnie puxou as mãos da areia.

– Sim, estamos nos dando bem melhor nos últimos dias. Mas isso não significa que eu queira tocar de novo – afirmou ela.

– Não é da minha conta, mas, se você era tão boa, só está magoando a si mesma. É um dom, certo? E quem sabe? Talvez você pudesse estudar na Juilliard.

– Eu sei que poderia. Eles ainda me mandam correspondência. Prometeram que vão me receber se eu mudar de ideia – comentou ela, sentindo uma onda de irritação.

– Então por que você não vai?

– Será que isso faz tanta diferença para você? – Ela o encarou.

– Que eu não seja quem você pensou que eu fosse? Que eu tenha algum talento especial? Isso me faz boa o suficiente para você?

– De jeito nenhum – respondeu ele. – Você ainda é a pessoa que eu pensei que fosse. Desde o primeiro momento em que nos conhecemos. E não há nenhuma maneira de você ser ainda melhor.

Assim que ele disse isso, ela se sentiu envergonhada pela explosão. Percebeu que ele estava sendo sincero.

Ronnie lembrou que eles se conheciam há apenas alguns dias, porém... ele era gentil e inteligente e ela já sabia que ele a amava. Como se estivesse lendo seus pensamentos, ele se sentou mais perto. Inclinando-se, beijou-a suavemente nos lábios e, de repente,

ela teve certeza de que não desejava nada mais do que passar horas e horas envolta nos braços de Will, daquele jeito.

22



Marcus

Marcus os observava ao longe. *Então é assim que vai ser, hein?*

Que se danassem. Ela que se danasse. Era hora de se divertir.

Teddy e Lance tinham levado a bebida, e as pessoas já estavam chegando. Mais cedo, ele vira uma família de turistas guardando seus pertences em uma minivan caindo aos pedaços, com seu cão feio e os filhos ainda mais horrorosos, em frente a uma das casas, que ficava três ou quatro depois da de Ronnie, que era outra porcaria. Ele havia ficado por perto o suficiente para saber que a próxima estadia só começaria no dia seguinte, depois que o pessoal da limpeza fizesse o seu trabalho, o que significava que só precisavam entrar e o lugar seria deles a noite inteira.

Nada muito difícil, considerando que ele tinha a chave e o código de segurança. Os veranistas nunca trancavam a porta quando iam à praia. E por que deveriam fazer isso? Só levavam comida e talvez algum jogo eletrônico, uma vez que a maioria só ficava por uma semana. Como os proprietários, que moravam em outras cidades, provavelmente em algum lugar como Charlotte, ficavam cansados

de receber telefonemas da empresa de segurança porque os inquilinos idiotas disparavam o alarme no meio da noite, eles sempre faziam a gentileza de colocar o código logo acima do painel de segurança na cozinha. Que inteligentes. Que espertos. Com bastante paciência, ele sempre conseguia encontrar uma casa ou duas para dar uma festa, mas o segredo era não abusar das oportunidades. Teddy e Lance sempre queriam festejar nesses lugares, mas Marcus sabia que, se exagerassem, as administradoras suspeitariam. Enviariam os responsáveis para checar tudo, pediriam à polícia que fizesse rondas frequentes e avisariam aos turistas e proprietários. Onde eles ficariam se isso acontecesse? Presos no Bower's Point, como sempre.

Uma vez por ano. Uma vez por verão. Essa era a regra de Marcus, e isso bastava, a menos que incendiasse a casa depois. Ele sorriu. É só fazer isso e o problema está resolvido. Ninguém suspeitaria de que tinha acontecido uma festa. Não havia nada como um grande incêndio, pois incêndios tinham *vida*. Incêndios, especialmente os grandes, se movimentavam e dançavam, destruindo e devorando tudo. Lembrou-se de ter incendiado um celeiro quando tinha 12 anos e o observado queimar por horas, pensando que jamais tinha visto algo tão incrível. Então, incendiou outro, dessa vez em um armazém abandonado. Ao longo dos anos, destruíra uma porção deles. Não havia nada melhor; nada o deixava mais empolgado do que o poder que sentia com um isqueiro na mão.

Mas ele não faria isso. Não naquela noite, porque não desejava que Teddy ou Lance conhecessem seu passado. Além disso, a festa ia ser ótima. Bebidas, drogas e música. E garotas. Garotas bêbadas. Ele ficaria primeiro com Blaze e depois com outras duas, se conseguisse lhe dar álcool o suficiente para desmaiar. Ou talvez ele ficasse com alguma garota burra e gostosa, mesmo que Blaze estivesse sóbria o bastante para perceber o que estava

acontecendo. Isso podia ser divertido, também. Ele sabia que ela daria um escândalo, mas simplesmente a ignoraria e faria com que Teddy ou Lance a colocassem para fora. Sabia que ela voltaria. Ela sempre voltava, implorando e chorando.

Ela era tão previsível que irritava. E choramingava o tempo todo.

Ao contrário da Srta. Corpinho Firme bem ali adiante.

Ele estava tentando não pensar em Ronnie. Então ela não gostava dele e só queria passar um tempo com o Riquinho, o príncipe da loja de freios. Ela provavelmente não ia querer transar. Devia ser uma frigidazinha que ficava só provocando. Mesmo assim, ele não conseguia descobrir onde tinha errado com ela, ou como ela parecia saber o que ele pensava.

Marcus estava melhor sem ela. Não precisava dela. Não precisava de ninguém. Então, por que continuava a observá-la ou se importava por ela estar saindo com Will?

Claro, isso deixava tudo um pouco mais interessante, ainda mais porque ele conhecia o ponto fraco de Will.

Ele poderia se divertir um pouco com isso. Assim como se divertiria naquela noite.

23



Will

Para Will, o verão estava passando muito depressa. Entre trabalhar na oficina e passar a maior parte do tempo livre com Ronnie, os dias pareciam voar. À medida que agosto se aproximava, ele se viu ficando cada vez mais ansioso com a ideia de que, em questão de semanas, ela estaria de volta a Nova York e ele iria para a Vanderbilt.

Ela se tornara parte de sua vida – em muitos aspectos, a melhor parte. Embora nem sempre a entendesse, suas diferenças pareciam fortalecer a relação. Eles haviam discutido devido ao seu pedido para acompanhá-la ao tribunal, o que ela recusou de maneira inflexível, mas se lembrou de sua surpresa quando ela o encontrou esperando do lado de fora, com um buquê de flores. Ele sabia que ela estava chateada porque as queixas não haviam sido retiradas – sua próxima aparição no tribunal fora agendada para 28 de agosto, três dias depois de sua partida para a faculdade –, mas soube que fizera a coisa certa ao ir até lá quando ela aceitou o buquê com um beijo tímido.

Ronnie o surpreendeu ao conseguir um trabalho de meio período no aquário. Ela não tinha lhe contado sobre seu interesse nem perguntado se ele poderia dar uma mãozinha para que fosse aceita. Sinceramente, ele nem havia percebido que ela queria um emprego. Quando lhe perguntou sobre isso mais tarde, ela explicou:

– Você está trabalhando durante o dia, meu pai e Jonah estão trabalhando no vitral. Eu precisava de algo para fazer. Além disso, eu mesma quero pagar pelo advogado. Meu pai não tem dinheiro sobrando.

No entanto, quando ele a buscou depois de seu primeiro dia de trabalho, percebeu que a pele dela tinha uma tonalidade quase esverdeada.

– Tive que alimentar as lontras – confessou ela. – Você já enfiou a mão em um balde cheio de peixes mortos e viscosos? É nojento!

Eles conversaram sem parar. Não parecia haver tempo suficiente no mundo para compartilharem tudo o que queriam. Às vezes, era apenas uma conversa para preencher os momentos de silêncio – quando debatiam sobre seus filmes favoritos, por exemplo, ou quando ela disse que, mesmo sendo vegetariana, ainda não tinha decidido se ovos ou leite entrariam em sua lista de restrições. Mas, em outros momentos, a conversa era mais séria. Ela contou mais sobre suas lembranças de tocar piano e seu relacionamento com o pai; ele admitiu que às vezes se ressentia por ter a necessidade de ser o tipo de pessoa que sua mãe esperava que fosse. Falaram sobre o irmão dela, Jonah, e a irmã dele, Megan, e especularam e sonharam sobre como seria a vida deles no futuro. Para ele, o futuro parecia minuciosamente planejado: quatro anos na Vanderbilt, depois da formatura ele ganharia alguma experiência trabalhando para outra empresa e em seguida voltaria para gerenciar os negócios do pai. No entanto, mesmo enquanto recitava o plano, ele ouvia a voz da mãe sussurrando sua aprovação e se perguntou se era aquilo o que desejava de verdade. Ronnie, por sua vez, admitiu

que não tinha certeza do que o ano seguinte lhe traria. Entretanto, a incerteza não parecia assustá-la, o que fez Will admirá-la ainda mais. Depois, quando refletiram sobre seus respectivos planos, ele foi atingido pela constatação de que, deles dois, ela tinha muito mais controle sobre o próprio destino.

Apesar das gaiolas que foram construídas para proteger os ninhos de tartarugas por toda a praia, os guaxinins haviam feito tocas por baixo da malha de arame e destruído seis deles. Assim que soube do acontecido, Ronnie insistiu para que se revezassem para proteger o ninho atrás de sua casa. Não havia nenhuma razão para ambos ficarem todas as noites lá, mas eles passaram grande parte delas abraçados, se beijando e conversando baixinho até bem depois da meia-noite.

Scott, é claro, não conseguia entender. Vez ou outra, Will se atrasava para o treino e, quando chegava, encontrava Scott andando de um lado para outro, agitado, perguntando o que tinha acontecido com o amigo. No trabalho, nos raros momentos em que Scott perguntava como iam as coisas com Ronnie, Will não falava muito – sabia que ele só estava perguntando por educação. Scott fazia o melhor para manter a atenção de Will focada na próxima partida de vôlei de praia, geralmente fingindo que Will recuperaria o juízo logo, ou que Ronnie não existia.

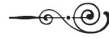
Ronnie, no entanto, estava certa em relação à mãe dele. Embora não tivesse dito nada diretamente a Will sobre seu novo relacionamento, ele percebia sua desaprovação na maneira como ela se forçava a sorrir quando o nome de Ronnie era mencionado e no comportamento quase formal que adotava quando ele levava a namorada em casa. Ela nunca perguntava sobre a garota e, quando ele falava algo a respeito dela – sobre como se divertiram, ou sobre como ela era inteligente, ou como o entendia melhor do que qualquer outra pessoa –, a mãe dizia coisas como “você vai para a Vanderbilt em breve, e relacionamentos a distância são difíceis”, ou

até questionava se ele não achava que estavam “passando muito tempo juntos”. Will odiava quando ela dizia essas coisas. Era tudo o que podia fazer para não brigar com a mãe, pois sabia que ela estava sendo injusta. Ao contrário de praticamente todo mundo que Will conhecia, Ronnie não bebia, não falava palavrões nem fofocava, e eles não tinham ido além dos beijos, mas ele sabia, por pura intuição, que essas coisas não tinham importância para sua mãe. Ela estava presa em seus preconceitos, então qualquer tentativa de mudar a opinião dela a respeito de Ronnie seria inútil. Frustrado, ele começou a inventar desculpas para ficar longe de casa o maior tempo possível. Não apenas pelo jeito como a mãe se sentia em relação a Ronnie, mas pela maneira como ele estava começando a se sentir em relação à mãe.

E em relação a si mesmo, é claro, por não ter coragem de discutir o assunto abertamente com ela.

Além da preocupação de Ronnie com sua próxima visita ao tribunal, o único problema naquele verão quase sempre idílico era a presença constante de Marcus. Ainda que conseguissem evitá-lo na maior parte do tempo, às vezes era impossível. Quando eles se deparavam um com o outro, Marcus sempre encontrava um jeito de provocar Will, geralmente com alguma referência a Scott. Will ficava paralisado. Se reagisse mal, Marcus poderia ir à polícia; se não fizesse nada, sentia-se envergonhado. Ali estava ele, namorando uma garota que estivera no tribunal admitindo sua culpa, e o fato de ele não ser capaz de reunir coragem para fazer o mesmo começara a atormentá-lo. Tentou falar com Scott sobre abrir o jogo e ir à polícia, mas o amigo rejeitou a ideia. Além disso, indiretamente, Scott nunca deixava Will se esquecer do que fizera por ele e sua família no trágico dia em que Mike morreu. Will admitia que Scott fora um herói, mas, à medida que o verão transcorria, passou a se perguntar se uma boa ação no passado significava que uma atitude ruim deveria ser ignorada posteriormente – e, em seus momentos

mais sombrios, se ele poderia suportar o verdadeiro custo da amizade de Scott.



Uma noite, no início de agosto, Will concordou em levar Ronnie à praia para caçarem caranguejos.

– Já disse que não gosto de caranguejos! – reclamou Ronnie, agarrando o braço de Will.

– São só caranguejos-aranhas – disse Will, rindo. – Eles não vão machucar você.

Ela franziu o nariz.

– Eles são como insetos assustadores e rastejantes de outro mundo.

– Você está esquecendo que isso foi ideia sua.

– Não, foi ideia do Jonah. Ele disse que seria divertido. O que é bem feito para mim por ouvir alguém que aprende sobre a vida vendo desenho animado.

– Achei que alguém que alimenta lontras com peixes viscosos não se incomodaria com alguns caranguejos inofensivos na praia.

Ele passou a luz da lanterna pela areia, iluminando as criaturas ágeis.

Ela vasculhou a areia freneticamente, com medo de que a pinça de algum caranguejo ficasse perto de seu pé.

– Em primeiro lugar, não há alguns caranguejos inofensivos. Há centenas deles. Em segundo, se eu soubesse que é isso o que acontece com a praia à noite, teria feito você dormir no ninho de tartarugas sempre. Então, estou com um pouco de raiva de você por me esconder esse fato. E, terceiro, mesmo que eu trabalhe no aquário, isso não quer dizer que eu goste de ter caranguejos passando pelos meus pés.

Ele fez o seu melhor para manter uma cara séria, mas era muito

difícil. Quando ela olhou para cima, percebeu sua expressão.

– Pare com essa cara de riso. Não é engraçado.

– É, sim... quero dizer, deve haver umas vinte crianças pequenas andando com os pais por aqui, fazendo a mesma coisa que a gente.

– A culpa não é minha se os pais delas não têm bom senso.

– Quer ir embora?

– Não, tudo bem – disse Ronnie. – Você já me atraiu para cá, no meio da infestação. Posso muito bem suportar isso.

– Você sabe que temos andado muito na praia ultimamente.

– Pois é. Então, mais uma vez, obrigada por trazer a lanterna e arruinar as boas lembranças.

– Ótimo – disse ele, desligando a lanterna.

Ela enfiou as unhas no braço dele.

– O que você está fazendo? Ligue de novo!

– Você deixou bem claro que não gosta da lanterna.

– Mas, se você desligar a luz, não tenho como ver os caranguejos!

– Pois é.

– Ou seja, eles podem estar rodeando os meus pés neste momento. Ligue de novo – implorou ela.

Ele ligou e começou a rir quando seguiram pela praia.

– Um dia, eu ainda vou conseguir entender você.

– Acho que não. Se você ainda não me entendeu, deve ser porque está além do seu alcance.

– Pode ser – admitiu ele, passando um braço ao redor dela. – Você ainda não me disse se vai ao casamento da minha irmã.

– É porque ainda não decidi.

– Quero que conheça a Megan. Ela é maravilhosa.

– Não é sua irmã que me preocupa. Acho que sua mãe prefere que eu não vá.

– E daí? Não é o casamento dela. Minha irmã quer que você vá.

– Você falou de mim para ela?

- É claro.
- O que você disse?
- A verdade.
- Que você me achava desbotada?

Ele a olhou de soslaio.

- Você ainda está pensando nisso?
- Não. Já me esqueci de tudo.

Ele bufou.

– Ok, respondendo à sua pergunta: não, eu não disse que você era desbotada. Disse que você é desbotada.

Ela deu uma cutucada nas costelas de Will, que fingiu implorar para que ela parasse.

- Estou brincando, estou brincando... Eu nunca diria isso.
- Então o que você disse?

Ele parou e virou-a de frente para ele.

– Falei a verdade. Que você é inteligente, engraçada, fácil de conviver e linda.

- Ah, bom, então tudo bem.
- Você não vai dizer que me ama também?

– Não tenho certeza se posso amar um cara tão carente – disse ela, brincando. Ronnie colocou os braços ao redor dele. – Ou você pode considerar esse comentário uma vingança por deixar os caranguejos passarem pelos meus dedos. É claro que eu te amo.

Eles se beijaram antes de retomarem sua caminhada. Estavam quase no cais, prestes a se virar, quando viram Scott, Ashley e Cassie se aproximando na outra direção. Ronnie ficou tensa quando Scott deu uma guinada para interceptá-los.

– Aí está você, cara! – gritou Scott ao se aproximar. Ele parou na frente do casal. – Mande mensagens para você a noite toda.

Will apertou mais o braço ao redor de Ronnie.

– Desculpe. Deixei meu celular na casa da Ronnie. Quais as novidades?

Enquanto ele respondia, Will podia sentir Ashley olhando para Ronnie de longe.

– Recebi ligações de cinco times que vão estar no torneio, e eles querem fazer alguns jogos-testes. Todos são muito bons e querem formar um centro de treinamento para que todo mundo esteja preparado para enfrentar Landry e Tyson. Muito treino, muita prática, muitos jogos. Estamos até pensando em mudar as equipes agora e depois melhorar nossos tempos de reação, já que todos nós temos estilos diferentes.

– Quando eles virão?

– Quando pudermos, mas estávamos pensando em começar nesta semana.

– Quanto tempo eles vão ficar por aqui?

– Não sei. Uns três ou quatro dias? Praticamente até o torneio. Sei que você tem as coisas do casamento e os ensaios, mas podemos encaixar os treinos.

Aquilo lhe lembrou que seu tempo com Ronnie em breve chegaria ao fim.

– Três ou quatro dias?

Scott franziu a testa.

– Vamos lá, cara. Isso é exatamente o que a gente tem que fazer para se preparar.

– Você não acha que estamos prontos agora?

– O que deu em você? Você sabe muito bem quantos treinadores da Costa Oeste estão vindo para assistir ao torneio. – Ele apontou para Will. – Você pode não precisar de uma bolsa de vôlei para ir para a faculdade, mas eu preciso. E é a única chance que eu tenho de que eles me vejam jogar.

Will hesitou.

– Vou pensar sobre isso, ok?

– Você quer *pensar*?

– Tenho que falar com meu pai primeiro. Não posso

simplesmente avisar em cima da hora que não vou trabalhar por quatro dias, sem pedir a ele antes. E acho que você também não pode.

Scott olhou para Ronnie.

– Tem certeza de que o trabalho é o motivo?

Will percebeu o que ele quis dizer, mas preferiu não discutir naquele momento. Scott também pareceu pensar melhor e deu um passo para trás.

– Tudo bem, está certo. Fale com o seu pai. Tanto faz – disse ele. – Talvez você encontre uma maneira de ajustar seu horário.

Com isso, ele se afastou, caminhando sem olhar para trás. Sem saber direito o que fazer, Will começou a andar com Ronnie de volta para a casa dela. Scott já não podia ouvi-los quando Ronnie passou o braço em torno da cintura de Will e perguntou:

– Ele estava falando sobre o torneio que você mencionou?

Ele assentiu.

– No próximo fim de semana. Um dia depois do casamento da minha irmã.

– Num domingo?

Ele assentiu outra vez.

– É um torneio de dois dias, mas o feminino é no sábado.

Ronnie pensou no assunto.

– E ele precisa de uma bolsa de estudos de vôlei para entrar na faculdade?

– Sem dúvida, isso ajudaria.

Ela o fez parar.

– Então consiga um tempo para esse tal treinamento. Pratique e treine. Faça o que tiver que fazer para se preparar. Ele é seu amigo, certo? Ainda encontraremos tempo para ficarmos juntos. Mesmo que seja nos sentar ao lado do ninho das tartarugas. Posso ir com sono para o trabalho.

Enquanto ela falava, Will só conseguia pensar em como ela era

bonita e na saudade que sentiria dela.

– O que vai acontecer com a gente, Ronnie? No fim do verão? – perguntou ele, procurando a resposta no rosto dela.

– Você vai para a faculdade – respondeu Ronnie, olhando para longe. – E eu vou voltar para Nova York.

Ele pôs as mãos no rosto dela e o aproximou do dele.

– Você sabe o que estou querendo dizer.

– Sim, sei perfeitamente o que você quer dizer. Mas não sei o que você quer que eu responda. Não sei o que qualquer um de nós pode dizer.

– Que tal, “não quero que acabe”?

Os olhos dela eram verdes como o mar, ternos, como que pedindo desculpas.

– Não quero que acabe – repetiu ela, com suavidade.

Embora fosse o que Will queria ouvir, e Ronnie obviamente estivesse sendo sincera, ele percebeu o que ela já sabia: que as palavras, mesmo que verdadeiras, tinham pouco poder para mudar o inevitável ou mesmo fazê-lo se sentir melhor.

– Vou a Nova York para ver você – prometeu ele.

– Espero que sim.

– E quero que você vá para o Tennessee.

– Acredito que possa suportar outra viagem para o Sul, se for por um bom motivo.

Ele sorriu quando os dois voltaram a andar pela praia.

– Já decidi. Vou fazer tudo o que o Scott quer para se preparar para o torneio se você concordar em ir comigo ao casamento da minha irmã.

– Em outras palavras, você vai fazer o que deveria de qualquer maneira e, em troca, conseguir o que quer.

Não era exatamente assim que ele descreveria, mas ela estava certa.

– Sim – concordou ele. – Acho que é isso mesmo.

– Mais alguma coisa? Já que você está exigindo tanto nessa troca?

– Já que você mencionou, sim. Quero que você tente colocar algum juízo na cabeça da Blaze.

– Já tentei falar com ela.

– Eu sei, mas quando foi isso? Há seis semanas? Ela nos viu juntos, então sabe que você não está interessada no Marcus. E ela já teve tempo para superar isso.

– Ela não vai dizer a verdade – respondeu Ronnie. – Isso a meteria em uma encrenca.

– Como? Ela seria acusada de quê? O ponto é que não quero que você se encrenque por algo que não fez. A proprietária não quer ouvir, o promotor não quer ouvir e também não estou dizendo que a Blaze vai ouvir, mas não vejo que escolha você tem, se quiser se livrar desse problema.

– Não vai funcionar – insistiu Ronnie.

– Talvez não. Mas acho que vale a pena tentar. Eu a conheço há muito tempo, e ela nem sempre foi assim. Talvez, bem lá no fundo, a Blaze saiba que está fazendo a coisa errada e só precise de uma boa razão para tentar consertar o que fez.

Embora não concordasse, ela tampouco discordava, e os dois caminharam de volta para casa em relativo silêncio. Quando se aproximaram, Will viu a luz inundar a porta aberta da oficina.

– Seu pai ainda está trabalhando no vitral?

– É o que parece.

– Posso ver?

– Por que não?

Juntos, eles se dirigiram para a construção em ruínas. Quando entraram, Will viu uma lâmpada presa em um cabo de extensão, pendurada sobre uma mesa de trabalho grande, no centro do aposento.

– Acho que ele não está – disse Ronnie, olhando ao redor.

– Esse é o vitral? – perguntou Will, aproximando-se. – É enorme. Ronnie se colocou ao lado dele.

– É incrível, não é? É para a igreja que estão reconstruindo aqui na rua.

– Você não me disse isso. – A voz dele soou tensa, até mesmo para seus próprios ouvidos.

– Achei que não fosse nada de mais – respondeu ela. – Por quê? Isso é importante?

Will se obrigou a não reviver as lembranças de Scott e do fogo.

– Na verdade, não – respondeu ele de imediato, fingindo inspecionar o vitral. – Eu só não sabia que seu pai tinha habilidade para fazer algo tão intrincado.

– Eu também não. Nem ele, pelo menos até começar. Mas meu pai me disse que isso era importante para ele, então talvez isso explique.

– Por que era tão importante para ele?

Conforme Ronnie contava a história que seu pai havia relatado, Will olhou para o vitral, não contendo as lembranças do que Scott fizera. E do que *ele mesmo* não tinha feito, claro. Ela devia ter percebido algo em seu rosto, porque, quando terminou, parecia analisá-lo.

– Em que você está pensando?

Ele passou a mão no vitral antes de responder:

– Você já se perguntou o que significa ser amigo?

– Não entendi bem o que você está querendo dizer.

Ele olhou para ela.

– Até onde você iria para proteger um amigo?

Ela hesitou.

– Acho que depende do que o amigo fez. E da gravidade do que aconteceu. – Ela pôs a mão nas costas de Will. – O que você não está querendo me contar?

Diante do silêncio dele, ela se aproximou.

– No fim, você deve sempre fazer a coisa certa, mesmo que seja difícil. Sei que isso pode não ajudar você e que a coisa certa nem sempre é tão fácil de se descobrir. Pelo menos à primeira vista. Mas, mesmo quando estava justificando para mim mesma que roubar não era grande coisa, eu sabia que era errado. Por dentro eu me sentia... sombria.

Ronnie aproximou seu rosto do dele e ele sentiu cheiro de areia e mar em sua pele.

– Não lutei contra as acusações porque algo dentro de mim sabia que o que eu estava fazendo era errado. Algumas pessoas podem viver com isso, contanto que consigam se safar. Elas enxergam tons de cinza onde enxergo preto e branco. Mas não sou esse tipo de pessoa... e não acho que você seja.

O olhar de Will ficou distante. Ele queria contar, ansiava por revelar tudo, pois sabia que ela tinha razão, mas não conseguia encontrar as palavras. Ela o entendia de uma maneira que ninguém era capaz. Ele poderia aprender com ela, pensou. Seria uma pessoa melhor com ela ao seu lado. Em muitos aspectos, precisava dela. Quando se forçou a assentir, ela pousou a cabeça em seu ombro.

Ao finalmente saírem do galpão, ele fez menção de impedi-la antes de voltarem para casa. Puxou-a para perto e começou a beijá-la. Primeiro, os lábios, depois o rosto e o pescoço. A pele dela era como fogo, como se estivesse deitada no sol há horas, e, quando voltou a beijá-la, ele sentiu o corpo dela pressionando o seu. Ele enfiou as mãos em seu cabelo, beijando-a, enquanto lentamente a apoiava contra a parede. Ele a amava, ele a desejava e, continuando o beijo, sentiu os braços dela se moverem por seus ombros e suas costas. O toque dela era como eletricidade em sua pele, a respiração quente encontrando a dele, e Will se sentiu mergulhando em um lugar governado apenas pelos sentidos.

Suas mãos vagavam pelas costas e pela barriga dela quando ele finalmente sentiu Ronnie colocar as mãos em seu peito e afastá-lo.

– Por favor – disse ela, ofegante –, temos que parar.

– Por quê?

– Porque não quero que o meu pai nos flagre. Ele pode estar vendo a gente pela janela agora.

– Estamos só nos beijando.

– Sim. E nós só meio que gostamos um do outro, também – disse ela, rindo.

Um sorriso lânguido tomou o rosto dele.

– O quê? Não estávamos só nos beijando?

– Só estou dizendo que parecia... que o que estávamos fazendo estava levando a algo mais – respondeu ela, ajeitando a blusa.

– E o problema é...?

A expressão dela lhe dizia para acabar com os joguinhos, e Will sabia que ela estava certa, mesmo que não fosse o que ele queria.

– Tem razão. – Ele suspirou, deixando as mãos caírem em torno da cintura dela. – Vou tentar me controlar.

Ela lhe deu um beijo no rosto.

– Tenho total confiança em você.

– Poxa, obrigado – resmungou ele.

Ela pestanejou.

– Vou ver onde está meu pai, tudo bem?

– Ok. Tenho que estar no trabalho amanhã cedo, de qualquer maneira.

Ela sorriu.

– Que pena. Só preciso estar no trabalho às dez.

– Eles ainda estão mandando você alimentar as lontras?

– Elas morreriam de fome sem mim. Sou um tanto indispensável agora.

Ele riu.

– Eu já disse que acho você uma pessoa que vale a pena ter por perto?

– Acho que ninguém nunca me falou isso. Mas, só para deixar

claro, você também não é tão ruim de se ter por perto.

24



Ronnie

Ronnie observou Will se afastar antes de fazer o caminho de volta para casa, pensando nas coisas que ele dissera e se questionando se ele poderia ter razão a respeito de Blaze. A próxima ida ao tribunal pesara sobre ela durante todo o verão: às vezes, Ronnie se perguntava se a antecipação da provável punição não era pior do que a punição em si. À medida que as semanas passavam, ela acordava no meio da noite e não conseguia voltar a dormir. Não que estivesse aterrorizada de ir para a prisão – ela duvidava que isso acontecesse –, mas tinha medo de que aqueles crimes a perseguissem pelo resto da vida. Ela teria que revelar sua história para a faculdade onde quisesse estudar? Teria que contar aos futuros empregadores? Será que conseguiria algum trabalho como professora? Ela não sabia se queria ir para a faculdade nem se queria ser professora, mas o medo permanecia. Será que isso a assombraria para sempre?

Sua advogada achava que não, mas sem fazer promessas.

E havia o casamento. Era fácil para Will pedir a ela que fosse,

achando que não era grande coisa, mas ela sabia que Susan não a queria lá, e a última coisa que desejava era atrapalhar. Era para ser o dia especial de Megan.

Alcançando a varanda dos fundos, ela estava prestes a entrar quando ouviu o barulho da cadeira de balanço. Aterrorizada, deu um pulo para atrás e viu Jonah a observando.

– Aquilo. Foi. Nojento.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela, o coração ainda acelerado.

– Observando você e Will. Como eu disse, aquilo foi muito nojento – reclamou ele, fazendo questão de dar uma tremidinha.

– Você estava nos espionando?

– Era meio difícil não ver. Você estava lá perto da oficina com o Will. Parecia que ele estava praticamente imprensando você até a morte.

– Não estava – garantiu Ronnie.

– Só estou dizendo o que parecia.

Ela sorriu.

– Você vai entender quando ficar um pouco mais velho.

Jonah balançou a cabeça.

– Entendo exatamente o que vocês estavam fazendo. Já vi filmes. Só acho nojento.

– Você já falou isso – observou ela.

Aquilo o fez parar por um segundo.

– Ele está indo para onde?

– Para casa. Ele tem que trabalhar amanhã.

– Você vai vigiar o ninho de tartarugas hoje à noite? Porque não precisa. Papai disse que podíamos vigiar.

– Convinceu o papai a dormir lá fora?

– Ele quer. Acha que vai ser divertido.

Duvido, pensou ela.

– Por mim, tudo bem.

– Já preparei as minhas coisas. Saco de dormir, lanterna, sucos, sanduíches, uma caixa de salgadinhos, marshmallows, batata frita, biscoitos e uma raquete de tênis.

– Vocês vão jogar tênis?

– No caso de o guaxinim aparecer. Você sabe. Se ele tentar atacar a gente.

– Ele não vai atacar vocês.

– Sério? – perguntou Jonah, parecendo quase decepcionado.

– Bem, talvez seja uma boa ideia – concordou Ronnie. – Por precaução. Nunca se sabe.

Ele coçou a cabeça.

– Foi o que pensei também.

Ela apontou para a oficina.

– A propósito, o vitral está ficando lindo.

– Obrigado – disse Jonah. – O papai quer ter certeza de que cada peça fique perfeita. Ele me obriga a fazer algumas peças duas ou três vezes. Mas estou ficando muito bom.

– É o que parece.

– Mas faz calor. Principalmente quando ele mexe na fornalha. É que nem um forno.

É um forno, pensou ela. Mas não o corrigiu.

– Que pena. E como vai a guerra dos biscoitos?

– Está tudo bem. É só eu comer quando ele está cochilando.

– Papai não tira cochilos.

– Agora, tira. Todas as tardes, por algumas horas. De vez em quando, tenho que sacudir o papai com muita força para ele acordar.

Ela fitou o irmão antes de olhar com atenção pela janela, para dentro da casa.

– Falando nisso, onde está o papai?

– Na igreja. O pastor Harris veio aqui mais cedo. Ele tem vindo muito ultimamente. Ele e o papai gostam de conversar.

- Eles são amigos.
 - Eu sei. Mas acho que ele só usa isso como desculpa. Acho que o papai vai lá para tocar piano.
 - Que piano? – indagou Ronnie, intrigada.
 - O que entregaram na igreja na semana passada. Papai tem ido lá para tocar.
 - Ah, é?
 - Calma – disse ele. – Não tenho certeza se eu deveria ter contado isso. Talvez você devesse esquecer que eu falei.
 - Por que você não deveria me dizer?
 - Porque você pode gritar com ele de novo.
 - Não vou gritar com ele – protestou Ronnie. – Quando foi a última vez que gritei com ele?
 - Quando ele tocou piano. Lembra?
 - Ah, sim*, pensou ela. O irmão tinha uma memória incrível.
 - Bem, não vou gritar.
 - Ótimo, porque não quero que você grite com ele. Amanhã vamos ao Fort Fisher e quero que ele esteja de bom humor.
 - Há quanto tempo ele está na igreja?
 - Não sei. Acho que há horas. Foi por isso que vim para cá. Estava esperando por ele. E então você apareceu com o Will e começou a dar uns amassos.
 - A gente só estava se beijando!
 - Não, acho que não. Você estava definitivamente dando uns amassos – afirmou Jonah, com toda a convicção.
 - Você já jantou? – perguntou ela, ansiosa para mudar de assunto.
 - Eu estava esperando pelo papai.
 - Quer que eu faça uns cachorros-quentes?
 - Só com ketchup? – insistiu ele.
- Ela suspirou.
- Claro.

– Achei que você não gostava nem de tocar neles.

– Sabe, é engraçado, mas tenho lidado com tantos peixes mortos ultimamente que um cachorro-quente não me parece mais tão repugnante.

Ele sorriu.

– Posso ir um dia ao aquário para ver você alimentar as lontras?

– Se você quiser, talvez eu possa deixar você dar comida para elas.

– Sério? – A voz de Jonah se elevou com entusiasmo.

– Acho que sim. Vou ter que pedir autorização, claro, mas eles deixam alguns grupos de estudantes fazerem isso, então acho que não será um problema.

O pequeno rosto do menino se iluminou.

– Uau, obrigado. – Então, levantando-se da cadeira de balanço, acrescentou: – Ah, você me deve dez dólares.

– Pelo quê?

– Ora, por eu não contar ao papai sobre o que o Will e você estavam fazendo, sua burra.

– Está falando sério? Mesmo eu fazendo o seu jantar?

– Vamos lá. Você trabalha e eu sou pobre.

– Você obviamente acha que ganho muito mais do que ganho de verdade. Não tenho dez dólares. Tudo o que ganhei foi para ajudar a pagar minha advogada.

Ele refletiu.

– Que tal cinco, então?

– Você tiraria cinco dólares de mim, mesmo eu acabando de dizer que não tenho nem dez dólares? – Ronnie fingiu indignação.

Ele refletiu.

– Que tal dois?

– Que tal um?

Ele sorriu.

– Negócio fechado.



Depois de fazer o jantar de Jonah – ele quis que as salsichas fossem fervidas, não esquentadas no micro-ondas –, Ronnie seguiu pela praia em direção à igreja. Não era longe, mas ficava na direção oposta do caminho que ela normalmente seguia e ela mal prestara atenção nas poucas vezes que passara por ali.

Ao se aproximar, viu a silhueta dos pináculos contrastando com o céu da noite. Tirando isso, a igreja desaparecia em meio ao seu entorno, principalmente porque era muito menor do que qualquer uma das casas que a ladeavam e não tinha nenhum daqueles detalhes requintados. As paredes eram feitas de ripas e, apesar da construção nova, o lugar já parecia desgastado.

Ela teve que subir na duna para chegar ao estacionamento na lateral da rua, onde havia mais evidências de atividade recente: uma caçamba transbordando, uma pilha de madeira ao lado da porta, uma van estacionada perto da entrada. A porta da frente estava aberta, iluminada por um cone de luz suave, embora o restante da construção estivesse escura.

Ela caminhou em direção à porta e entrou. Olhando ao redor, viu que o lugar ainda demoraria muito para ficar pronto. O assoalho era de concreto, as paredes de gesso estavam apenas pela metade, e não havia qualquer assento. A poeira cobria quase tudo, porém, mais à frente, onde Ronnie poderia imaginar o pastor Harris pregando aos domingos, seu pai estava sentado diante de um piano novo que parecia totalmente fora de contexto. Um abajur velho de alumínio, ligado a uma extensão, era a única fonte de luz.

Ele não a ouviu entrar e continuou tocando, embora ela não reconhecesse a música. Parecia quase contemporânea, ao contrário das que ele tocava, mas até mesmo para seus ouvidos soava... inacabada. Seu pai parecia sentir o mesmo, porque parou por um

momento, pareceu pensar em algo novo e recomeçou desde o início.

Dessa vez, ela ouviu as sutis variações que ele produziu. Eram um aperfeiçoamento, mas a melodia ainda não estava certa. Ela sentiu uma onda de orgulho por ainda ter a capacidade não só de interpretar a música, mas de imaginar possíveis variações. Quando era ainda mais nova, esse talento era o que deixava seu pai mais espantado.

Ele recomeçou, fazendo outras mudanças, e, enquanto o observava, ela percebeu que ele estava feliz. Mesmo que a música não fizesse mais parte de sua vida, sempre fora parte da vida dele, e de repente ela se sentiu culpada por ter lhe tirado aquele prazer. Pensando no passado, ela se lembrou de estar zangada com a ideia de que ele estivesse tentando fazê-la tocar, mas será que ele estava realmente fazendo isso? Teria mesmo algo a ver com ela? Ou será que ele tocava porque era uma parte essencial de quem ele era?

Ronnie não tinha certeza, mas, observando-o, ela se sentiu condoída com o que tinha feito. A seriedade com que ele analisava cada nota e a facilidade com que fazia alterações a fizeram perceber do quanto ele abrira mão por causa da exigência infantil da filha.

Enquanto tocava, ele tossiu uma vez, e então novamente, antes de parar a música. Tossiu um pouco mais, o som grosso e mucoso. Ela correu para ajudá-lo ao perceber que ele não conseguiu parar.

– Papai? – gritou. – Você está bem?

Ele tirou os olhos do piano e, por alguma razão, a tosse começou a diminuir. Quando ela se inclinou ao lado de Steve, ele estava apenas chiando de leve.

– Estou bem – disse ele, com a voz fraca. – Há poeira demais por aqui. Depois de algum tempo, ela começa a me incomodar. Acontece sempre.

Ela olhou para o pai e achou que ele estava um pouco pálido.

– Tem certeza de que é isso?

– Sim, tenho certeza. – Ele deu um tapinha na mão dela. – O que você está fazendo aqui?

– Jonah me disse que você estava aqui.

– Acho que você me pegou no flagra, hein?

– Tudo bem, papai. É um dom, certo?

Ao ver que o pai não respondeu, ela gesticulou para o teclado, lembrando-se de todas as músicas que escreveram juntos.

– O que você estava tocando? Está compondo uma música nova?

– Ah, isso. Tentando compor, isso sim. É só algo no qual tenho trabalhado. Não é nada de mais.

– Era boa...

– Não, não era. Não sei o que há de errado com ela. Você poderia... Você sempre foi uma compositora melhor do que eu... Simplesmente não consigo acertar. É como se estivesse fazendo tudo de trás para frente.

– Estava boa – insistiu ela. – E era... mais moderna do que as que você costuma tocar.

Ele sorriu.

– Você notou isso, hein? Não foi assim que começou. Para ser sincero, não sei o que está acontecendo comigo.

– Talvez você tenha escutado o meu iPod.

Ele sorriu novamente.

– Não, garanto que não.

Ela olhou ao redor.

– Então, quando é que a igreja vai ficar pronta?

– Não sei. Acho que disse a você que o seguro não cobria todos os danos. A obra está parada no momento.

– E o vitral?

– Ainda vou terminá-lo. – Ele apontou para uma abertura coberta

por um compensado na parede atrás dele. – Vai ficar ali, nem que eu mesmo tenha que instalá-lo.

– E você sabe fazer isso? – perguntou Ronnie, descrente.

– Ainda não.

Ela abriu um sorriso.

– Por que há um piano aqui, se a obra da igreja não está concluída? Você não tem medo de que ele seja roubado?

– Só era para ter sido entregue quando a igreja fosse terminada e, tecnicamente, não deveria estar aqui. O pastor Harris espera encontrar alguém que esteja disposto a ficar com ele por enquanto, mas, sem data de conclusão à vista, não é tão fácil assim. – Ele se virou para olhar pela porta e pareceu surpreso ao ver que a noite havia chegado. – Que horas são?

– Acabou de passar das nove.

– Meu Deus! – exclamou ele, se levantando. – Não percebi o tempo passar. Vou acampar com o Jonah hoje à noite. E eu deveria dar alguma coisa para ele comer.

– Já fiz isso.

Ele sorriu, mas, quando juntou suas partituras e desligou a luz da igreja, ela se deu conta de como ele parecia cansado e frágil.

25



Steve

Ronnie tinha razão, pensou ele. A música era de fato mais moderna.

Steve não estava mentindo quando disse que ela não começara assim. Na primeira semana, ele havia tentado se aproximar de alguma obra de Schumann; alguns dias depois, inspirara-se em Grieg. Em seguida, era Saint-Saëns que ele ouvia em sua mente. Mas, no fim, nada parecia adequado. Nada que ele havia criado conseguira capturar o mesmo sentimento que tivera quando colocou as primeiras notas em um pedaço de papel.

No passado, ele trabalhara para criar uma música que, segundo suas fantasias, atravessaria as gerações. Agora, não. Em vez disso, experimentou. Tentou deixar a música se apresentar e, pouco a pouco, percebeu que tinha parado de tentar soar como os grandes compositores, o que lhe permitiu finalmente confiar em si mesmo. Não que ele já tivesse chegado lá, porque não chegara. A música não estava precisa, e havia uma possibilidade de que nunca estivesse, mas ele não se sentia mal com isso.

Ele se perguntou se aquele teria sido o seu problema durante

tanto tempo – o fato de ter passado a vida inteira tentando imitar e reproduzir o que havia funcionado para outros. Ele tocava músicas escritas por outros havia centenas de anos; procurava por Deus durante seus passeios na praia porque tinha dado certo para o pastor Harris. Aqui e agora, com seu filho sentado ao seu lado em uma duna fora da casa, olhando através de um binóculo, apesar de ser quase certo que não enxergaria nada, ele se perguntou se tinha feito essas escolhas não porque achava que os outros tinham as respostas, mas muito mais porque tinha medo de confiar nos próprios instintos. Talvez seus professores tivessem se tornado sua muleta e, no fim, ficara com medo de ser ele mesmo.

– Ei, pai?

– Sim, Jonah.

– Você vai visitar a gente em Nova York?

– Nada me deixaria mais feliz do que isso.

– Porque acho que dessa vez a Ronnie vai falar com você.

– Espero que sim.

– Ela mudou muito, você não acha?

Steve largou o binóculo.

– Acho que todos nós mudamos muito neste verão.

– É verdade. Fiquei mais alto.

– Ficou, sim, sem dúvida. E aprendeu a fazer um vitral.

Ele pareceu pensar nisso.

– Pai?

– Sim?

– Acho que quero aprender a ficar de cabeça para baixo.

Steve hesitou, imaginando de onde ele havia tirado essa ideia.

– Posso perguntar por quê?

– É que eu gosto de ficar de cabeça para baixo. Não sei por quê.

Mas acho que vou precisar que você segure minhas pernas. Pelo menos no começo.

– Com prazer.

Eles ficaram em silêncio por um bom tempo. Era uma noite amena, o céu estava estrelado e, enquanto refletia sobre a beleza ao seu redor, Steve sentiu uma súbita onda de contentamento. Por passar o verão com os filhos, por se sentar na duna com Jonah e conversar sobre amenidades. Ele se acostumara a ter dias como esse e temia a ideia de que em breve eles teriam fim.

– Pai?

– Sim, Jonah.

– Está meio chato aqui.

– Acho que é sossegado – respondeu Steve.

– Mas não dá para ver quase nada.

– Você pode ver as estrelas. E ouvir as ondas.

– Ouço as ondas o tempo todo. É o mesmo barulho todos os dias.

– Quando você quer começar a treinar para ficar de cabeça para baixo?

– Talvez amanhã.

Steve colocou um braço ao redor do filho.

– O que aconteceu? Você parece meio triste.

– Nada.

A voz de Jonah era quase inaudível.

– Tem certeza?

– Posso ir à escola aqui? – perguntou ele. – E morar com você?

Steve sabia que teria que tratar do assunto com cuidado.

– E a sua mãe?

– Eu amo a mamãe. Também tenho saudades dela. Mas gosto daqui. Gosto de passar tempo com você. Sabe, fazendo o vitral, soltando pipa. Só ficando juntos. Eu me diverti tanto. Não quero que acabe.

Steve se aproximou do filho.

– Amo estar com você também. O melhor verão da minha vida.

Mas, quando você estiver na escola, não poderemos ficar juntos como agora.

– Talvez você pudesse me dar aula em casa.

A voz de Jonah era suave, quase assustada, e, para Steve, ele realmente soou como um garoto de sua idade. Essa percepção lhe causou um nó na garganta. Odiava o que tinha a dizer em seguida, embora não tivesse escolha.

– Acho que sua mãe sentiria sua falta se você ficasse comigo.

– Talvez você pudesse se mudar para lá. Talvez você e a mamãe pudessem se casar de novo.

Steve respirou fundo, odiando aquela conversa.

– Sei que isso é difícil e que não parece justo. Queria que houvesse uma maneira de mudar isso, mas não há. Você precisa ficar com a sua mãe. Ela o ama muito e não saberia o que fazer sem você. Mas eu também o amo. E não quero que você se esqueça disso nunca.

Jonah assentiu, como se já esperasse aquela resposta do pai.

– Ainda vamos ao Fort Fisher amanhã?

– Se você quiser, sim. E, depois, talvez possamos ir aos toboáguas.

– Tem toboáguas lá?

– Não. Mas tem em um lugar não muito longe de lá. Só precisamos nos lembrar de levar roupa de banho.

– Ok – respondeu Jonah, soando mais animado.

– Talvez possamos ir à pizzaria também.

– Sério?

– Se você quiser. Podemos combinar isso.

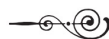
– Ok. Eu quero.

Jonah ficou calado outra vez antes de finalmente alcançar a caixa térmica. Quando o menino tirou dali um saco de biscoitos, Steve entendeu que não deveria dizer nada.

– Pai?

- Sim?
- Você acha que as tartarugas vão nascer hoje à noite?
- Acho que ainda não estão prontas, mas não deve demorar muito.

Jonah fez menção de dizer algo, mas desistiu, e Steve sabia que o filho estava pensando de novo em sua partida. Ele abraçou o filho com força, mas, em seu interior, sentiu algo se quebrar, algo que, ele tinha certeza, jamais sararia outra vez.



No início da manhã seguinte, Steve olhou para a praia, sabendo que, se resolvesse caminhar, seria apenas para desfrutar a manhã.

Deus, ele veio a perceber, não estava lá. Pelo menos não para ele. Mas isso fazia sentido, agora que refletia sobre o assunto. Se sentir a presença de Deus fosse realmente tão simples, as praias estariam mais lotadas de manhã. Estariam repletas de pessoas em suas próprias buscas, em vez de pessoas correndo, levando o cachorro para passear, pescando ou surfando.

Steve entendia agora que a busca pela presença de Deus era um mistério como Deus em si, e o que era Deus senão um mistério?

Engraçado, porém, que ele tivesse demorado tanto tempo para enxergar as coisas daquela maneira.



Steve passou o dia com Jonah, como haviam planejado na noite anterior. O forte era provavelmente mais interessante para ele do que para o filho, uma vez que compreendia aspectos da história da Guerra Civil e sabia que Wilmington fora o último grande porto em funcionamento da Confederação. Os toboáguas, no entanto, foram muito mais empolgantes para Jonah do que para Steve. Cada um

era responsável por transportar seu próprio tapete até o topo e, embora o menino tivesse força para levá-lo nas duas primeiras vezes, Steve logo teve que assumir a função.

Ele sinceramente se sentiu como se fosse morrer.

A pizzeria, com dezenas de fliperamas, manteve Jonah ocupado por mais algumas horas. Eles jogaram três jogos de hóquei de ar, acumularam algumas centenas de selos e, depois de trocá-los, saíram com duas pistolas de água, três bolinhas de borracha, uma caixa de lápis de cor e duas borrachas. Steve nem queria pensar no quanto tudo aquilo lhe custara.

Foi um dia bom, um dia de risadas, porém desgastante. Depois de passar algum tempo com Ronnie, foi para a cama. Exausto, pegou no sono em poucos minutos.

26



Ronnie

Depois que seu pai e Jonah deram o dia por encerrado e foram dormir, Ronnie foi atrás de Blaze, na esperança de encontrá-la antes do trabalho no aquário. Concluiu que não tinha nada a perder. O pior que poderia acontecer era Blaze ficar com raiva e não fazer nada do que ela pediria, o que deixaria Ronnie na mesma posição em que já se encontrava. Ela não esperava que Blaze mudasse de ideia de repente, e não queria ter esperanças, mas era difícil não as cultivar. Will tinha razão: Blaze não era como Marcus, que não tinha consciência alguma. E ela devia se sentir um pouquinho culpada, certo?

Não demorou muito para encontrá-la. Blaze estava sentada na duna perto do cais, observando os surfistas. Ela não disse nada quando viu Ronnie se aproximar.

Ronnie nem sabia por onde começar, então disse o óbvio:

– Oi, Blaze.

Blaze não respondeu, e Ronnie se preparou antes de prosseguir.

– Eu sei que você provavelmente não quer falar comigo...

– Você está parecendo um ovo de Páscoa.

Ronnie olhou para a roupa que era obrigada a usar no aquário: camisa turquesa com a logo do aquário, short branco, sapatos brancos.

– Tentei fazer o pessoal mudar a cor do uniforme para preto, mas não deixaram.

– Que pena. Preto é a sua cor. – Blaze esboçou um sorriso rápido. – O que você quer?

Ronnie engoliu em seco.

– Eu não estava tentando ficar com o Marcus naquela noite. Ele veio atrás de mim, e não sei por que ele disse o que disse, mas deve ter sido para provocar ciúmes em você. Tenho certeza de que não acredita em mim, mas quero que saiba que eu nunca faria nada do tipo com você. Não sou esse tipo de pessoa.

Todas aquelas palavras saíram como uma torrente, mas ela tinha dito o que precisava.

Blaze parou, e então simplesmente respondeu:

– Eu sei.

Não era o que Ronnie esperava.

– Então por que você colocou aquelas coisas na minha sacola?
– deixou escapar.

Blaze a olhou de soslaio.

– Eu estava com raiva. Porque era óbvio que ele gostava de você.

Ronnie se segurou para não responder algo que teria colocado um fim imediato à conversa, dando a Blaze a oportunidade de continuar. A garota voltou a observar os surfistas.

– Vi que você tem passado muito tempo com Will neste verão.

– Ele me disse que vocês dois eram amigos.

– Sim, a gente era. Há muito tempo. Ele é legal. Você tem sorte.

– Ela limpou as mãos na calça. – Minha mãe vai se casar com o

namorado. Depois que me contou, tivemos uma briga feia e ela me expulsou de casa. Trocou as fechaduras e tudo.

– Sinto muito – disse Ronnie, com sinceridade.

– Vou sobreviver.

Aquele comentário fez Ronnie pensar nas semelhanças em suas vidas – divórcio, raiva e rebelião, o casamento de um dos pais –, entretanto, apesar de tudo, elas agora não tinham mais nada em comum. Blaze mudara desde o início do verão. Não havia mais aquele entusiasmo pela vida que Ronnie percebera quando as duas se conheceram, e Blaze parecia mais velha, também, como se tivesse envelhecido anos em vez de semanas. Mas não no bom sentido. Seu rosto exibia olheiras, a pele estava amarelada. Ela também perdera peso. Muito peso. Por mais estranho que fosse, era como se Ronnie estivesse vendo a pessoa que ela poderia ter se tornado, e não gostou nem um pouco do que viu.

– O que você fez comigo foi errado – disse Ronnie. – Mas você ainda pode consertar.

Blaze balançou a cabeça lentamente.

– O Marcus não vai deixar. Ele disse que pararia de falar comigo.

Ouvir aquele tom robótico a fez querer sacudir a garota. Blaze pareceu sentir o que Ronnie estava pensando e suspirou antes de continuar.

– Não tenho para onde ir. Minha mãe ligou para todos os nossos parentes e disse a eles para não me acolherem. Falou que era difícil para ela, mas que eu precisava de um “amor rígido” agora. Não tenho dinheiro para comer, e a menos que eu queira dormir na praia todas as noites pelo resto da vida, tenho que fazer o que o Marcus mandar. Quando ele está bravo comigo, nem me deixa tomar banho na casa dele. E ele não me repassa nenhum dinheiro das apresentações que fazemos, então fico sem ter o que comer também. Ele me trata como um cachorro algumas vezes, e odeio isso. Mas quem me resta?

- Já tentou falar com sua mãe?
- Para quê? Ela acha que eu sou um caso perdido e me odeia.
- Tenho certeza de que ela não te odeia.
- Você não a conhece como eu.

Ronnie se lembrou do dia em que visitou a casa de Blaze e viu o dinheiro no envelope. Não parecia a mesma mãe, mas Ronnie não quis comentar. No silêncio, Blaze se levantou. Suas roupas estavam sujas e amassadas, como se ela as estivesse usando a semana inteira. O que provavelmente era verdade.

– Eu sei o que você quer que eu faça – disse Blaze –, mas não posso. E não é que eu não goste de você. Eu gosto. Acho você legal e sinto que eu não deveria ter feito o que fiz, só que estou tão enrascada quanto você. E acho que Marcus ainda não encerrou o assunto com você.

Ronnie ficou tensa.

– Como assim?

Blaze ficou em pé.

– Ele anda falando de você de novo. E não com boas intenções. Eu ficaria longe dele se fosse você.

Antes que Ronnie pudesse responder, Blaze começou a se afastar.

– Ei, Blaze – chamou ela.

A garota se virou lentamente.

– Se precisar de alguma coisa para comer ou de um lugar para ficar, você sabe onde moro.

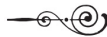
Por um instante, Ronnie pensou ter visto não só uma pontada de gratidão, mas um resquício daquela garota animada que conhecera em junho.

– E mais uma coisa – acrescentou Ronnie. – Aquele número com fogo que você está fazendo com Marcus é loucura.

Blaze deu um sorriso triste.

– Você realmente acha que é mais louco do que qualquer outra

coisa na minha vida neste momento?



Na tarde seguinte, Ronnie ficou na frente do armário, sabendo que não tinha absolutamente nada para vestir. Mesmo que fosse ao casamento – ao qual ainda não tinha certeza se iria –, ela não tinha nada nem de longe apropriado, a menos que fosse um casamento com Ozzy Osbourne e seu clã.

Mas aquela era uma cerimônia formal: smokings e vestidos longos eram obrigatórios para os *convidados*, não apenas para a família dos noivos. Quando estava fazendo as malas para o verão, nunca imaginaria que iria participar de algo assim. Não tinha sequer trazido o par de sapatos pretos de salto que sua mãe lhe dera no último Natal, os que ainda estavam na caixa.

Ronnie realmente não entendia por que Will queria que ela fosse. Mesmo que encontrasse uma forma de parecer apresentável, não haveria ninguém com quem conversar. Will era parte do grupo da família, o que significava toneladas de fotos enquanto ela ia para a recepção e ele se sentava na mesa principal, então eles nem poderiam ficar juntos durante o jantar. Ela provavelmente acabaria se sentando à mesa com o governador, um senador, ou alguma família que tivesse ido ao evento em um jato particular... que constrangedor. Acrescente-se a isso o fato de que Susan a odiava. Aquilo tudo era uma má ideia. Péssima ideia. Horrível de todas as formas imagináveis.

Por outro lado...

Quando é que ela seria convidada para um casamento como aquele? Pelo visto, a casa passara por uma grande transformação nas últimas duas semanas: um novo deque temporário tinha sido erguido sobre a piscina, tendas foram armadas, dezenas de milhares de flores colocadas e eles não só haviam alugado luzes de

um dos estúdios cinematográficos de Wilmington, mas tudo já havia sido montado e eles contariam com uma equipe profissional. O serviço do jantar – tudo, desde caviar a champanhe – fora fornecido por três restaurantes de Wilmington e, supervisionando toda a operação, havia uma chef que Susan conhecia de Boston, que certa vez fora considerada para comandar a cozinha da Casa Branca. Era algo totalmente magnífico, por certo nada que ela iria querer para seu próprio casamento – algo à beira-mar no México com uma dúzia de pessoas participando era mais o seu estilo –, mas achou que isso era parte do motivo para comparecer. Ela jamais iria a outro casamento como aquele em toda a sua existência.

Supondo, é claro, que ela achasse o que vestir. Sinceramente, nem sabia por que estava vasculhando o armário. Não era possível usar uma varinha de condão e transformar um jeans em um vestido, ou fingir que um novo penteado faria alguém ignorar uma de suas camisetas de banda. Sua única roupa mais ou menos decente, a única que Susan poderia não achar repugnante, caso ela simplesmente aparecesse na sua frente a caminho do cinema, era a que ela usava para o aquário, a que a fazia parecer um ovo de Páscoa.

– O que você está fazendo?

Jonah estava parado junto à porta, olhando para ela.

– Preciso encontrar alguma coisa para vestir – respondeu Ronnie.

– Vai sair?

– Não, é para usar no casamento.

Ele inclinou a cabeça.

– Vai se casar?

– Claro que não. É o casamento da irmã do Will.

– Qual é o nome dela?

– Megan.

– Ela é legal?

Ronnie balançou a cabeça.

– Não sei. Não conheço.

– Então por que você vai ao casamento dela?

– Porque o Will me pediu para ir. É assim que funciona – explicou. – Ele pode levar uma convidada para o casamento. E serei eu.

– Ah. O que você vai vestir?

– Nada. Não tenho nada.

Ele apontou para ela.

– O que você está vestindo é bom.

A roupa de ovo de Páscoa. Quem imaginaria?

Ela puxou a camisa.

– Não posso usar isso. É um casamento formal. Tenho que usar um vestido longo de festa.

– Você tem um vestido assim aí no armário?

– Não.

– Então por que está parada aí?

Certo, pensou ela, fechando a porta, desabando em cima da cama.

– Tem razão. Não posso ir. Simples assim.

– Você quer ir? – perguntou Jonah, curioso.

Em um instante, seus pensamentos mudaram de *absolutamente não* para *talvez* e depois para *sim, quero*. Ela se sentou em cima das pernas dobradas.

– Will quer que eu vá. É importante para ele. E esse evento vai ser algo para se admirar.

– Então por que você não compra um vestido?

– Porque não tenho dinheiro – explicou ela.

– Ah – disse Jonah. – Isso é fácil de dar um jeito.

Ele foi até sua coleção de brinquedos no canto. Enfiado em uma extremidade havia um modelo de avião; ele o pegou e desaparafusou o nariz. Quando começou a despejar o conteúdo na

cama, Ronnie ficou de queixo caído ao ver a quantidade de dinheiro que o irmão havia guardado. Devia ter pelo menos algumas centenas de dólares.

– É o meu banco – explicou Jonah. Ele limpou o nariz. – Estou guardando há algum tempo.

– Onde você conseguiu tudo isso?

Jonah apontou para uma nota de dez dólares.

– Essa foi por não contar ao papai que vi você naquela noite no festival. – Ele apontou para uma nota de um dólar. – Essa foi para não dizer ao papai que você estava dando uns amassos no Will. – Ele continuou a apontar para várias notas. – Essa foi pelo cara de cabelo azul, essa no jogo do Desconfio. Essa foi por quando você saiu escondida depois que a mamãe disse que não podia...

– Entendi – disse ela. – Mesmo assim... – Ela pestanejou. – Você guardou tudo?

– O que mais eu ia fazer? – questionou ele. – A mamãe e o papai me compram tudo que eu preciso. Só tenho que implorar por um tempo. É muito fácil conseguir o que eu quero. Você só tem que saber como fazer. Para a mamãe, eu choro, para o papai, eu explico por que mereço.

Ela sorriu. O irmão dela, o chantagista/psicólogo. Inacreditável.

– Então realmente não preciso disso. E gosto do Will. Ele faz você feliz.

Sim, pensou ela, *ele faz*.

– Você é um irmãozinho muito bom, sabia?

– Sim, sabia. E você pode ficar com tudo, mas com uma condição.

Aí vem, pensou ela.

– Qual?

– Que eu não saia para comprar o vestido junto com você. É muito chato.

Não demorou muito para ela tomar uma decisão.

– Negócio fechado.



Ronnie olhou para si mesma; era difícil reconhecer a imagem no espelho. Já chegara a manhã do casamento, e ela passara os últimos quatro dias experimentando praticamente todos os vestidos na cidade, andando de um lado para outro com diferentes pares de sapatos novos, gastando horas no salão de beleza.

Passara quase uma hora fazendo cachos e secando para deixar os cabelos do jeito que a moça do salão ensinara. Quando se sentou na cadeira, Ronnie também pediu conselhos sobre maquiagem, e a moça tinha lhe dado algumas sugestões, que Ronnie seguira com bastante cuidado. O vestido – não havia muitas opções, apesar do número de lojas que ela visitara – tinha um profundo decote em V e lantejoulas pretas, algo completamente diferente de qualquer coisa que ela já imaginara usar. Na noite anterior, ela lixou e pintou as unhas por conta própria, sem pressa, satisfeita por não ter manchado os dedos com o esmalte.

Eu não conheço você, disse Ronnie ao seu reflexo, virando-se de um lado e do outro. *Nunca a vi*. Ela puxou o vestido, ajustando-o um pouco mais. Estava muito bonita, tinha que admitir. Ela sorriu. E estava, sem dúvida, arrumada de maneira apropriada para comparecer a um casamento.

Calçou os sapatos a caminho da porta, atravessou o corredor e foi até a sala. Seu pai estava lendo a Bíblia novamente, e Jonah estava vendo desenho animado, como de costume. O pai e o irmão fizeram cara de espanto quando a viram.

– Cacete! – exclamou Jonah.

Seu pai se virou para ele de cara feia.

– Você não deveria dizer essa palavra.

– Que palavra? – perguntou Jonah.

– Você sabe a que palavra estou me referindo.

– Desculpe, pai – disse ele, sem graça. – Eu quis dizer “poxa, que beleza” – tentou ele de novo.

Ronnie e o pai começaram a rir, e Jonah se virou para os dois.

– O quê?

– Nada – disse o pai.

Jonah se aproximou para examiná-la de perto.

– O que aconteceu com o roxo do seu cabelo? – indagou ele. – Sumiu.

Ronnie colocou as mãos nos cachos.

– Temporariamente – disse ela. – Ficou bom?

Antes que o pai pudesse responder, Jonah abriu a boca.

– Você voltou a parecer uma pessoa normal. Mas não parece a minha irmã.

– Você está maravilhosa – acrescentou o pai depressa.

Surpreendendo a si mesma, Ronnie suspirou aliviada.

– O vestido está bom?

– Perfeito – respondeu o pai.

– E os sapatos? Não sei bem se estão combinando com o vestido.

– Estão ótimos.

– Tentei fazer a minha maquiagem e as minhas unhas...

Antes mesmo de ela terminar, o pai balançou a cabeça.

– Você nunca esteve tão bonita. Na verdade, não sei se há outra moça mais linda no mundo inteiro.

Ele já dissera a mesma coisa centenas de vezes.

– Papai...

– É verdade – interrompeu Jonah. – Você está incrível. Estou sendo sincero. Eu nem reconheci você direito.

Ela fez uma careta para ele, fingindo estar indignada.

– Então você está dizendo que não gosta da minha aparência de sempre?

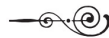
Ele deu de ombros.

– Ninguém gosta de cabelo roxo, só gente esquisita.

Quando começou a rir, Ronnie percebeu que o pai estava sorrindo para ela.

– Uau!

E isso foi tudo o que ele conseguiu dizer.



Meia hora depois, ela estava atravessando os portões da propriedade dos Blakelees, com o coração acelerado. Eles tinham acabado de enfrentar os policiais rodoviários parados na estrada para verificar suas identidades, e agora estavam sendo parados por homens vestidos de terno que queriam estacionar o carro. O pai dela tentou explicar calmamente que ele estava apenas deixando a filha na porta, mas sua resposta não fez sentido para nenhum dos três manobristas – eles não conseguiam entender que um convidado do casamento pudesse não ter seu próprio carro.

E as melhorias na casa...

Ronnie teve que admitir que o lugar era tão espetacular quanto o cenário de um filme. Havia flores por toda parte, a cerca viva fora aparada à perfeição, e até mesmo o muro de tijolos e estuque que cercava a propriedade havia sido pintado.

Quando eles finalmente conseguiram chegar à rotunda central, Steve olhou para a casa, que crescia conforme ele se aproximava. Depois de um tempo, ele se virou para Ronnie. Ela não estava acostumada a ver o pai surpreso, mas notou o espanto em sua voz.

– Esta é a casa do Will?

– É, sim – disse Ronnie.

Ela sabia o que ele diria: que era enorme, ou que ele não tinha percebido que a família dele era tão rica, ou perguntaria se ela se

sentia à vontade em um lugar como aquele. Em vez disso, ele sorriu sem qualquer traço de constrangimento.

– Que lugar lindo para um casamento.

Ele dirigiu com cuidado, felizmente sem atrair atenção extra para o carro velho em que estavam. Na verdade, o carro era do pastor Harris, um sedan antigo da Toyota com um estilo quadradão que saíra de moda quase ao mesmo tempo em que saíra da fábrica, nos anos 1990; mas funcionava e, naquele momento, era útil. Os pés de Ronnie já estavam doloridos. Como algumas mulheres conseguiam usar salto alto todos os dias era algo que ia além de sua compreensão. Mesmo quando ela estava sentada, eles pareciam instrumentos de tortura. Deveria ter enrolado um curativo nos dedos dos pés. E seu vestido obviamente não tinha sido feito para ser usado enquanto ela estivesse sentada; pressionava as costelas e dificultava a respiração. Ou talvez ela estivesse nervosa demais para respirar.

Steve contornou a rotatória, o olhar fixo na casa, assim como o dela ficara na primeira vez que a tinha visto. Mesmo achando que já deveria ter se acostumado, ela ainda se sentia oprimida pelo lugar. Levando-se em conta também os convidados – ela nunca tinha visto tantos smokings e vestidos formais na vida –, não dava para evitar se sentir deslocada. Ela não pertencia mesmo àquele ambiente.

Mais adiante, um homem de terno escuro fazia sinais para os carros e, antes que Ronnie se desse conta, era a sua vez de sair. Quando o tal homem abriu a porta e ofereceu a mão para ajudá-la, o pai estendeu o braço e lhe deu um tapinha na perna.

– Você consegue. – Ele sorriu. – E divirta-se.

– Obrigada, papai.

Ela espiou no espelho uma última vez antes de sair do carro. Assim que se viu do lado de fora, ajeitou o vestido, pensando que era mais fácil respirar agora que estava de pé. Os corrimãos da

varanda estavam decorados com lírios e tulipas e, quando subiu os degraus em direção à porta, ela se abriu de repente.

Em seu smoking, Will não se parecia em nada com o jogador de vôlei sem camisa que ela vira pela primeira vez, o rapaz descontraído do Sul que a levava para pescar; de certo modo, era como ter uma visão do homem bem-sucedido e sofisticado que ele seria dali a alguns anos. Ela não esperava que ele parecesse tão... *refinado* e estava prestes a fazer uma piada sobre como “ele estava elegante naquele traje”, quando percebeu que ele não tinha sequer lhe dito oi.

Por muito tempo, tudo o que ele pôde fazer foi olhar para ela. Naquele silêncio prolongado, o frio na barriga começou a se transformar em uma nevasca, e Ronnie só pensava que havia feito alguma coisa errada. Talvez tivesse chegado cedo demais, ou exagerado no vestido e na maquiagem. Não tinha certeza do que pensar e começou a imaginar o pior quando Will finalmente sorriu.

– Você está... incrível – disse ele, e Ronnie se sentiu aliviada ao ouvir aquelas palavras.

Bem, pelo menos um pouco. Ela ainda não tinha visto Susan e até lá ainda estaria pisando em ovos. Mesmo assim, ficou satisfeita pelo namorado ter gostado do que viu.

– Você não acha que está exagerado? – perguntou Ronnie.

Will deu um passo em sua direção e colocou as mãos em sua cintura.

– De jeito nenhum.

– Mas também não está simples demais, certo?

– Está perfeita – sussurrou ele.

Ela estendeu a mão, endireitou a gravata-borboleta de Will e deslizou os braços ao redor de seu pescoço.

– Devo admitir que você não está nada mal.



Não foi tão ruim quanto ela achava. Eles já haviam tirado a maior parte das fotos antes de os convidados chegarem, então ela e Will puderam passar algum tempo juntos antes da cerimônia. Caminharam pelo lugar, e os arranjos deixaram Ronnie boquiaberta. Will não estava brincando: a parte de trás da casa fora completamente remodelada e a piscina estava coberta com um deque temporário que parecia tudo, menos temporário. Dezenas de cadeiras brancas foram espalhadas, todas de frente para uma treliça também branca, onde Megan e o noivo trocariam os votos. Novas passarelas haviam sido construídas no quintal, facilitando o acesso às poucas dezenas de mesas onde depois jantariam, sob a abóbada de uma enorme tenda branca. Havia cinco ou seis esculturas de gelo esculpidas de modo intrincado, tão grandes que se manteriam por horas, mas o que realmente atraiu seu interesse foram as flores: os arredores formavam um verdadeiro mar brilhante de lírios e gladiólos.

A multidão era mais ou menos como ela já esperava. Além de Will, os únicos convidados que conhecia eram Scott, Ashley e Cassie, e nenhum deles ficou especialmente feliz ao vê-la. Não que isso importasse muito. Uma vez que as pessoas tomaram seus lugares, todos, com a possível exceção de Will, estavam concentrados na iminente chegada de Megan. Will parecia contente em observar Ronnie de seu lugar perto da treliça.

Ela queria permanecer o mais discreta possível, então escolheu um assento em uma das fileiras da parte de trás, longe da nave. Até então, ela não tinha visto Susan, que estava provavelmente ajudando Megan, e rezou para que ela só a notasse após a cerimônia. Se pudesse escolher, Susan não perceberia a presença dela nem depois, mas isso era bastante improvável, uma vez que ela estaria ao lado de Will.

– Com licença – ela ouviu alguém dizer.

Olhando para cima, viu um homem mais velho e a esposa

tentando chegar até as cadeiras vazias no lado mais distante dela.

– Acho que é mais fácil se eu me sentar mais para lá – ofereceu Ronnie.

– Tem certeza?

– Não tem problema algum – disse ela, movendo-se para o último assento vazio a fim de abrir espaço.

O homem lhe pareceu vagamente familiar, mas a única coisa que lhe veio à mente, a única conexão possível, era o aquário, o que não parecia ser o caso.

Antes que ela parasse para pensar mais a respeito, um quarteto de cordas iniciou os primeiros acordes da “Marcha Nupcial”. Todos olharam para trás, em direção à casa. Ouviu um suspiro quando Megan apareceu no topo da escada da varanda. Quando ela se pôs a descer os degraus em direção a seu pai, que a esperava ao pé da escada, Ronnie chegou à conclusão de que Megan era, sem sombra de dúvida, a noiva mais deslumbrante que já vira.

Fascinada pela visão da irmã de Will, ela mal registrou que o homem idoso ao seu lado parecia mais interessado em examiná-la do que em olhar para Megan.



A cerimônia foi elegante e surpreendentemente íntima. O pastor leu uma passagem da Segunda Epístola aos Coríntios, e Megan e Daniel recitaram os votos que escreveram juntos. Prometeram paciência quando for fácil ser impaciente, sinceridade quando for mais fácil mentir, e cada um à sua maneira reconheceu que um compromisso verdadeiro só poderia ser comprovado com o passar do tempo.

Enquanto observava o casal trocar alianças, Ronnie apreciou o fato de terem optado por um casamento ao ar livre. Era menos

tradicional do que as cerimônias na igreja que já tinha visto, mas sem perder a formalidade, e o cenário era mais do que perfeito.

Ela também percebeu que Will tinha razão: ela ia gostar de Megan. Nos casamentos aos quais comparecera, ela sempre tinha a sensação de que as noivas não agiam com naturalidade e, mais de uma vez, percebia que algumas se aborreciam se algo saísse do roteiro. Megan, por outro lado, parecia estar se divertindo de verdade. Quando o pai a conduziu ao altar, ela piscou para alguns amigos e parou para dar um abraço na avó. Quando o pajem que levava o anel – um menininho que mal sabia andar, lindo, em um smoking pequenino – parou no meio do caminho e correu para o colo da mãe, Megan riu de prazer, desfazendo a tensão momentânea.

Mais tarde, Megan estava menos interessada em tirar fotos de casamento dignas de revista do que em falar com seus convidados. Ronnie percebeu que a noiva ou era muito confiante ou estava totalmente alheia a todo o estresse pelo qual sua mãe passara para decidir cada detalhe do casamento. Mesmo a distância, Ronnie notava que nada estava indo do jeito que Susan imaginara.

– Você me deve uma dança – ouviu Will sussurrar.

Virando-se, Ronnie ficou de novo boquiaberta ao ver como seu namorado era bonito.

– Acho que isso não fazia parte do nosso acordo – disse ela. – Você só disse que queria que eu viesse ao casamento.

– O quê? Você não quer dançar comigo?

– Não tem música.

– Quero dizer, mais tarde.

– Ah – disse ela. – Bem, nesse caso, posso pensar no assunto. Você não deveria estar posando para fotos?

– Estou fazendo isso há horas. Eu precisava de uma pausa.

– Sorrir demais faz suas bochechas doerem?

– Mais ou menos isso. Ah, me pediram para lhe dizer que você

vai ficar na mesa dezesseis, com Scott, Ashley e Cassie.

Que droga!

– Ótimo – respondeu ela.

Ele riu.

– Não será tão ruim quanto você pensa. Eles vão ter que se comportar muito bem. Caso contrário, minha mãe provavelmente arranca a cabeça deles.

Foi a vez de Ronnie rir.

– Diga à sua mãe que ela fez um trabalho maravilhoso organizando tudo isso. Ficou lindo.

– Pode deixar. – Ele continuou a olhá-la até ambos ouvirem o nome dele ser chamado. Quando se viraram, Ronnie notou que Megan exibia uma expressão bem-humorada pelo fato de o irmão ter fugido. – Preciso voltar – disse ele. – Mas vou encontrá-la no jantar. E não se esqueça da nossa dança mais tarde.

Ele era mesmo lindo de morrer, pensou Ronnie mais uma vez.

– Devo avisá-lo de que meus pés já estão doendo.

Ele colocou a mão no peito.

– Prometo não rir se você começar a mancar.

– Poxa, obrigada.

Ele se inclinou e lhe deu um beijo.

– Eu já disse quanto você está linda esta noite?

Ela sorriu, ainda sentindo o gosto dos lábios de Will.

– Há pelo menos uns vinte minutos você não diz. Mas é melhor ir logo. Precisam de você lá e não quero me meter em apuros.

Ele a beijou antes de se juntar ao restante dos convidados. Sentindo uma onda de satisfação, ela se virou e viu que o homem idoso para quem ela abrira espaço durante a cerimônia a observava de novo.



Durante o jantar, Scott, Cassie e Ashley fizeram poucas tentativas de incluí-la na conversa, mas Ronnie descobriu que não tinha a menor importância. Não estava com vontade de falar com eles, nem estava com fome. Em vez disso, depois de beliscar algum quitute, ela pediu licença e se dirigiu para a varanda. Ali, podia ter uma vista panorâmica da festa, que, por alguma razão, ficava ainda mais encantadora com o anoitecer. Sob o feitiço prateado da lua, as tendas davam a impressão de brilhar. Ela ouvia partes de conversas misturadas ao som da banda que começara a tocar e imaginou o que estaria fazendo em casa naquela noite se tivesse ficado em Nova York. À medida que o verão transcorria, ela entrou em contato com Kayla com uma frequência cada vez menor. Embora ainda a considerasse uma amiga, percebeu que não sentia falta do mundo que deixara para trás. Havia semanas não pensava em ir a uma boate e, quando Kayla falou sobre o último cara que conhecera, o melhor de todos, Ronnie percebeu que seus pensamentos se dirigiam para Will. Ela sabia que, por melhor que fosse o rapaz no qual Kayla estava interessada, ele não chegaria aos pés de Will.

Ela não falava muito dele para Kayla. A amiga sabia que eles ainda estavam se vendo, mas, toda vez que mencionava o que haviam feito – pescar, dirigir na lama ou caminhar pela praia –, Ronnie tinha a sensação de que a garota estava em outra dimensão. Kayla não conseguia compreender o fato de que Ronnie estava feliz simplesmente por estar com Will, e Ronnie não podia deixar de pensar o que isso significaria para a amizade das duas quando ela voltasse para Nova York. Sabia que estaria mudada por conta das semanas que passara ali, ao passo que Kayla parecia exatamente a mesma pessoa. Ronnie percebeu que não tinha mais interesse em ir a boates. Refletindo um pouco, ela se perguntou por que gostava tanto dessas casas noturnas, para início de conversa – a música era barulhenta e o clima lembrava uma caçada desenfreada. E, se tudo era tão divertido, por que todos bebiam ou

usavam drogas na esperança de melhorar sua experiência? Não fazia sentido para ela, mas, quando o barulho do mar soou a distância, ela descobriu de repente que nunca fizera sentido algum.

Ronnie também queria construir um relacionamento melhor com a mãe. No mínimo, Steve lhe ensinara que pai e mãe podiam ser gente boa. Embora não tivesse a ilusão de que a mãe confiaria nela da mesma maneira que o pai, Ronnie sabia que a tensão funcionava nas duas vias do relacionamento. Talvez, se Ronnie tentasse conversar com a mãe da mesma forma como falava com o pai, as coisas comesçassem a melhorar entre elas.

Era estranho constatar como a obrigação de desacelerar era capaz de mudar uma pessoa.

– Isso vai acabar, você sabe – disse uma voz atrás dela.

Perdida nos próprios pensamentos, ela não tinha ouvido Ashley se aproximar, mas reconheceu sua voz.

– Como?

Com cautela, ela se virou de frente para a loura.

– Quero dizer, fico contente por Will ter convidado você para o casamento. É bom você se divertir agora, porque não vai durar. Daqui a algumas semanas ele vai embora. Já parou para pensar nisso?

Ronnie a avaliou.

– Não vejo como isso possa ser da sua conta.

– Mesmo se vocês dois fizerem planos de se ver, você sinceramente acha que a mãe do Will vai aceitá-la? – prosseguiu Ashley. – A Megan ficou noiva duas vezes antes disso, e a mãe botou os dois para correr. E ela vai fazer o mesmo no seu caso, você querendo ou não. E mesmo que ela não faça isso, você vai embora, ele vai embora e isso não vai durar.

Ronnie ficou tensa, odiando Ashley por dar voz aos seus pensamentos mais sombrios. Entretanto, ela estava cansada daquela garota e tinha chegado ao limite.

– Sabe, Ashley – disse ela, aproximando-se. – Vou lhe dizer uma coisa, ok? E quero que preste atenção, por isso vou ser perfeitamente clara. – Ela deu mais um passo à frente, até que seus rostos estivessem quase se tocando. – Estou ficando cheia de ouvir as suas besteiras, então, se você tentar falar comigo de novo, vou dar um soco nesses seus dentes clareados. Você entendeu bem?

A expressão de seu rosto deve ter convencido Ashley que Ronnie estava falando sério, porque ela se virou rapidamente sem dizer uma única palavra e se retirou para se refugiar na tenda.



Mais tarde, no píer, Ronnie estava feliz por ter finalmente calado a boca de Ashley, mas as palavras da loura rancorosa ainda a incomodavam. Will partiria para a Vanderbilt em duas semanas, e ela provavelmente voltaria para casa alguns dias depois. Não tinha certeza do que aconteceria com os dois, além de uma simples verdade: as coisas iriam mudar.

E como não mudariam? O relacionamento era sustentado pelo fato de se verem diariamente e, por mais que tentasse, ela não conseguia imaginar como seria quando tivessem que se comunicar só por telefone ou mensagens de texto. Sabia que havia outras opções – usar a câmera do computador, por exemplo –, mas não tinha ilusões de que seria do mesmo jeito.

O que significava... o quê?

Atrás dela, a recepção estava a pleno vapor. As cadeiras haviam sido tiradas do deque temporário para abrir uma pista de dança e, de onde estava, ela observou Will dançar pelo menos duas vezes com a dama de honra de 6 anos, e depois uma vez com sua irmã, fazendo Ronnie sorrir. Alguns minutos após o confronto com Ashley, ela viu Megan e Daniel cortarem o bolo. A música recomeçou quando Tom dançou com Megan e, quando a noiva jogou seu

buquê, Ronnie tinha certeza de que até os vizinhos mais distantes ouviram o grito da jovem que o pegou.

– Aí está você – disse Will, interrompendo seus devaneios. Ele estava descendo na direção dela. – Procurei você por toda parte. Está na hora da nossa dança.

Ela o viu se aproximar e tentou imaginar o que algumas das meninas que ele iria conhecer na faculdade pensariam se estivessem em seu lugar agora. Provavelmente a mesma coisa que ela: *uau*.

Ele deu os últimos passos até Ronnie, que se virou para o outro lado. Observar o movimento das águas parecia mais fácil do que encará-lo.

Ele a conhecia bem o suficiente para reconhecer que algo estava errado.

– O que houve?

Ao ver que ela não respondeu de imediato, ele afastou delicadamente um fio de cabelo dela para o lado.

– Fale comigo – murmurou ele.

Ela fechou os olhos brevemente, antes de ficar de frente para ele.

– Aonde estamos indo com tudo isso? Eu e você.

Will franziu a testa, preocupado.

– Não sei se entendi o que você está querendo dizer.

O sorriso dela era melancólico.

– Entendeu, sim – disse Ronnie e, assim que Will tirou a mão de seu cabelo, ela sabia que ele havia entendido. – Não vai ser a mesma coisa.

– Isso não significa que tem que terminar...

– Você faz parecer tão fácil.

– Não é difícil ir de Nashville a Nova York. São... o quê? Duas horas de voo? Não é como se eu tivesse que ir andando até lá.

– E você vai lá me ver? – Ronnie ouviu o tremor na própria voz.

– Era o que eu estava planejando. E eu esperava que você também fosse me ver em Nashville. Podemos ir a algum festival de música country.

Ela riu, apesar da dor que sentia por dentro.

Ele pôs os braços ao redor dela.

– Não sei por que essa preocupação está surgindo agora, mas você está errada. Quero dizer, eu sei que não vai ser a mesma coisa, mas isso não significa que não possa ser melhor em alguns aspectos, também. Minha irmã mora em Nova York, lembra? E a faculdade não dura o ano inteiro. Tem intervalos no outono e na primavera, depois outro no Natal, e então chega o verão. E, como eu disse, é uma viagem fácil se quisermos só passar um fim de semana juntos, por exemplo.

Ronnie se perguntou o que os pais dele achariam disso, mas não disse nada.

– O que está acontecendo? – perguntou ele. – Você não quer nem mesmo tentar?

– É claro que quero tentar.

– Então vamos encontrar uma maneira de fazer com que dê certo, está bem? – Ele fez uma pausa. – Quero estar com você o máximo possível, Ronnie. Você é inteligente, engraçada e sincera. Confio em você. Confio em nós dois. Sim, vou embora e você vai voltar para casa. Mas nenhuma dessas coisas muda o que sinto por você. E meus sentimentos não vão desaparecer simplesmente porque estou indo para a faculdade. Eu a amo mais do que já amei qualquer outra pessoa.

Ela sabia que ele era sincero, mas uma voz irritante dentro de sua mente se perguntava quantos romances de verão realmente resistiam ao teste do tempo. Não muitos, e não tinha nada a ver com sentimentos. As pessoas mudavam, assim como os interesses. Tudo o que ela precisava fazer para confirmar isso era se olhar no espelho.

Mas perdê-lo parecia insuportável. Ela o amava, sempre amaria, e, quando ele se inclinou para beijá-la, ela se entregou. Enquanto ele a segurava, ela corria as mãos sobre seus ombros e suas costas, sentindo a força de seus braços. Sabia que ele queria mais do que ela estava pronta para oferecer, mas, ali, naquele instante, ela se deu conta de que não tinha escolha. Só havia aquele momento, e pertencia aos dois.

– Você quer ir comigo até o barco do meu pai? – disse ele, ao mesmo tempo com hesitação e urgência na voz.

Ela tremia, sem ter certeza se estava pronta para o que viria a seguir, mas também sentia um enorme desejo de seguir em frente.

– Tudo bem – sussurrou ela.

Will pegou sua mão e, enquanto a conduzia para o barco, Ronnie teve a impressão de que ele estava tão nervoso quanto ela. Sabia que ainda podia mudar de ideia, mas não queria parar. Queria que sua primeira vez fosse importante, que acontecesse com alguém de quem gostasse profundamente. À medida que se aproximavam do barco, ela mal registrava o que havia ao redor; o tempo estava esfriando e, pelo canto do olho, via os convidados se movimentando na pista de dança. Mais para o lado, ela viu Susan conversando com o homem idoso que a havia observado mais cedo e foi atingida de novo pela sensação de que o conhecia de algum lugar.

– Foi um discurso tão bonito. Eu queria ter gravado – ela ouviu alguém comentar com a fala lenta.

Will vacilou. A voz veio do lado mais distante do píer. Embora permanecesse escondida na escuridão, Ronnie sabia exatamente de quem era. Blaze tinha avisado que algo assim poderia acontecer a qualquer momento. Marcus saiu de trás de um poste e acendeu uma bola de fogo.

– Estou falando sério, Riquinho. Você realmente convenceu essa garota. – Ele sorriu com malícia. – Quase, pelo menos.

Will deu um passo à frente.

– Vai embora agora.

Marcus moveu a bola de fogo, girando-a por entre os dedos.

– Ou o quê? Vai chamar a polícia? Conheço você muito bem.

Will ficou tenso. De alguma forma, Marcus atingira um ponto fraco, embora Ronnie não soubesse por quê.

– Você está em uma propriedade privada – disse Will, mas ele não soou tão resoluto quanto deveria.

– Amo esta parte da cidade, você não? Todos por aqui são tão amiguinhos e esnobes que construíram esta agradável passagem que segue a água de uma casa para outra. Adoro vir aqui, sabia? Para apreciar a vista.

– É o casamento da minha irmã – rosnou Will.

– Sempre achei a sua irmã linda – comentou Marcus. – Até já a chamei para sair uma vez, mas a vadia não aceitou, acredita? – Ele não deu chance a Will de reagir antes de apontar para a multidão. – Vi o Scott mais cedo, lá em cima, agindo como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Aí você começa a se perguntar se ele tem consciência, hein? Por outro lado, a sua também não é tão limpa, não é mesmo? Aposto que você nem disse à sua mãe que essa sua namorada vagabunda provavelmente vai para a cadeia.

O corpo de Will se retesou como uma corda de violino.

– Aposto que o juiz vai colocar essa garota na linha, hein? – comentou Marcus.

O juiz...

De repente, Ronnie soube por que o homem mais velho lhe parecia tão familiar... e agora o juiz estava conversando com Susan...

Ela sentiu a própria respiração ficar presa na garganta.

Oh... Deus...

Essa conclusão chegou no mesmo instante em que Will soltou a mão dela. Quando ele avançou para cima de Marcus, o sujeito jogou

a bola de fogo nele e pulou do píer para o passadiço. Depois, pulou no quintal, perto da lateral da tenda, mas não era páreo para Will, que, com facilidade, diminuiu a distância entre os dois. No entanto, quando Marcus olhou para trás, Ronnie viu algo em seu rosto indicando que aquilo era exatamente o que ele queria de Will.

Ela mal teve tempo para se perguntar os motivos de Marcus, antes de vê-lo mergulhando em direção às cordas que apoiavam a tenda...

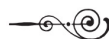
Ela se lançou para a frente.

– Não, Will! Pare! – gritou ela, mas era tarde demais.

Will se chocou com Marcus, e os dois se entrelaçaram nas cordas, fazendo com que os pinos se soltassem do chão. Ronnie assistiu horrorizada a um canto da tenda desmoronar.

As pessoas gritaram, e ela ouviu um barulho aflitivo quando uma das esculturas de gelo foi derrubada e os convidados se espalharam, aos berros. Os dois estavam brigando no chão até que Marcus conseguiu se livrar. Em vez de continuar a briga, ele saltou de volta para o passadiço, desaparecendo por trás da casa vizinha.

No pandemônio que se seguiu, Ronnie se perguntou se alguém sequer se lembraria de ter visto Marcus lá.



Eles certamente se lembraram dela. Sentada no escritório, ela se sentiu como se tivesse uns 12 anos. Tudo o que queria era ficar o mais longe possível da casa e entrar debaixo de suas cobertas.

Enquanto ouvia Susan gritando na sala ao lado, ela não conseguia parar de se lembrar da cena da tenda caindo.

– Ela arruinou o casamento da sua irmã!

– Não, ela não fez nada disso! – gritou Will. – Já contei o que aconteceu!

– Você espera que eu acredite que algum estranho entrou na

festa e você tentou impedi-lo?

– Mas foi o que aconteceu!

Ronnie não entendia por que ele nunca se referia a Marcus pelo nome, mas não se atreveria a dizer nada. A qualquer momento, esperava ouvir uma cadeira voar pela janela. Ou que os dois entrassem correndo no escritório para que Susan a repreendesse.

– Will, por favor... mesmo partindo do princípio de que sua história seja verdadeira, por que ele estava aqui? Todo mundo conhece a segurança que temos aqui! Todos os juízes da cidade estavam no casamento. O xerife estava monitorando a estrada da frente, pelo amor de Deus. Tem alguma coisa a ver com aquela garota! Não me venha com essa conversa... Posso ver na sua cara que tenho razão... E o que você estava fazendo com ela no barco do seu pai, afinal?

O jeito que ela disse “aquela garota” fez Ronnie parecer alguma coisa nojenta em que Susan havia pisado e não conseguia limpar do sapato.

– Mãe...

– Pare! Nem tente inventar desculpas! Era o casamento da Megan, Will, você não entende isso? O *casamento*! Você sabe como era importante para todos nós. Você sabe quanto seu pai e eu trabalhamos para que tudo ficasse pronto!

– Eu não queria que isso tivesse acontecido...

– Não importa, Will. – Ronnie ouviu Susan soltar um suspiro cheio de raiva. – Você sabia o que aconteceria se a trouxesse aqui. Você sabe que ela não é como nós...

– Você nem sequer deu uma chance a ela...

– O juiz Chambers a *reconheceu*! Ele me disse que ela vai ao tribunal no fim deste mês por furto! Então, ou você não sabia e ela estava mentindo para você, ou você sabia e mentiu para mim!

Houve um silêncio tenso e, embora não quisesse, Ronnie se viu

fazendo um esforço para ouvir a resposta de Will. Quando ele falou, sua voz era desanimada.

– Não contei porque sabia que você não entenderia.

– Will querido... Não percebe que ela não está à sua altura? Você tem um grande futuro pela frente, e a última coisa de que precisa na vida é alguém como ela. Eu estava com a esperança de que você descobrisse isso por conta própria, mas, claramente, está envolvido demais para enxergar o óbvio. Ela não está à sua altura. Ela é de classe baixa. Classe! Baixa!

À medida que as vozes ganhavam força, Ronnie começou a se sentir mal e teve que se controlar para não vomitar. Susan não estava certa em relação a tudo, mas tinha adivinhado uma coisa: Ronnie era a razão pela qual Marcus fora até lá. Se ela tivesse confiado em seus instintos e ficado em casa... Ela não pertencia àquele lugar.

– Você está bem? – perguntou Tom.

Ele estava parado à porta, segurando as chaves do carro.

– Sinto muito, Sr. Blakelee – disse ela, em um desabafo. – Eu não queria causar nenhum problema.

– Eu sei que você não causou – respondeu ele.

Apesar da compreensão, ela sabia que ele também estava chateado. Como poderia não estar? Embora ninguém tivesse sofrido ferimentos mais graves, dois convidados que haviam sido derrubados durante a confusão foram levados para o hospital. Ele estava no controle de suas emoções, e ela se sentiu grata por isso. Se ele tivesse levantado a voz, ela teria desabado em lágrimas.

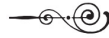
– Você gostaria que eu a levasse para casa? Está muito caótico lá fora agora. Seu pai pode ter problemas para chegar aqui.

Ronnie assentiu.

– Sim, por favor. – Ela ajeitou o vestido ao se levantar, torcendo para chegar em casa sem vomitar. – O senhor pode dar adeus ao Will por mim? E dizer que não vou vê-lo mais?

Tom aquiesceu.

– Sim, pode deixar.



Ela não vomitou nem chorou, mas não disse nada durante o que parecia ser o trajeto de carro mais longo de toda a sua vida. Tom também não falou nada, embora isso não fosse surpresa alguma.

A casa estava em silêncio e com as luzes apagadas quando ela chegou; Jonah e seu pai dormiam. Do corredor, ela ouviu o pai respirando; era uma respiração profunda e pesada, como se houvesse tido um dia longo e duro. Mas tudo em que conseguia pensar, enquanto se arrastava para a cama e começava a chorar, era que nenhum dia poderia ter sido mais longo e mais difícil do que aquele que ela acabara de enfrentar.



Seus olhos ainda estavam inchados e doloridos quando sentiu alguém a sacudindo para que acordasse. Ao abrir os olhos com dificuldade, viu Jonah sentado na cama ao lado dela.

– Você tem que se levantar.

As imagens da noite anterior e as coisas que Susan dissera foram retornando, fazendo com que, de repente, ela se sentisse enjoada.

– Não quero me levantar.

– Você não tem escolha. Tem uma pessoa aqui em casa.

– Will?

– Não – disse ele. – Outra pessoa.

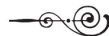
– Peça ao papai para resolver por mim – pediu ela, cobrindo a cabeça com as cobertas.

– Eu faria isso, mas ele ainda está dormindo. Além disso, ela

perguntou por você.

– Quem?

– Não sei, mas ela está esperando por você lá fora. E ela é gostosa.



Depois de vestir uma calça jeans e uma camiseta, Ronnie foi na ponta dos pés até a varanda. Não sabia o que esperar, mas certamente não aquilo.

– Você está horrível – disse Megan, sem preâmbulos.

Ela usava um short e uma regata, mas Jonah estava certo: de perto, ela era ainda mais bonita do que no casamento, no dia anterior. Além disso, irradiava uma autoconfiança que fez Ronnie se sentir, na mesma hora, muitos anos mais nova.

– Realmente sinto muito por arruinar seu casamento... – Ronnie começou a dizer.

Megan levantou a mão.

– Você não arruinou o casamento – disse ela, com um sorriso irônico. – Você tornou a recepção... memorável...

Ao ouvir o comentário de Megan, Ronnie sentiu os olhos ficarem marejados.

– Não chore – disse Megan gentilmente. – Não culpo você. Se fosse culpa de alguém, seria de Marcus.

Ronnie pestanejou.

– Sim, eu sei o que aconteceu. Will e eu conversamos depois que minha mãe finalmente terminou de falar com ele. Acho que entendi muito bem o que aconteceu. Então, como eu disse, não a culpo. O Marcus é louco. Sempre foi.

Ronnie engoliu em seco. Embora Megan estivesse sendo incrivelmente gentil sobre toda a confusão – ou talvez *porque*

estivesse sendo tão compreensiva –, seu sentimento de tristeza só se intensificara.

– Hum... se você não está aqui para brigar comigo, então por que veio? – indagou Ronnie.

– Em parte porque conversei com Will. Mas a razão principal que me fez vir é que quero saber de uma coisa, e quero que você me conte a verdade.

Ronnie sentiu o estômago se revirar.

– O que você quer saber?

– Quero saber se você ama o meu irmão.

Ronnie não tinha certeza se ouvira direito, mas o olhar de Megan era inabalável. Mas o que ela tinha a perder? A relação deles havia terminado. A distância cuidaria disso, se Susan não o fizesse primeiro.

Megan pedira a verdade e, diante de toda a gentileza que ela demonstrava, Ronnie sabia que não tinha escolha.

– Sim, eu o amo.

– Não é só uma historinha de verão?

Ronnie balançou a cabeça avidamente.

– Will e eu... – Ela parou de falar, sem ter confiança em si mesma para continuar, sabendo que as palavras eram inadequadas para descrever o que sentia.

Analisando o rosto de Ronnie, Megan aos poucos foi abrindo um sorriso.

– Ok – disse ela. – Acredito em você.

Consternada, Ronnie franziu a testa e Megan riu.

– Conheço um pouco da vida. Já vi esse olhar antes. Como hoje de manhã, quando me olhei no espelho. Sinto o mesmo pelo Daniel, mas tenho que dizer que é um pouco estranho ver esse olhar em você. Quando eu tinha 17 anos, acho que nem sabia o que era o amor. Mas, quando é o certo, é o certo, e você simplesmente sabe.

Enquanto registrava aquelas palavras, Ronnie percebeu que Will

não tinha sido justo quando descrevera a irmã. Ela não era maravilhosa, ela era... muito, muito melhor do que isso. Era o tipo de pessoa que Ronnie queria ser em alguns anos, em praticamente todos os sentidos. Em questão de minutos, Megan se tornara sua heroína.

– Obrigada – murmurou Ronnie, incapaz de pensar em uma resposta melhor.

– Não me agradeça. Isso não é sobre você, é sobre o meu irmão. E ele ainda é louco por você – afirmou ela, com um sorriso de quem sabe o que diz. – Enfim, a questão é que, já que você está apaixonada por ele, não deve se preocupar com o que aconteceu na cerimônia. Tudo o que você fez foi dar à minha mãe uma história que ela vai contar para o resto da vida. Acredite em mim, ela vai aproveitar isso ao máximo, mas, com o tempo, vai acabar superando. É sempre assim.

– Não sei...

– Isso é porque você não a conhece. Ah, ela é durona, não me interprete mal. E protetora. Mas, depois que a conhecer direito, vai ver que não há ninguém melhor no mundo. É capaz de fazer qualquer coisa pelas pessoas que ama.

Suas palavras faziam jus à descrição de Will, mas, até o momento, Ronnie não tinha conhecido esse lado de Susan.

– Você precisa falar com o Will – disse Megan, colocando os óculos de sol e se preparando para sair. – Não se preocupe. Não estou sugerindo que você vá até a casa dele. Além disso, ele não está lá.

– Onde ele está?

Ela apontou para longe, em direção ao cais.

– Está no torneio. O primeiro jogo começa daqui a quarenta minutos.

O torneio. Envolvida com tudo que acontecera, ela havia esquecido.

– Eu estava lá, mas, quando fui embora, ele estava realmente com a cabeça longe dali. Parecia muito chateado. Acho que não dormiu nada. Principalmente depois do que você disse ao meu pai. Você precisa consertar as coisas – acrescentou ela, com voz firme.

Megan estava prestes a sair da varanda quando se virou de frente para Ronnie outra vez.

– Só para você saber. Daniel e eu adiamos nossa lua de mel por um dia para que pudéssemos ver meu irmãozinho jogar. Seria ótimo se a cabeça dele estivesse no jogo. Ele pode até minimizar a situação, mas é importante para ele se sair bem no campeonato.



Depois de tomar banho e se vestir, Ronnie correu pela praia. A área ao redor do cais estava cheia, como em sua primeira noite na cidade.

Arquibancadas temporárias ao redor de duas quadras haviam sido montadas no ponto mais distante do cais, lotadas por pelo menos mil espectadores. Ainda havia mais gente ao longo do píer, que oferecia uma visão panorâmica do jogo. A praia em si estava tão cheia que ela mal conseguia abrir caminho em meio à multidão. Estava aflita, pois não havia como encontrar Will a tempo.

Não era de se admirar que vencer o torneio fosse tão importante.

Ela procurou na multidão, identificando algumas das outras equipes, o que só a deixou mais agitada. Pelo que podia ver, não havia uma área especial reservada aos jogadores, e Ronnie se desesperou, com medo de não conseguir localizá-lo entre tantas pessoas.

A apenas dez minutos do jogo, ela estava quase desistindo quando de repente o avistou, andando com Scott perto de alguns paramédicos que estavam encostados em uma caminhonete. Ao tirar a camisa, Will desapareceu atrás do veículo.

Ela mergulhou na multidão, pedindo mil desculpas a todos que ia empurrando. Levou menos de um minuto para chegar ao local onde o vira pela última vez, mas não o encontrou. Seguiu em frente, dessa vez achando que vira Scott – era difícil identificá-lo naquela maré de louras. Mal teve tempo para dar um suspiro de frustração, Ronnie avistou Will de pé, sozinho, à sombra das arquibancadas, tomando uma garrafa de isotônico.

Megan tinha razão. Dava para perceber pelos seus ombros caídos que ele estava exausto, e não parecia haver qualquer sinal da adrenalina pré-jogo.

Ela se enfiou entre alguns espectadores, acelerando o passo à medida que se aproximava de Will. Por um instante, pensou ter visto surpresa no rosto dele, mas o garoto logo se virou e ela soube que o pai havia lhe dado o recado.

Ronnie viu a dor e a confusão em sua maneira de reagir. Ela teria deixado tudo claro naquele momento, mas não dava tempo, porque o jogo começaria em questão de minutos. Assim que o alcançou, ela jogou os braços ao redor dele e o beijou do modo mais apaixonado possível. Se ele ficou surpreso, recuperou-se bem depressa e começou a beijá-la também.

Quando enfim se separaram, ele disse:

– Sobre o que aconteceu ontem...

Ronnie balançou a cabeça, colocando um dedo delicadamente sobre os lábios dele.

– Falaremos sobre isso mais tarde, mas, só para você saber, não quis dizer o que disse ao seu pai. Eu te amo. E preciso que faça uma coisa por mim.

Ele levantou a cabeça, o semblante tomado pela dúvida. Ela prosseguiu:

– Jogue hoje como nunca jogou antes.

*Marcus*

Chutando a areia no Bower's Point, Marcus sabia que deveria estar gostando do caos que causara na noite anterior. Tudo saía exatamente como havia planejado. A casa fora decorada precisamente como as intermináveis matérias de jornal detalharam, e afrouxar as estacas da tenda principal – não muito, apenas o suficiente para garantir que se soltariam quando ele batesse nas cordas – se mostrara uma tarefa fácil enquanto todos estavam jantando. Ficara satisfeito ao ver Ronnie vagar até o píer, seguida por Will; eles não o tinham decepcionado. O bom e confiável Will desempenhara seu papel com perfeição; se houvesse um cara mais previsível no mundo inteiro, Marcus ficaria chocado. Bastava pressionar o botão X e Will faria uma coisa; botão Y e Will executaria outra. Seria entediante se não fosse tão divertido.

Marcus não era como as outras pessoas; ele sabia disso há muito tempo. Quando era pequeno, nunca se sentia culpado por nada, e gostava disso em sua personalidade. Havia poder em sua

capacidade de fazer o que queria, sempre que queria, mas o prazer não era duradouro.

Na noite anterior, ele se sentira mais vivo do que nos últimos meses; a adrenalina tinha sido inacreditável. Em geral, depois que executava um de seus “projetos”, como gostava de pensar neles, passava semanas satisfeito. Isso era bom, uma vez que, deixados fora de controle, seus impulsos acabariam levando-o à prisão. Ele não era burro. Sabia como as coisas funcionavam, e por isso era sempre muito cuidadoso.

Agora, no entanto, ele estava atormentado pela sensação de que cometera um erro. Talvez tivesse abusado da sorte ao fazer dos Blakelees o alvo de seu último projeto. Afinal, eles eram o que havia de mais próximo de uma realeza em Wilmington – tinham poder, amigos influentes, dinheiro. E ele sabia que, se descobrissem que ele estava envolvido, não hesitariam em mandar prendê-lo pelo maior tempo possível. Então, ele se viu diante de uma dúvida irritante: Will havia acobertado Scott no passado, mas será que ele faria isso, mesmo às custas do casamento da irmã?

Marcus não gostou dessa sensação. Parecia quase... *medo*. Ele não queria ir para a cadeia, por mais curta que fosse a sentença. Não *podia* ir para a prisão. Não era o seu lugar. Ele era *melhor* do que aquilo. Mais *esperto* do que aquilo, e não podia se imaginar trancado em uma gaiola, recebendo ordens de um bando de lacaios, despertando os interesses amorosos de um neonazista de cento e cinquenta quilos, comendo alimentos cheios de fezes de barata, ou qualquer um dos outros horrores que podia facilmente imaginar.

Os prédios que ele havia incendiado e as pessoas que ferira não significavam absolutamente nada para ele, mas pensar na prisão lhe dava... enjoo. E, desde a noite passada, sentia que o medo era uma presença muito mais forte do que ele gostaria.

Até então, lembrou a si mesmo de que as coisas estavam calmas. Era óbvio que Will não o apontara como culpado, pois, se o

tivesse feito, o Bower's Point estaria cheio de policiais. Mesmo assim, ele precisava ficar quieto por um tempo. Bem quietinho. Sem festas em casas de praia, sem incêndios em armazéns e sem se aproximar de Will nem de Ronnie. Não era preciso dizer que não contaria nada para Teddy ou Lance, nem mesmo para Blaze. Era melhor deixar as pessoas se esquecerem.

A menos que Will tivesse mudado de ideia.

Essa possibilidade o atingiu como um soco. Se antes ele exercia um poder total sobre Will, agora seus papéis haviam sido subitamente trocados... ou pelo menos igualados.

Talvez, pensou, fosse melhor se ele apenas deixasse a cidade por um tempo. Talvez seguisse para o Sul, para Myrtle Beach, Fort Lauderdale ou Miami, até o alvoroço do casamento ser esquecido por completo.

Parecia ser a decisão certa, mas, para isso, ele precisava de dinheiro. Muito dinheiro. E depressa. O que significava que precisava fazer alguns shows para multidões bem grandes. Felizmente, o torneio de vôlei de praia estava começando. Will estaria competindo, mas não havia razão alguma para ele se aproximar das quadras. Ele faria suas apresentações no cais... um grande espetáculo.

Atrás dele, Blaze estava sentada ao sol, usando apenas jeans e sutiã; sua camiseta estava enrolada perto da fogueira.

– Blaze – chamou ele –, vamos precisar de nove bolas de fogo hoje. Vai ter um bocado de gente e precisamos conseguir dinheiro.

Ela não respondeu, mas seu suspiro audível o fez trincar os dentes. Já estava cansado dela. Desde que a mãe a colocara para fora de casa, ela estava triste o tempo todo, um dia sim e no outro também. Ele a viu se levantar e pegar a garrafa de fluido de isqueiro. Bom. Pelo menos estava trabalhando um pouco para ganhar seu sustento.

Nove bolas de fogo. Nem todas ao mesmo tempo, claro; em

geral, eles usavam seis no decorrer de uma apresentação, mas adicionar uma aqui e ali, algo inesperado, podia ser o suficiente para levantar o dinheiro de que ele precisava. Em alguns dias, estaria na Flórida. Só ele. Teddy, Lance e Blaze ficariam por conta própria durante um tempo, o que seria bom para ele, pois já estava farto dos três.

Já planejando sua viagem, ele mal percebeu quando Blaze embebeu várias bolas de pano em fluido de isqueiro diretamente acima da camisa que mais tarde usaria na apresentação.

28



Will

Vencer o primeiro jogo foi inacreditavelmente fácil; Will e Scott mal transpiraram. O segundo foi ainda mais tranquilo, com os adversários marcando apenas um ponto. No terceiro, ele e Scott tiveram que jogar duro. Embora houvesse um aparente desequilíbrio na pontuação, Will saiu da quadra achando que a equipe que tinham acabado de vencer era muito melhor do que o placar poderia indicar.

Eles começaram as quartas de final às duas da tarde; a final estava marcada para as seis. Enquanto descansava, apoiando-se com as mãos nos joelhos e esperando o saque da dupla adversária, Will sabia que estava jogando bem. Estavam perdendo de cinco a dois, mas ele não estava preocupado. Sentia-se bem, sentia-se rápido, e cada lance que acertava mandava a bola para exatamente onde queria. Mesmo quando o adversário jogava a bola no ar para dar seu saque, Will se sentia inatacável.

A bola veio em arco sobre a rede, com bastante efeito; antevendo sua queda, ele se lançou para a frente e recebeu a bola com perfeição. Com um timing impecável, Scott correu na direção

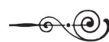
da rede e pulou antes de dar uma cortada em diagonal, recuperando o saque. Eles marcaram seis pontos seguidos até que a outra dupla recuperasse a chance de sacar. E, ao se colocar em posição, Will esquadrinhou rapidamente as arquibancadas com o olhar, à procura de Ronnie. Ela estava sentada na arquibancada oposta à de seus pais e Megan – provavelmente uma boa ideia.

Ele odiava não ter podido dizer à mãe a verdade sobre Marcus, mas que opção lhe restava? Se ela soubesse quem tinha feito aquilo, ia querer sangue... o que só poderia levar a uma revanche. Ele sabia que a primeira coisa que Marcus faria se fosse preso seria tentar reduzir sua sentença em troca de “informações úteis” sobre outro crime mais grave – o de Scott. Isso causaria problemas para o amigo em um momento crucial de sua busca por uma bolsa de estudos, isso sem contar o quanto os pais dele ficariam magoados – e eles também eram amigos íntimos dos pais de Will. Então ele mentiu e, infelizmente, sua mãe preferiu jogar a culpa toda em Ronnie.

Mas ela apareceu naquela manhã e disse a ele que o amava apesar de tudo. Eles conversariam mais tarde, prometeu ela. E lhe disse que, mais do que qualquer coisa, queria que ele desse o seu melhor em quadra, e era exatamente o que ele faria.

Quando os adversários voltaram a sacar, Will correu através da quadra para receber; Scott seguiu com um levantamento perfeito e Will cortou. A partir desse ponto, os adversários pontuaram apenas mais uma vez antes de o set terminar; no seguinte, eles marcaram apenas duas vezes.

Ele e Scott avançaram para as semifinais. Nas arquibancadas, Will podia ver Ronnie torcendo por ele.



A semifinal foi a partida mais difícil até então; eles ganharam o

primeiro set com facilidade, mas perderam o segundo no *tiebreak*.

Will estava na linha de saque, esperando o juiz sinalizar o início do terceiro set, quando seu olhar vagou pelas arquibancadas e depois pelo cais, observando que a multidão era três vezes maior do que a do ano anterior. Aqui e ali, viu aglomerados de pessoas que conhecera no ensino médio e outras que conhecia desde criança. Não havia um lugar vazio nas arquibancadas.

Ao sinal do árbitro, Will jogou a bola para o alto e deu uma série de passos rápidos. Lançando-se no ar, deu um saque direto na linha, mirando em um ponto a cerca de três quartos do fundo da quadra. Ele aterrissou, correu para se colocar em posição, mas percebeu que não era necessário. Ao se dividirem na quadra, os dois adversários hesitaram por um instante além do que deviam; viajando com muita velocidade, a bola lançou uma coluna de areia para o ar antes de sair fora da quadra.

Um a zero.

Will deu sete saques seguidos, colocando-se com Scott em uma posição confortável. As duplas acabaram alternando pontos a partir de então, levando a uma vitória relativamente fácil.

Ao sair da quadra, Scott bateu nas costas de Will.

– Acabou – disse ele. – Hoje nós estamos arrebentando. Tyson e Landry podem vir com tudo!



Tyson e Landry, dois rapazes de 18 anos de Hermosa Beach, na Califórnia, formavam a melhor equipe júnior do mundo. Um ano antes, eles haviam se classificado em décimo primeiro lugar nos mundiais, o que teria sido bom o suficiente para representar praticamente qualquer outro país nos Jogos Olímpicos. Jogavam juntos desde os 12 anos e só tinham perdido uma partida nos últimos dois anos. Scott e Will os encontraram apenas uma vez na

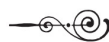
semifinal do ano anterior daquele mesmo torneio e saíram da quadra com o rabo entre as pernas. Não tiveram a menor chance.

Agora a história era diferente: eles ganharam o primeiro set por três pontos de diferença; Tyson e Landry venceram o seguinte por exatamente a mesma margem e, no último set, estavam empatados em sete a sete.

Will estava no sol havia nove horas. Apesar dos litros de água e isotônico que consumia, o sol e o calor não tinham como deixar de exauri-lo. Mas ele não sentia nada. Não naquele instante. Não quando percebeu que realmente tinha uma chance de ganhar o campeonato.

Eles tinham o saque – sempre uma desvantagem no vôlei de praia, uma vez que a equipe que recepcionava o saque tinha chance de atacar e marcar o ponto –, mas Scott enviou um saque forte por cima da rede, que forçou Tyson a sair de posição. O jogador conseguiu alcançar a bola a tempo, mas a devolveu na direção errada. Landry correu e, de alguma forma, colocou a mão na bola, mas isso só piorou a situação; a bola subiu na direção da multidão e Will percebeu que levaria pelo menos um outro minuto até a bola voltar ao jogo. Quando isso acontecesse, ele e Scott estariam liderando por um ponto.

Como de costume, ele virou primeiro em direção a Ronnie e a viu acenar para ele; então, olhando para o outro lado das arquibancadas, sorriu e acenou para sua família. Além deles, no cais, ele viu as pessoas amontoadas na área mais próxima das quadras, só que havia um espaço mais vazio um pouco mais adiante. Ele se perguntou o que seria aquilo quando viu uma bola de fogo fazer um arco pelo ar.



As equipes estavam empatadas em doze a doze quando tudo

aconteceu.

A bola tinha subido de novo para o meio da multidão, dessa vez por causa de Scott, e, ao retornar ao seu lugar na quadra, Will olhou fixamente para o cais, porque sabia que Marcus estava lá.

O fato de Marcus estar tão perto o deixou tenso, com a mesma raiva que sentira na noite anterior.

Ele sabia que deveria deixá-lo de lado, como Megan o aconselhara. Sabia que não deveria ter incomodado a irmã com toda a história naquela noite; afinal, era seu casamento, e os pais haviam reservado uma suíte para ela e Daniel no histórico Wilmingtonian Hotel. Mas ela insistiu, e ele resolveu se abrir. Embora Megan não criticasse sua decisão, ele sabia que ela ficara decepcionada por ele ter permanecido em silêncio sobre o crime de Scott. Entretanto, ela lhe garantiu seu apoio irrestrito naquela manhã e, enquanto esperava o árbitro soprar o apito, ele se deu conta de que estava jogando tanto pela irmã como por si mesmo.

No cais, ele avistou bolas de fogo dançando no ar; a multidão havia se espalhado perto da grade e ele conseguia identificar apenas Teddy e Lance dançando break, como de costume. O que o surpreendeu foi a visão de Blaze jogando as bolas de fogo com Marcus. Ela pegava uma e depois a mandava de volta para o parceiro. Aos olhos de Will, as bolas de fogo estavam se movendo de um lado para outro com uma velocidade maior do que a habitual. Blaze dava passos lentos para trás, provavelmente tentando desacelerar o ritmo, até que suas costas finalmente atingiram o corrimão do cais.

As bolas de fogo continuavam a voar na direção dela, mas o impacto momentâneo a fez perder a concentração, pois não calculou direito a trajetória de uma delas, que acabou indo direto em sua camiseta. Com outra bola rápida na sequência, ela correu para pegá-la, enquanto amparava a outra junto ao corpo. Em poucos

segundos, a frente de sua camiseta se tornou uma coberta em chamas, alimentada pelo excesso de fluido de isqueiro.

Em pânico, ela tentou apagar as chamas batendo em si mesma, obviamente se esquecendo de que ainda segurava outra bola de fogo...

No momento seguinte, suas mãos estavam em chamas também, e seus gritos superavam todos os outros sons no estádio. A multidão que estava ao redor da apresentação deve ter ficado em choque, porque ninguém fez um único movimento na direção dela. Mesmo a distância, Will via Blaze sendo consumida pelas chamas como um ciclone.

Por instinto, ele correu para fora da quadra, atravessando a areia em direção ao cais. Sentindo os pés escorregarem, levantou os joelhos para aumentar a velocidade, enquanto os gritos de Blaze se dispersavam pelo ar.

Ele passou correndo pela multidão, ziguezagueando entre qualquer espaço que lhe permitisse passagem, e logo chegando aos degraus. Pulou três de cada vez, agarrando-se a uma das estacas para não desacelerar, empurrando quem estivesse ao redor assim que chegou ao cais.

Ele abriu caminho no meio da multidão, mas só conseguiu enxergar Blaze quando chegou ao espaço aberto. Naquele momento, um homem estava agachado ao lado da garota, que se contorcia e gritava; não havia sinal algum de Marcus, Teddy ou Lance...

Will parou de repente ao ver a camiseta de Blaze derretida em sua pele empolada. Agora, ela chorava e gritava de forma incoerente, mas ninguém ao redor parecia ter a menor ideia do que fazer.

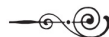
Will sabia que precisava fazer alguma coisa. Uma ambulância levaria pelo menos quinze minutos para atravessar a ponte e chegar à praia, mesmo sem aquela multidão maciça. Quando Blaze gritou

de agonia mais uma vez, ele se inclinou e a colocou com delicadeza nos braços. Sua caminhonete estava por perto; ele fora um dos primeiros a chegar de manhã, e se pôs a carregá-la até o veículo. Atordoadas diante do que acabaram de testemunhar, as pessoas não tentaram impedi-lo.

Blaze ficava entre perder a consciência e recobrá-la, e Will seguia o mais depressa possível, tomando cuidado para não sacudir a garota sem necessidade. Ronnie surgiu pulando pelos degraus, enquanto ele passava carregando Blaze; ele não fazia ideia de como ela fora capaz de descer das arquibancadas e alcançá-lo com tanta rapidez, mas ficou aliviado ao vê-la.

— As chaves estão sobre o pneu traseiro! — gritou ele. — Precisamos deitá-la no banco de trás, e quando estivermos a caminho, ligue para a emergência para avisar que estamos indo, para que fiquem nos esperando!

Ronnie correu até a frente da caminhonete e conseguiu abrir a porta antes de Will chegar. Não foi fácil colocar Blaze deitada no banco, mas eles conseguiram, e Will saltou para trás do volante. Acelerando, seguiu para o hospital, já certo de que violaria algumas dezenas de leis de trânsito ao longo do percurso.



A emergência do hospital estava cheia. Will estava sentado perto da porta, olhando para a noite cada vez mais escura. Ronnie se sentou ao seu lado. Os pais dele, junto com Megan e Daniel, tinham aparecido brevemente, mas foram embora logo depois.

Nas últimas quatro horas, Will contou a história várias vezes para inúmeras pessoas, incluindo a mãe de Blaze, que estava na sala com a filha. Quando ela chegara correndo à sala de espera, Will vira claramente o medo estampado em seu rosto antes que uma das enfermeiras a levasse.

Além do fato de que Blaze fora levada para a sala de cirurgia, Will não tinha ouvido mais nada. A noite estendeu-se, mas ele nem cogitava ir embora. Suas lembranças o levavam de volta a como ela era quando se sentavam lado a lado na terceira série e depois para a imagem da criatura devastada que ele carregara nos braços mais cedo, naquele dia. Ela era uma estranha agora, mas, um dia, fora uma amiga, e isso era o suficiente.

Ele se perguntou se a polícia voltaria. Os agentes haviam chegado com seus pais, e Will lhes disse o que sabia, mas eles estavam mais interessados em entender por que ele levava Blaze ao hospital, em vez de deixar que os paramédicos o fizessem. Will falou a verdade – não lembrava que os paramédicos estavam no local, e percebeu que ela precisava de atendimento imediato – e, felizmente, eles entenderam a situação. Ele pensou ter visto o agente Johnson assentir levemente e teve a sensação de que ele teria feito o mesmo naquela situação.

Toda vez que a porta que dava para a enfermaria se abria, Will procurava por uma das enfermeiras que tinham recebido Blaze. No carro, Ronnie conseguira ligar para o hospital e uma equipe estava esperando; em um minuto, Blaze já estava em uma maca, sendo levada para receber o tratamento. Ele e Ronnie não conseguiam dizer nada um ao outro. Apenas ficaram sentados, paralisados, de mãos dadas, tremendo ao se lembrarem dos gritos de Blaze na caminhonete.

A porta do hospital se abriu novamente e Will reconheceu a mãe da garota quando ela se aproximou.

Will e Ronnie se levantaram. Will pôde ver as linhas de tensão em torno da boca da mulher.

– Uma das enfermeiras me disse que vocês ainda estavam aqui. Eu queria agradecer pelo que fizeram.

Sua voz falhou e Will engoliu em seco.

– Ela vai ficar bem? – conseguiu falar.

– Ainda não sei. Continua em cirurgia. – A mãe de Blaze se concentrou em Ronnie. – Sou Margaret Conway. Não sei se a Galadriel alguma vez lhe falou sobre mim.

– Sinto muito, Sra. Conway. – Ronnie gentilmente estendeu a mão e tocou seu braço.

A mulher fungou, tentando se controlar, mas sem sucesso.

– Eu também – disse ela. Sua voz tornou-se mais irregular quando ela continuou. – Falei mais de cem vezes para ela ficar longe de Marcus, mas ela simplesmente não quis ouvir, e agora a minha menina...

Ela começou a chorar, incapaz de conter os soluços. Will assistiu, paralisado, quando Ronnie avançou para segurá-la, uma chorando nos braços da outra.



Enquanto Will dirigia pelas ruas de Wrightsville Beach, tudo parecia tremeluzir. Estava dirigindo depressa, mas sabia que podia acelerar ainda mais. Olhando por uma fração de segundo, percebeu detalhes que normalmente lhe teriam escapado: o suave e enevoadado halo em torno dos postes de iluminação das ruas, uma lata de lixo revirada no beco ao lado do Burger King, o pequeno amassado perto da placa de um Nissan Sentra cor de creme.

Ao lado dele, Ronnie o observava com ansiedade, mas sem dizer nada. Não perguntou aonde estavam indo, mas não precisava. Assim que a mãe de Blaze havia saído da sala de espera, Will ficou sem palavras e entrou com raiva na caminhonete. Ronnie o seguiu e se acomodou no assento do passageiro.

Mais além, o sinal ficou amarelo, mas, em vez de diminuir a velocidade, Will acelerou. O motor fez um barulho e o carro disparou em direção ao Bower's Point.

Ele conhecia o caminho mais rápido e seguiu pelos desvios sem

dificuldades; saindo do centro comercial, a caminhonete passou rugindo pelas tranquilas casas de frente para o mar. O cais ficava perto, e logo depois vinha a casa de Ronnie; ele nem sequer diminuiu a velocidade. Em vez disso, levou o veículo aos limites da segurança.

Ao lado dele, Ronnie segurou na alça de mão quando ele fez a última curva e entrou em um estacionamento de piso de cascalho, quase escondido pelas árvores. A caminhonete derrapou e parou, e Ronnie finalmente reuniu coragem para falar.

– Por favor, não faça isso.

Will a ouviu e entendeu o que ela queria dizer, mas ele pulou para fora do veículo assim mesmo. O Bower's Point não ficava longe dali. Acessado apenas pela praia, o local ficava logo adiante, a pouco mais de 200 metros depois do posto do salva-vidas.

Will começou a correr. Ele *sabia* que Marcus estaria ali, sentia isso. Correu com todas as suas forças, as imagens formando um clarão em sua mente: o fogo na igreja, a noite no festival, a forma como ele agarrou Ronnie pelos braços... e Blaze com o corpo em chamas.

Marcus não tinha tentado ajudá-la. Fugiu quando ela mais precisava, quando podia ter morrido.

Will não se importava com o que poderia acontecer com ele. Não se importava com o que poderia acontecer com Scott. Já havia ultrapassado isso. Marcus tinha ido longe demais. Ao virar a esquina, ele os avistou ao longe, sentados em pedaços de tronco ao redor de uma pequena fogueira.

Fogo. Bolas de fogo. *Blaze*...

Ele acelerou o passo, preparando-se para o que viria a seguir. Aproximou-se o suficiente para identificar as garrafas de cerveja vazias espalhadas ao redor do fogo, mas sabia que a escuridão os impedia de enxergá-lo.

Marcus estava levando uma garrafa de cerveja à boca quando

Will abaixou o ombro e deu um encontrão nele pelas costas, logo abaixo do pescoço. Ele sentiu as costas de Marcus se vergarem com o impacto, o único som que soltou foi um suspiro doloroso quando Will o derrubou na areia.

Will sabia que tinha que se movimentar rapidamente, a fim de alcançar Teddy antes que ele ou o irmão pudessem reagir. A visão de Marcus sendo jogado no chão os deixou paralisados. No entanto, depois de Will dar uma joelhada nas costas de Marcus, ele se lançou para cima de Teddy, suas pernas se movendo como pistões, levando-o de volta para cima de alguns pedaços de madeira. Will alcançou Teddy, mas, em vez de usar os punhos, voltou a cabeça para trás e bateu a testa no nariz do oponente.

Ele sentiu o osso se quebrar com o impacto. Levantou-se rapidamente, ignorando a visão de Teddy rolando no chão, as mãos no rosto, o sangue jorrando por entre os dedos, seus gritos parcialmente abafados pelo som dos próprios engasgos.

Lance já estava em ação para atacá-lo quando Will deu um grande passo para trás, mantendo distância. Lance estava quase em cima dele e mirando para baixo quando, de repente, Will levantou um joelho, sentindo-o bater na cara de Lance. A cabeça do rapaz foi jogada para trás e ele já estava inconsciente antes de bater no chão.

Dois derrubados, só faltava um.

Nesse momento, Marcus estava de pé, embora cambaleante. Ele agarrou um pedaço de tronco e se afastou com o avanço de Will. Mas a última coisa que queria era que Marcus conseguisse firmar os pés e recobrar o equilíbrio antes de usar o pedaço de pau. Will avançou. Marcus balançou a madeira, mas o golpe foi fraco e Will conseguiu se desviar, batendo com o pedaço de pau no peito de Marcus. Ele envolveu os braços em torno do adversário, segurando-o com força e o levantando, usando o impulso para derrubá-lo de

novo. Foi uma derrubada perfeita, digna de um jogo de futebol americano, e Marcus bateu com as costas no chão.

Will jogou todo o peso de seu corpo em cima de Marcus e, como fizera com Teddy, deu uma cabeçada na cara dele com a maior força que pôde reunir.

Ele sentiu o osso se quebrar, mas, dessa vez, não parou por aí. Em vez disso, esmagou Marcus com o punho. Bateu nele várias e várias vezes, entregando-se à raiva, descontando a fúria diante da impotência que sentira desde o que acontecera com Blaze. Atingiu Marcus na orelha e repetiu o golpe. Os gritos do adversário só serviam para enfurecê-lo ainda mais. Ele balançou o corpo outra vez, agora apontando para o nariz que já havia quebrado – quando, de repente, sentiu alguém agarrar seu braço.

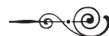
Ele se virou, pronto para atacar Teddy, mas era Ronnie quem o segurava, com uma expressão aterrorizada no rosto.

– Pare! Não vale a pena ir para a cadeia por causa dele! – gritou ela. – Não destrua a sua vida por causa dele!

Ele mal a ouviu, mas sentiu seus puxões enquanto ela tentava arrancá-lo dali.

– Por favor, Will – disse ela, a voz trêmula. – Você não é como ele. Você tem um futuro. Não jogue tudo fora.

Aos poucos, ela o soltou e ele sentiu sua energia se esgotar. Teve dificuldade para se colocar de pé, a adrenalina o deixou titubeante e sem equilíbrio. Ronnie passou um braço em torno de sua cintura e, lentamente, eles começaram a caminhar de volta para a caminhonete.



Na manhã seguinte, ele foi trabalhar com a mão dolorida e encontrou Scott esperando por ele no pequeno vestiário. Enquanto vestia seu macacão, Scott fuzilou Will com o olhar.

– Você não precisava desistir do jogo – disse ele, puxando o zíper. – Os paramédicos estavam lá o tempo todo.

– Eu sei – disse Will. – Eu não estava raciocinando. Já os tinha visto antes, mas me esqueci. Sinto muito por perder o jogo.

– Pois é, eu também – retrucou Scott. Ele pegou um trapo e o enfiou no cinto. – Poderíamos ter ganhado o torneio, mas você tinha que sair correndo para bancar o herói.

– Cara, ela precisava de ajuda...

– Ah, é? E por que tinha que ser você? Por que não esperou a ajuda chegar? Por que não ligou para a emergência? Por que teve que levá-la em seu carro?

– Eu já disse, eu me esqueci que os paramédicos estavam lá. Pensei que levaria muito tempo até chegar uma ambulância...

Scott deu um soco no armário.

– Mas você nem gosta dela! – gritou. – Você nem a conhece mais! Sim, se fosse Ashley, Cassie ou mesmo Ronnie, eu entenderia. Droga, se fosse um estranho, eu entenderia. Mas Blaze? *Blaze*? A mesma garota que vai mandar sua namorada para a cadeia? A garota que anda por aí com o *Marcus*? – Scott deu um passo na direção dele. – Você achou, por um segundo, que ela teria feito o mesmo por você? Se você estivesse ferido e precisasse de ajuda? Sem chance!

– É só um jogo – contestou Will, sentindo a própria raiva vir à tona.

– Para você! – berrou Scott. – É só um jogo para você! Mas para você tudo é um jogo! Não consegue entender? Porque nada importa para você! Você não precisa ganhar essas coisas porque, mesmo se perder, ainda recebe tudo em uma bandeja de prata! Mas eu precisava vencer! É o meu *futuro* que está em jogo, cara!

– Eu sei, mas era a *vida* de uma menina que estava em jogo também – contestou Will. – E se você deixar de ser egoísta pelo

menos uma vez, vai perceber que salvar a vida de alguém é mais importante do que a sua preciosa bolsa de estudos!

Scott balançou a cabeça com nojo.

– Você é meu amigo há muito tempo... mas sempre foi de acordo com as suas regras. Tudo sempre foi do jeito que *you* quis. *You* quer terminar com a Ashley, *you* quer namorar a Ronnie, *you* quer passar semanas sem treinar, *you* quer bancar o herói. Bem, quer saber? *You* estava errado. Conversei com os paramédicos. Eles me falaram que *you* estava errado. Disseram que, ao levá-la para seu carro do jeito que *you* fez, poderia ter piorado as coisas. E o que *you* conseguiu? Ela agradeceu? Não, claro que não. E nem vai. Mas *you* está perfeitamente disposto a prejudicar um amigo porque o que *you* quer fazer é mais importante.

As palavras de Scott foram como socos no estômago de Will, mas só aumentaram sua raiva.

– Aceite isso, Scott – disse Will. – Dessa vez, nem tudo diz respeito a *you*.

– Você me devia isso! – gritou Scott, socando o armário mais uma vez. – Pedi uma coisa simples! *You* sabe o quanto isso significava para mim!

– Eu não lhe devo nada – disse Will com uma fúria silenciosa. – Protegi *you* nos últimos oito meses. Estou cansado de Marcus nos manipular. *You* precisa fazer a coisa certa. Precisa dizer a verdade. As coisas mudaram.

Will marchou até a porta. Ao abri-la, ouviu Scott indo atrás dele.

– O que *you* fez?

Will se virou, segurando a porta entreaberta e encarando o amigo com uma expressão firme.

– Eu já disse, *you* precisa dizer a verdade.

Ele esperou até que Scott absorvesse suas palavras e saiu, deixando a porta se fechar com um estrondo. Quando abriu caminho

entre os carros que estavam sobre os elevadores, ouviu a voz de Scott chamando-o.

– Você quer arruinar a minha vida? Quer que eu vá para a cadeia por causa de um acidente? Não vou fazer isso!

Ao se aproximar do saguão, ele ainda ouvia Scott esmurrando as portas dos armários.

29



Ronnie

A semana seguinte foi tensa para ambos. Ronnie não se sentia à vontade com a cena de violência que havia presenciado nem com os sentimentos que aquilo despertara nela. Não gostava de brigas, não gostava de ver as pessoas se machucarem, e sabia que ocasiões como essa raramente melhoravam a situação. No entanto, não conseguia ficar com raiva de Will pelo que ele tinha feito. Por mais que não quisesse apoiar o que acontecera, ver Will *desmantelar* completamente aqueles três a fez se sentir um pouco mais segura quando estava com ele.

Mas Will estava estressado. Tinha certeza de que Marcus iria à polícia contar o que acontecera e que viriam bater à sua porta a qualquer minuto, mas Ronnie sentia que algo mais o incomodava, algo que ele não revelara. Por alguma razão, ele e Scott não estavam mais se falando, e ela se perguntava se isso tinha a ver com o desconforto de Will.

E havia também, é claro, a família. Em especial a mãe de Will. Ronnie a tinha visto duas vezes desde o casamento: uma enquanto

esperava Will pegar uma roupa limpa em casa, outra vez em um restaurante no centro de Wilmington, quando Will a levou para comer fora. Como já estavam sentados quando Susan entrou com um grupo de amigas, Ronnie tinha uma visão perfeita da entrada, mas Will estava olhando para outra direção. Nas duas ocasiões, Susan fez questão de dar as costas para Ronnie.

Ela não comentou com ele sobre nenhum desses encontros casuais. Enquanto Will estava perdido em seu próprio mundo de retaliação e preocupação, Ronnie notou que Susan parecia acreditar que ela era, de alguma forma, responsável pela tragédia que havia acontecido com Blaze.

De pé em seu quarto, ela viu a figura adormecida de Will a distância. Ele estava enrolado perto do ninho das tartarugas; porque alguns dos outros ninhos começaram a eclodir, as gaiolas haviam sido retiradas à tarde e os ovos estavam totalmente expostos. Nenhum deles se sentia seguro deixando o ninho sem supervisão durante a noite, e, como estava passando cada vez menos tempo em casa, Will se ofereceu para vigiá-lo.

Ela não queria pensar sobre os novos problemas, mas se pegava reproduzindo mentalmente tudo o que tinha acontecido naquele verão. Ela mal conseguia se lembrar da garota que era quando chegou à casa do pai. E o verão ainda não havia terminado; em alguns dias, ela faria 18 anos e, depois de um último fim de semana juntos, Will iria para a faculdade. Sua próxima audiência estava marcada para alguns dias depois e, então, ela teria que voltar para Nova York. Tantas coisas já feitas, tantas ainda por fazer.

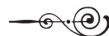
Ela balançou a cabeça. Quem era ela? E de quem era a vida que estava levando? Mais do que isso, aonde tudo aquilo a levaria?

Naquele momento, nada daquilo e tudo aquilo lhe pareciam mais real do que qualquer coisa que ela um dia vivenciara: seu amor por Will, seu vínculo cada vez mais forte com o pai, a forma como sua vida se desacelerara de uma maneira simples e plena. Tudo isso às

vezes parecia estar acontecendo com outra pessoa, alguém que ela ainda estava conhecendo. Nunca, em um milhão de anos, teria concebido a ideia de que uma sonolenta cidade litorânea em algum lugar no Sul do país a teria preenchido com muito mais... *vida e drama* que Manhattan.

Sorrindo, ela teve que admitir que, com poucas exceções, também não fora tão ruim assim. Estava dormindo em um quarto silencioso ao lado do irmão, separados apenas por vidro e areia do jovem que ela amava, e que a amava também. Ronnie se perguntou se poderia haver algo melhor na vida. E, apesar de tudo o que tinha acontecido, ou talvez até por causa do que acontecera, ela sabia que jamais se esqueceria do verão que passaram juntos, não importava o que o futuro lhes trouxesse.

Deitada na cama, pegou no sono aos poucos. Seu último pensamento foi que havia mais pela frente. Embora essa sensação sempre significasse alguma coisa ruim, ela sabia que não seria possível, não depois de tudo o que haviam enfrentado.



De manhã, no entanto, ela acordou ansiosa. Como sempre, estava bem ciente do fato de que mais um dia se passara, o que significava menos um dia com Will.

Mas, ainda deitada, tentando entender a sensação de desconforto que experimentava, ela percebeu que não era apenas isso. Will estava indo para a faculdade na semana seguinte. Até Kayla estava indo para a faculdade. No entanto, ela ainda não tinha ideia de seu próximo passo. Sim, ela completaria 18 anos e, sim, lidaria com fosse lá o que o juiz decidisse, mas e depois? Moraria com a mãe para sempre? Deveria se candidatar a um emprego na Starbucks? Por um instante, ela se imaginou segurando uma pá, seguindo elefantes no zoológico.

Era a primeira vez que ela se confrontava com o próprio futuro de maneira tão direta. Sempre se prendera à crença de que tudo terminaria bem, independentemente do que decidisse. E assim seria... por um tempo. Mas será que ela ainda desejaria morar com a mãe aos 19 anos? Ou aos 21? Ou, Deus me livre, aos 25?

E o que uma pessoa deveria fazer para ganhar o suficiente para morar sozinha – e se dar ao luxo de viver em Manhattan – sem um diploma universitário?

Ela não fazia ideia. Tudo o que sabia com certeza era que não estava pronta para o fim do verão. Não estava pronta para voltar para casa. Não estava pronta para pensar em Will vagando pelos gramados da Vanderbilt, ao lado de colegas com uniformes de animadoras de torcida. Não queria pensar em nada daquilo.



– Está tudo bem? Você está muito calada – disse Will.

– Me desculpe. É que estou com muitas coisas na cabeça.

Eles estavam sentados no cais, compartilhando os *bagels* e o café que compraram no caminho. Normalmente, o cais ficava lotado de pessoas pescando, mas naquela manhã o lugar era só deles. Uma boa surpresa, considerando-se que ele estava de folga.

– Já pensou no que quer fazer?

– Qualquer coisa que não envolva elefantes e pás.

Ele equilibrou o *bagel* em cima do copo de isopor.

– Devo perguntar sobre o que você está falando?

– Acho melhor não – respondeu ela, fazendo uma careta.

– Ok. – Ele assentiu. – Mas eu estava me referindo ao que você quer fazer no seu aniversário, amanhã.

Ronnie deu de ombros.

– Não tem que ser nada especial.

– Mas você está completando 18 anos. Aceite. É uma data

importante. Legalmente, você será adulta.

Ótimo, pensou ela. Mais um lembrete de que o tempo estava correndo e que ela precisava descobrir o que faria com a própria vida. Will devia ter decifrado a expressão em seu rosto, pois estendeu a mão e a colocou no joelho dela.

– Eu disse alguma coisa errada?

– Não, não sei. Estou me sentindo estranha hoje.

Ao longe, um bando de botos pulou na água além da arrebentação. Ela tinha ficado espantada quando os vira pela primeira vez. Assim como na vigésima. Agora, eles eram uma parte integrante da paisagem, mas, mesmo assim, ela sentiria falta deles quando estivesse de volta a Nova York, fazendo o que quer que tivesse que fazer. Ela provavelmente acabaria ficando viciada em desenho animado, como Jonah, e insistiria em vê-los de cabeça para baixo.

– Que tal se eu a levasse para jantar?

Que nada. Ela provavelmente acabaria viciada em videogame.

– Ok.

– Ou talvez a gente possa ir dançar.

Ou talvez jogar *Guitar Hero*. Jonah passava horas jogando isso. Assim como Rick, agora que ela pensou a respeito. Praticamente todos os que não tinham vida eram viciados nesse jogo.

– Pode ser.

– Ou que tal isso? Pintamos nossos rostos e tentamos invocar as antigas deusas incas.

Viciada naqueles jogos horrorosos, ela provavelmente ainda estaria morando em casa quando Jonah fosse para a faculdade, dali a oito anos.

– O que você quiser.

O som da risada de Will foi suficiente para trazer sua atenção de volta para ele.

– Você disse alguma coisa? – perguntou ela.

– Seu aniversário. Eu estava tentando descobrir o que você quer para o seu aniversário, mas, obviamente, você está no mundo da lua. Vou embora na segunda-feira e queria fazer algo especial para você.

Ela pensou no assunto antes de se virar para a casa, observando, mais uma vez, como ela não combinava com o restante das residências ao longo daquela extensão da praia.

– Sabe o que realmente quero?



Não aconteceu em seu aniversário, mas duas noites depois, na sexta-feira, 22 de agosto. Até que foi perto. A equipe do aquário realmente fez tudo com rigor científico; mais cedo naquela tarde, os funcionários e voluntários começaram a preparar a área para que as tartarugas pudessem alcançar a água com segurança.

Ronnie e Will ajudaram a alisar a areia da trincheira rasa que levava ao oceano; outras pessoas tinham rodeado o local com fita para manter a multidão a uma distância segura. Pelo menos a maior parte das pessoas. Steve e Jonah tiveram permissão para ficar dentro da área reservada e se mantiveram de lado, fora do caminho dos agitados trabalhadores.

Ronnie não tinha ideia do que deveria fazer, além de garantir que ninguém se aproximasse muito do ninho. Ela não era nenhuma especialista, mas, como usava a roupa de aquário com cor de ovo de Páscoa, as pessoas presumiam que ela sabia tudo. Fizeram-lhe umas cem perguntas na última hora. Estava satisfeita por ter sido capaz de se lembrar das coisas que Will lhe dissera sobre as tartarugas e aliviada por ter tirado alguns minutos para rever o cartão com informações que o aquário distribuía para os espectadores. Praticamente tudo o que as pessoas queriam saber já

estava lá de modo objetivo, mas ela imaginou que era mais fácil para elas perguntar do que olhar no cartão que seguravam.

Essa atividade também a ajudou a passar o tempo. Eles já estavam ali havia horas e, embora soubesse que o ninho poderia eclodir a qualquer minuto, Ronnie não estava tão segura se isso iria acontecer. As tartarugas não se importavam que algumas crianças já estivessem cansadas, ou que alguém tivesse que se levantar cedo na manhã seguinte para trabalhar.

De alguma forma, ela imaginou que haveria apenas meia dúzia de pessoas para assistir, não as centenas que se aglomeram ao longo da fita de isolamento. Não tinha certeza se gostava daquilo; parecia que a coisa toda era um circo.

Quando ela se sentou na duna, Will se aproximou.

– O que você acha? – perguntou ele, gesticulando para na cena.

– Ainda não sei direito. Não aconteceu nada até agora.

– Não vai demorar muito.

– Foi o que me disseram várias vezes.

Will se sentou ao lado dela.

– Você precisa aprender a arte da paciência, pequeno gafanhoto.

– Eu sou paciente. Só quero que a eclosão aconteça logo.

Ele começou a rir.

– Desculpe.

– Você não deveria estar trabalhando?

– Sou apenas um voluntário. Você é a única que realmente trabalha no aquário.

– Sim, mas não estou recebendo hora extra e, tecnicamente, já que você é voluntário, acho que deveria tomar conta da fita de isolamento por um tempo.

– Deixe-me adivinhar: metade das pessoas pergunta o que está acontecendo e a outra metade faz perguntas que já estão respondidas no cartão que você entregou.

– Isso mesmo.

– E você está cansada disso?

– Digamos apenas que não foi tão divertido quanto o jantar na outra noite.

Ele a havia levado a um pequeno e aconchegante restaurante italiano para celebrar seu aniversário. E lhe comprou um colar com um pingente de tartaruga de prata, que ela amou e não tirou mais do pescoço desde então.

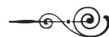
– Como você sabe quando a hora está chegando?

Ele apontou para o chefe do aquário e um dos biólogos.

– Quando o Elliot e o Todd começam a ficar empolgados.

– Nossa, me parece bastante científico.

– E é. Pode acreditar.



– Você se importa se eu me sentar ao seu lado?

Quando Will foi até sua caminhonete para pegar algumas lanternas, o pai dela se aproximou.

– Você não precisa perguntar, papai. É claro que pode.

– Eu não queria incomodá-la. Você parecia meio preocupada.

– Estou só esperando, como todo mundo – disse ela.

Ronnie se afastou e abriu espaço para ele se sentar ao seu lado. A multidão tinha aumentado ainda mais na última meia hora, e ela estava feliz por seu pai poder ficar no lado de dentro da fita de isolamento. Ele parecia bem cansado ultimamente.

– Acredite ou não, desde pequeno nunca vi um ninho eclodir.

– Por que não?

– Simplesmente não era uma coisa que impressionasse tanto como agora. Quero dizer, às vezes eu topava com um ninho e achava bacana, mas nunca pensei muito sobre isso. O mais perto que cheguei de ver uma verdadeira eclosão foi quando passei por um ninho no dia seguinte ao ocorrido. Vi todas as cascas quebradas

em torno dele, mas isso era uma parte da vida por aqui. Em todo caso, aposto que não é o que você esperava, hein? Todas essas pessoas por perto?

– Como assim?

– Você e Will se revezaram para vigiar o ninho todas as noites e mantê-lo seguro. E agora que a parte emocionante está prestes a acontecer, vocês têm que compartilhá-la com todo mundo.

– Não faz mal. Não me importo.

– Nem um pouquinho?

Ela sorriu. Era incrível como o pai aprendera a conhecê-la.

– Como vai a sua música?

– É uma obra em andamento. Provavelmente escrevi uma centena de variações, mas ainda não cheguei lá. Sei que é uma espécie de exercício inútil: se não consegui ainda, provavelmente nunca vai dar certo. Mas isso me dá alguma coisa para fazer.

– Vi o vitral hoje de manhã. Está quase pronto.

O pai dela assentiu.

– Estamos quase lá.

– Eles já sabem quando vão instalá-lo?

– Não. Ainda estão aguardando o dinheiro para o restante da igreja. Não querem montá-lo enquanto o local não estiver sendo usado. O pastor Harris tem medo de que alguns vândalos atirem pedras nele. O incêndio o deixou muito mais cauteloso.

– Acho que eu também ficaria.

Steve esticou as pernas na areia e as puxou de volta, estremecendo o corpo.

– Você está bem, papai?

– Só fiquei de pé muito tempo nos últimos dias. O Jonah quer terminar o vitral antes de voltar para casa.

– Ele se divertiu muito neste verão.

– É mesmo?

– Ele me disse outro dia que não queria voltar para Nova York.

Quer ficar com você.

– Ele é um garoto muito meigo – disse ele, hesitando antes de se virar para a filha. – Acho que a próxima pergunta é se você também se divertiu neste verão.

– Sim, me diverti.

– Por causa do Will?

– Por causa de tudo. Estou feliz por termos passado um tempo juntos.

– Eu também.

– E então? Quando vai ser sua próxima viagem a Nova York?

– Ah, não sei. Vamos deixar acontecer.

Ela sorriu.

– Você anda muito ocupado hoje em dia?

– Não muito. Mas quer saber de uma coisa?

– O quê?

– Acho que você é uma jovem fantástica. Nunca se esqueça do grande orgulho que sinto de você.

– Por que você está falando isso?

– Não sei bem se já tinha dito isso nos últimos tempos.

Ela descansou a cabeça no ombro do pai.

– Você também é legal, papai.

– Opa – disse ele, apontando para o ninho. – Acho que está começando.

Ela se virou para os ovos e se levantou depressa. Como Will previra, Elliot e Todd estavam se movendo ao redor, muito animados, enquanto um silêncio tomava conta da multidão.



Tudo aconteceu como Will descrevera, embora as palavras não fizessem jus ao que ela estava presenciando. Como podia ficar bem perto, ela viu tudo: o primeiro ovo começando a rachar, seguido por

outro e depois outro, todos os ovos parecendo balançar por conta própria até que a primeira tartaruga realmente emergisse, começasse a subir por cima dos outros ovos e saísse do ninho.

Entretanto, o que aconteceu em seguida foi ainda mais surpreendente: primeiro, um pequeno movimento, então, um movimento maior, e depois, era tanta coisa acontecendo que foi impossível para os olhos capturar tudo, pois cinco, dez, depois vinte e, por fim, um número incontável de tartaruguinhas se juntaram em uma atividade frenética.

Como uma colmeia gigante e enlouquecida...

E então as minúsculas tartarugas, de aparência pré-histórica, tentaram escapar do buraco; tentaram subir e escorregaram de volta para baixo, rastejando umas sobre as outras... até que uma finalmente saiu, seguida por uma segunda, uma terceira, todas se movendo ao longo da trincheira de areia em direção à luz que Todd segurava na arrebentação.

Uma a uma, Ronnie as viu rastejando, achando-as tão incrivelmente pequenas que a sobrevivência parecia quase inconcebível. O oceano simplesmente as engoliria, fazendo-as sumir, o que foi exatamente o que aconteceu quando elas chegaram à beira da água e foram jogadas e reviradas pelas ondas, balançando brevemente na superfície antes de desaparecerem de vista.

Ela estava ao lado de Will, apertando a mão dele com força, imensamente feliz por ter passado todas aquelas noites cuidando do ninho e desempenhado um pequeno papel naquele milagre de novas vidas. Era incrível pensar que, depois de semanas de absolutamente nada acontecendo, tudo o que ela estava esperando terminaria em questão de minutos.

Ali, de pé, ao lado do rapaz que tanto amava, ela sabia que jamais compartilharia algo tão mágico com mais ninguém.



Uma hora mais tarde, depois de reviverem a eclosão em detalhes, Ronnie e Will se despediram do pessoal do aquário e todos foram embora. Além da trincheira, todos os sinais do que acontecera haviam desaparecido. Não restavam nem as cascas dos ovos; Todd as havia reunido para estudar sua espessura e testar a possível presença de produtos químicos.

Caminhando lado a lado, Will abraçou Ronnie.

– Espero que tudo tenha sido como você esperava.

– Foi muito melhor. Mas continuo pensando nos bebês-tartaruga.

– Eles vão ficar bem.

– Nem todos.

– Não – admitiu ele. – Nem todos. Quando são jovens, todas as probabilidades estão contra eles.

Os dois deram alguns passos em silêncio.

– Isso me deixa triste.

– É o ciclo da vida, certo?

– Não preciso de filosofia de *O Rei Leão* no momento. – Ela fungou. – Preciso é que você minta para mim.

– Ah, nesse caso... – disse ele, sem dificuldade. – Elas vão conseguir. Todas as 56. Vão crescer, se acasalar e fazer pequenas tartarugas-bebês que passarão da velhice depois de viver muito mais do que a maioria das tartarugas, é claro.

– Você realmente acha?

– É claro – respondeu ele, confiante. – São nossos bebês. São especiais.

Ela ainda ria quando viu o pai sair para a varanda com Jonah.

– Ok, depois de toda essa preparação ridícula – começou Jonah – e de ver tudo do início ao fim, só tenho uma coisa a dizer.

– E o que é? – perguntou Will.

Jonah abriu um enorme sorriso.

– Aquilo. Foi. Muito. Maneiro.

Ronnie achou graça. Diante da expressão perplexa de Will, ela apenas deu de ombros.

– É uma piada interna nossa – explicou e, naquele instante, seu pai tossiu.

Foi uma tosse alta, densa, com um som de... doença... e, como acontecera na igreja, a tosse não parou. Ele tossiu de novo, e de novo, um som forte seguido por outro.

Ela viu quando o pai agarrou o corrimão para manter o equilíbrio; percebeu que Jonah franziu a testa de preocupação e medo, e até Will ficou paralisado.

Ela viu o pai tentando ficar ereto, arqueando as costas, lutando para controlar o acesso de tosse. Ele levou as mãos à boca, tossiu mais uma vez e, quando finalmente conseguiu respirar de novo, ainda que de forma irregular, o som era como se estivesse respirando debaixo da água.

Ele engasgou novamente e baixou as mãos. Pelo que pareceram ser os segundos mais longos de sua vida, Ronnie ficou imóvel, assustada como nunca antes. O rosto do pai estava coberto de sangue.

30



Steve

Ele recebeu sua sentença de morte em fevereiro, sentado em um consultório médico, apenas uma hora depois de dar sua última aula de piano.

Quando voltou para Wrightsville Beach, depois de fracassar como pianista de concerto, Steve reassumira sua condição de professor. Alguns dias depois de sua chegada, sem consultá-lo, o pastor Harris levava uma estudante promissora à sua casa, pedindo que lhe fizesse “um favor”. Era como se o pastor percebesse que, ao voltar para casa, Steve se sentia perdido e sozinho e a única maneira de ajudá-lo era trazer algum propósito à vida daquele homem.

A aluna era Chan Lee. Os pais dela davam aula de música na UNC Wilmington e, aos 17 anos, a garota demonstrava excelente técnica, mas, por algum motivo, não era capaz de dominar a música. Era uma estudante séria e aplicada, e Steve se apegou a ela de imediato; Chan o ouvia com interesse e trabalhava duro para incorporar suas sugestões. Ele ansiava por suas visitas e, como

presente de Natal, deu a ela um livro sobre a construção de pianos clássicos, algo que imaginou que ela fosse apreciar. Entretanto, apesar da alegria de voltar a lecionar, ele se sentia cada vez mais cansado. As aulas drenavam suas forças, em vez de lhe trazer energia. Pela primeira na vida, ele começou a tirar cochilos regulares.

Com o passar do tempo, os cochilos foram ficando mais longos, até duas horas de cada vez, e, quando acordava, muitas vezes sentia dores no estômago. Certa noite, enquanto cozinhava chili para o jantar, ele teve uma dor aguda, dobrou o corpo para a frente e derrubou a panela que estava no fogão, derramando tomate, feijão e carne por toda a cozinha. Ao tentar recuperar o fôlego, percebeu que alguma coisa grave estava acontecendo.

Então, marcou uma consulta com um médico e depois voltou ao hospital para fazer exames e raios X. Durante um dos exames, enquanto observava os tubos de ensaio serem preenchidos com o sangue, ele se lembrou do próprio pai e do câncer que acabara por matá-lo. De repente, teve certeza do que o médico lhe diria.

Na terceira visita ao consultório, Steve descobriu que tinha razão.

– Você tem câncer de estômago – declarou o médico. Ele respirou fundo. – E, pelos exames, já há metástases no pâncreas e nos pulmões. – A voz dele era neutra, mas não rude. Um tom imparcial. – Estou certo de que você tem um monte de perguntas, mas deixe-me começar dizendo que a situação não é muito boa.

O oncologista era solidário, mas estava revelando a Steve que não havia nada que pudesse fazer. Steve sabia disso, assim como tinha noção de que o médico gostaria que ele fizesse perguntas específicas, na esperança de que uma conversa, de alguma maneira, pudesse tornar as coisas mais fáceis.

Quando seu pai estava morrendo, Steve tinha feito uma pesquisa. Ele sabia o que significava quando o câncer apresentava

metástases, sabia o que significava ter câncer não só no estômago, mas também no pâncreas. Sabia que as chances de sobreviver eram quase nulas e, em vez de fazer perguntas, ele se virou para a janela. Na beirada, um pombo se acomodara junto ao vidro, alheio ao que estava acontecendo do lado de dentro. *Disseram-me que estou morrendo*, pensou, enquanto olhava para a ave, *e o médico quer que eu fale a respeito. Mas não há nada a dizer, certo?*

Ele esperou o pássaro piar demonstrando sua concordância, mas, é claro, não recebeu resposta alguma.

Estou morrendo, pensou ele mais uma vez.

Steve apertou as mãos uma na outra, espantado por não estarem trêmulas. Se alguma vez elas tivessem que tremer, pensou, seria em um momento como aquele. Mas elas continuavam firmes e estáveis como rochas.

– Quanto tempo eu tenho?

O médico pareceu aliviado pelo silêncio ter sido finalmente quebrado.

– Antes de começarmos a entrar nisso, quero conversar com você sobre algumas de suas opções.

– Não há opções – comentou Steve. – Você e eu sabemos disso. Se o médico ficou surpreso com sua resposta, não demonstrou.

– Sempre há opções – respondeu ele.

– Mas nenhuma que possa me curar. Você está falando de qualidade de vida.

O médico colocou a prancheta de lado.

– Sim.

– Como podemos discutir qualidade se nem sei quanto tempo me resta? Se eu tiver apenas alguns dias, pode significar que preciso começar a fazer alguns telefonemas.

– Você tem mais do que alguns dias.

– Semanas?

– Sim, é claro que...

– Meses?

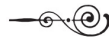
O médico hesitou. Devia ter visto algo no rosto de Steve sinalizando que continuaria a pressionar até saber a verdade. Ele pigarreou.

– Faço isso há anos e aprendi que previsões não significam muita coisa. Há inúmeros fatores que estão fora do domínio do conhecimento médico. Muito do que acontecerá em seguida vai depender de você e da sua genética específica, da sua atitude. Não, não há nada que possamos fazer para impedir o inevitável, mas a questão não é essa. A questão é que você deve tentar aproveitar ao máximo o tempo que lhe resta.

Steve observou o médico, ciente de que sua pergunta não tinha sido respondida.

– Tenho um ano?

Dessa vez, o médico não respondeu, mas seu silêncio o traiu. Ao sair do consultório, Steve respirou fundo, armado com o conhecimento de que tinha menos de doze meses de vida.



A realidade o atingiu mais tarde, quando estava na praia.

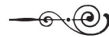
Ele tinha câncer em estado avançado, e não havia nenhuma cura conhecida. Estaria morto naquele mesmo ano.

Na saída do consultório, o médico lhe passara algumas informações. Pequenos panfletos e uma lista de sites, úteis se quisesse escrever uma redação sobre um livro, mas sem qualquer serventia para o caso dele. Steve os jogou no lixo no caminho para o carro. Parado sob o sol de inverno na praia deserta, enfiou as mãos no casaco e ficou admirando o cais. Embora sua visão já não fosse a mesma, observou as pessoas se movimentando de um lado para outro, pescando na amurada, e se maravilhou com sua

normalidade. Era como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

Ele ia morrer, e não demoraria muito. Com isso, percebeu que muitas das coisas com as quais passara tanto tempo se preocupando não importavam mais. Seu plano de aposentadoria? *Não vou precisar.* Uma maneira de ganhar a vida depois dos cinquenta? *Não faz diferença.* Seu desejo de conhecer uma nova pessoa e se apaixonar? *Não será justo com ela, e, para ser franco, esse desejo terminou com o diagnóstico, de qualquer maneira.*

Acabou, ele repetiu para si mesmo. Em menos de um ano, estaria morto. Sim, ele sabia que algo estava errado, e até já esperava receber aquela notícia, mas a lembrança do médico falando as palavras de verdade começou a voltar à sua mente, como um disco de vinil antigo rodando em uma vitrola. Na praia, começou a tremer. Estava assustado, estava sozinho. Com a cabeça baixa, colocou as mãos no rosto e se perguntou por que tinha acontecido com ele.



No dia seguinte, Steve ligou para Chan e avisou que não poderia mais dar aulas de piano. Em seguida, procurou o pastor Harris para lhe dar a notícia. Naquela época, o pastor ainda se recuperava das lesões sofridas no incêndio e, embora soubesse que era uma atitude egoísta sobrecarregar um amigo durante sua convalescença, Steve não conseguiu pensar em mais ninguém com quem falar. Os dois estavam na varanda dos fundos quando Steve explicou seu diagnóstico. Ele tentou conter a emoção, mas não conseguiu e, no fim, os dois choraram juntos.

Mais tarde, Steve caminhou pela praia, perguntando-se o que fazer com o pouco tempo que ainda lhe restava. O que, ele quis saber, era mais importante? Passando pela igreja – naquele

momento, os reparos ainda não haviam sido iniciados, mas as paredes enegrecidas tinham sido demolidas e arrastadas para longe —, ele olhou para o buraco que outrora abrigava o vitral, pensando no pastor Harris e nas inúmeras manhãs que o amigo passara à luz do halo formado pela luz solar que brilhava através do mosaico de vidro. Foi então que ele entendeu que tinha que fazer outro.

No dia seguinte, ligou para Kim. Quando lhe contou, ela chorou ao telefone, sem conseguir se controlar. Steve sentiu um nó na garganta, mas não chorou com ela, e, de alguma forma, soube que jamais voltaria a chorar por causa de seu diagnóstico.

Mais tarde, entrou em contato com ela mais uma vez para perguntar se as crianças poderiam passar o verão com ele. Embora a ideia a amedrontasse, ela concordou. A pedido dele, ela concordou em não contar aos filhos sobre a condição do pai deles. Seria um verão cheio de mentiras, mas que escolha ele tinha se quisesse conhecê-los novamente?

Na primavera, quando as azaleias estavam florescendo, ele começou a meditar com mais frequência sobre a natureza de Deus. Imaginou que era inevitável pensar sobre essas coisas em um momento assim. Ou Deus existia, ou não; ele passaria a eternidade no céu, ou não haveria nada. De alguma forma, encontrou conforto em trazer essa questão às suas reflexões; ela mexia com algo profundo em seu interior. Finalmente, chegou à conclusão de que Deus era real, mas também queria experimentar Sua presença neste mundo, em termos mortais. E, com isso, começou sua busca.

Era o último ano de sua vida. A chuva caía quase diariamente, resultando em uma das primaveras mais chuvosas dos últimos tempos. Entretanto, maio foi um mês absolutamente seco, como se, em algum lugar, a torneira tivesse sido fechada. Ele comprou o vidro de que precisaria e se pôs a trabalhar no vitral; em junho, os filhos chegaram. Steve caminhou na praia e procurou por Deus e, em algum momento, acabou percebendo que tinha sido capaz de

remendar os laços desgastados que o unia a seus filhos. Agora, em uma noite escura em agosto, os filhotes de tartaruga estavam nadando na superfície do oceano, e ele estava tossindo sangue. Era hora de parar de mentir; era hora de contar a verdade.

Seus filhos estavam assustados, e ele sabia que queriam que dissesse ou fizesse algo para afastar aquele medo. Mas seu estômago estava sendo perfurado por mil agulhas retorcidas. Ele limpou o sangue do rosto usando a parte de trás da mão e tentou demonstrar calma.

– Acho que preciso ir para o hospital.

*Ronnie*

O pai de Ronnie estava em uma cama de hospital, recebendo medicamentos por via intravenosa, quando contou a ela. A garota imediatamente balançou a cabeça. Não era verdade. Não podia ser.

– Não – disse ela. – Isso não pode estar acontecendo. Médicos cometem erros.

– Não desta vez – respondeu ele, pegando na mão da filha. – E sinto muito por vocês terem descoberto assim.

Will e Jonah estavam lá embaixo, na cafeteria. Steve desejava falar com cada filho separadamente, mas Ronnie não queria ter nada a ver com aquilo. Não queria que ele dissesse mais nada, nem mais uma palavra.

Em sua mente, surgiram dezenas de imagens diferentes: de repente, ela entendeu por que seu pai quis que ela e Jonah fossem para a Carolina do Norte. E percebeu que a mãe sabia da verdade. Com tão pouco tempo juntos, ele não tinha nenhum desejo de discutir com ela. E seu trabalho incessante no vitral agora fazia todo sentido. Ela se lembrou de seu acesso de tosse na igreja e dos

momentos em que ele estremeceu de dor. Pensando bem, as peças se encaixavam, mas tudo estava desmoronando.

Ele nunca a veria casada; nunca seguraria um neto no colo. A ideia de passar o resto da vida sem ele era dolorosa demais para Ronnie suportar. Não era justo. Nada daquilo era justo.

Quando ela falou, suas palavras soaram frágeis.

– Quando você pretendia me contar?

– Não sei.

– Antes de eu ir embora? Ou quando eu já estivesse em Nova York?

Ela sentiu o sangue esquentando seu rosto ao ver que o pai não respondeu. Sabia que não deveria estar zangada, mas não conseguia evitar.

– O quê? Você estava pensando em me contar por telefone? O que você ia dizer? “Ah, me desculpe não ter mencionado isso quando estávamos juntos no verão, mas tenho câncer terminal. E como estão as coisas por aí?”

– Ronnie...

– Se você não ia me dizer, por que me trouxe aqui? Para que eu pudesse *assistir* à sua morte?

– Não, querida. Exatamente o contrário. – Ele virou a cabeça para ficar de frente para ela. – Pedi que você viesse para que eu pudesse assistir à sua vida.

Diante daquela resposta, Ronnie sentiu algo tremer dentro de si, como os primeiros seixos que deslizavam antes de uma avalanche. No corredor, ela ouviu duas enfermeiras passando, falando baixinho. As luzes fluorescentes zumbiam acima de sua cabeça, lançando um manto azulado sobre as paredes. A medicação pingava de maneira ritmada – cenas normais de qualquer hospital, embora não houvesse nada de normal em tudo aquilo. Ela sentiu um incômodo na garganta e se afastou, desejando conter as lágrimas.

– Sinto muito, querida – prosseguiu ele. – Eu sei que deveria ter

lhe contado, mas eu desejava ter um verão normal, queria que você tivesse um verão normal. Eu só queria conhecer a minha filha de novo. Você pode me perdoar?

Aquele apelo abriu uma fenda em sua alma e ela soltou um grito involuntário. Seu pai estava morrendo, e ele queria seu perdão. Havia algo muito triste naquilo, ela não sabia como reagir. Enquanto Steve esperava, Ronnie pegou sua mão.

– É claro que eu o perdoo – declarou ela, e foi então que começou a chorar.

Inclinou-se para ele, descansando a cabeça em seu peito, percebendo o quanto ele emagrecera sem que ela se desse conta. Podia sentir o contorno pontiagudo dos ossos em seu peito e, de repente, constatou que ele vinha se exaurindo há meses. Partiu seu coração perceber que ela não havia prestado atenção; estivera tão envolvida com a própria vida que sequer havia notado.

Quando o pai colocou o braço ao redor do seu ombro, ela começou a chorar ainda mais, ciente de que, em pouco tempo, haveria um momento em que aquele simples ato de afeto não seria mais possível. Sem conseguir se controlar, ela se lembrou de si mesma no dia em que chegara à casa dele, da raiva que sentia dele; lembrou-se de ter saído enfurecida e de tê-lo atacado, a simples ideia de tocá-lo lhe parecendo algo mais irreal do que uma viagem pelo espaço. Ela o odiara naquele instante e o amava agora.

Ela estava feliz por finalmente conhecer o segredo dele, mesmo desejando o contrário. Sentiu-o passar os dedos por seu cabelo. Viria um momento em que ele não seria mais capaz de fazer isso, quando não estaria mais por perto, e ela fechou os olhos com força, tentando refrear o futuro. Precisava de mais tempo com ele. Precisava que ele a ouvisse quando ela chorasse; precisava dele para perdoá-la quando ela cometesse erros. Precisava que ele a amasse como ele a amara naquele verão. Precisava de tudo isso para sempre, e sabia que não teria.

Ela permitiu que o pai a abraçasse e chorou como a criança que deixara de ser.



Mais tarde, ele respondeu às suas perguntas. Contou a ela sobre o próprio pai e a história do câncer na família, falou sobre as dores que começara a sentir às vésperas do Ano-Novo. Explicou que a radioterapia não era uma opção, pois a doença já se espalhara para outros órgãos. Enquanto ouvia aquelas palavras, Ronnie imaginava as células malignas movendo-se de um ponto do corpo dele para o próximo, um exército maligno que só deixava rastros de destruição. Perguntou sobre quimioterapia e recebeu a mesma resposta. O câncer era agressivo e, embora esse tipo de tratamento pudesse retardar a doença, não conseguiria detê-la e o deixaria mais combalido do que se não fizesse nada. Ele lhe explicou o conceito de qualidade de vida e ela o odiou por não ter revelado antes. No entanto, sabia que ele tomara a decisão certa. Se ela soubesse desde o começo, o verão teria se desdobrado de forma diferente. O relacionamento entre eles teria tomado outro rumo, e ela não queria nem pensar em qual teria sido o resultado.

Steve estava pálido, e ela percebeu que a morfina o estava deixando sonolento.

– Ainda está sentindo dor? – perguntou ela.

– Não como antes – disse ele.

Ela aquiesceu. Tentou novamente não pensar nas células malignas invadindo os órgãos do pai.

– Quando você contou à mamãe?

– Em fevereiro, logo depois que descobri. Mas pedi a ela que não contasse a vocês.

Ela tentou se lembrar de como a mãe tinha agido naquela época. Ela devia estar muito triste, mas, ou Ronnie não conseguia se

lembrar, ou não prestara atenção. Como de costume, só estava pensando em si mesma. Queria acreditar que se tornara uma pessoa diferente, mas sabia que isso não era totalmente verdade. Trabalhando e se divertindo com Will, ela acabara não passando tanto tempo com o pai, e o tempo era a única coisa que ela jamais poderia recuperar.

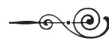
– Se você tivesse me contado, eu teria ficado mais com você. Poderíamos ter nos visto mais, eu poderia ter ajudado você para que não se sentisse tão cansado o tempo todo.

– Só de saber que você estava aqui foi mais do que suficiente para mim.

– Mas talvez você não tivesse vindo parar no hospital.

Ele pegou a mão de Ronnie.

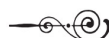
– Ou talvez o fato de ver você desfrutar um verão sem preocupações, enquanto se apaixonava, tenha sido a razão pela qual consegui me manter fora do hospital, em primeiro lugar.



Embora ele não tivesse deixado claro, ela sabia que o pai não esperava viver muito mais tempo e tentou imaginar a vida sem ele.

Se não tivesse vindo passar uns meses em sua companhia, se não tivesse dado a ele uma chance, poderia ter sido mais fácil deixá-lo partir. Mas ela o fizera e, agora, nada do que estava acontecendo seria fácil. No estranho silêncio que se seguiu, ela ouviu a respiração difícil do pai e percebeu de novo todo o peso ele havia perdido. Ela se perguntou se ele viveria até o Natal, ou pelo menos tempo suficiente para ela lhe fazer outra visita.

Ela estava sozinha, seu pai estava morrendo, e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir isso.



– O que vai acontecer? – indagou Ronnie.

Ele não dormira muito tempo, talvez dez minutos, antes de se virar para ela.

– Não tenho certeza do que você quer dizer.

– Você vai ter que ficar no hospital?

Essa era a pergunta que ela mais temia fazer. Enquanto ele cochilava, ela segurava sua mão, imaginando que ele jamais deixaria aquele lugar. Que passaria o resto da vida naquele quarto com cheiro de desinfetante, cercado por enfermeiras que não eram mais do que meros estranhos.

– Não – disse ele. – Provavelmente estarei em casa em poucos dias. – Ele sorriu. – Pelo menos, é o que eu espero.

Ela apertou a mão de Steve.

– E depois? Quando eu e o Jonah formos embora?

Ele refletiu.

– Suponho que gostaria de ver o vitral pronto. E terminar a música que comecei. Ainda acho que tem alguma coisa... especial ali.

Ela aproximou sua cadeira da cama.

– Mas quem vai cuidar de você?

Ele não respondeu de imediato, mas tentou se sentar na cama.

– Vou ficar bem. E, se eu precisar de alguma coisa, posso chamar o pastor Harris. Ele mora a dois quarteirões da minha casa.

Ronnie tentou imaginar o pastor Harris, com suas mãos queimadas e sua bengala, tentando ajudar o pai dela, caso ele precisasse de apoio para entrar no carro. Ele pareceu ler seus pensamentos.

– Já disse que vou ficar bem – murmurou ele. – Eu sabia que isso estava por vir e, se as coisas piorarem, há uma casa de repouso associada ao hospital.

Ela também não queria imaginá-lo lá.

– Uma casa de repouso?

- Não é tão ruim quanto você pensa. Já estive lá.
- Quando?
- Algumas semanas atrás. E voltei na semana passada. Eles estarão prontos para me receber quando eu precisar.

Mais uma coisa que ela não sabia, mais um segredo revelado. Mais uma verdade pressagiando o inevitável. Seu estômago se revirou e ela se sentiu mal.

- Mas você prefere estar em casa, não é?
- Eu vou estar.
- Até quando não puder mais?

A expressão no rosto dele era triste demais para suportar.

- Até quando eu não puder mais.



Ela saiu do quarto do pai e foi para a lanchonete. Era hora, dissera Steve, de ele conversar com Jonah.

Ela percorria os corredores, atordoada. Era quase meia-noite, mas a sala de emergência estava agitada como sempre. Passou por quartos, a maioria deles com portas abertas, e viu crianças chorando, acompanhadas por pais ansiosos, e uma mulher que não conseguia parar de vomitar. A equipe de enfermagem andava com pressa de um lado para outro do posto, pegando ou deixando carrinhos com material hospitalar. Ela ficou bastante espantada ao ver tantas pessoas doentes àquela hora da noite, mas sabia que a maioria voltaria para casa no dia seguinte, sem maiores complicações. Seu pai, por outro lado, esperava para ser transferido para um quarto no andar de cima; faltava apenas que toda a papelada fosse preenchida.

Ela abriu caminho pela sala de espera lotada, indo em direção a uma porta que levava à área principal do saguão e da cafeteria. Quando a porta balançou e se fechou atrás dela, o nível de ruído

diminuiu. Ela ouvia o som dos próprios passos, quase ouvia os próprios pensamentos e, enquanto seguia, sentiu-se acometida por ondas de exaustão e enjoo. Ali era o lugar aonde as pessoas doentes iam; era o lugar aonde as pessoas iam para morrer, e ela sabia que o pai veria aquele lugar novamente.

Ao chegar à lanchonete, Ronnie mal conseguia engolir. Esfregou os olhos doloridos e inchados, prometendo a si mesma que manteria o controle. A cozinha do estabelecimento estava fechada àquela hora, mas havia máquinas de guloseimas na parede mais adiante, no canto, onde duas enfermeiras estavam sentadas, tomando café. Jonah e Will estavam sentados à uma mesa perto da porta e o rapaz olhou quando ela se aproximou. Na mesa, uma garrafa de água pela metade, leite e um pacote de biscoitos para Jonah. O irmão se virou e olhou para ela.

– Você demorou muito – reclamou ele. – O que está acontecendo? O papai está bem?

– Ele está um pouco melhor, mas quer falar com você.

– Sobre o quê? – perguntou ele, largando o biscoito. – Não fiz nada de errado, fiz?

– Não, nada disso. Ele quer lhe contar o que está acontecendo.

– Por que você não pode me contar?

Ele parecia ansioso, e Ronnie sentiu seu coração se contrair de medo.

– Porque ele quer falar com você a sós. Como fez comigo. Vou levá-lo até lá e esperar do lado de fora, ok?

Ele se levantou e se dirigiu para a porta.

– Beleza – disse ele ao passar por Ronnie, que, de repente, teve vontade de fugir. Mas precisava ficar com o irmão.

Will continuou sentado, sem se mexer, os olhos fixos em Ronnie.

– Só me dê um segundo, ok? – disse ela a Jonah.

Will se levantou, olhando assustado para Ronnie. *Ele sabe, pensou ela. De alguma maneira, ele já sabe.*

– Você pode esperar a gente? – perguntou ela. – Eu sei que você provavelmente...

– É claro que vou esperar – respondeu ele, calmamente. – Vou ficar aqui o tempo que você precisar de mim.

Uma sensação de alívio percorreu o corpo de Ronnie, que olhou com gratidão para o namorado e, em seguida, foi atrás de Jonah. Eles empurraram a porta e se dirigiram para o corredor vazio, em direção à agitação da sala de emergência.



Ninguém próximo a ela havia morrido. Embora os pais de seu pai já tivessem partido e ela se lembrasse de estar presente nos dois enterros, não os conhecera muito bem. Não eram o tipo de avós que faziam visitas. De certa forma, era como se fossem estranhos e ela não se lembrava de ter sentido saudades deles, mesmo depois de terem falecido.

O mais perto de uma perda que já lhe acontecera foi quando Amy Childress, sua professora de história do oitavo ano, morreu em um acidente de trânsito no verão, depois que Ronnie havia deixado de ser sua aluna. Ela soube da notícia primeiro por Kayla, e se sentiu mais chocada do que triste, pois Amy era muito nova. A Srta. Childress tinha pouco mais de 20 anos e dava aula havia pouco tempo, e Ronnie lembrou-se de como aquilo tinha sido surreal. Ela sempre fora muito simpática; uma das poucas professoras que ria em voz alta em sala de aula. Quando voltou para a escola no outono, Ronnie não sabia o que esperar. Como as pessoas reagiram a algo assim? O que os outros professores pensaram? Caminhou pelos corredores naquele dia procurando sinais de qualquer coisa diferente, mas, além de uma pequena placa que fora montada na parede perto da sala do diretor, não viu nada fora do comum. Os professores deram suas aulas e conversaram

normalmente; ela viu a Sra. Taylor e o Sr. Burns – dois dos professores com quem a Srta. Childress costumava almoçar – dando risadas enquanto andavam pelos corredores.

Ela lembrou que aquele fato a deixara incomodada. O acidente tinha ocorrido durante as férias de verão e as pessoas já haviam chorado, mas, quando ela passou pela sala de aula da Srta. Childress e viu que ela estava sendo usada para as aulas de ciências, percebeu que a raiva não era só porque sua professora tinha morrido, mas porque sua memória tinha sido apagada de maneira tão implacável em tão pouco tempo.

Ela não queria que isso acontecesse com seu pai. Não queria que ele fosse esquecido em questão de semanas – ele era um bom homem, um bom pai, e merecia mais do que isso.

Imersa nesses pensamentos, ela se deu conta de outra coisa: que não conhecera de verdade o próprio pai quando ele era saudável. A última vez que passara algum tempo com ele foi quando estava começando o ensino médio. Agora, ela era tecnicamente adulta, tinha idade para votar ou se alistar no Exército e, durante o verão, ele havia guardado aquele segredo. Quem ele teria sido se não soubesse o que estava acontecendo com sua saúde? Quem ele realmente era?

Ronnie não tinha nada que lhe desse uma base para julgá-lo, além de lembranças dele como seu professor de piano. Sabia pouco sobre ele. Não sabia de quais escritores ele gostava, qual era o seu animal preferido e, se pressionada, não tinha nem como adivinhar qual era a sua cor favorita. Ela sabia que essas questões não eram realmente importantes, mas, por alguma razão, ficou perturbada diante do fato de que provavelmente nunca saberia as respostas.

Atrás da porta, ela ouviu os sons de Jonah chorando e percebeu que ele já sabia a verdade. Escutou frenéticas negações do menino e as respostas que o pai murmurava. Apoiou-se na parede, sofrendo pela própria dor e pela dor de Jonah.

Ronnie queria poder fazer algo para que aquele pesadelo acabasse. Queria voltar os ponteiros do relógio para o momento em que os ovos das tartarugas haviam eclodido, quando tudo estava certo no mundo. Queria ficar ao lado do rapaz que amava, com sua família feliz. De repente, lembrou-se da expressão radiante de Megan ao dançar com o pai no casamento e sentiu uma dor penetrante ao pensar que ela e Steve jamais compartilhariam um momento tão especial.

Fechou os olhos e colocou as mãos sobre os ouvidos, tentando bloquear o som do choro de Jonah. Ele parecia tão indefeso, tão novo... tão assustado. Não tinha como compreender o que estava acontecendo, não haveria como ele se recuperar por completo algum dia. Ronnie sabia que ele nunca se esqueceria daquele dia terrível.

– Posso lhe oferecer um copo d'água?

Ela mal ouviu as palavras, mas sabia que eram dirigidas a ela. Com os olhos marejados, Ronnie viu o pastor Harris parado diante dela.

Ela não conseguiu responder, mas foi capaz de balançar a cabeça. A expressão do pastor era amável, mas sua angústia era visível pela maneira como seus ombros estavam caídos, pelo jeito como agarrava a bengala.

– Sinto muito – disse ele. Sua voz parecia cansada. – Não posso nem imaginar o quanto isso é difícil para você. Seu pai é um homem especial.

Ela assentiu.

– Como soube que ele estava aqui? Ele o chamou?

– Não. Uma das enfermeiras me ligou. Venho aqui duas ou três vezes por semana. Quando você veio com ele para cá, imaginaram que eu iria querer saber. Elas sabem que eu o considero um filho.

– O senhor vai conversar com ele?

O pastor Harris olhou para a porta fechada.

– Só se ele quiser me ver. – Por sua expressão de dor, ela teve certeza de que ele estava ouvindo os gritos de Jonah. – E, depois de falar com vocês dois, tenho certeza de que vai querer. Você não tem ideia do quanto ele temia este momento.

– Já conversaram sobre isso?

– Muitas vezes. Ele ama vocês dois mais do que a própria vida, e não queria magoá-los. Ele sabia que esse momento chegaria, mas tenho certeza de que não queria que vocês descobrissem dessa forma.

– Não importa. Isso não muda nada.

– Mas tudo mudou – retrucou o pastor Harris.

– Porque eu sei?

– Não. Por causa do tempo que vocês passaram juntos. Antes da chegada de vocês dois, ele estava muito nervoso. Não por estar doente, mas porque desejava passar um tempo com vocês e queria que tudo corresse bem. Acho que você já percebeu o quanto ele sentia falta dos filhos, o quanto ele realmente ama você e Jonah. Ele estava literalmente contando os dias. Quando eu o via, ele dizia “dezenove dias “ ou “doze dias”. E na véspera? Ele passou horas limpando a casa e colocando lençóis novos nas camas. Sei que o lugar não é muito bom, mas você entenderia se o tivesse visto antes. Ele queria que vocês dois tivessem um verão memorável, queria fazer parte dele. Como todos os pais, ele quer que vocês sejam felizes. Ele quer ter certeza de que vão ficar bem. De que vão tomar boas decisões. Era disso que ele precisava neste verão e foi isso o que vocês lhe ofereceram.

Ela olhou para ele de soslaio.

– Mas nem sempre tomei boas decisões.

O pastor Harris sorriu.

– O que só mostra que você é um ser humano. Ele nunca esperou perfeição. Mas eu sei como ele se orgulha da jovem mulher que você se tornou. Ele me disse isso há poucos dias, e você devia

ter visto o seu pai quando ele falou a seu respeito. Estava tão... orgulhoso, tão feliz, e, naquela noite, agradei a Deus por isso durante a minha reza. Porque seu pai realmente lutou quando se mudou para cá. Eu não tinha certeza se ele voltaria a ser feliz. E, apesar de tudo o que aconteceu, agora sei que ele é.

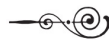
Ela sentiu um nó na garganta.

– O que devo fazer?

– Não sei bem se existe algo que você possa fazer.

– Mas estou com medo. E meu pai...

– Eu sei – disse ele. – E, embora vocês dois o tenham feito muito feliz, sei que o Steve também está assustado.



Naquela noite, Ronnie ficou na varanda dos fundos. As ondas vinham e voltavam, com a estabilidade e o ritmo de sempre, e as estrelas piscavam com uma intensidade perfurante, mas tudo ao seu redor parecia diferente. Will estava conversando com Jonah no quarto, então havia três pessoas ali, como de costume, mas a casa parecia vazia.

O pastor Harris ainda estava com seu pai. O sacerdote disse a ela que planejava passar a noite lá, para que a garota pudesse levar Jonah de volta para casa, mas ela se sentia culpada assim mesmo por deixar o pai no hospital. No dia seguinte, ele seria submetido a exames durante o dia e teria outra conversa com seu médico. Entre esses compromissos, Steve ficaria cansado, e ela sabia que ele precisaria repousar. Mas desejava estar lá, ao seu lado, mesmo se estivesse dormindo, porque sabia que chegaria uma hora em que não poderia mais fazer isso.

Ronnie ouviu a porta ranger e se abrir; Will a fechou suavemente. Quando se aproximou da namorada, ela continuou a olhar para a areia da praia.

– Finalmente, o Jonah adormeceu – disse ele. – Mas acho que ele ainda não entendeu o que está acontecendo. Ele me disse que tem certeza de que o médico vai fazer seu pai melhorar e ficou me perguntando quando ele voltaria para casa.

Ela se lembrou de seus gritos no quarto do hospital e tudo o que pôde fazer foi aquiescer. Will a envolveu em seus braços.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Como você acha que estou? Acabei de descobrir que meu pai está morrendo e provavelmente não vai viver para ver o próximo Natal.

– Eu sei – respondeu ele, com delicadeza. – E sinto muito. Sei o quanto isso é difícil. – Ela sentiu as mãos dele em sua cintura. – Vou ficar aqui esta noite, então, se algo acontecer e você tiver que ir, alguém vai poder ficar com o Jonah. Posso ficar por aqui o tempo que você precisar. Sei que devo ir embora daqui a dois dias, mas posso ligar para o escritório do reitor e explicar o que está acontecendo. As aulas só começam na semana que vem.

– Você não tem como consertar isso. – Embora pudesse ouvir a aspereza no próprio tom de voz, Ronnie não conseguiu evitá-la. – Você não entende?

– Não estou tentando consertar...

– Está, sim! Mas não pode! – Seu coração de repente parecia a ponto de explodir. – E você não pode entender o que estou passando!

– Também já perdi alguém – ele a lembrou.

– Não é a mesma coisa! – Ela apertou o nariz, tentando sufocar as lágrimas. – Eu era muito cruel com ele. Parei de tocar piano! Eu jogava a culpa nele por tudo, e não lhe dirigi mais do que algumas palavras nos últimos três anos! Três anos! E não posso ter esse tempo de volta. Talvez, se eu não tivesse ficado tão chateada, ele não tivesse ficado doente. Talvez eu tenha causado essa carga a

mais de estresse... e seja culpada por tudo isso. Talvez tenha sido eu!

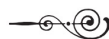
Ela se afastou de Will.

– Não é culpa sua.

Will tentou abraçá-la novamente, mas aquilo era a última coisa que ela queria. Ronnie tentou se afastar dele e bateu no peito do namorado quando ele resistiu a soltá-la.

– Deixe-me ir! Posso lidar com isso sozinha!

Mas ele não a soltou. Quando percebeu que ele não deixaria que se afastasse, Ronnie finalmente se jogou em seus braços. E, por muito tempo, deixou-se abraçar enquanto chorava.



Ronnie estava em seu quarto escuro, ouvindo o som da respiração de Jonah. Will estava dormindo no sofá na sala. Ela sabia que deveria tentar descansar, mas ficava esperando o telefone tocar. Imaginava o pior: que o pai voltara a tossir, que perdera mais sangue, que não havia mais nada que pudesse ser feito...

Ao lado dela, na mesa de cabeceira, estava a Bíblia de Steve. Mais cedo, ela tinha dado uma olhada no livro, sem saber o que encontraria. Teria ele sublinhado passagens ou dobrado algumas páginas para marcá-las? Enquanto o folheava, encontrou poucos traços do pai, e percebeu o desgaste das páginas, o que sugeria uma profunda familiaridade com quase todos os capítulos. Desejou que ele tivesse feito alguma coisa para deixar suas impressões ali, algo que deixasse pistas sobre ele mesmo, mas não havia nada, nem mesmo para sugerir que ele havia considerado alguma passagem especial.

Ronnie jamais lera a Bíblia, mas teve a certeza de que leria aquela, procurando por algum significado que o pai tivesse encontrado naquelas páginas. Ela se perguntou se aquela Bíblia

teria sido um presente do pastor Harris, ou se ele mesmo a comprara, e fazia quanto tempo estava com o livro. Havia tanta coisa que ela não sabia sobre o pai, e agora ela se perguntava por que nunca se preocupara em lhe perguntar.

Então, decidiu que o faria. Se em breve tudo o que restaria seriam as lembranças, ela coletaria o máximo de memórias que pudesse e, quando se viu rezando pela primeira vez em anos, implorou a Deus que lhe desse tempo suficiente para tornar isso possível.

*Will*

Will não dormiu bem. Passou a noite toda ouvindo Ronnie se revirando na cama e andando pelo quarto. Reconheceu o choque pelo qual estava passando; lembrou-se da apatia e da culpa, da descrença e da raiva, após a morte de Mikey. Os anos tinham atenuado a intensidade daquela emoção, mas conseguia se lembrar do conflito entre o desejo de ter companhia e a necessidade de ficar sozinho.

Sentiu uma enorme tristeza por Ronnie e por Jonah, que era muito novo para entender tudo aquilo. E até por si mesmo. Durante o verão, Steve fora incrivelmente gentil com ele, já que passavam muito mais tempo na casa de Ronnie do que na sua. Ele gostava da tranquilidade com que o pai dela preparava as refeições na cozinha e a familiaridade confortável que compartilhava com Jonah. Ele os vira muitas vezes juntos na praia, soltando pipa, brincando perto das ondas ou trabalhando no vitral em silenciosa concentração. Enquanto a maioria dos pais gostava de se ver como o tipo de homem que dedicava tempo aos filhos, para Will esse desejo era

verdadeiro em Steve. No curto período em que conviveram, nunca tinha visto aquele homem ficar zangado, nunca o ouvira levantar a voz. Imaginou que poderia ter algo a ver com o fato de ele saber que estava morrendo, mas não achava que isso explicasse tudo. O pai de Ronnie era apenas... um homem bom, em paz consigo mesmo e com os outros; amava os filhos e acreditava que eram espertos o suficiente para tomarem as decisões certas.

Deitado no sofá, refletiu que gostaria de ser um pai assim algum dia. Ainda que amasse o próprio pai, ele não tinha sido sempre o homem descontraído que Ronnie conhecera. Houve muitos períodos na vida de Will durante os quais mal se lembrava de ver o pai, que estava sempre trabalhando para construir sua empresa. Além disso, a instabilidade ocasional da mãe e a morte de Mikey, que mergulhou a família inteira na depressão por uns anos, fizeram com que, em alguns momentos, ele desejasse ter nascido em um lar diferente. Will sabia que tinha sorte, e era verdade que as coisas andavam bem melhores ultimamente, mas sua infância não fora apenas cheia de festas e alegria.

Mas Steve era um tipo completamente distinto de pai.

Ronnie tinha dito a ele que o pai se sentava com ela por horas quando ela estava aprendendo a tocar piano, mas, durante todo o tempo que passara naquela casa, Will nunca ouvira Steve contar sobre isso. Ele nem sequer tocava nesse assunto e, embora achasse estranho no início, Will começou a perceber que era uma poderosa maneira de demonstrar seu amor por Ronnie. Ela não queria falar sobre o assunto, então ele não falava, mesmo que tivesse sido uma parte importante de sua vida juntos. Ele até mesmo colocara tábuas no recanto onde ficava o instrumento porque ela não queria se lembrar dele.

Que tipo de pessoa faria isso?

Somente Steve, um homem que Will tinha aprendido a admirar, o tipo de homem que ele esperava ser quando ficasse mais velho.



Ele foi despertado pela luz do sol da manhã, que entrava pelas janelas da sala, e se espreguiçou antes de se levantar. Espiando no corredor, viu que a porta do quarto de Ronnie estava aberta e percebeu que ela já estava acordada. Ele a encontrou na varanda, no mesmo lugar da noite anterior. Ela não se virou.

– Bom dia – disse ele.

Os ombros dela caíram quando ela se virou para Will.

– Bom dia – respondeu ela, oferecendo o mais breve dos sorrisos. Ela abriu os braços e ele ficou satisfeito por poder abraçá-la.

– Sinto muito pela noite passada – declarou Ronnie.

– Não há razão para se desculpar. – Ele acariciou o cabelo dela.

– Você não fez nada errado.

– Hum – disse ela. – Mas obrigada de qualquer maneira.

– Não ouvi você se levantar.

– Já estou acordada há um tempo. – Ela suspirou. – Liguei para o hospital e falei com meu pai. Embora ele não tivesse dito nada, pude perceber que ainda estava com muita dor. Ele acha que ainda vão mantê-lo lá por uns dois dias depois que os exames forem feitos.

Em quase qualquer outra situação, ele teria assegurado a ela que tudo ficaria bem, que tudo daria certo, mas, nesse caso, ambos sabiam que as palavras não significariam nada. Em vez disso, ele inclinou o corpo para a frente e descansou a testa contra a dela.

– Conseguiu dormir? Eu a ouvi vagando por aí ontem à noite.

– Na verdade, não. Depois de um tempo, fui me deitar com o Jonah, mas minha mente não desligava. Não só por causa do que está acontecendo com meu pai. – Ela fez uma pausa. – Por sua causa, também. Você vai embora daqui a dois dias.

– Eu já disse que posso adiar. Se você precisar que eu fique,

vou...

Ela balançou a cabeça.

– Não quero que você faça isso. Você está prestes a começar um capítulo novo de sua vida e não posso tirar isso de você.

– Mas não preciso ir agora. As aulas não começam imediatamente...

– Não quero que você faça isso – repetiu ela. Sua voz era suave, mas implacável. – Você está indo para a faculdade, e o problema não é seu. Eu sei que posso parecer dura, mas é um fato. Ele é meu pai, não seu, e isso nunca vai mudar. E não quero pensar nas coisas das quais você pode estar desistindo, além de todo o resto que está acontecendo na minha vida. Você consegue entender isso?

Suas palavras soaram verdadeiras, mesmo que ele desejasse que ela estivesse errada. Depois de um momento, ele desamarrou sua pulseira de macramê e a entregou a Ronnie.

– Quero que você fique com isso – sussurrou ele e, pela expressão no rosto de Ronnie, viu que ela entendera como aquilo significava para ele.

Ela deu um ligeiro sorriso ao fechar a mão em torno da pulseira. Will achou que ela estava prestes a dizer alguma quando ambos ouviram a porta da oficina se abrir com força. Por um instante, Will pensou que alguém tivesse invadido o local. Então, viu Jonah arrastando a duras penas uma cadeira quebrada para fora. Com enorme esforço, ele a levantou e a jogou sobre a duna perto da oficina. Mesmo a distância, Will enxergou a fúria que havia em seu rosto.

Ronnie já estava na varanda.

– Jonah! – gritou ela, e saiu correndo.

Will foi atrás dela, quase lhe dando um encontrão quando ela alcançou a porta da oficina. Ele viu Jonah tentando arrastar uma

caixa pesada pelo chão. Ele estava lutando com todas as suas forças, ignorando a presença dos dois.

– O que você está fazendo? – gritou Ronnie. – Quando você veio para cá?

Jonah continuou a empurrar a caixa, rosnando com o esforço.

– Jonah! – gritou Ronnie.

Seu grito chamou a atenção dele, que se virou para Will e a irmã, surpreso com o fato de estarem ali.

– Não consigo alcançar! – gritou o menino, irritado, à beira das lágrimas. – Sou muito baixo!

– Não consegue alcançar o quê? – indagou ela, antes de dar um passo súbito para a frente. – Você está sangrando! – constatou ela, o pânico crescendo em sua voz.

Will percebeu a calça jeans rasgada e o sangue na perna do menino, e Ronnie correu na direção dele. Impulsionado por seus próprios demônios, Jonah empurrou freneticamente a caixa, batendo com a borda em uma das prateleiras. A criatura metade esquilo metade peixe tombou e caiu em cima de Jonah no instante em que Ronnie o alcançou.

O rosto dele estava enfurecido e vermelho.

– Vá embora! Consigo fazer isso sozinho! Não preciso de você!

Ele tentou mover novamente a caixa, que, no entanto, ficara presa na prateleira. Ronnie fez menção de ajudá-lo, mas Jonah a empurrou para longe. Nesse instante, Will percebeu as lágrimas no rosto do menino.

– Já disse para você ir embora! – gritou ele para Ronnie. – O papai quer que eu termine o vitral! Eu! Não você! Foi isso que a gente ficou fazendo o verão todo! – Suas palavras saíram em suspiros entrecortados, irritados e aterrorizados. – Isso foi o que a gente fez! Você só queria saber das tartarugas! Mas eu estava com ele todos os dias!

Quando ele gritou, chorando copiosamente, sua voz falhou.

– E agora não consigo alcançar a parte do meio do vitral! Sou muito baixo! Mas tenho que terminar, porque, talvez, se eu conseguir, o papai melhore. Ele tem que melhorar, então tentei usar a cadeira para chegar até o meio do vitral, mas ela quebrou e eu caí no vidro e fiquei com raiva, então quis usar a caixa, mas é muito pesada...

Nesse momento ele mal conseguia colocar as palavras para fora e, de repente, balançou para trás e desmoronou no chão. Abraçando os joelhos e abaixando a cabeça, começou a soluçar, os ombros sacudindo com violência.

Ronnie se sentou no chão ao lado dele. Passou um braço em torno de seu ombro e o puxou para mais perto, enquanto ele continuava a chorar. Diante daquela cena, Will sentiu um nó na garganta, sabendo que era um momento particular entre os irmãos.

Ainda assim, ele ficou, enquanto Ronnie abraçava o menino em lágrimas, sem tentar silenciá-lo, sem lhe dizer que tudo ficaria bem. Ela apenas o abraçou, sem dizer nada, até que seus soluços comessem a diminuir. Por fim, ele olhou para cima, os olhos vermelhos atrás das lentes dos óculos, o rosto inchado pelas lágrimas.

Quando Ronnie falou, sua voz era delicada – com uma suavidade que ele jamais ouvira.

– Podemos ir para a casa só por alguns minutos? Quero apenas dar uma olhada no corte da sua perna.

A voz de Jonah ainda falhava.

– E o vitral? Ele tem que ser terminado.

Ronnie encontrou os olhos de Will e voltou a olhar para Jonah.

– Podemos ajudar?

Jonah balançou a cabeça.

– Vocês não sabem fazer.

– Você pode nos ensinar.



Depois que Ronnie limpou sua perna e colocou um curativo no ferimento, Jonah os levou de volta à oficina.

O vitral estava quase completo – todos os efeitos detalhados da água-forte dos rostos estavam terminados e as barras de reforço já estavam em seus lugares. O trabalho que ainda restava consistia em adicionar centenas de peças intrincadas para formar um brilho celestial no céu.

Jonah mostrou a Will como cortar as tiras de chumbo e ensinou a Ronnie a soldar; Jonah cortava o vidro, como já fizera durante a maior parte do verão, e os posicionava nas tiras de chumbo, em seguida abria espaço para Ronnie colocar as peças nos devidos lugares.

A oficina estava quente e muito cheia, mas, depois de um tempo, os três conseguiram criar um ritmo de trabalho. Na hora do almoço, Will saiu para pegar alguns hambúrgueres, além de uma salada para Ronnie; eles fizeram um curto intervalo enquanto comiam, mas logo reassumiram suas atividades. Enquanto a tarde avançava, Ronnie ligou três vezes para o hospital e ficou sabendo que o pai estava fazendo exames, ou dormindo, mas estava bem. Na chegada do crepúsculo, eles haviam completado cerca de metade do trabalho; as mãos de Jonah estavam ficando cansadas, e eles fizeram mais uma pausa para comer antes de levar para a oficina alguns abajures que estavam na sala, para conseguirem mais luz.

A escuridão chegou e, às dez horas, Jonah bocejava sem parar. Quando entraram para descansar por alguns minutos, o menino adormeceu quase imediatamente. Will o levou para o quarto e o colocou na cama. Quando voltou para a sala, percebeu que Ronnie já estava de volta na oficina.

Will assumiu o corte do vidro; observara o dia inteiro o trabalho

de Jonah e, embora tivesse cometido alguns erros no início, não demorou para pegar o jeito.

Eles trabalharam a noite toda e estavam mais do que exaustos quando os primeiros raios de sol despontaram no horizonte. Em cima da mesa, na frente deles, o vitral estava concluído. Will não tinha certeza de como Jonah se sentiria sabendo que não havia ajudado com as peças finais, mas imaginou que Ronnie saberia como lidar com isso.

– Parece que vocês dois passaram a noite inteira acordados – disse uma voz atrás deles.

Virando-se, Will viu o pastor Harris parado à porta.

O pastor Harris estava apoiado em sua bengala. Ele usava um terno – provavelmente para o serviço de domingo na igreja –, mas Will percebeu as horríveis cicatrizes que trazia nas mãos e logo viu que elas se estendiam pelos braços. Lembrando-se do incêndio na igreja e do segredo que mantivera por todos aqueles meses, ele não conseguiu encarar o pastor nos olhos.

– Estamos terminando o vitral – disse Ronnie, com a voz rouca.

O pastor Harris acenou em direção à peça.

– Posso?

Ronnie assentiu.

– É claro.

O pastor entrou na oficina, movendo-se lentamente. Sua bengala batia no chão de madeira enquanto ele se aproximava. Na mesa, sua expressão mudou de curiosa para maravilhada. Apoiando-se na bengala, passou a mão nodosa e cheia de cicatrizes sobre o vitral.

– Ficou incrível – disse ele, respirando fundo. – Ficou mais bonito do que eu imaginava.

– Meu pai e o Jonah fizeram todo o trabalho principal – explicou Ronnie. – Apenas ajudamos a terminá-lo.

Ele sorriu.

– Seu pai vai ficar muito satisfeito.

– Como está a obra da igreja? Eu sei que meu pai adoraria ver o vitral instalado.

– Que Deus a ouça. – Ele deu de ombros. – A igreja não é tão popular como antes, por isso não há tantos membros. Mas tenho fé de que vai dar tudo certo.

Pela expressão ansiosa de Ronnie, Will imaginou que ela estivesse ponderando se o vitral seria instalado a tempo, mas teve medo de perguntar.

– A propósito, seu pai está indo bem – disse o pastor Harris. – Deve sair do hospital em breve e poderá receber visitas hoje de manhã. Vocês não perderam muito ontem. Passei a maior parte do dia sentado no quarto dele, sozinho, enquanto eles faziam os exames.

– Obrigada por ficar com ele.

– Não, minha querida. – O pastor Harris olhou de novo para o vitral. – Eu é que agradeço.

A oficina ficou silenciosa quando o pastor saiu. Will o observou, incapaz de tirar da mente a imagem daquelas mãos cobertas de cicatrizes.

No silêncio, observou atentamente o vitral, impressionado com o trabalho, um mosaico cuja substituição não deveria ter sido necessária. Pensou nas palavras do pastor e na possibilidade de o pai de Ronnie morrer antes mesmo de ver o vitral instalado.

Ronnie estava perdida em seus próprios pensamentos quando ele se dirigiu a ela.

Will sentiu algo desmoronar dentro de si, como um castelo de cartas.

– Preciso lhe contar uma coisa.



Sentados na duna, Will revelou tudo. Quando terminou, Ronnie

parecia confusa.

– Você está dizendo que o Scott começou o incêndio? E que você o tem protegido durante todo esse tempo? – Sua voz demonstrava profunda descrença. – Você mentiu por ele?

Will balançou a cabeça.

– Não é bem assim. Eu disse que foi um acidente.

– Não importa. – Os olhos de Ronnie procuraram os dele. – Acidente ou não, ele precisa assumir a responsabilidade pelo que fez.

– Eu sei. Eu disse a ele para ir à polícia.

– E se ele não for? Você vai continuar a encobrir para sempre o que ele fez? Vai deixar o Marcus continuar controlando a sua vida? Isso está errado.

– Mas ele é meu amigo...

Ronnie se colocou de pé num pulo.

– O pastor Harris quase morreu naquele incêndio! Ele passou semanas no hospital. Você sabe como as queimaduras são dolorosas? Por que não pergunta à Blaze como ela se sente? E a igreja... Você sabe que ele não consegue reconstruí-la... e agora meu pai nunca vai ver o vitral no lugar onde deve estar!

Will balançou a cabeça, tentando manter a calma. Ele via que era coisa demais para Ronnie suportar – o pai dela, a sua partida iminente, o depoimento dela à justiça.

– Eu sei que foi errado – disse ele, a voz baixa. – E me sinto culpado em relação a isso. Não sei nem dizer quantas vezes eu quis ir à polícia.

– E daí? Isso não significa nada! Você não me ouviu quando eu disse sobre admitir a minha culpa no tribunal? Porque eu sabia que o que fiz era errado! A verdade só tem algum significado quando é difícil de admitir! Você não entende? Aquela igreja era a vida do pastor Harris! Era a vida do meu pai! E agora ela se foi, o seguro

não cobre os danos e os cultos têm que ser realizados em um armazém...

– O Scott é meu amigo – protestou ele. – Não posso simplesmente... entregá-lo.

Ela pestanejou, imaginando se ele estava ouvindo as próprias palavras.

– Como você pode ser tão egoísta?

– Não sou egoísta...

– É exatamente o que você é e, se não for capaz de entender isso, não quero mais falar com você! – disse Ronnie, virando-se e indo em direção à casa. – Vá embora! Agora!

– Ronnie! – chamou ele, levantando-se para ir atrás dela. A garota sentiu sua aproximação e se virou para encará-lo.

– Acabou, entendeu?

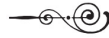
– Não acabou. Por favor, seja razoável...

– Razoável? – Ela balançou as mãos. – Quer que eu seja razoável? Você não mentiu apenas para o Scott, mas mentiu para mim também! Você sabia por que meu pai estava fazendo o vitral! Você ficou bem do meu lado e nunca disse nada sobre isso! – Aquelas palavras pareciam trazer certa luz a algo que Ronnie guardava na mente, e ela deu mais um passo para trás. – Você não é quem eu pensei que fosse! Pensei que você fosse melhor do que isso!

Ele vacilou, incapaz de pensar em uma resposta, mas, quando deu um passo à frente, ela recuou.

– Vá embora! Você já vai embora de qualquer maneira, e nunca mais vamos nos ver de novo. Os verões sempre terminam. Podemos falar e fingir quanto quisermos, mas não podemos mudar isso, então vamos acabar com isso aqui e agora. Não consigo lidar com tanta coisa neste momento e não posso estar com alguém em quem não confio. – Seus olhos brilharam de lágrimas não derramadas. – E não confio em você, Will. Você precisa ir embora.

Ele não conseguia se mexer, não conseguia falar.
– Vá embora! – gritou ela, correndo de volta para a casa.



Naquela noite, sua última em Wrightsville Beach, Will se sentou no escritório ainda tentando dar um sentido a tudo o que tinha acontecido. Ele levantou a cabeça quando Tom entrou.

– Está tudo bem? – perguntou o pai. – Você estava meio quieto no jantar.

– Sim. Tudo bem.

Tom foi até o sofá e se sentou de frente para ele.

– Está nervoso com sua partida amanhã?

Will balançou a cabeça.

– Não.

– Já fez suas malas?

Will aquiesceu e sentiu que o pai o analisava. Tom se inclinou para a frente.

– O que está havendo? Você sabe que pode falar comigo.

Will levou algum tempo para responder, sentindo um nervosismo repentino. Depois de um momento, ele encarou o pai.

– Se eu lhe pedisse para fazer algo importante para mim, algo grande, você faria? Sem questionar nada?

Tom se inclinou para trás, ainda estudando o filho, e no silêncio Will descobriu a resposta.

*Ronnie*

— Você realmente terminou o vitral?

Ronnie olhava seu pai enquanto ele falava com Jonah no quarto do hospital, observando que a aparência dele estava melhor. Ele ainda parecia cansado, mas seu rosto tinha um pouco mais de cor e ele estava se movimentando com mais facilidade.

— Ficou incrível, pai – disse Jonah. – Estou muito ansioso para você ver.

— Mas ainda faltavam tantas peças...

— A Ronnie e o Will ajudaram um pouco – admitiu Jonah.

— É mesmo?

— Tive que mostrar a eles como fazer. Eles não sabiam nada.

Mas não se preocupe, fui muito paciente, mesmo quando erravam.

O pai sorriu.

— É bom ouvir isso.

— Sim, sou um professor muito bom.

— Tenho certeza disso.

Jonah franziu o nariz.

– O cheiro aqui é um pouco esquisito, não é?

– Um pouco.

Jonah assentiu.

– Foi o que pensei. – Ele apontou para o aparelho de TV. – Você já viu algum filme?

Steve balançou a cabeça.

– Não muitos.

– O que isso aqui faz?

O pai olhou para a bolsa de medicamentos intravenosos.

– Tem alguns remédios aí dentro.

– Eles vão fazer você melhorar?

– Já estou me sentindo melhor agora.

– Então você vai voltar para casa?

– Muito em breve.

– Hoje?

– Talvez amanhã. Mas sabe o que me deu vontade de tomar?

– O quê?

– Um refrigerante. Você lembra onde fica a lanchonete? No fim do corredor, no canto?

– Eu sei onde fica. Não sou nenhuma criancinha. Qual você quer?

– Algum de limão.

– Mas estou sem dinheiro nenhum.

Quando o pai olhou para Ronnie, ela entendeu que era para pegar o dinheiro no bolso de trás da calça dele.

– Eu tenho aqui – disse ela, tirando do bolso o valor que imaginou ser suficiente e entregando a Jonah.

Assim que ele saiu, ela viu que o pai a encarava.

– A advogada me ligou hoje de manhã. Eles adiaram a data do seu depoimento para o fim de outubro.

O olhar de Ronnie se voltou para a janela.

– Não posso pensar nisso agora.

– Sinto muito – disse ele. Steve ficou em silêncio por um momento, e Ronnie podia sentir que ele a observava. – Como o Jonah está realmente lidando com tudo isso?

Ronnie deu de ombros.

– Ele está perdido. Confuso. Com medo. Mal conseguindo se controlar. – *Como eu*, ela queria dizer.

O pai fez um sinal para ela se aproximar. Ela se sentou na cadeira onde Jonah estava antes. Ele alcançou a mão da filha e a apertou.

– Desculpe não ter sido forte o suficiente para ficar fora do hospital. Nunca foi minha intenção que você me visse assim.

Ela já estava balançando a cabeça.

– Nunca, jamais peça desculpas por isso.

– Mas...

– Nada de “mas”, ok? Eu precisava saber. Estou satisfeita por isso.

Ele pareceu aceitar o argumento da filha. Mas, de repente, ele a surpreendeu.

– Quer conversar sobre o que aconteceu com Will?

– Por que você está perguntando isso?

– Porque eu a conheço. Porque sei quando alguma outra coisa está na sua cabeça. E porque sei quanto você gosta dele.

Ronnie se ajeitou na cadeira, não querendo mentir.

– Ele foi para casa fazer as malas – disse ela.

Ronnie sentia que o pai a analisava.

– Já lhe falei que meu pai era jogador de pôquer?

– Sim, você disse. Por quê? Quer jogar pôquer?

– Não. Só sei que há mais para contar em relação ao Will do que o que você está me dizendo, mas, se não quiser falar sobre isso, não tem problema.

Ronnie hesitou. Sabia que ele seria compreensivo, mas ainda não estava preparada.

– Como eu disse, ele vai embora – respondeu.

O pai assentiu e não tocou mais no assunto.

– Você parece cansada – disse ele. – Deveria ir para casa e tirar um cochilo mais tarde.

– Vou fazer isso. Mas quero ficar aqui mais um tempo.

Ele voltou a apertar a mão dela.

– Tudo bem.

Ela olhou para a bolsa de terapia intravenosa sobre a qual Jonah havia perguntado, mas, ao contrário do irmão, Ronnie sabia que não havia ali nenhum remédio para que ele ficasse melhor.

– Está sentindo dor? – indagou ela.

Ele fez uma pausa antes de responder.

– Não. Não muita.

– Mas já sentiu?

Steve começou a balançar a cabeça.

– Querida...

– Eu quero saber. Você sentiu muita dor antes de vir para cá?

Me diga a verdade, está bem?

Ele coçou o peito antes de responder.

– Senti.

– Quanto tempo?

– Não entendi a sua pergunta...

– Quero saber quando você começou a sentir dor – disse Ronnie, inclinando-se sobre a grade da cama.

Mais uma vez, ele balançou a cabeça.

Ela desejou que ele a olhasse de frente.

– Isso não faz diferença. Estou me sentindo melhor. E os médicos sabem o que fazer para continuar me ajudando.

– Por favor – pediu ela. – Quando a sua dor começou?

Ele olhou para as mãos dos dois, apertadas com firmeza na cama.

– Não sei. Por volta de março ou abril? Mas não era todos os

dias...

– Nessa época, o que você fazia quando sentia dor? –
prosseguiu ela, determinada a ouvir a verdade.

– Não era tão ruim antes – respondeu ele.

– Mas ainda dói, certo?

– Dói.

– O que você fazia?

– Não sei – protestou ele. – Eu tentava não pensar na dor. Eu me concentrava em outras coisas.

Ela sentiu uma tensão nos ombros do pai, odiando o que ele poderia dizer, mas precisando saber.

– Em que você se concentrava?

Steve ajeitou uma ruga no lençol com a mão que estava livre.

– Por que isso é tão importante para você?

– Porque quero saber se você se concentrava em outras coisas tocando piano.

Assim que ela disse isso, percebeu que estava certa.

– Vi você tocando naquela noite, na igreja, a noite em que você teve um acesso de tosse. E o Jonah disse que você dava suas escapadas até lá desde que soube que o piano tinha chegado.

– Querida...

– Você lembra quando disse que tocar piano o fazia se sentir melhor?

Steve aquiesceu. Ele percebeu o que estava por vir, e ela tinha certeza de que ele não ia querer responder. Mas ela tinha que saber.

– Você quis dizer que não sentia tanto a dor? E, por favor, me diga a verdade. Vou perceber se você estiver mentindo.

Ronnie não permitiria que ele fugisse do assunto, não dessa vez. Ele fechou os olhos brevemente, em seguida, a olhou.

– Sim.

– Mas você levantou uma parede ao redor do piano mesmo

assim?

– Sim – repetiu ele.

Com isso, ela sentiu seu frágil autocontrole escapar. Sua mandíbula começou a tremer quando ela abaixou a cabeça e a encostou no peito do pai.

Steve a abraçou.

– Não chore. Por favor, não chore...

Mas ela não conseguia evitar. A lembrança de como agira naquela época, sabendo agora o que ele estava enfrentando, drenou qualquer energia que ela ainda pudesse ter.

– Ah, papai...

– Não, meu amor... por favor, não chore. Não estava tão ruim naquela época. Pensei que poderia lidar com a situação, e acho que consegui. Só mais ou menos na última semana que...

Ele tocou o queixo dela com um dedo e, quando ela olhou em seus olhos, o que viu quase partiu seu coração. Ela teve que desviar o olhar.

– Naquela época, eu conseguia lidar com isso – repetiu ele, e Ronnie percebeu que ele dizia a verdade. – Juro. Eu sentia dor, mas não era a única coisa que estava na minha cabeça, porque havia outras maneiras de escapar. Como trabalhar no vitral com Jonah, por exemplo, ou apenas desfrutar do verão com que sonhei quando pedi à sua mãe que deixasse vocês dois ficarem comigo.

Suas palavras a atingiram como brasa, seu perdão estava além do que ela poderia suportar.

– Me desculpe, papai...

– Olhe para mim – pediu ele.

Ela, porém, não conseguia. Só pensava no quanto ele precisava de seu piano, algo que ela tirara dele. Porque só pensara em si mesma. Porque quis magoá-lo. Porque não se importou.

– Olhe para mim – pediu ele, mais uma vez. Sua voz era suave, mas insistente.

Relutante, ela levantou a cabeça.

– Tive o verão mais maravilhoso da minha vida – sussurrou ele.

– Pude ver você salvar as tartarugas, tive a chance de ver você se apaixonar, mesmo que não dure para sempre. E, acima de tudo, pude conhecer você, pela primeira vez, como uma jovem mulher, não uma garotinha. E nem sei descrever a alegria que essas coisas me deram. Foi isso o que me fez passar pelo verão.

Ela sabia que aquelas palavras eram sinceras, o que só a fez se sentir pior. Estava prestes a dizer algo quando Jonah entrou com pressa.

– Olha só quem encontrei – disse ele, apontando com a lata de refrigerante.

Ronnie olhou e viu sua mãe de pé, atrás de Jonah.

– Oi, querida – disse ela.

Ronnie se virou para o pai.

Ele deu de ombros.

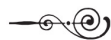
– Tive que chamá-la – explicou ele.

– Como você está hoje? – perguntou a mãe.

– Estou bem, Kim – respondeu o pai.

A mãe entendeu aquilo como um convite para entrar no quarto.

– Acho que todos nós precisamos conversar – anunciou Kim.



Na manhã seguinte, Ronnie tinha tomado uma decisão e estava esperando em seu quarto quando sua mãe entrou.

– Já terminou de fazer as malas?

Ela se virou para a mãe, um olhar calmo, porém determinado.

– Não vou voltar para Nova York com você.

Kim pôs as mãos na cintura.

– Achei que já tínhamos resolvido isso.

– Não – disse Ronnie, sem alterar a voz. – Você resolveu isso.

Mas não vou voltar com você.

A mãe ignorou o comentário.

– Não seja ridícula. É claro que você vai voltar para casa.

– Não vou voltar para Nova York. – Ronnie cruzou os braços, mas não levantou a voz.

– Ronnie...

Ela balançou a cabeça, sabendo que nunca havia falado com tanta seriedade em sua vida.

– Vou ficar e não tem discussão. Tenho 18 anos agora e você não pode me obrigar a voltar. Sou adulta e posso fazer o que quiser.

Enquanto digeriria as palavras de Ronnie, Kim deslocou o peso do corpo de um pé para outro.

– Isso... – disse ela, por fim, apontando para a sala, tentando soar razoável. – Isso não é de sua responsabilidade.

Ronnie deu um passo na direção dela.

– Não? Então de quem é? Quem vai cuidar dele?

– Seu pai e eu conversamos sobre isso...

– Ah, você está se referindo ao pastor Harris? Ah, lógico, como se ele pudesse cuidar do papai se ele cair ou começar a vomitar sangue de novo. O pastor Harris não tem condições físicas para fazer isso.

– Filha... – recomeçou a mãe.

Ronnie levantou as mãos, sua frustração e sua determinação crescendo.

– Só porque você ainda está zangada com ele, não significa que eu tenha que estar também, entendeu? Eu sei o que ele fez, e lamento que a tenha magoado, mas estamos falando do meu pai. Ele está doente e precisa da minha ajuda, e vou estar aqui para ajudá-lo. Não me interessa que ele tenha tido um caso, não me importa que ele tenha deixado a gente. Só me importo com ele.

Pela primeira vez, sua mãe pareceu genuinamente surpreendida. Quando voltou a falar, sua voz era suave.

– O que exatamente o seu pai lhe disse?

Ronnie estava prestes a protestar, argumentando que isso não fazia diferença, mas alguma coisa a impediu. A expressão da mãe era tão estranha, quase... culpada. Como se... como se...

Ela olhou para a mãe, a descoberta tomando conta dela enquanto falava.

– Não foi o papai quem teve um caso, foi? – disse ela, lentamente. – Foi você.

A postura de Kim não mudou, mas ela parecia abalada. Perceber isso atingiu Ronnie com uma força quase física.

Sua mãe teve um caso, não seu pai. E...

Ela começou a se sentir sufocada naquele quarto, à medida que as implicações se tornavam mais claras.

– Foi por isso que ele foi embora, não foi? Porque ele descobriu. Mas você me fez acreditar que tinha sido tudo culpa dele, que ele tinha ido embora sem nenhuma boa razão. Você *fingiu* que foi ele, quando, na verdade, era sua culpa o tempo todo. Como pôde fazer isso? – perguntou Ronnie, mal conseguindo respirar.

Kim parecia incapaz de falar, e Ronnie se perguntou se algum dia conhecera de verdade a própria mãe.

– Foi com o Brian? – exigiu saber, de repente. – Você estava traindo o papai com o Brian?

A mãe ficou em silêncio e Ronnie mais uma vez percebeu que estava certa.

Kim a fizera acreditar que seu pai havia saído de casa sem nenhum motivo. *E fiquei sem falar com ele por três anos por causa disso...*

– Sabe de uma coisa? – respondeu Ronnie. – Não me importo. Não me importo com o que aconteceu entre vocês dois, não me importo com o que aconteceu no passado. Não vou deixar meu pai sozinho e você não pode me obrigar...

– Quem não vai embora? – interrompeu Jonah. Ele tinha

acabado de entrar no quarto com um copo de leite na mão e olhou para a mãe e depois para Ronnie. Ela conseguia ouvir o pânico em sua voz. – Você vai ficar aqui? – perguntou ele.

Demorou um momento para Ronnie responder, enquanto lutava para controlar a raiva.

– Vou – respondeu ela, esperando ter soado mais calma do que se sentia. – Vou ficar.

Ele colocou o copo de leite na cômoda.

– Então vou ficar também – anunciou o menino.

De repente, a mãe fez uma expressão de desamparo e, embora Ronnie ainda pudesse sentir a força aguda da própria raiva, não permitiria que Jonah visse o pai morrer. Ela atravessou o quarto e se agachou.

– Eu sei que você quer ficar, mas não pode – disse ela, a voz calma.

– Por que não? Você vai ficar.

– Mas não tenho que ir para a escola.

– E daí? Eu posso ir à escola aqui. Papai e eu conversamos sobre isso.

A mãe se aproximou.

– Jonah...

De repente, Jonah se afastou, e ela ouviu o pânico crescendo na voz dele ao perceber que estava em desvantagem.

– Não me importo com a escola! Isso não é justo! Quero ficar aqui!

34



Steve

Ele queria surpreendê-la. Pelo menos, esse era seu plano.

Steve havia feito um concerto em Albany; sua próxima apresentação estava programada para Richmond dois dias depois. Normalmente, ele nunca ia para casa durante uma turnê; era mais fácil manter certo ritmo enquanto viajava de cidade em cidade. Mas, como teve um tempinho extra e não via a família fazia duas semanas, pegou um trem e chegou à cidade no horário em que uma multidão saía para almoçar.

Foi pura coincidência que ele a tivesse visto. Mesmo agora, as probabilidades pareciam remotas. Era uma cidade de milhões de habitantes, e ele estava perto da Penn Station quando passou na frente de um restaurante que já estava quase cheio.

Seu primeiro pensamento quando a viu foi que a mulher se parecia muito com sua esposa. Ela estava sentada à uma pequena mesa encaixada perto da parede, em frente a um homem de cabelo grisalho que parecia alguns anos mais velho do que ela. Estava usando uma saia preta e uma blusa de seda vermelha, passando

um dedo sobre a borda de sua taça de vinho. Ele viu aquilo e conferiu mais uma vez. Percebeu que era mesmo Kim, e ela estava almoçando com um homem que ele nunca vira. Pela janela, ele a viu rir e, com uma certeza cada vez maior, soube que presenciara aquela risada. Ele se lembrava desse gesto acontecendo anos atrás, quando as coisas estavam melhores entre os dois. Quando ela se levantou, ele viu o homem se erguer e colocar a mão no ombro dela. O toque dele era gentil, quase familiar, como se já o tivesse feito centenas de vezes antes. Ela provavelmente gostava do jeito como ele a tocava, pensou Steve, enquanto via o estranho beijar os lábios de sua esposa.

Steve não sabia o que fazer, mas, pensando nisso agora, ele não se lembrava de ter sentido muita coisa. Sabia que os dois andavam meio distantes, que estavam discutindo muito e supôs que a maioria dos homens teria entrado no restaurante e confrontado o casal. Talvez até fizessem uma cena daquelas. Mas ele não era como a maioria dos homens. Então, deslocou para a outra mão a pequena bolsa que arrumara na noite anterior, virou-se e voltou para a Penn Station.

Pegou um trem duas horas depois e chegou a Richmond tarde da noite. Como sempre, pegou o telefone para ligar para a esposa, e ela atendeu no segundo toque. Ele podia ouvir a TV no fundo quando ela disse alô.

– Até que enfim conseguiu, hein? – comentou ela. – Eu estava aqui me perguntando a que horas você ia ligar.

Quando se sentou na cama, ele imaginou a mão do estranho nos ombros dela.

– Acabei de chegar – respondeu ele.

– Aconteceu alguma coisa animada?

Ele se hospedara em um hotel barato, o edredom tinha as bordas ligeiramente desgastadas. Sob a janela, o ar-condicionado

vibrava, fazendo as cortinas se moverem. Ele podia notar o revestimento de poeira no topo do aparelho de TV.

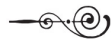
– Não – disse ele. – Nada de animado.



No quarto do hospital, ele se lembrou daquela cena com uma clareza que o surpreendeu. Supôs que era porque sabia que Kim chegaria em breve, junto com Ronnie e Jonah.

Ronnie havia telefonado mais cedo para lhe dizer que não voltaria para Nova York. Ele sabia que não seria fácil. Lembrou-se de como seu pai definhara no fim, uma figura excessivamente magra, e não queria que a filha o visse naquele estado. Mas ela estava decidida, e ele sabia que não seria capaz de dissuadi-la. Mas isso o assustava.

Tudo em relação ao que estava por vir o assustava.



Nas últimas semanas, ele rezava com mais regularidade. Ou, pelo menos, era assim que o pastor Harris descrevia. Ele não juntava as mãos nem inclinava a cabeça; não pedia para ser curado. O que ele fazia, no entanto, era compartilhar com Deus as preocupações que tinha em relação aos filhos.

Imaginava que não fosse muito diferente da maioria dos pais em suas preocupações. Seus filhos ainda eram novos, ambos tinham uma vida longa pela frente, e ele se perguntou como seria o futuro deles. Nada extravagante: ele perguntava a Deus se eles seriam felizes, se continuariam a morar em Nova York, se iriam se casar e ter filhos. O básico, nada além disso, mas foi então que, naquele momento, ele finalmente compreendeu o que o pastor Harris queria dizer ao afirmar que andava e conversava com Deus.

Ao contrário do pastor Harris, no entanto, ele ainda estava para ouvir as respostas em seu coração ou experimentar a presença de Deus em sua vida, e sabia que não tinha muito tempo.



Ele olhou para o relógio. O avião de Kim sairia em menos de três horas. Ela iria direto do hospital para o aeroporto com Jonah sentado ao lado dela, e essa lembrança o aterrorizou.

Em pouco tempo, ele abraçaria o filho pela última vez. Naquele dia, ele lhe diria adeus.



Jonah estava em lágrimas assim que entrou no quarto e correu direto para a cama do pai. Steve mal teve tempo para abrir os braços antes de Jonah se jogar em cima dele. Seus pequenos ombros estremeciam e Steve sentiu seu próprio coração se partir. Ele se concentrou na sensação de ter o filho junto ao corpo, tentando memorizar a sensação.

Steve amava os filhos mais do que tudo, porém, mais do que isso, ele sabia que Jonah precisava dele, e novamente foi atingido pela constatação de que estava falhando como pai.

Jonah continuou a chorar de maneira inconsolável. Steve o segurou bem perto, querendo que o menino jamais fosse embora. Ronnie e Kim ficaram à porta, mantendo distância.

– Elas estão querendo me mandar para casa, papai. – Jonah choramingou. – Eu disse que podia ficar com você, mas elas não estão me escutando. Vou me comportar, papai. Prometo que vou. Vou para a cama quando você mandar, vou arrumar o meu quarto, não vou comer biscoitos quando não puder. Diga a elas que posso ficar. Prometo ser bonzinho.

– Eu sei que você se comportaria bem – murmurou Steve. – Você sempre foi um bom menino.

– Então fale com ela, papai! Diga que você quer que eu fique! Por favor! É só você dizer!

– Quero que você fique – disse o pai, sofrendo por si mesmo e pelo filho. – Quero isso mais do que qualquer coisa, só que sua mãe também precisa de você. Ela sente a sua falta.

Se Jonah ainda tivesse qualquer esperança, ela havia terminado naquele instante, e ele começou a chorar outra vez.

– Mas nunca mais vou ver você... e não é justo! Não é justo!

Steve tentou falar, apesar do aperto na garganta.

– Ei... – disse ele. – Quero que você me escute, ok? Você pode fazer isso por mim?

Jonah se obrigou a olhar para cima. Embora tentasse se controlar, Steve sabia que estava começando a engasgar com as palavras. Teve que usar toda a força que lhe restava para não se desesperar na frente do menino.

– Quero que você saiba que você é o melhor filho que um pai poderia ter. Sempre tive muito orgulho de você e sei que você vai crescer e fazer coisas maravilhosas. Eu te amo muito.

– Também te amo, papai. E vou sentir muitas saudades de você.

Pelo canto do olho, Steve viu Ronnie e Kim, ambas com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Também vou sentir saudades. Mas sempre vou cuidar de você, ok? Prometo. Sabe o vitral que fizemos juntos?

Jonah assentiu, o queixo tremendo.

– O nome dele será Luz de Deus, porque ele me lembra o céu. Toda vez que a luz brilhar através do vitral que construímos ou de qualquer janela, você vai saber que estou bem ali com você, ok? Serei eu. Serei a luz na janela.

Jonah assentiu, sem se preocupar em secar as lágrimas. Steve

continuou a abraçar o filho, desejando, do fundo do coração, poder fazer algo que melhorasse um pouco a situação.

*Ronnie*

Ronnie saiu do hospital com sua mãe e Jonah, querendo se despedir e conversar sozinha com Kim antes de ela ir embora e pedir que fizesse algo para ela assim que chegasse a Nova York. Então, voltou para a enfermaria e se sentou com o pai, esperando até que ele adormecesse. Por um longo tempo, Steve permaneceu em silêncio, olhando para fora da janela. Ela segurou sua mão, e eles se sentaram juntos, sem dizer nada, ambos assistindo às nuvens flutuando lentamente para além da vidraça.

Ela queria esticar as pernas e tomar um pouco de ar fresco; a despedida de seu pai e de Jonah a deixara exaurida e trêmula. Não queria imaginar seu irmão no avião ou chegando em casa; não queria imaginar se ele ainda estaria chorando.

Lá fora, ela caminhou pela calçada na frente do hospital, sua mente vagando. Estava quase passando por ele quando o ouviu pigarrear. Ele estava sentado em um banco; apesar do calor, usava o mesmo tipo de camisa de mangas compridas de sempre.

– Oi, Ronnie – disse o pastor Harris.

– Ah... olá.

– Eu estava querendo visitar seu pai.

– Ele está dormindo. Mas o senhor pode ir lá em cima, se quiser.

Ele bateu a bengala, ganhando tempo.

– Sinto muito pelo que você está passando, Ronnie.

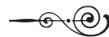
Ela apenas meneou a cabeça, achando difícil se concentrar. Até mesmo aquela simples conversa parecia extremamente árdua.

Por algum motivo, ela teve a sensação de que ele se sentia da mesma forma.

– Você rezaria comigo? – Seus olhos azuis expressavam um pedido. – Gosto de orar antes de ver seu pai. Isso... me ajuda.

A surpresa de Ronnie deu lugar a uma inesperada sensação de alívio.

– Eu gostaria muito – respondeu ela.



Depois desse encontro, ela começou a rezar regularmente e descobriu que o pastor Harris estava certo.

Não que ela acreditasse que o pai seria curado. O médico já lhe passara as informações e ela já vira os exames de imagem. E, depois da conversa, ela tinha ido embora do hospital e passado na praia, onde chorara durante uma hora, até suas lágrimas secarem ao vento.

Ela não acreditava em milagres. Sabia que algumas pessoas acreditavam, mas ela não podia se forçar a pensar que o pai, de alguma forma, conseguiria se curar. Não depois do que vira, não depois do que o médico lhe explicara. O câncer, ela ficou sabendo, já atingia o pâncreas e os pulmões, e ter esperanças parecia... perigoso. Ela não podia se imaginar tendo que aceitar pela segunda vez o que estava acontecendo com o pai. Já era difícil o bastante

daquele jeito, sobretudo tarde da noite, quando a casa ficava quieta e ela se via sozinha com seus pensamentos.

Em vez disso, ela rezava para ter a força necessária para ajudar seu pai; rezava para ter a capacidade de se mostrar positiva em sua presença, em vez de chorar cada vez que o via. Sabia que ele precisava de sua risada e da filha que ela havia se tornado recentemente.

A primeira coisa que fez depois de voltar com ele para casa foi levá-lo para ver o vitral. Observou-o aproximar-se lentamente da mesa, seus olhos absorvendo tudo, sua expressão de surpresa e descrença. Ela soube então que houve momentos em que ele se perguntou se viveria o suficiente para vê-lo no lugar. Mais do que tudo, ela desejou que Jonah estivesse ali com eles, e percebeu que o pai pensava o mesmo. Tinha sido um projeto dos dois, a forma como tinham aproveitado o verão. Ele sentia uma saudade imensa do filho, mais do que de qualquer um, e, embora se afastasse para que ela não visse seu rosto, Ronnie sabia que havia lágrimas em seus olhos enquanto ele fazia o caminho de volta para a casa.

Ele telefonou para Jonah assim que entrou. Da sala, Ronnie ouviu Steve garantir que estava se sentindo melhor e, mesmo que Jonah pudesse interpretar isso como algum sinal de esperança, ela sabia que seu pai tinha feito a coisa certa. Ele queria que Jonah se lembrasse da felicidade do verão, sem se fixar no que viria em seguida.

Naquela noite, sentado no sofá, Steve abriu a Bíblia e começou a ler. Ronnie agora entendia suas razões. Ela se sentou ao lado dele e fez a pergunta na qual vinha pensando desde que abrisse o livro.

- Você tem alguma passagem favorita? – perguntou ela.
- Muitas. Sempre gostei dos Salmos. E sempre aprendo muito com as cartas de Paulo.
- Mas você não sublinha nada – observou ela. Ele levantou uma

sobrancelha e ela deu de ombros. – Dei uma boa olhada enquanto você estava fora e não vi nada.

Ele pensou na resposta que daria.

– Se eu tentasse sublinhar algo importante, provavelmente acabaria sublinhando quase tudo. Já li inúmeras vezes e sempre aprendo algo novo.

Ela o observou com cuidado.

– Não me lembro de ter visto você lendo a Bíblia antes...

– Isso é porque você era muito nova. Eu deixava esta Bíblia ao lado da minha cama e lia várias partes uma ou duas vezes por semana. Pergunte à sua mãe. Ela vai confirmar.

– Você leu alguma coisa ultimamente que gostaria de compartilhar?

– Quer que eu faça isso?

Ao ver que a filha assentiu, ele só levou um minuto para encontrar a passagem que desejava.

– É Gálatas 5:22 – disse ele, pressionando a Bíblia no colo. Ele pigarreou antes de começar. – Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Ela o observou enquanto lia o versículo, lembrando-se da própria atitude quando chegara e de como ele reagira à sua raiva. Lembrou-se das vezes em que ele se recusava a discutir com sua mãe, mesmo quando ela tentava provocá-lo. Ronnie via nisso um sinal de fraqueza e, muitas vezes, desejou que o pai fosse diferente. Mas, de uma só vez, ela percebeu que estava completamente enganada.

Ela agora entendia que seu pai nunca agira sozinho. O Espírito Santo estava controlando a sua vida o tempo todo.



O pacote que Kim enviou chegou no dia seguinte, e Ronnie viu que

a mãe cumprira o que prometera. Ela levou o envelope grande para a mesa da cozinha, rasgou-o em linha reta no topo e jogou o conteúdo em cima da mesa.

Dezenove cartas, todas enviadas por seu pai, todas ignoradas e fechadas. Observou os vários remetentes que ele tinha escrito em cima: Bloomington, Tulsa, Little Rock...

Ela não acreditava que não as tinha lido. Será que estava mesmo tão zangada? Tão amarga a esse ponto? Tão... cruel? Olhando para o passado, ela soube a resposta, mas isso ainda não fazia nenhum sentido.

Remexendo as cartas, ela procurou a primeira que ele tinha enviado. Como a maioria das outras, estava escrita cuidadosamente em tinta preta, e o carimbo dos correios estava ligeiramente desbotado. Do outro lado da janela da cozinha, ela viu o pai na praia, de costas para a casa: como o pastor Harris, ele começou a usar mangas compridas, apesar do calor do verão.

Respirando fundo, ela abriu a carta e, à luz do sol da cozinha, começou a ler.

Querida Ronnie,

Nem sei como começar uma carta como esta, a não ser dizendo que sinto muito.

Foi por isso que pedi a você que fosse me encontrar no café, e era isso o que eu queria lhe dizer naquela noite, quando telefonei. Entendo por que você não veio e por que não me atendeu. Você está zangada comigo, decepcionada e, em seu coração, acredita que fugi. Na sua cabeça, eu a abandonei e abandonei minha família.

Não posso negar que as coisas vão ser diferentes, mas quero que você saiba que, se eu estivesse em seu lugar, provavelmente me sentiria da mesma forma. Você tem todo o

direito de estar com raiva de mim. Você tem todo o direito de estar decepcionada. Acho que mereço o que você sente por mim e não é minha intenção tentar criar desculpas, jogar a culpa em alguém nem procurar convencê-la de que você vai entender isso com o passar do tempo.

Com toda a sinceridade, você pode nunca entender, e isso me machucaria mais do que você poderia imaginar. Você e o Jonah sempre significaram demais para mim, e quero que compreendam que nenhum de vocês tem culpa. Às vezes, por razões que nem sempre são claras, os casamentos simplesmente não dão mais certo. Mas lembre-se disto: sempre vou amá-la e sempre vou amar o Jonah. Sempre vou amar a sua mãe, e ela sempre terá o meu respeito. Ela me deu os dois maiores presentes que já recebi e tem sido uma mãe maravilhosa. Em muitos aspectos, apesar da tristeza que sinto por sua mãe e eu não ficarmos mais juntos, ainda acredito que foi uma bênção ter sido casado com ela por tanto tempo.

Sei que isso não é muito e certamente não é o suficiente para fazê-la entender, mas quero que você saiba que ainda acredito no dom do amor. Quero que acredite nisso também. Você merece isso em sua vida, pois nada é mais gratificante do que o próprio amor.

Espero que, em seu coração, você encontre alguma maneira de me perdoar por ter ido embora. Não tem que ser agora, nem mesmo em breve. Mas quero que você saiba de uma coisa: quando enfim se sentir pronta, estarei esperando de braços abertos pelo que será o dia mais feliz da minha vida.

Eu te amo.

Papai

– Sinto que deveria estar fazendo mais por ele – disse Ronnie.

Ela estava sentada na varanda dos fundos, de frente para o pastor Harris. Seu pai estava dormindo lá dentro, e o sacerdote tinha vindo com uma caçarola de lasanha de legumes que a esposa tinha feito. Já era setembro e ainda estava quente durante o dia, embora duas noites antes o outono dera sinais de vida. Durou apenas uma única noite; durante a manhã, o sol estava quente e Ronnie se viu passeando na praia e pensando se a noite anterior teria sido uma ilusão.

– Você está fazendo tudo o que pode – afirmou ele. – Não sei se há algo mais que poderia estar fazendo.

– Não estou falando sobre cuidar dele. Neste momento, ele nem precisa tanto de mim. Ainda insiste em cozinhar, e nós dois damos longas caminhadas pela praia. Até soltamos pipa ontem. Além de tomar os remédios para a dor, que o deixa muito cansado, ele é praticamente o mesmo de antes de ir para o hospital. É só...

O olhar do pastor Harris estava repleto de compreensão.

– Você quer fazer algo especial. Alguma coisa que signifique muito para ele.

Ela assentiu, feliz por ele estar ali. Nas últimas semanas, o pastor Harris tinha se tornado não apenas seu amigo, mas a única pessoa com quem ela podia realmente conversar.

– Tenho fé em Deus que Ele lhe mostrará a resposta. Mas você tem que entender que às vezes leva um tempo para sermos capazes de reconhecer o que o Senhor quer que a gente faça. Em geral é assim. A voz de Deus é geralmente nada mais do que um sussurro, e você tem que prestar bastante atenção para ouvi-lo. Mas, outras vezes, nos momentos mais raros, a resposta é óbvia e soa tão alto quanto um sino de igreja.

Ela sorriu, pensando que aprendera a gostar daquelas conversas.

– Parece que o senhor está falando por experiência própria.

– Também amo o seu pai. E, como você, queria fazer algo especial para ele.

– E Deus respondeu?

– Deus sempre responde.

– Foi um sussurro ou um sino de igreja?

Pela primeira vez em muito tempo, ela viu um toque de alegria nos olhos dele.

– Um sino de igreja, é claro. Deus sabe que ando meio surdo ultimamente.

– O que o senhor vai fazer?

Ele se sentou mais ereto na cadeira.

– Vou instalar o vitral da igreja. Um benfeitor apareceu do nada na semana passada e não só se ofereceu para cobrir o restante dos reparos na íntegra, mas já tinha todas as equipes de trabalho contratadas. Eles recomeçam o trabalho amanhã de manhã.



Nos dias que se seguiram, Ronnie tentava ouvir sinos de igreja, mas tudo que escutava eram as gaivotas. Quando prestava atenção a algum sussurro, não ouvia nada. Isso não necessariamente a surpreendeu – a resposta também não viera para o pastor Harris tão rápido –, mas tinha esperanças de que viesse para ela antes que fosse tarde demais.

Ela simplesmente continuou a fazer o que já fazia. Auxiliava o pai quando ele precisava de ajuda, deixava-o em paz quando não precisava e tentava aproveitar ao máximo o tempo que lhes restava juntos. Como Steve estava se sentindo mais forte, naquele fim de semana eles resolveram fazer um passeio até a Orton Plantation Gardens, perto de Southport. Não era muito longe de Wilmington, e Ronnie nunca tinha ido até lá, mas, enquanto seguiam pela estrada de pedras que levava à mansão original, construída em 1735, ela já

sabia que seria um dia memorável. Era o tipo de lugar que parecia perdido no tempo. As flores já não estavam mais ali, porém, enquanto caminhavam por entre os carvalhos gigantes com seus ramos baixos envoltos em barba-de-velho, Ronnie pensou que nunca estivera em um lugar tão bonito.

Passeando sob as árvores, de braços dados, os dois conversaram sobre o verão. Pela primeira vez, Ronnie falou com o pai sobre seu relacionamento com Will; contou a ele sobre quando foram pescar, as ocasiões em que dirigiram na lama, descreveu o mergulho que Will dera a partir do telhado da área coberta da piscina, contou tudo sobre o fiasco na festa de casamento. Entretanto, ela não revelou o que acontecera no dia anterior à partida dele para a Vanderbilt nem o que ele lhe havia dito. Ainda não estava pronta para isso. A ferida ainda não havia cicatrizado. E, como sempre fazia, o pai a ouvia em silêncio, até mesmo quando ela parava de falar no meio de uma frase. Ela gostava dessa característica de Steve. *Ou melhor*, pensou: ela *amava* isso a respeito dele e se perguntou quem ela teria se tornado se nunca tivesse passado aquele verão lá.

Depois, eles dirigiram até Southport e jantaram em um dos pequenos restaurantes com vista para o porto. Ela sabia que o pai estava ficando cansado, mas a comida era boa e eles dividiram um brownie de chocolate quente no fim da refeição.

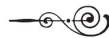
Foi um dia bom, um dia do qual ela sabia que se lembraria para sempre. Porém, ao se sentar sozinha na sala de estar, depois que o pai tinha ido para a cama, ela mais uma vez se pegou pensando que havia algo mais que ela poderia fazer por ele.



Na semana seguinte, a terceira do mês de setembro, ela começou a notar que o pai estava piorando. Ele agora dormia até o meio da

manhã e tirava uma soneca à tarde. Embora adormecesse regularmente, os cochilos começaram a se prolongar, e ele ia para a cama mais cedo à noite. Enquanto limpava a cozinha, na falta de algo melhor para fazer, ela calculou que ele agora estava dormindo durante mais da metade do dia.

A partir de então, as coisas só pioraram. A cada dia, ele dormia um pouco mais. Ele também não estava comendo o suficiente. Em vez disso, cutucava a comida no prato e fingia comer; quando ela raspava o resto da comida no lixo, percebia que ele apenas tinha dado umas beliscadas na refeição. Ele estava perdendo peso de forma constante e ela sentia que o pai parecia cada vez menor. Algumas vezes, ela se assustava diante da ideia de que um dia não sobraria nada no lugar dele.



O mês de setembro terminou. No período da manhã, o cheiro de maresia do oceano ficava preso na baía devido aos ventos das montanhas no leste do estado. Ainda fazia calor, era uma época propícia aos furacões, mas a costa da Carolina do Norte fora poupada.

No dia anterior, Steve dormira catorze horas. Ela sabia que ele não conseguia evitar, que seu corpo não lhe dava escolha alguma, mas lhe doía no coração a constatação de que ele estava dormindo durante a maior parte do pouco tempo que lhes restava juntos. Quando estava acordado, o pai ficava mais silencioso, satisfeito em apenas ler a Bíblia ou caminhar lentamente com Ronnie, calado.

Com mais frequência do que o esperado, Ronnie se via pensando em Will. Ela ainda usava a pulseira de macramê que ele lhe dera e, enquanto passava os dedos por aquela malha intrincada, ela se perguntava que aulas ele estaria tendo, que companhias teria quando ia de um prédio a outro. Ficava curiosa em saber ao lado de

quem ele se sentava quando comia na lanchonete e se ele alguma vez pensava nela quando se preparava para sair na sexta-feira ou no sábado à noite. Talvez, pensava ela em seus momentos mais tristes, ele já tivesse conhecido outro alguém.

– Quer conversar sobre isso? – perguntou Steve um dia, enquanto passeavam na praia.

Estavam indo para a igreja. Desde que a construção recomeçara, tudo estava evoluindo com rapidez. Havia muitos operários: moldureiros, eletricitas, carpinteiros especialistas em guarnição e paredes de gesso. Havia pelo menos quarenta caminhões no local da obra, e as pessoas saíam e entravam o tempo todo.

– Sobre o quê? – perguntou ela, com cuidado.

– Sobre Will. A maneira como as coisas terminaram entre vocês dois.

Ela olhou para ele, tentando entender.

– Como você sabe disso?

Ele deu de ombros.

– Porque você só mencionou o nome dele de passagem nas últimas semanas, e você nunca fala com ele por telefone. Não é difícil perceber que alguma coisa aconteceu.

– É complicado – respondeu ela, relutante.

Eles caminharam algum tempo em silêncio antes de Steve voltar a falar.

– Não sei se isso importa para você, mas o considero um rapaz excepcional.

Ela agarrou o braço do pai.

– Sim, isso importa. E acho a mesma coisa.

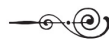
Nesse momento, eles já haviam chegado à igreja. Ela viu operários descarregando madeira e latas de tinta e, como de costume, seus olhos procuraram o espaço vazio abaixo do campanário. O vitral ainda não tinha sido instalado – a maior parte

da construção precisava ser concluída primeiro, para evitar que as peças frágeis de vidro rachassem –, mas o pai gostava de visitar o local. Ele estava feliz com a retomada da construção, mas não só por causa da janela. Falava a todo instante sobre como a igreja era importante para o pastor Harris e de como o amigo sentia falta de pregar no lugar que Steve sempre considerou sua segunda casa.

O pastor Harris estava sempre no local e caminhava até a praia para vê-los assim que chegavam. Olhando ao redor, ela o viu parado no estacionamento de cascalho. Estava conversando com alguém e gesticulava animadamente, apontando para o edifício. Mesmo a distância, dava para perceber que ele estava sorrindo.

Ronnie estava prestes a acenar para chamar a atenção do pastor, quando, de repente, reconheceu o homem com quem ele estava conversando. Ao vê-lo, ela tomou um susto. Na última vez que o vira, estava muito nervosa e abalada; na última vez que estiveram juntos, ele não se dignara a se despedir. Talvez Tom Blakelee estivesse simplesmente dirigindo por ali e tivesse parado para falar com o pastor sobre a reconstrução da igreja. Talvez ele só estivesse interessado.

Durante o resto da semana, ela sempre procurava por Tom Blakelee quando visitavam o local, mas não o viu. Teve que admitir que parte dela ficou aliviada por seus mundos não se cruzarem mais.



Depois das caminhadas para a igreja e do cochilo do pai à tarde, eles costumavam ler juntos. Ela terminou *Anna Kariênina* quatro meses depois de ter começado a lê-lo. Foi à biblioteca pública e pegou *Doutor Jivago*. Havia algo sobre os autores russos que a atraía: a qualidade épica de suas histórias, talvez; a tragédia

sombria e os amores condenados, pintados em uma tela gigantesca, tão distante de sua vida.

Seu pai continuou a estudar a Bíblia e às vezes lia uma passagem ou versículo em voz alta, a seu pedido. Alguns eram curtos, outros, longos, mas muitos deles pareciam focar no significado da fé. Ela não sabia exatamente por quê, mas às vezes tinha a sensação de que, ao serem lidos em voz alta, uma luz se derramava sobre uma nuance ou um significado que o pai tinha perdido anteriormente.

Os jantares estavam se tornando acontecimentos simples. No início de outubro, ela começou a assumir a maior parte da preparação das refeições, e ele aceitou a mudança com a mesma tranquilidade com que aceitara tudo o mais. Na maioria das vezes, eles se sentavam na cozinha e conversavam, enquanto Ronnie cozinhava macarrão ou arroz e grelhava algum frango ou bife na frigideira. Era a primeira vez que ela cozinhava carne em anos e se sentiu estranha insistindo para que o pai comesse, depois de colocar o prato à sua frente. Ele não sentia mais muita fome e as refeições eram leves porque qualquer tipo de tempero irritava seu estômago. Mas ela sabia que ele precisava se alimentar. Embora não houvesse uma balança na casa, Ronnie via que seu pai perdia cada vez mais peso.

Uma noite, depois do jantar, ela finalmente revelou a ele o que tinha acontecido com Will. Contou tudo: sobre o fogo e suas tentativas de acobertar Scott, sobre tudo o que tinha acontecido com Marcus. Steve a escutou atentamente, e ela percebeu, ao ver o pai colocando o prato de lado, que ele não tinha comido mais do que algumas poucas garfadas.

– Posso lhe fazer uma pergunta?

– É claro – respondeu ela. – Pode me perguntar qualquer coisa.

– Quando você me disse que estava apaixonada por Will, era pra valer? Você sentia isso mesmo?

Ela se lembrou de Megan lhe fazendo a mesma pergunta.

– Sim.

– Então acho que você pode ter sido dura demais com ele.

– Mas ele estava encobrindo um crime...

– Eu sei. Mas, se parar para pensar bem, você está agora na mesma posição que ele. Você sabe a verdade, assim como ele sabia. E não disse nada a ninguém.

– Mas não fiz nada...

– E você disse que ele também não.

– O que você está querendo dizer? Que eu deveria contar ao pastor Harris?

Ele balançou a cabeça.

– Não – respondeu ele, para surpresa da filha. – Acho que você não deveria contar.

– Por quê?

– Ronnie – respondeu ele, calmamente –, talvez haja mais coisas nessa história do que podemos enxergar.

– Mas...

– Não estou dizendo que estou certo. Sou o primeiro a admitir meu erro sobre um monte de coisas. Mas, se tudo foi exatamente como você contou, então quero que saiba o seguinte: o pastor Harris não quer saber a verdade. Porque, se souber, terá que fazer algo a respeito. E, acredite, ele jamais iria querer machucar o Scott e a família dele, principalmente se tiver sido um acidente. Ele simplesmente não é esse tipo de homem. E mais uma coisa, que, de tudo o que eu disse, é a mais importante.

– O quê?

– Você precisa aprender a perdoar.

Ela cruzou os braços.

– Já perdooi o Will. Mande mensagens para ele...

Mesmo antes de ela terminar, o pai estava balançando a cabeça.

– Não estou falando sobre Will. Primeiro, você precisa aprender

a perdoar a si mesma.



Naquela noite, no fundo da pilha de cartas que seu pai havia escrito, Ronnie encontrou outra, que também ainda não tinha lido. Ele devia tê-la adicionado à pilha recentemente, pois não tinha selo nem carimbo postal.

Ronnie não sabia se ele queria que ela a lesse agora, ou se ele a escrevera para que ela abrisse a carta depois de sua partida. Achou que deveria perguntar a ele, mas não o fez. Na verdade, não tinha certeza se queria lê-la; o simples fato de segurar o envelope a assustava, pois sabia que era a última carta que ele lhe escreveria.

A doença continuou a evoluir. Embora seguissem as rotinas regulares – comer, ler e fazer caminhadas na praia –, seu pai estava tomando mais remédios para a dor. Havia momentos em que seus olhos ficavam vidrados e fora de foco, mas ela ainda tinha a sensação de que a dosagem não era forte o suficiente. De vez em quando, ela via o pai se contrair quando se sentava para ler no sofá. Ele fechava os olhos e se inclinava para trás, o rosto exibindo apenas dor. Quando isso acontecia, ele segurava a mão da filha; mas, à medida que os dias passavam, ela percebeu que seu aperto estava cada vez mais fraco. Sua força estava se desvanecendo, pensou ela. Tudo sobre ele estava se desvanecendo. E, em breve, ele não estaria mais ali.

Ronnie tinha certeza de que o pastor Harris também percebia as mudanças no pai dela. Nas últimas semanas, ele vinha todos os dias, logo após o jantar. Na maior parte do tempo, mantinha uma conversa leve; atualizava os dois sobre a reconstrução da igreja ou lhes contava histórias divertidas de seu passado, trazendo um sorriso fugaz ao rosto de Steve. Mas também havia momentos em que ambos pareciam ficar sem ter o que dizer um ao outro. Evitar o

elefante branco no meio da sala estava sendo difícil para todos, e naqueles momentos uma névoa de tristeza parecia tomar conta da casa.

Quando sentia que os dois homens queriam ficar a sós, ela se sentava na varanda e tentava imaginar o que eles poderiam estar conversando. É claro que era possível adivinhar: falavam sobre a fé, a família e talvez alguns arrependimentos que cada um tivesse, mas ela sabia que também rezavam juntos. Ela os ouviu uma vez, quando entrou para pegar um copo de água, e se lembrou de ter pensado que a oração do pastor Harris soava mais como um apelo. Ele parecia estar implorando por forças, como se a própria vida dependesse disso, e, enquanto o ouvia, ela fechou os olhos para acompanhá-lo com sua própria oração silenciosa.

Em meados de outubro, houve três dias em que o tempo estava frio a ponto de exigir um moletom de manhã. Depois de meses de um calor implacável, ela apreciou o frescor, mas aqueles três dias foram duros para o pai. Embora ainda caminhassem na praia, ele se movimentava ainda mais lentamente, e os dois só faziam uma pausa rápida do lado de fora da igreja para então voltarem para casa. Quando chegavam, Steve estava tremendo. Assim que entravam, Ronnie lhe preparava um banho quente para ajudá-lo a se aquecer e sentia as primeiras pontadas de pânico diante dos novos sinais da doença, que revelavam seu avanço com cada vez mais rapidez.

Em uma sexta-feira, uma semana antes do Dia das Bruxas, o pai reuniu forças para que fossem pescar no pequeno cais aonde Will a levava naquela primeira vez. O agente Pete emprestou a eles algumas varas de pesca e uma caixa de equipamentos. Para surpresa de Ronnie, seu pai nunca havia pescado e ela mesma teve que colocar a isca no anzol. Os dois primeiros peixes que morderam a isca escaparam, mas, depois de algum tempo, eles conseguiram pegar um pargo e o colocaram no píer. Era o mesmo tipo de peixe

que ela pegara com Will e, enquanto o animal lutava e ela o libertava do anzol, Ronnie sentiu uma súbita saudade dele, com uma intensidade que lhe provocou dor física.

Quando voltaram para casa, depois de uma tarde serena no píer, duas pessoas esperavam por eles na varanda. Somente quando saíram do carro foi que ela reconheceu Blaze e a mãe. A garota parecia surpreendentemente diferente. Seu cabelo estava penteado para trás em um rabo de cavalo bem-arrumado, e ela usava short branco e uma blusa azul-turquesa de mangas compridas. Não usava bijuterias nem maquiagem.

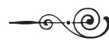
Ver Blaze novamente lembrou Ronnie de algo que ela tinha feito um grande esforço para esquecer, em meio a todas as preocupações com o pai: tinha que voltar ao tribunal antes do fim do mês. Ela se perguntou o que as duas estavam fazendo ali.

Ela ajudou o pai a sair do carro, oferecendo-lhe o braço para que se sentisse mais firme.

– Quem são elas? – murmurou o pai.

Ronnie explicou, e ele assentiu. Ao se aproximarem, Blaze desceu da varanda.

– Oi, Ronnie – disse ela, pigarreando. Ela fechou os olhos ligeiramente, devido ao sol. – Vim aqui para conversar com você.



Ronnie se sentou de frente para Blaze na sala, observando enquanto a garota olhava com atenção para o chão. Steve e a mãe dela haviam se retirado para a cozinha, a fim de lhes dar alguma privacidade.

– Sinto muito pelo seu pai. – Blaze foi a primeira a falar. – Como ele está?

– Ele está bem. – Ronnie deu de ombros. – E você?

Blaze tocou a frente da blusa.

– Vou sempre ter cicatrizes aqui e aqui – disse ela, indicando os braços e a barriga. – Ela deu um sorriso triste. – Mas, de verdade, tenho sorte de estar viva. – Ela se remexeu na cadeira e então olhou Ronnie nos olhos. – Eu queria lhe agradecer por ter me levado ao hospital.

Ronnie aquiesceu, ainda sem saber aonde a conversa estava indo.

– Por nada.

No silêncio, Blaze olhou ao redor da sala, sem saber direito o que dizer em seguida. Ronnie, aprendendo com seu pai, simplesmente esperou.

– Eu deveria ter vindo antes, mas sabia que você estava muito ocupada.

– Não tem problema – disse Ronnie. – Estou contente de ver que você está bem.

Blaze olhou para ela.

– Sêrio?

– Sim – disse Ronnie. Ela sorriu. – Mesmo que você esteja parecendo um ovo de Páscoa.

Blaze puxou a blusa.

– Pois é, eu sei. Que louco, não é? Minha mãe comprou algumas roupas para mim.

– Elas caíram bem em você. Imagino que vocês duas estejam se dando melhor.

O olhar de Blaze era triste.

– Estou tentando. Estou morando de novo lá em casa, mas é difícil. Fiz muitas coisas idiotas. Para ela, para outras pessoas. Para você.

Ronnie continuou sentada, imóvel, com uma expressão neutra.

– Por que você veio aqui, Blaze?

Blaze retorceu as mãos, traindo a agitação que sentia.

– Vim pedir desculpas. Fiz uma coisa terrível para você. E sei

que não posso voltar atrás em todo o transtorno que causei, mas quero que você saiba que falei com a promotora hoje de manhã. Eu disse a ela que coloquei os objetos na sua bolsa porque estava com raiva de você e assinei um depoimento que diz que você não tinha ideia do que estava acontecendo. Você deve receber um telefonema hoje ou amanhã, mas ela me prometeu que retiraria as acusações.

As palavras saíram tão rápido que, no início, Ronnie não tinha certeza se ouvira direito, mas o olhar suplicante de Blaze lhe disse tudo o que ela precisava saber. Depois de todos aqueles meses, depois de todos os inúmeros dias e noites de preocupação, de repente estava acabado. Ronnie estava em choque.

– Sinto muito, de verdade – prosseguiu Blaze, em voz baixa. – Eu nunca deveria ter colocado aquelas coisas na sua bolsa.

Ronnie ainda tentava digerir a notícia. O pesadelo finalmente havia terminado. Ela observou Blaze, que puxava sem parar um fio solto da bainha de sua blusa.

– O que vai acontecer com você? Eles vão acusá-la?

– Não. – Nesse instante, ela olhou para Ronnie, a mandíbula tensa. – Eu tinha algumas informações que eles queriam sobre outro crime. Um crime maior.

– Está se referindo ao que aconteceu com você no cais?

– Não – respondeu ela, e Ronnie pensou ter visto algo duro e desafiador em seus olhos. – Contei a eles sobre o incêndio na igreja e como tudo realmente começou. – Blaze quis ter certeza de que Ronnie estava prestando atenção antes de continuar: – O Scott não começou o fogo. O rojão dele não teve nada a ver com aquilo. Ah, ele caiu perto da igreja, isso é fato, mas não provocou nada.

Ronnie absorveu a informação com uma surpresa cada vez maior. Por um momento, elas se entreolharam e a tensão no ar era palpável.

– Então, como é que começou?

Blaze se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos,

os antebraços esticados como se estivessem em súplica.

– Estávamos nos divertindo na praia: Marcus, Teddy, Lance e eu. Um pouco mais tarde, Scott apareceu e ficou por ali, mais ou menos perto. Fingimos ignorar uns aos outros, mas vimos quando ele acendeu o rojão. Will ainda estava na praia e Scott o apontou em sua direção, mas com o vento o rojão desviou para a igreja. Will entrou em pânico e saiu correndo. Marcus achou tudo aquilo muito divertido e, no minuto em que o rojão caiu atrás da igreja, ele correu para o pátio. No início, eu não sabia o que estava acontecendo, nem mesmo depois que fui atrás dele e o vi incendiando o mato ao lado da parede da igreja. Logo em seguida, vi que a parede da igreja estava pegando fogo.

– Você está dizendo que foi Marcus que fez isso? – Ronnie mal conseguia pronunciar as palavras.

Blaze assentiu.

– Ele também foi responsável por outros incêndios. Tenho certeza que sim, pois ele sempre amou o fogo. Acho que sempre soube que ele era louco, mas eu... – Ela desistiu de continuar, percebendo que já tinha repetido aquilo muitas vezes. Ela se ajeitou na cadeira. – Enfim, concordei em testemunhar contra ele.

Ronnie se recostou de novo na cadeira, sentindo como se o vento a tivesse derrubado. Lembrou-se das coisas que dissera a Will, de repente percebendo que, se ele tivesse feito o que ela exigira, a vida de Scott teria sido arruinada à toa.

Ela se sentia quase nauseada, enquanto Blaze continuava seu relato.

– Realmente sinto muito por tudo – disse ela. – E, por mais louco que pareça, considereei você minha amiga até o dia em que agi como uma idiota e estraguei tudo. – Pela primeira vez, a voz de Blaze falhou. – Mas você é uma ótima pessoa, Ronnie. Você é honesta e foi boa para mim quando não tinha nenhum motivo para ser. – Uma lágrima brotou em um olho, e ela a secou depressa. –

Nunca vou me esquecer do dia em que você disse que eu poderia ficar na sua casa, mesmo depois de todas as coisas terríveis que eu havia feito. Eu me senti tão... envergonhada. Mas fiquei agradecida, sabe? Por alguém ainda se importar.

Blaze parou, visivelmente lutando para se recompor. Ela pestanejou e se controlou para não chorar, então deu um suspiro profundo e fitou Ronnie com um olhar determinado.

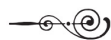
– Então, se você precisar de alguma coisa... qualquer coisa mesmo... me avise. Vou largar tudo, está bem? Sei que nunca poderei compensar o que fiz, mas, de alguma forma, sinto que você me salvou. O que aconteceu com o seu pai é injusto demais... e eu faria qualquer coisa para ajudá-la.

Ronnie aquiesceu.

– E só mais uma coisa – acrescentou Blaze. – Não temos que ser amigas, mas se a gente se vir de novo, poderia me chamar de Galadriel? Não suporto o nome Blaze.

Ronnie sorriu.

– Pode deixar, Galadriel.



Como Blaze havia prometido, a advogada ligou naquela tarde, informando que suas acusações de furto haviam sido retiradas.

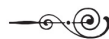
À noite, enquanto o pai dormia no quarto, Ronnie ligou a TV no telejornal local. Não tinha certeza se a notícia seria mostrada, mas lá estava ela, um segmento de 32 segundos logo antes da previsão do tempo sobre “a detenção de um novo suspeito na investigação em andamento do incêndio de uma igreja no ano passado”. Quando eles mostraram uma foto de Marcus na delegacia com alguns detalhes de suas acusações, ela desligou a TV. Aqueles olhos frios e vazios ainda tinham o poder de assustá-la.

Ela pensou em Will e no que ele tinha feito para proteger Scott

por um crime que, conforme se descobriu, ele jamais cometera. Tinha sido realmente tão terrível, ela se perguntou, que a lealdade ao amigo distorcesse seu julgamento? Especialmente à luz de como as coisas tinham se desenrolado? Ronnie não tinha mais certeza de nada. Ela estivera errada sobre muitas coisas: seu pai, Blaze, sua mãe, até mesmo Will. A vida era muito mais complicada do que ela imaginara quando era uma adolescente mal-humorada em Nova York.

Ela balançou a cabeça enquanto andava pela casa, apagando as luzes uma por uma. Aquela vida – um desfile de festas, fofocas na escola e discussões com a mãe – parecia pertencer a outro universo, uma existência apenas em sua imaginação. Agora, havia apenas isto: sua caminhada na praia com o pai, o som incessante das ondas do mar, o cheiro do inverno se aproximando.

E o fruto do Espírito Santo: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.



O Dia das Bruxas chegou e Steve ficava mais fraco a cada dia.

Eles desistiram das caminhadas na praia porque acabou demandando esforço demais e, de manhã, quando fazia a cama dele, ela recolhia dezenas de fios de cabelo no travesseiro. Vendo que a doença avançava rapidamente, ela levou o próprio colchão para o quarto do pai, no caso de ele precisar de ajuda, e para poder também ficar perto de Steve pelo maior tempo possível.

Ele estava tomando analgésicos em dosagens mais altas do que seu corpo conseguia suportar, no entanto nunca parecia ser o suficiente. À noite, quando dormia no chão ao lado dele, ela o ouvia gemer e pronunciar uns sons de incômodo que quase partiam seu coração. A medicação era mantida ao lado da cama dele, e era a primeira coisa que ele pegava ao acordar. Ela se sentava ao lado

dele de manhã, segurando-o, braços e pernas trêmulos, até que o remédio fizesse efeito.

Porém, os efeitos colaterais começaram a cobrar seu preço. Ele perdia o equilíbrio quando ficava de pé, e Ronnie tinha que ampará-lo sempre que ele andava, ainda que fosse apenas para ir de um canto a outro da sala. Apesar da perda de peso, ela precisava se esforçar ao máximo para conseguir segurá-lo quando o pai tropeçava. Embora ele nunca dissesse o quanto se sentia frustrado, seus olhos registravam sua decepção, como se, de alguma forma, estivesse fracassando aos olhos da filha.

Ele agora dormia em média dezessete horas diárias, e Ronnie passava os dias inteiros sozinha em casa, lendo e relendo as cartas que ele lhe escrevera. Ela ainda não tinha lido a última – a ideia ainda lhe parecia muito assustadora –, mas, às vezes, gostava de mantê-la entre os dedos, tentando reunir forças para abri-la.

Ela passou a ligar para casa com mais frequência, tentando sempre fazer as chamadas quando Jonah já estivesse de volta da escola ou depois do jantar. O menino parecia conformado e, quando perguntava sobre o pai, às vezes ela se sentia culpada por não contar toda a verdade. Mas não achava justo que ele tivesse um fardo tão grande e percebeu que o pai fazia todo o possível para soar o mais cheio de energia possível quando falava com o filho. Depois, era frequente ele se sentar na cadeira ao lado do telefone, exaurido pelo esforço, cansado até mesmo para se mexer. Ela o observava em silêncio, agoniada por saber que poderia fazer algo mais, mas sem saber o que era.



– Qual é a sua cor favorita? – perguntou ela.

Eles estavam sentados à mesa da cozinha, e Ronnie tinha um bloco de papel aberto diante dela.

Steve lhe deu um sorriso zombeteiro.

– Era isso o que você queria me perguntar?

– Essa é apenas a primeira pergunta. Tenho muitas outras.

Steve pegou a lata de suplemento alimentar que Ronnie colocara diante dele. Não estava mais comendo muitos alimentos sólidos e ela o viu dar um pequeno gole, sabendo que estava fazendo isso mais para agradá-la do que por fome.

– Verde.

Ela anotou a resposta e leu a próxima pergunta.

– Quantos anos você tinha quando beijou uma garota pela primeira vez?

– Está falando sério? – perguntou ele, fazendo uma careta.

– Por favor, papai. É importante.

Ele respondeu novamente, e ela anotou. Chegaram a um quarto das perguntas que ela havia anotado e, na semana seguinte, ele finalmente terminou de responder a todas. Ronnie anotou as respostas com cuidado, não literalmente, mas com detalhes suficientes para que pudesse reconstituí-las no futuro. Era um exercício envolvente e até mesmo surpreendente, mas, no fim, ela concluiu que seu pai era o mesmo homem que ela viera a conhecer durante o verão.

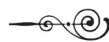
O que era bom e ruim, é claro. Bom porque ela já achava que ele era mesmo aquela pessoa, ruim porque nada daquilo a deixava mais perto da resposta que estava procurando há tempos.



A segunda semana de novembro trouxe as primeiras chuvas de outono, mas a construção da igreja continuava a pleno vapor. Na verdade, o ritmo aumentara. Steve já não a acompanhava; ainda assim, Ronnie ia até a igreja todos os dias para ver como as coisas estavam progredindo. Esse passeio havia se tornado parte de sua

rotina durante as horas de silêncio, quando o pai estava dormindo. Embora sempre registrasse a chegada da garota com um aceno, o pastor Harris não se juntava mais a ela na praia para conversar.

Em uma semana o vitral seria instalado, e o pastor Harris saberia que havia feito algo para o pai de Ronnie, algo que ninguém mais poderia fazer, algo que ela sabia que significaria o mundo para ele. Ela estava feliz por ele, mesmo quando orava em busca de alguma orientação para si mesma.



De repente, em um dia cinzento de novembro, o pai insistiu que se aventurassem pelo cais. Ronnie ficou tensa por causa da distância e do frio, mas ele estava irredutível. Queria ver o oceano do cais, disse ele. *Pela última vez* foram as palavras que ele não precisou dizer.

Vestiram os sobretudos e Ronnie enrolou um cachecol de lã no pescoço do pai. O vento carregava o primeiro sabor acentuado de inverno, fazendo com que a sensação térmica fosse de um frio maior do que o sugerido pelo termômetro. Ela fez questão de dirigir até o cais e estacionou o carro do pastor Harris no calçadão deserto.

Eles demoraram muito tempo para chegar ao fim do cais. Estavam sozinhos sob um céu tomado pelas nuvens, as ondas cinza como o ferro visíveis entre as placas de concreto. Enquanto seguiam em frente, Steve manteve seu braço nos ombros de Ronnie, agarrando-se a ela quando o vento puxava seus sobretudos.

Quando finalmente chegaram, o pai estendeu a mão para a balaustrada e quase perdeu o equilíbrio. À luz prateada, seu rosto magro e encovado fazia seus olhos se destacarem, parecendo um pouco vidrados, mas ela percebeu que ele estava satisfeito.

O movimento constante das ondas que se estendiam diante deles em direção ao horizonte parecia lhe trazer uma sensação de serenidade. Não havia nada para se ver – nenhum barco, nenhum animal, nenhum surfista –, mas sua expressão parecia pacífica e livre de dor pela primeira vez em semanas. Perto do horizonte, as nuvens pareciam quase vivas, se enrolando e se deslocando, enquanto o sol de inverno tentava perfurar suas massas veladas. Ela se viu prestando atenção ao movimento das nuvens com a mesma admiração do pai, perguntando a si mesma em que ele estaria pensando.

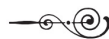
O vento estava ficando mais forte, e ela viu o pai tremer. Percebeu que ele queria ficar, seu olhar fixado no horizonte. Ela o puxou suavemente pelo braço, mas ele segurou com mais força o corrimão.

Ela então o soltou, ficando parada ao lado dele até que ele estivesse tremendo de frio e pronto para ir. Steve soltou o corrimão e permitiu que a filha o virasse para que comesçassem sua marcha lenta de volta para o carro. Pelo canto do olho, Ronnie percebeu que ele estava sorrindo.

– Foi lindo, não? – comentou ela.

O pai deu alguns passos antes de responder.

– Foi. Mais do que tudo, gostei de compartilhar esse momento com você.



Dois dias depois, ela resolveu ler aquela última carta. Queria fazer isso logo, antes de ele partir. Não naquela noite, mas em breve, prometeu a si mesma. Era tarde da noite, e o dia com o pai havia sido o mais difícil até o momento. O remédio não parecia estar ajudando muito. Lágrimas brotavam nos olhos dele quando

espasmos atormentavam seu corpo; ela implorou para que ele a deixasse levá-lo ao hospital, mas ele se recusou.

– Não – disse ele, arquejante. – Ainda não.

– Quando? – indagou ela, desesperada, quase aos prantos.

Ele não respondeu, apenas prendeu a respiração, esperando a dor passar. Ao primeiro sinal de alívio, ficou fraco de repente, como se tivessem arrancado um pedaço do pouco de vida que lhe restava.

– Quero que você faça algo por mim – disse ele.

Sua voz era um sussurro forçado.

Ela beijou o dorso da mão dele.

– Qualquer coisa – respondeu ela.

– Quando recebi o meu diagnóstico pela primeira vez, assinei uma ONR. Você sabe o que é isso? – Ele procurou a resposta no rosto dela. – Ordem de Não Reanimar. Significa que não desejo que sejam tomadas medidas extraordinárias para me manter vivo. Digo, se eu for para o hospital.

Ela sentiu o estômago se revirar de medo.

– O que você está tentando dizer?

– Quando chegar a hora, você tem que me deixar ir.

– Não – falou ela, começando a balançar a cabeça –, não diga isso.

O olhar de Steve era gentil, mas firme.

– Por favor – sussurrou ele. – É o que eu quero. Quando eu for para o hospital, leve os papéis. Eles estão na gaveta de cima da minha mesa, em um envelope de papel pardo.

– Não... papai, por favor – lamentou ela. – Não me obrigue a fazer isso. Não tenho condições.

Ele a encarou.

– Nem por mim?

Naquela noite, os gemidos dele foram interrompidos por uma respiração rápida e atribulada, o que a deixou aterrorizada. Embora

tivesse prometido que faria o que ele havia pedido, Ronnie não tinha certeza se que teria coragem.

Como poderia dizer aos médicos que não fizessem nada? Como poderia deixá-lo morrer?



Na segunda-feira, o pastor Harris os pegou e os levou à igreja para ver o vitral sendo instalado. Como Steve estava fraco demais para ficar de pé, eles levaram uma cadeira dobrável. O pastor ajudou Ronnie a apoiar o pai, enquanto eles, lentamente, seguiam para a praia. Uma multidão havia se reunido para assistir ao evento e, nas horas seguintes, todos ficaram observando os operários colocarem, com muito cuidado, o vitral no lugar. Ficou espetacular, exatamente como ela imaginava que ficaria, e, quando o último suporte foi aparafusado, uma onda ruidosa de alegria surgiu. Ela se virou para ver a reação do pai e percebeu que ele havia adormecido, enrolado nos pesados cobertores que ela havia colocado sobre ele.

Com a ajuda do pastor Harris, Ronnie o trouxe para casa e o colocou na cama. Na saída, o pastor se virou para ela.

– Ele estava feliz – observou ele, tanto para convencer a si mesmo quanto para convencê-la.

– Eu sei que estava – respondeu Ronnie, estendendo a mão para apertar o braço dele. – Era exatamente o que ele queria.

O pai dormiu durante o resto do dia e, à medida que o mundo foi escurecendo lá fora, ela percebeu que era hora de ler a carta. Se não a lesse naquele momento, talvez nunca tivesse coragem.

A luz na cozinha era fraca. Depois de abrir o envelope, ela desdobrou a página bem devagar. A caligrafia era diferente das cartas anteriores; já não havia mais o estilo fluido que ela esperava ver. Em vez disso, era algo mais parecido com um rabisco. Ronnie não queria imaginar o imenso esforço que ele devia ter feito para

escrever aquelas palavras, ou quanto tempo teria levado para fazê-lo. Respirou fundo e começou a ler.

Oi, querida,

Estou orgulhoso de você.

Não falei essas palavras para você com a frequência que deveria. Eu as digo agora não porque você escolheu ficar comigo e enfrentar este tempo incrivelmente difícil, mas porque eu queria que soubesse que você é o ser humano extraordinário que sempre sonhei que um dia seria.

Obrigado por ficar. Sei que é difícil para você, certamente mais difícil do que imaginou que seria, e peço desculpas pelas horas que você vai, inevitavelmente, passar sozinha. Mas peço desculpas principalmente por não ter sido sempre o pai que você precisava que eu fosse. Sei que cometi erros. Gostaria de poder mudar muitas coisas na minha vida. Suponho que isso seja normal, considerando o que está acontecendo comigo, mas há algo mais que quero que você saiba.

Por mais difícil que a vida possa ser, e apesar de todos os meus arrependimentos, houve momentos em que me senti verdadeiramente abençoado. Eu me senti assim quando você nasceu, quando a levei ao zoológico e vi você, ainda criança, olhar para as girafas com espanto. Normalmente, esses momentos não duram muito; eles vêm e vão como as brisas do oceano. Mas, algumas vezes, eles se estendem para sempre.

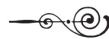
Foi isso o que o verão significou para mim, e não só porque você me perdoou. O verão foi um presente porque conheci a jovem que eu sempre soube que você seria. Como eu disse ao seu irmão, foi o melhor verão da minha vida, e

muitas vezes me perguntei, durante aqueles dias idílicos, por que alguém como eu poderia ter sido abençoado com uma filha tão maravilhosa quanto você.

Obrigado, Ronnie. Obrigado por ter vindo. E obrigado pela forma como fez com que eu me sentisse durante cada dia em que tivemos a chance de ficar juntos.

Você e o Jonah sempre foram as maiores bênçãos da minha vida. Amo você, Ronnie, eu sempre te amei. E nunca, jamais se esqueça de que tenho, e sempre tive, muito orgulho de você. Nenhum pai jamais foi tão abençoado quanto eu.

Papai



O Dia de Ação de Graças passou. Ao longo da praia, as pessoas começaram a decorar suas casas para o Natal.

Steve tinha perdido um terço de seu peso corporal e passava quase todo o tempo na cama.

Ronnie descobriu as folhas de papel de manhã, quando estava limpando a casa, enfiadas sem o menor cuidado na gaveta da mesinha de centro. Quando as puxou para fora, ela só precisou de um segundo para reconhecer o toque do pai nas notas musicais rabiscadas naquelas páginas.

Era a música que ele estava compondo, a música que ela o ouvira tocar naquela noite, na igreja. Ajeitou as páginas em cima da mesa para examiná-las mais de perto. Seus olhos correram sobre a série de notas profundamente editadas, e ela pensou que o pai andara tendo algumas ideias. Enquanto lia, Ronnie podia ouvir na cabeça o som surpreendente dos primeiros compassos de abertura, mas, enquanto passava pela segunda e terceira páginas da composição, também percebeu que algo parecia fora do lugar.

Embora seus primeiros instintos tivessem sido bons, ela identificou o ponto onde a composição começava a perder o rumo. Procurou um lápis na gaveta da mesa e começou a sobrepor o seu próprio trabalho na pauta, desenhando rápidas progressões de acordes e sequências melódicas onde seu pai as deixara de fora.

Antes que percebesse, três horas haviam se passado, e ela ouviu o pai se mexendo na cama. Depois de enfiar as páginas de volta na gaveta, ela foi para o quarto, pronta para enfrentar o que o dia lhes traria.

Mais tarde, à noite, quando seu pai tinha mergulhado em mais um profundo sono intermitente, ela recuperou as páginas, dessa vez trabalhando até bem depois da meia-noite. De manhã, acordou agitada e ansiosa para mostrar a ele o que tinha feito. Quando entrou em seu quarto, ele estava imóvel, e ela entrou em pânico ao perceber que ele mal respirava.

Ronnie sentiu um aperto no coração quando chamou a ambulância e foi tomada pelo medo ao voltar para o quarto. Não estava pronta, disse a si mesma, não tinha mostrado a ele a música. Ela precisava de mais um dia. *Ainda não está na hora.* Mas, com as mãos tremendo, abriu a gaveta de cima da mesa de trabalho dele e tirou o envelope de papel pardo.



Na cama do hospital, seu pai parecia menor do que nunca. Seu rosto estava encovado, a pele tinha um tom acinzentado e não natural. A respiração era tão rasa e rápida quanto a de uma criança. Ela estreitou os olhos, desejando não estar ali. Desejando estar em qualquer lugar, menos ali.

– Ainda não, papai – sussurrou. – Só mais um tempinho, tudo bem?

Pela janela do hospital, via-se o céu cinza e nublado. A maioria

das folhas tinha caído das árvores, e os galhos vazios de alguma forma a faziam pensar em ossos. O ar estava frio e silencioso, pressagiando uma tempestade.

O envelope da ONR estava em cima da mesa de cabeceira e, embora ela tivesse prometido ao pai que o entregaria ao médico, ainda não o fizera. Não até que tivesse certeza de que ele não acordaria, não até que tivesse certeza de que perderia sua chance de se despedir. Não até ela ter certeza de que não havia mais nada que pudesse fazer por ele.

Ela pediu a Deus com toda a força por um milagre, um mínimo milagre. E, como se Ele a tivesse ouvido, a resposta veio vinte minutos depois.

Ela passara a maior parte da manhã ao lado do pai. Estava tão acostumada ao som de sua respiração e ao sinal constante do monitor cardíaco que a menor mudança soava como um alarme. Olhando para cima, ela viu o braço dele se contorcer e seus olhos se abrirem. Ele piscou sob as luzes fluorescentes e Ronnie, instintivamente, procurou sua mão.

– Papai? – disse ela.

Tentando se controlar, Ronnie sentiu uma onda de esperança; ela o imaginou se sentando devagar.

Mas não foi o que ele fez. Nem parecia ouvi-la. Quando Steve virou a cabeça, com grande esforço, e olhou para ela, Ronnie identificou uma escuridão em seus olhos que nunca tinha visto. Mas, então, ele piscou ainda mais e ela o ouviu suspirar.

– Olá, querida – sussurrou ele, com um fiapo de voz rouca.

O líquido em seus pulmões o fazia soar como se estivesse se afogando. Ela se forçou a abrir um sorriso.

– Como você está se sentindo?

– Não muito bem. – Ele fez uma pausa, como se para reunir forças. – Onde estou?

– No hospital. Foi trazido para cá hoje de manhã. Sei que você

tem uma ONR, mas...

Quando ele piscou novamente, ela pensou que seus olhos continuariam fechados. Mas ele os abriu.

– Está tudo bem – sussurrou ele. O perdão em sua voz rasgou o coração dela. – Eu compreendo.

– Por favor, não fique bravo comigo.

– Não estou bravo.

Ela o beijou no rosto e tentou envolver com os braços sua figura encolhida. Sentiu a mão dele passear por suas costas.

– Você está... bem? – perguntou ele.

– Não – admitiu ela, sentindo as lágrimas começarem a escorrer.

– Não estou nem um pouco bem.

– Me perdoe – disse ele, baixinho.

– Não, não diga isso – respondeu ela, desejando não chorar. – Eu é que devo pedir desculpas. Eu nunca deveria ter parado de falar com você. Sinto uma vontade desesperadora de reparar tudo o que fiz.

Houve um vislumbre de sorriso.

– Eu já disse que acho você linda?

– Já – respondeu ela, fungando. – Você disse.

– Bem, desta vez é verdade.

Ela riu, impotente, em meio às lágrimas.

– Obrigada – respondeu ela, inclinando-se e beijando a mão do pai.

– Você se lembra de quando era pequena? – perguntou ele, de repente sério. – Você me via tocando piano por horas. Um dia, encontrei você sentada ao teclado, tocando uma melodia que tinha me ouvido tocar. Você só tinha 4 anos. Sempre teve tanto talento.

– Lembro.

– Quero que você saiba de uma coisa – disse Steve, segurando a mão dela com uma força surpreendente. – Não importa quão brilhante sua estrela tenha se tornado, nunca me importei com a

música nem metade do quanto me importei com você como filha... Quero que você saiba disso.

Ela assentiu.

– Acredito em você. E também te amo, papai.

Ele respirou fundo, os olhos nunca deixando os dela.

– Então você vai me levar para casa?

As palavras a acertaram em cheio, de forma inevitável e direta. Ela olhou para o envelope, sabendo o que ele estava pedindo e o que precisava que ela dissesse. E, naquele instante, ela se lembrou de tudo sobre os últimos cinco meses. Imagens invadiram sua mente, uma após a outra, parando apenas quando ela o viu se sentar ao piano na igreja, sob o espaço vazio onde o vitral ainda seria instalado.

E foi então que ela entendeu o que seu coração estava lhe dizendo para fazer o tempo todo.

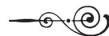
– Sim. Vou levar você para casa. Mas preciso que você também faça uma coisa para mim.

O pai engoliu em seco. Parecia ter que usar todas as suas forças para falar.

– Não tenho certeza se ainda consigo.

Ela sorriu e pegou o envelope.

– Nem para mim?



O pastor Harris havia emprestado seu carro, e ela dirigiu o mais rápido que pôde. Segurando o celular, ela fez a chamada enquanto mudava de pista. Explicou depressa o que estava acontecendo e do que precisava; Galadriel concordou imediatamente. Ela dirigiu como se a vida do pai dependesse disso, acelerando sempre que passava por um sinal amarelo.

Galadriel estava esperando por ela na casa quando ela chegou.

Ao lado dela, na varanda, dois pés de cabra, que ela ergueu assim que viu Ronnie se aproximar.

– Pronta? – perguntou ela.

Ronnie apenas assentiu e, juntas, elas entraram na casa. Com a ajuda de Galadriel, em menos de uma hora a parede feita por Steve estava desmantelada. Ela não se importou com a bagunça que deixaram na sala; a única coisa na qual conseguia pensar era o tempo que o pai ainda tinha e o que ela ainda precisava fazer por ele. Quando o último pedaço de compensado foi arrancado, Galadriel se virou para ela, suando e sem fôlego.

– Vá buscar o seu pai. Eu limpo isso aqui. E vou ajudar você a entrar com ele quando estiverem de volta.

Ronnie dirigiu ainda mais rápido no caminho de volta para o hospital. Antes de sair de lá, ela havia conversado com o médico dele e explicado seu plano. Com ajuda da enfermeira assistente, cuidou dos formulários necessários para a liberação dele; quando ligou do carro para o hospital, chamou a mesma enfermeira e pediu que levasse o pai em uma cadeira de rodas até a porta.

Ela fez uma curva, cantando pneu, para entrar no estacionamento. Seguiu a pista em direção à entrada da emergência e logo viu que a enfermeira cumprira sua palavra.

Ronnie e a enfermeira ajudaram Steve a entrar no carro e, em poucos minutos, ela já estava na rua de novo. Steve parecia mais alerta do que quando estava no hospital, mas ela sabia que isso poderia mudar a qualquer momento. Precisava levá-lo para casa antes que fosse tarde demais. Enquanto dirigia pelas ruas da cidade que ela acabara por considerar sua, sentiu uma onda de medo e esperança. Agora, tudo parecia simples demais, claro demais. Ao chegar em casa, Galadriel esperava por ela. A amiga havia posicionado o sofá no lugar ideal e se juntou a Ronnie para ajudarem o pai a se acomodar.

Apesar de sua condição, ele pareceu entender o que Ronnie

havia feito. Bem devagar, ela viu a expressão de dor em seu rosto ser substituída por encantamento. Quando ele olhou para o piano exposto no recanto, Ronnie soube que tinha feito a coisa certa. Inclinando-se, ela o beijou no rosto.

– Terminei a sua música. A nossa última música. E quero tocá-la para você.



Steve

A vida, Steve percebeu, era muito parecida com uma música.

No início, há mistério; no fim, há confirmação, mas é no meio que reside a emoção, o que faz tudo valer a pena.

Pela primeira vez em meses, ele não sentiu nenhuma dor; pela primeira vez nos últimos anos, soube que suas perguntas tinham respostas. Ao escutar a música que Ronnie havia concluído, que aperfeiçoara, ele fechou os olhos, na certeza de que sua busca pela presença de Deus tinha sido cumprida.

Finalmente, ele entendeu que a presença de Deus estava em toda parte, em todos os momentos, e era experimentada por todos em alguma ocasião. Estivera com ele na oficina, enquanto trabalhava no vitral com Jonah; estivera presente nas semanas que passara com Ronnie. E estava presente ali, naquele instante, enquanto a filha tocava a música deles, a última que compartilhariam. Olhando para trás, ele se perguntou como não conseguira enxergar algo tão incrivelmente óbvio.

Ele entendeu de repente que Deus era o amor em sua forma

mais pura e, naqueles últimos meses com seus filhos, sentiu o toque do Criador com a mesma força com que ouvia a música que as mãos de Ronnie traziam ao mundo.

*Ronnie*

O pai morreu menos de uma semana depois, durante o sono, com Ronnie no chão, ao seu lado. Ela não conseguia descrever os detalhes. Sabia que a mãe estava esperando que ela terminasse; nas três horas em que tinha falado, Kim permanecera em silêncio, como seu pai sempre havia feito. Mas os momentos em que o pai dera seus últimos suspiros lhe pareciam intensamente particulares, e ela sabia que jamaisalaria sobre esse momento com ninguém. Estar ao seu lado quando ele partira deste mundo era um presente que ele lhe dera, somente a ela, e Ronnie nunca se esqueceria da solenidade e da intimidade daquele momento.

Em vez disso, ela olhou fixamente para a chuva congelante de dezembro e contou de seu último recital, o mais importante de sua vida.

– Toquei para ele pelo maior tempo que pude, mamãe. E me esforcei muito para torná-lo ainda mais bonito para ele, porque sabia como aquilo significava para o papai. Mas ele estava tão fraco... – sussurrou ela. – No fim, eu já nem tinha certeza se ele conseguia

mesmo me ouvir. – Ela pressionou a ponte do nariz, perguntando a si mesma se ainda lhe restavam lágrimas para chorar.

Kim abriu os braços e fez um sinal para a filha. As próprias lágrimas brilhavam em seus olhos.

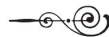
– Eu sei que ele a ouviu, querida. E eu sei que foi lindo.

Ronnie se entregou ao abraço da mãe, descansando a cabeça em seu peito como fazia quando era criança.

– Nunca se esqueça do quanto você e Jonah o fizeram feliz – murmurou a mãe, acariciando o cabelo da filha.

– Ele também me fez feliz – refletiu ela. – Aprendi muito com ele. Só queria ter pensado em lhe dizer isso antes de tudo. Isso e um milhão de outras coisas. – Ela fechou os olhos. – Mas agora é tarde demais.

– Ele sabia – garantiu a mãe. – Ele sempre soube.



O enterro foi um evento simples, realizado na igreja recém-reaberta. Steve pedira para ser cremado, desejo que fora atendido.

O pastor Harris fez o tributo. Foi curto, mas repleto de sofrimento e amor autênticos. Ele amava o pai de Ronnie como a um filho e, sem conseguir se segurar, Ronnie chorou junto com Jonah. Ela passou o braço pelos ombros do irmão, enquanto o menino soluçava, com os lamentos desnorteados de uma criança, e tentou não pensar em como ele se lembraria daquela perda em uma fase tão precoce da vida.

Apenas algumas pessoas compareceram ao velório. Ela viu Galadriel e o agente Pete quando entrou, e ouviu a porta da igreja ser aberta uma ou duas vezes depois que tinha se posicionado em seu lugar, mas, afora isso, a igreja estava vazia. Ela sentiu uma pontada de tristeza ao perceber que tão poucas pessoas sabiam como seu pai era especial, ou quanto ele significava para ela.



Após a cerimônia, ela continuou sentada no banco com Jonah, enquanto Brian e sua mãe saíram para conversar com o pastor Harris. Os quatro pegariam o avião para Nova York em apenas algumas horas, e ela sabia que não tinha muito tempo.

Mesmo assim, Ronnie não queria sair. A chuva forte que caía durante toda a manhã havia parado e o céu estava começando a ficar limpo. Ela tinha rezado para que isso acontecesse e se viu observando o vitral feito por Steve, desejando que as nuvens fossem embora.

E, quando elas se foram, foi exatamente como seu pai descrevera. O sol inundou a igreja através do vitral, dividindo-se em centenas de prismas que mais pareciam pedras preciosas, com sua luz gloriosa e ricamente colorida. O piano ficou imerso em uma cachoeira de cores brilhantes, e por um momento Ronnie imaginou Steve sentado diante das teclas, seu rosto virado para a luz. A visão não durou muito tempo, mas ela apertou a mão de Jonah em um silêncio reverente. Apesar do peso de sua dor, ela sorriu, sabendo que Jonah estava pensando a mesma coisa.

– Oi, papai – sussurrou ela. – Eu sabia que você viria.



Quando a luz havia se desvanecido, ela disse um adeus silencioso e se levantou. Entretanto, quando se virou, viu que ela e Jonah não estavam sozinhos na igreja. Perto da porta, sentados no último banco, estavam Tom e Susan Blakelee.

Ela pôs a mão no ombro de Jonah.

– Você poderia ir lá fora e dizer à mamãe e ao Brian que vou sair daqui a pouco? Preciso falar com alguém primeiro.

– Tudo bem – disse ele, esfregando os olhos inchados com a

mão fechada e saindo da igreja.

Assim que ele saiu, Ronnie foi em direção ao casal, que se levantou para cumprimentá-la. Para sua surpresa, Susan foi a primeira a falar:

– Sinto muito pela sua perda. O pastor Harris nos disse que seu pai era um homem maravilhoso.

– Obrigada. – Ronnie olhou para os pais de Will, um de cada vez, e sorriu. – Agradeço que tenham vindo. Também quero agradecer a vocês dois pelo que fizeram pela igreja. Foi muito importante para o meu pai.

Ao dizer aquelas palavras, ela viu Tom Blakelee desviar o olhar, o que a fez perceber que estava certa.

– Era para ter sido uma contribuição anônima – murmurou ele.

– Eu sei. E o pastor Harris não contou nada, nem para mim, nem para o meu pai. Mas deduzi tudo quando o vi no local. O que vocês fizeram foi simplesmente maravilhoso.

Ele assentiu quase com timidez, e ela viu os olhos dele cintilando para o vitral. O homem também vira a luz inundar a igreja.

Em meio ao silêncio, Susan fez um aceno na direção da porta.

– Tem alguém aqui que veio ver você.



– Você está pronta? – perguntou Kim, assim que Ronnie saiu da igreja. – Já estamos atrasados.

Ronnie mal ouviu o que a mãe disse. Em vez disso, olhou para Will. Ele estava usando um terno preto. Seu cabelo parecia mais comprido, e o primeiro pensamento dela foi que isso o deixava mais velho. Ele estava conversando com Galadriel, mas, assim que a viu sair, levantou um dedo, como se pedindo licença à amiga.

– Preciso de mais alguns minutos, ok? – disse ela, sem tirar os olhos de Will.

Ela não esperava que ele viesse, não esperava vê-lo nunca mais. Não sabia o que aquilo significava, o fato de ele estar ali, e não sabia se deveria se sentir extasiada, triste ou ambos. Deu um passo em sua direção e parou.

Ronnie não conseguia decifrar a expressão de Will. Quando ele foi em sua direção, ela se lembrou de como ele parecia deslizar pela areia na primeira vez que o viu; lembrou-se do beijo no píer, na noite do casamento da irmã dele. E ouviu de novo as palavras que dissera ao garoto no dia em que se despediram. Ela se sentiu rodeada de emoções conflitantes – desejo, arrependimento, saudade, medo, tristeza, amor. Havia tanto a ser dito, mas o que eles realmente poderiam dizer naquele momento constrangedor, depois de tanto tempo?

– Oi. – *Se ao menos eu fosse telepata e você pudesse ler a minha mente...*

– Ei – disse ele.

Parecia estar procurando alguma coisa no rosto dela, mas Ronnie não sabia o quê.

Ele não fez qualquer movimento na direção dela. Ela não lhe estendeu a mão.

– Você veio – disse Ronnie, incapaz de esconder a surpresa na voz.

– Eu não podia ficar longe em um momento como este. Sinto muito pelo seu pai. Ele era... um grande ser humano. – Por um momento, uma sombra pareceu cruzar seu rosto, e ele acrescentou:
– Vou sentir falta dele.

Ela se lembrou das noites que passaram juntos na casa de seu pai, do cheiro de sua comida, dos gritos e das risadas de Jonah enquanto jogavam baralho. Sentiu-se, de repente, tonta. Era tudo muito surreal, ver Will ali, naquele dia terrível. Parte dela queria se jogar em seus braços e pedir desculpas pela forma como o tinha deixado partir, mas outra parte, muda e paralisada pela perda do

pai, se perguntava se ela ainda era a mesma pessoa que Will um dia amara. Muita coisa acontecera desde o verão.

Meio desajeitada, ela se apoiou no outro pé.

– Como está a Vanderbilt? – finalmente perguntou.

– Como eu esperava.

– Isso é bom ou ruim?

Em vez de responder, ele acenou para o carro alugado.

– Acho que você está voltando para casa, hein?

– Tenho que pegar um avião daqui a pouco. – Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás de orelha, odiando todo o constrangimento que sentia. Era como se fossem estranhos. – Você terminou o semestre?

– Não, as últimas provas são na semana que vem, então estou voltando hoje à noite. As aulas são mais difíceis do que eu esperava. Provavelmente vou ter que passar algumas noites estudando.

– Logo você estará em casa para as férias. Com alguns passeios na praia você vai se recuperar totalmente – disse Ronnie, esforçando-se para dar um sorriso de incentivo.

– Na verdade, meus pais vão me levar para a Europa assim que eu terminar. Vamos passar o Natal na França. Eles acham importante que eu conheça o mundo.

– Parece divertido.

Ele deu de ombros.

– E você?

Ela ficou com o olhar perdido, sua mente trazendo involuntariamente imagens de seus últimos dias com o pai.

– Acho que vou fazer um teste de admissão na Juilliard – disse ela, lentamente. – Vamos ver se eles ainda me querem.

Pela primeira vez, ele sorriu, e Ronnie teve um vislumbre da alegria espontânea que Will demonstrara tantas vezes durante aqueles meses quentes de verão. Como ela sentira falta daquela

alegria, daquele calor, durante a longa marcha do outono e do inverno.

– É mesmo? Que bom! Tenho certeza de que você vai se sair muito bem.

Ela odiou a maneira como estavam conversando sobre tudo sem se aprofundar em nada. Parecia tão... *errado*, levando-se em consideração tudo o que haviam compartilhado durante o verão e tudo o que tinham enfrentado juntos. Ela respirou fundo, tentando manter as emoções sob controle. Mas era muito difícil naquele momento, e ela estava muito cansada. As palavras seguintes saíram quase de modo automático:

– Quero pedir desculpas pelas coisas que falei. Não quis dizer nada daquilo. Havia tanta coisa acontecendo. Eu não deveria ter descontado tudo em você...

Ele deu um passo na direção dela e procurou seu braço.

– Está tudo bem. Eu compreendo.

Ao seu toque, ela sentiu toda a emoção acumulada chegar à superfície, dismantelando sua frágil compostura. Ela fechou os olhos com força, tentando impedir as lágrimas.

– Mas, se você tivesse feito o que exigi, o Scott...

Ele balançou a cabeça.

– Scott está bem. Acredite ou não, ele até conseguiu uma bolsa de estudos. E o Marcus está na cadeia...

– Mas eu não deveria ter dito aquelas coisas horríveis para você! O verão não deveria ter terminado daquele jeito. Não deveríamos ter terminado daquele jeito, e eu fui a culpada. Você não sabe como me dói pensar que eu o afastei...

– Você não me afastou – disse ele, delicadamente. – Eu estava indo embora. Você sabia disso.

– Mas não conversamos mais, não escrevemos um para o outro, e foi muito difícil ver o que estava acontecendo com meu pai... Eu

queria tanto falar com você, mas sabia que estava com raiva de mim...

Ronnie começou a chorar. Ele a puxou para perto e a envolveu em seus braços. De alguma forma, aquele abraço fez tudo melhorar e piorar ao mesmo tempo.

– Shhh – murmurou ele –, está tudo bem. Nunca estive com essa raiva que você pensou que eu estivesse.

Ela o apertou com mais força, tentando se agarrar ao que haviam compartilhado.

– Mas você só me ligou duas vezes.

– Porque sabia que seu pai precisava de você – explicou ele –, e eu queria que você se concentrasse nele, não em mim. Eu me lembro de como foi quando o Mikey morreu. Tudo o que eu desejava era ter tido mais tempo com ele. Eu não podia fazer isso com você.

Ela mergulhou o rosto em seu ombro enquanto ele a abraçava. A única coisa em que conseguia pensar era que precisava dele. Precisava de seus braços ao redor dela, precisava dele para ampará-la e sussurrar que encontrariam uma maneira de ficar juntos.

Ela o sentiu se aproximar mais e o ouviu murmurar seu nome. Ao se afastar um pouco, viu que ele estava sorrindo.

– Você está usando a pulseira – sussurrou ele, tocando em seu pulso.

– Em meus pensamentos para sempre – disse ela, com um sorriso trêmulo.

Ele inclinou o queixo dela para que pudesse olhá-la demoradamente nos olhos.

– Vou ligar para você, ok? Depois que voltar da Europa.

Ela assentiu, sabendo que era tudo o que tinham, mas também com a convicção de que não era suficiente. Suas vidas tomavam

rumos diferentes, agora e para sempre. O verão terminara e eles estavam seguindo em frente.

Ela fechou os olhos, odiando a verdade.

– Tudo bem – sussurrou ela.

Epílogo



Ronnie

Nas semanas após o enterro do pai, Ronnie continuou passando por alguns episódios de agitação emocional, mas supôs que isso já fosse esperado. Havia dias em que ela acordava com um sentimento de pavor e passava horas revivendo aqueles últimos meses com o pai, paralisada demais pela tristeza e pelo arrependimento para conseguir chorar. Depois de um período tão intenso juntos, era difícil aceitar que ele subitamente se fora, tornando-se inacessível, não importava quanto precisasse dele. Sentia sua ausência como se fosse uma faca afiada impossível de ser contida, e isso às vezes a deixava amargurada.

Mas aquelas manhãs não eram mais como as da primeira semana que passara ao voltar para casa, e Ronnie sentiu que a agonia ia se tornando menos frequente ao longo do tempo. Cuidar do pai a fizera mudar, e ela sabia que sobreviveria. Era isso que o pai desejaria e quase podia ouvi-lo dizer que ela era mais forte do que pensava. Ele não gostaria que ela passasse meses chorando; desejaria que ela vivesse a vida da maneira como ele vivera no

último ano. Acima de tudo, gostaria que ela abraçasse a vida e florescesse.

Jonah, também. Ronnie sabia que seu pai gostaria que ela ajudasse o irmão a seguir em frente. Desde que voltara para casa, começou a passar bastante tempo com ele. Menos de uma semana depois que voltaram, Jonah foi liberado da escola para os feriados de Natal e Ano-Novo, tempo que ela usou para fazer passeios especiais com ele: levou-o para patinar no gelo no Rockefeller Center, levou-o ao topo do Empire State; visitaram as exposições de dinossauros no Museu de História Natural e até passaram uma longa tarde na famosa loja de brinquedos FAO Schwarz. Ela sempre achara tudo isso turístico demais e insuportavelmente clichê, mas Jonah gostou dos passeios e, para sua surpresa, ela também.

Além disso, passaram juntos algum tempo mais tranquilo. Ela se sentava com Jonah enquanto ele via desenho animado, ficava com ele desenhando à mesa da cozinha e, uma vez, a pedido de Jonah, acamparam no quarto dele, com ela dormindo no chão ao lado de sua cama. Naqueles momentos a dois, eles às vezes relembravam o verão e contavam histórias sobre o pai, algo que ambos achavam reconfortante.

Ainda assim, ela sabia que Jonah estava lutando à sua maneira, natural para uma criança de apenas 10 anos. Parecia que algo específico o incomodava, e esse assunto veio à tona certa noite, quando os dois saíram para uma caminhada após o jantar. Um vento gelado soprava, e Ronnie estava com as mãos enfiadas nos bolsos quando Jonah se virou para ela, encarando-a meio escondido pelo capuz de sua parca.

– A mamãe está doente? – indagou ele. – Como o papai estava?

A pergunta foi tão surpreendente que Ronnie levou um tempo para responder. Ela parou, agachou-se para que seus olhos ficassem na mesma altura.

– Não, claro que não. Por que você pensou nisso?

– Porque vocês duas não brigam mais. Foi assim quando você parou de brigar com o papai.

Ela podia enxergar o medo em seus olhos e até mesmo, de uma forma infantil, compreendia a lógica de seus pensamentos. Afinal, era verdade – ela e a mãe não discutiram nem uma vez desde que ela retornara.

– Ela está bem. Nós só nos cansamos de discutir, por isso não brigamos mais.

Ele analisou o rosto da irmã.

– Você jura?

Ela o puxou para perto e o abraçou com força.

– Juro.

O período que passara com o pai havia mudado até seu relacionamento com sua cidade natal. Ronnie precisou de algum tempo para se readaptar a Nova York. Não estava mais acostumada com o barulho implacável nem com a presença constante de outras pessoas; tinha se esquecido de como as calçadas eram infinitamente cobertas pelos enormes edifícios e da maneira como as pessoas se apressavam onde quer que estivessem, até nos corredores estreitos dos mercados. Não se sentia disposta a socializar. Quando Kayla ligava para convidá-la para sair, ela recusava, e a amiga parou de telefonar. Embora soubesse que as duas sempre compartilhariam muitas lembranças, elas teriam um tipo diferente de amizade a partir de então. Mas Ronnie estava bem com isso; entre estar com Jonah e tocar piano, não sobrava muito tempo para outras coisas.

Como o piano de seu pai ainda tinha que ser enviado de volta para o apartamento, ela pegava o metrô para a Juilliard e praticava lá. No primeiro dia após seu retorno à Nova York, havia conversado com o diretor. Ele fora um bom amigo de seu pai e até se desculpou por não ter estado presente no enterro. Parecia surpreso – e, sim, animado, pensou Ronnie – por falar com ela. Quando a garota

revelou que estava pensando em se inscrever para estudar na Juilliard, ele fez todos os procedimentos para que a data de seu teste fosse adiantada e até ajudou a agilizar sua inscrição.

Apenas três semanas depois de voltar para Nova York, ela abriu seu teste com a música que havia composto com o pai. Sua técnica clássica estava um pouco enferrujada – três semanas não era muito tempo para se preparar para um teste de alto nível –, mas, quando saiu do auditório, sentiu que seu pai teria ficado orgulhoso dela. Mas a verdade, pensou ela novamente com um sorriso, enfiando a amada partitura debaixo do braço, é que ele sempre tivera orgulho dela.

Desde o teste, Ronnie passara a tocar três ou quatro horas por dia. O diretor tomou providências para deixá-la usar as salas de exercício da escola, e ela estava começando a se dedicar a algumas novas composições. Pensava no pai com frequência quando estava sentada nas salas, as mesmas onde ele uma vez se sentara. Muitas vezes, quando o sol estava se pondo, os raios se irradiavam por entre os edifícios ao seu redor, lançando longas listras luminosas no chão. E sempre que ela via a luz, pensava de novo no vitral da igreja e na cascata de luzes que vira no enterro.

Ela pensava constantemente em Will, é claro.

Na maioria das vezes, focava nas lembranças do verão, não no breve encontro que tiveram em frente à igreja. Não tinha ouvido falar dele desde o enterro e, quando o Natal veio e se foi, ela começou a perder a esperança de que ele ligaria. Sabia que ele passaria as férias no exterior, mas, a cada dia sem nenhuma notícia, Ronnie oscilava entre a certeza de que ele ainda a amava e a desesperança. Talvez fosse melhor que ele não ligasse, falou a si mesma, pois o que havia realmente para ser dito?

Ela sorriu com tristeza, forçando-se a afastar esses pensamentos. Havia um trabalho a ser feito e, quando voltava a atenção para o seu mais recente projeto, uma música com

influências country e pop, ela lembrava que era hora de olhar para a frente, não para trás. Ela poderia ou não ser aceita na Juilliard, mesmo que o diretor tivesse afirmado que sua aplicação parecia “bastante promissora”. No entanto, independentemente do resultado, sabia que seu futuro estava na música e que, de uma forma ou de outra, encontraria o caminho de volta para aquela paixão.

No topo do piano, seu telefone começou a vibrar de repente. Ao estender a mão para pegá-lo, imaginou que fosse sua mãe. Congelando, ela olhou para o aparelho quando ele vibrou uma segunda vez. Com um suspiro, colocou-o ao ouvido.

– Alô?

– Oi – respondeu uma voz familiar. – É o Will.

Ela tentou imaginar de onde ele estaria ligando. Parecia haver um eco cavernoso atrás dele, talvez o som de um aeroporto.

– Você acabou de sair de um avião? – perguntou ela.

– Não. Voltei há alguns dias. Por quê?

– É que o som está estranho – explicou ela, sentindo o coração apertado. Ele já estava em casa havia dias. Só agora encontrara um tempo para telefonar. – Como foi na Europa?

– Foi bem divertido. Minha mãe e eu nos demos bem. Foi melhor do que eu esperava. Como está o Jonah?

– Ele está bem. Está melhorando, mas... ainda é difícil.

– Sinto muito – disse ele, e novamente ela ouviu que o som ecoava. Talvez ele estivesse na varanda dos fundos de casa. – Quais são as novidades?

– Fiz o teste na Juilliard e acho que fui muito bem...

– Eu sei.

– Como você sabe?

– Por que outro motivo você estaria aí?

Ela tentou entender a resposta.

– Bem, não... eles só me deixaram praticar aqui até o piano do

meu pai chegar... por causa da história do meu pai aqui e tudo mais. O diretor era um grande amigo dele.

– Espero que você não esteja ocupada demais com seus exercícios a ponto de não poder tirar uma folga.

– Como assim?

– Eu estava pensando se você estaria livre para sair no fim de semana. Se você não tiver nenhum plano, é claro.

Ela sentiu o coração dar um pulso.

– Você está vindo para Nova York?

– Vou ficar com a Megan. Checando como os recém-casados estão se saindo, sabe.

– Quando você vai chegar?

– Vamos ver... – Ela quase podia visualizar Will olhando para o relógio. – Aterrissei há mais ou menos uma hora.

– Você está aqui? Onde você está?

Ele levou um momento para responder e, quando ela ouviu sua voz novamente, percebeu que não vinha do telefone. Estava vindo de trás dela. Virando-se, ela o viu à porta, segurando o celular.

– Desculpe – disse ele. – Não resisti.

Embora ele estivesse ali, ela não conseguia processar o que estava acontecendo. Fechou os olhos com força antes de abri-los novamente.

Sim, ele ainda estava lá. Incrível.

– Por que você não me ligou para dizer que estava vindo?

– Porque eu queria fazer uma surpresa.

E, sem dúvida, conseguiu, era tudo o que ela pensava. Usando calças jeans e uma camiseta azul-escura com decote em V, ele estava tão lindo como em suas lembranças.

– Além disso – anunciou Will –, tenho uma coisa importante para dizer.

– O que é? – perguntou ela.

– Antes de dizer, quero saber se temos um encontro marcado.

– Como assim?

– Neste fim de semana. Temos?

Ela sorriu.

– Sim, temos.

Ele assentiu.

– E que tal no fim de semana depois desse?

Pela primeira vez, ela hesitou.

– Por quanto tempo você vai ficar?

Ele se aproximou lentamente.

– Bem... era sobre isso que eu queria falar com você. Lembra quando eu disse que a Vanderbilt não era a minha primeira escolha? Que eu realmente queria estudar em outro lugar, onde havia um programa incrível de ciência ambiental?

– Lembro.

– Bem, a universidade normalmente não permite transferências no meio do ano, mas minha mãe faz parte do conselho de administração da Vanderbilt e, como conhecia algumas pessoas na outra universidade, conseguiu abrir algumas portas. Enfim, descobri, enquanto estava na Europa, que tinha sido aceito, então vou ser transferido. Começo no próximo semestre e achei que você ia querer saber.

– Bem... que bom para você – disse ela, em dúvida. – Para onde vai?

– Columbia.

Por um instante, ela achou que não tinha escutado direito.

– Você quer dizer Columbia, aqui em Nova York?

Ele abriu um sorriso largo, como se tivesse tirado um coelho da cartola.

– Essa aí.

– Jura? – A voz dela saiu como um grito.

Ele assentiu.

– Começo daqui a algumas semanas. Já imaginou? Um típico

garoto do Sul como eu preso na cidade grande? Provavelmente vou precisar da ajuda de alguém para me adaptar, e estava pensando se você poderia ser essa pessoa. Se estiver disposta, é claro.

A essa altura, ele já estava perto o suficiente para alcançá-la. Quando Will a puxou para perto, ela sentiu tudo ao redor sair do lugar. Ele estudaria ali. Em Nova York. Com ela.

Ela jogou os braços ao redor dele, sentindo seu corpo se encaixar perfeitamente no dela, sabendo que nada poderia ser melhor do que aquele momento, aquele instante.

– Acho que estou disposta, sim. Mas não vai ser fácil para você. Não tem muita pesca e as pessoas nem dirigem na lama por aqui.

Os braços dele se moveram em torno de sua cintura.

– Eu já imaginava.

– Também não tem muito vôlei de praia por aqui. Ainda mais em janeiro.

– Acho que precisarei fazer alguns sacrifícios.

– Talvez, se você tiver sorte, a gente possa encontrar outras maneiras de ocupar o seu tempo.

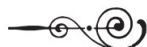
Inclinando-se, ele a beijou suavemente, primeiro no rosto, em seguida nos lábios. Quando eles se olharam nos olhos, ela enxergou o jovem por quem se apaixonara no verão anterior, o jovem que continuava a amar.

– Nunca deixei de amar você, Ronnie. E nunca parei de pensar em você. Isso nunca vai acontecer. Mesmo que os verões acabem.

Ela sorriu, sabendo que ele estava dizendo a verdade.

– Também te amo, Will Blakelee – sussurrou ela, inclinando-se para beijá-lo outra vez.

Agradecimentos



Como sempre, tenho que começar agradecendo a Cathy, minha esposa e meu sonho. Todos esses anos têm sido incríveis e, quando acordo de manhã, meu primeiro pensamento é sobre a sorte que tenho de passar todo esse tempo ao seu lado.

Meus filhos – Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah – são fontes infinitas de alegria em minha vida. Amo todos vocês.

Jamie Raab, minha editora na Grand Central Publishers, sempre merece o meu agradecimento, não só pela sua brilhante edição, mas pela bondade que sempre demonstra em relação a mim. Obrigado.

Denise DiNovi, produtora de *Uma carta de amor*, *Um amor para recordar*, *Noites de tormenta* e *Um homem de sorte*, não é apenas um gênio, mas uma das pessoas mais gentis que conheço. Obrigado por tudo.

David Young, CEO da Hachette Book Group, conquistou meu respeito e minha gratidão durante todos esses anos em que trabalhamos juntos. Obrigado, David.

Jennifer Romanello e Edna Farley, minhas assessoras de imprensa, não são apenas boas amigas, mas também pessoas maravilhosas. Obrigado por tudo.

Harvey-Jane Kowal e Sona Vogel, como sempre, merecem meu agradecimento, especialmente porque estou sempre atrasado com

meus manuscritos, tornando assim o trabalho de ambas bem mais difícil.

Howie Sanders e Keya Khayatian, meus agentes na UTA, são fantásticos. Obrigado por tudo, pessoal!

Scott Schwimer, meu advogado, é simplesmente o melhor no que faz. Obrigado, Scott!

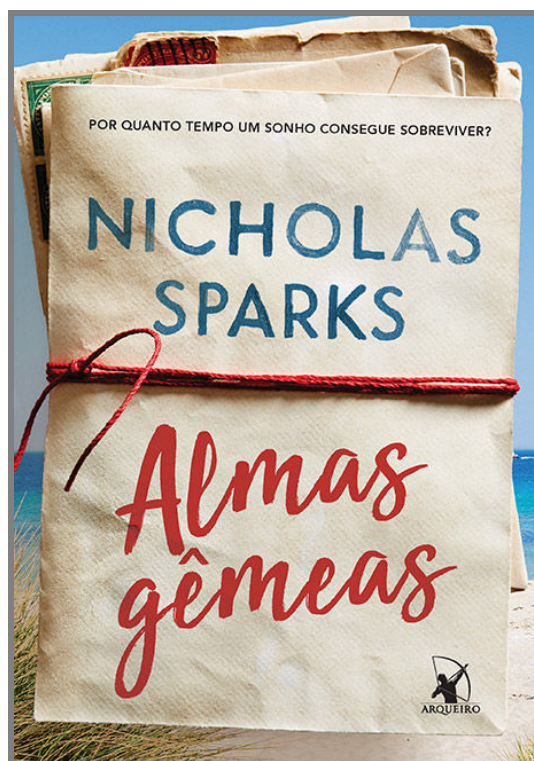
Obrigado também a Marty Bowen (produtor de *Querido John*), assim como a Lynn Harris e Mark Johnson.

Amanda Cardinale, Abby Koons, Emily Sweet e Sharon Krassney também merecem meus agradecimentos. Obrigado por tudo o que fazem por mim.

Devo agradecer à família Cyrus não apenas por me receberem em sua casa, mas por tudo o que fizeram com o filme. E um agradecimento especial vai para Miley, que escolheu o nome da personagem Ronnie. Assim que eu o ouvi, soube que era perfeito!

E, finalmente, obrigado a Jason Reed, Jennifer Gipgot e Adam Shankman, por seu trabalho na versão cinematográfica de *A última música*.

CONHEÇA OUTRO LIVRO DO AUTOR



Almas gêmeas

Hope Anderson está numa encruzilhada. Aos 36 anos, ela namora o mesmo homem há seis, sem perspectiva de casamento. Quando seu pai é diagnosticado com ELA, Hope resolve passar uma semana na casa de praia da família, na Carolina do Norte, para pensar nas difíceis decisões que precisa tomar em relação ao próprio futuro.

Tru Walls nasceu numa família rica no Zimbábue. Nunca esteve nos Estados Unidos, até receber uma carta de um homem que diz ser seu pai biológico, convidando-o a encontrá-lo numa casa de praia na Carolina do Norte. Intrigado, ele aceita e faz a viagem.

Quando os dois estranhos se cruzam na praia, nasce entre eles

uma ligação eletrizante e imediata. Nos dias que se seguem, os sentimentos que desenvolvem um pelo outro os obrigam a fazer escolhas que colocam à prova suas lealdades e reais chances de felicidade.

O novo romance de Nicholas Sparks, na tradição de *Diário de uma paixão* e *Noites de tormenta*, aborda as muitas facetas do amor, os arrependimentos e a esperança que nunca morre, trazendo à tona a pergunta: por quanto tempo um sonho consegue sobreviver?

CONHEÇA OS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim

O casamento

À primeira vista

Uma curva na estrada

O guardião

Uma longa jornada

Uma carta de amor

O resgate

O milagre

Noites de tormenta

A escolha

No seu olhar

Um porto seguro

Diário de uma paixão

Dois a dois

Querido John

Um homem de sorte

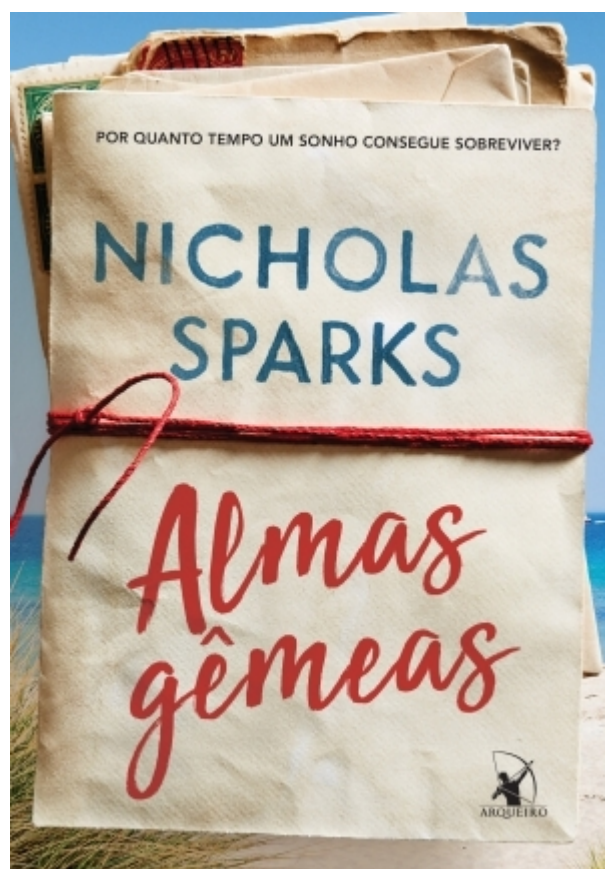
Almas gêmeas

Um amor para recordar

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br





Almas gêmeas

Sparks, Nicholas

9788580418644

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hope Anderson está numa encruzilhada. Aos 36 anos, namora o mesmo homem há seis, mas não tem perspectivas de casamento. Quando seu pai é diagnosticado com uma grave doença degenerativa, ela resolve passar uma semana na casa de praia da família, na Carolina do Norte, para pensar nas difíceis decisões que precisa tomar em relação ao próprio futuro. Tru Walls nasceu numa família rica no Zimbábue. Nunca esteve nos Estados Unidos, até receber uma carta de um homem que diz ser seu pai biológico, convidando-o a encontrá-lo numa casa de praia na Carolina do Norte. Intrigado, ele aceita e faz a viagem. Quando os dois estranhos se cruzam na praia, nasce entre eles uma ligação eletrizante e imediata. Nos dias que se seguem, os sentimentos que desenvolvem um pelo outro os obrigam a fazer escolhas que colocam à prova suas prioridades e reais chances de felicidade. O novo romance de Nicholas Sparks, na tradição de Diário de uma paixão e Noites de tormenta, aborda as muitas facetas do amor, os arrependimentos e a esperança que nunca morre. "Nicholas Sparks é conhecido por escrever romances que despertam emoções

profundas, e confirma seu talento nesta encantadora e comovente história de um amor que desafia o tempo." – Booklist

[Compre agora e leia](#)



Um marido de faz de conta

Quinn, Julia

9788580419238

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enquanto você dormia...Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade...Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um

para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com

[Compre agora e leia](#)